

A romantic couple is shown in a close embrace. The man, with short dark hair, is leaning over the woman, his face close to hers. The woman has long, wavy blonde hair and is looking down with a gentle smile. They are surrounded by a soft, golden light that creates a dreamy, ethereal atmosphere. The background is a warm, glowing yellow and orange, suggesting a sunset or a magical light source. The overall mood is intimate and tender.

MINHA *para adorar*

O impossível só existe se você acreditar.

DIJEANE ANDRADE



Minha para adorar

Dijeane Andrade

Copyright© 2015 Dijeane Andrade



Esta é uma obra de ficção, qualquer semelhança com nomes, pessoas, fatos ou situações da vida real terá sido mera coincidência.

É proibida a distribuição ou cópia de qualquer parte dessa obra (total ou parcial) em qualquer meio sem o consentimento explícito da autora.

A violação dos direitos autorais é crime estabelecida na lei nº . 9610/98 e punido pelo artigo 184 do código penal.

Todos os direitos reservados para Dijeane Andrade.

Capa: Dri K.K

Para sempre você, pai.

Sumário

Prólogo

Um

Dois

Três

Quatro

Cinco

Seis

Sete

Oito

Nove

Dez

Onze

Doze

Treze

Quatorze

Quinze

Dezesseis

Próximos lançamentos

Redes sociais da autora



PRÓLOGO

OLHANDO PARA O PORTÃO, nos dois minutos atípicos de atraso, esperei meus dois sobrinhos passarem pela saída da escola. Era uma tarde escura e às 05h17, já parecia noite. Eu estava um pouco preocupada sobre voltar mais tarde para casa.

Fazíamos todo o trajeto a pé, e apesar de não andarmos muito, eu estava em São Paulo pela primeira vez.

Vivi toda a minha vida numa pequena cidade do Nordeste, bem diferente de Campinas, e não estava acostumada com um monte de coisas.

Segurando a mãozinha de Manuela firme na minha, dois minutos depois, assisti da praça Daniela se aproximar da escola para resgatar agora seu filho mais velho, Arthur, prestes a sair no meio da segunda turma.

Observei minha irmã se adiantar, então dei uma espiada no teatro vizinho ao colégio... Na movimentação atípica naquele dia ali.

Garotinhas estavam vestidas de bailarinas, junto com pais orgulhosos e avós felizes na calçada... E as luzes da construção, de forma inédita, piscaram para mim.

Então estavam acesas.

Eu não contive um suspiro por isso, e me perdi em pensamentos olhando agora naquela direção.

Sempre me fascinou ver a cidade ganhar vida.

Fazer isso em Campinas era quase um sonho. Eu nunca imaginei que um dia sairia de Prosperidade e veria prédios altos e iluminados de perto. Até os semáforos tinham o seu charme para mim.

Naquele momento esqueci que estava morrendo para chegar logo em casa. Que tinha fechado na metade a faculdade de Letras e que mamãe surtou por isso. Esqueci até mesmo o meu namoro de anos acabando da pior forma possível. Foi assim, absorta, que Daniela me encontrou quando voltou com Arthur, ambos sorridentes, de mãos dadas. Então sorri e sem dizer uma palavra guiei Manuela em direção a nossa casa, passando por entre os vários rostos desconhecidos... Por entre a pequena multidão reunida na calçada do teatro Municipal Castro Mendes, pensando na sucessão de acontecimentos infelizes que me trouxeram para Campinas.

Quando paramos um pouco antes da faixa e minha irmã me chamou, eu demorei um pouco para voltar à realidade... E meus olhos que antes estavam sobre o sinal, aparentemente, encontraram os dela.

— Oi?

Algo em seu rosto me tirou imediatamente do meu torpor e me preocupou antes que eu conseguisse registrar o que era.

— Ele não tira os olhos de você.

— Quem?

— O homem de terno, na calçada do teatro.

Olhei atentamente para ela, franzindo o cenho levemente, pronta para dizer que não tinha visto nenhum homem de terno na calçada do teatro no tempo considerável em que passei olhando para ele. Mas algo na maneira como minha nuca eriçou, justo quando abri a boca para comunicar, me calou instantaneamente.

— Que homem? — perguntei, esmorecendo com o conhecimento de que estava sendo observada por um estranho que conseguiu desconcertar Daniela. — Ele não parece perigoso, parece? Por Deus, Dani... Diga alguma coisa!

Minha irmã cobriu a boca com a mão.

— É melhor não olhar. — disse misteriosamente.

Eu arregalei os olhos para Daniela.

— Ele pode ser perigoso, não é? — sussurrei.

A bastarda então riu alto e sem disfarçar.

— Não sei, mas ele é o homem mais bonito que eu e você provavelmente vamos ver em toda nossa vida. — me cutucou. — Olhe, se tiver coragem. — ela me desafiou.

E só porque eu estava muito curiosa, fiz isso.

Mas foi um erro.

Ele se destacava entre todos os outros e me perguntei, debilmente, como não o tinha visto antes ali? Estava perto de uma garotinha, que não devia ter mais que seis anos, e seus olhos estavam por algum motivo em mim. Fixos e avaliando.

— Oh, merda. — eu respirei fundo e olhei rapidamente para frente, depois para Daniela e o outro lado, quando um aceno de cabeça veio como uma flecha em minha direção.

Minhas bochechas arderam, pois só Deus sabe quanto tempo fiquei congelada como uma tonta encarando-o, e apenas não corri para sair da mira daqueles olhos penetrantes e perturbadores quando voltei a mim, porque não podia atravessar com o sinal vermelho. Nem quando tinha minha sobrinha em uma mão e uma mulher adulta, curiosa e tagarela grudada na outra... Me fazendo milhares de perguntas que eu não pensava em responder sinceramente nunca.

“Ele não é quente?”

“Oh! Você não está impressionada, Vivian?”

Ignorei com esforço a voz de Daniela e balancei a cabeça, ainda me sentindo tola, lembrando-me do sorriso masculino lento e perverso. Então o aceno de cabeça enigmático, a piscadela sexy que não esperei ver, mas senti, de alguma forma no corpo.

Oh porcaria, cantei baixinho.

Por que diabos eu me sentia tensa e de repente, de alguma forma louca, encrencada?



UM

Vivian

ATRASADA, refiz o meu habitual coque “preguiçoso” antes de abrir o portão de ferro branco e caminhar até o salão onde estava trabalhando. Ele ficava há duas quadras da minha casa, e em um mês, de segunda a sábado, fazia esse trajeto a pé todos os dias.

Em Campinas, morando com Daniela há quarenta dias, eu me sentia outra pessoa.

Alguém que, após intensas turbulências, sentia-se em paz.

Depois de largar a faculdade de Letras no meio, romper um namoro de anos de forma abrupta e dura, ficar estranha por tudo isso, mamãe decidiu preocupada comigo que seria ‘ok’ passar um tempo com Daniela.

Papai concordou com ela e eu estava aqui para tentar esquecer muita coisa, mas principalmente pensar em quem eu queria ser agora na vida.

Eles imaginaram que Campinas seria uma boa ideia e estava sendo, mas imaginaram também que no final desse tempo eu teria descoberto algo novo para fazer o resto da minha vida.

Eu não tinha pensado em nada ainda. Não sabia se queria ser

maquiadora ou pediatra, advogada ou atriz.

Estava tomando meu tempo em Campinas, trabalhando e me acostumando lentamente a andar sozinha por uma cidade que, para mim, era grande. E isso era algo inédito para uma caipira medrosa como eu. Mas vagar com os meus fones pela rua, ler meus livros ao ar livre... Poderia ser considerado, por mim mesma, como um tratamento psicológico gratuito.

Eu sempre gostei de fantasiar.

De me encolher em um canto junto com uma música, quase sempre em inglês ou instrumental, nada que atrapalhasse os diálogos em minha cabeça, e passar despercebida.

Eu sempre gostei de imaginar uma vida mais excitante.

De criar histórias para mim.

De vivê-las secretamente, eu consigo, e independente do quão pouco eu acreditava no amor agora, ainda seguia fazendo isso.

Tinha algo de mágico em sonhar acordada.

Daniela estava preocupada comigo. Sua irmãzinha mais nova estava ainda mais na dela. No entanto, eu me sentia feliz aqui como, talvez, nunca estive. Feliz por estar em um mundo novo, diferente do que eu vivi vinte anos da minha vida, trabalhando no salão de beleza que minha irmã mais velha frequentava e conhecendo novas pessoas todos os dias.

Amava maquiagem e tinha feito alguns cursos, por paixão, no passado. O salão era bem divertido.

Era refrescante estar rodeada de pessoas bem humoradas, confortáveis em suas peles, e em casa gostava de ver a interação entre João e Daniela. Ver com meus próprios olhos que minha irmã e meu cunhado eram felizes, de certa forma, me tranquilizava.

Além disso, eu sempre sonhei em conhecer São Paulo.

Explorar novos lugares, por menores que fossem sempre me encantou. Fazer isso aqui estava sendo uma experiência incrível.

Olhando de um lado e outro, antes de atravessar a rua, senti meu coração apertar. Dessa vez não foi por pensar na próxima cidade que conheceria aqui, ou em alguém que abalou profundamente minha autoestima antes mandar nosso relacionamento para o espaço e como sonhei incontáveis vezes com ele conhecendo o mundo junto comigo.

Era familiar agitação em meu estômago, o formigamento causado pela sensação angustiante de estar sendo observada por um animal selvagem. Um predador.

Eu havia sentido isso antes, mas engolindo em seco, tentei ignorar.

Não seja boba, Vivian. Suspirei e me obriguei a caminhar.

O sol batia quente em meu rosto, já passava das dez horas da manhã e a equipe da Veronique tinha sido contratada para um casamento. O salão estava fechado para os clientes que normalmente apareciam em dias comuns. Ela avisou que chegaríamos mais tarde, e em compensação sairíamos mais tarde.

Não vou dizer que me importei muito.

Manter-me ocupada era o melhor que poderia fazer ultimamente comigo.

Estava ansiosa para começar a trabalhar e esquecer minha vida um pouco, até que passei pelas portas duplas de vidro do salão e pesquei um chocolate na bomboniere de cristal que ficava em uma mesa próxima a entrada, quando o olhar preocupado de Veronique caiu sobre mim.

— Quem morreu?

— Vivian querida...

— Você está me preocupando, Vera...

— Chegou outro buquê hoje. Mas dessa vez foi um segurança que veio entregá-lo.

— Mas não tem remetente nem destinatário, pode ser para qualquer uma. — neguei, tentando sorrir, ainda que de nervoso e desespero.

Será que minha impressão de estar sendo observada não era apenas coisa da minha cabeça?

— Para a loirinha dos olhos verdes. — ela leu o cartão. Eu era a única loira no salão, mesmo que o meu cabelo fosse de um loiro mais escuro, quase castanho. — Só existe você aqui com essa descrição, e nós nunca recebemos nada assim até que você começou a trabalhar aqui. — ela caminhou para me entregar, mas me afastei como se as rosas estivessem contaminadas.

— Meu Deus, Vera. Será bom contatar a polícia?

— Querida... O homem que veio entregá-las... Assim, ele parecia ser alguém que trabalha para uma pessoa importante. O terno era caro, de qualidade.

— Como você pode saber? — perguntei, mil vezes mais nervosa agora. — Eu estou com medo. Há algum tempo eu sinto como se tivesse alguém me observando...

— Querida... Não sei o que a polícia pode fazer sobre isso, mas já que se sente assim, não saia sozinha. — ela gentilmente aconselhou, e foi quando Rosana apareceu segurando um vaso com água.

— Jogue isso no lixo, Rosa!

— São lindas, Vivi. Pare de paranoia! Podem ser para mim, eu também tenho os olhos verdes. — ela piscou e teve sucesso em amenizar o sentimento de que aquelas flores eram para mim.

Não eram não.

Por mais que eu tivesse, não raras vezes, a sensação de olhos em mim... Ainda não seriam para mim.

Pois eu só estava, para variar, dando ouvidos às paranoias de mamãe. Ela que não perdia nenhum dos diversos casos horrorosos de crimes hediondos em cidades como São Paulo que passavam, todos os dias, no Cidade Alerta.

No entanto, ouvir ou dizer a mim mesma que não tinha *ninguém* me

observando não amenizava em nada a sensação de que me *observavam* de fato.

No dia seguinte, para meu alívio, nada chegou ao salão. No entanto, por quatro vezes, eu pensei ver homens altos, de ternos escuros e assustadores naquela semana perto do salão.

Evitava contar para a minha irmã ou comentar qualquer coisa com mamãe do que eu pensava às vezes estar acontecendo, quando ela perguntava se estava indo tudo bem em Campinas, sondando qualquer possível amizade ou namoro, e saía de casa e voltava sempre com o coração na mão.

Por cinco dias, nada muito diferente aconteceu.

E fui capaz de convencer a mim mesma que a sensação não passava de imaginação minha. E as flores... Bem, de algum ex de Rosana.

MAS NA QUARTA FEIRA (23), final de Novembro, depois do trabalho, precisei passar no apartamento da Rosa para buscar alguns materiais e ajudá-la a personalizar as lembrancinhas de Natal para as clientes do salão, quando, na saída, avistei um carro preto parado de vidros fechados, mas funcionando.

Meus joelhos vacilaram. Meu coração acelerou. Não dava para ver nada além da escuridão dos vidros, mas o veículo parecia por algum motivo ali deslocado e suspeito.

Praguejei baixinho. Então abri um leve sorriso para o porteiro do prédio, que era um senhor simpático beirando os sessenta, só para o caso de ele pensar que eu fosse louca quando começasse de repente e desesperadamente a correr.

Quando liguei para mamãe nessa noite, depois que pensar em todo o trajeto que fosse ser impedida de chegar em casa, eu estava determinada a voltar para Prosperidade. Era a primeira vez que pensava realmente sobre isso, apesar de tudo. Pois das duas, uma: eu estava seriamente paranoica ou alguma merda louca estava acontecendo ou prestes a acontecer comigo.

Mas assim que comuniquei minha decisão, Daniela ficou triste e o João insistiu que eu ficasse para irmos todos juntos para o Nordeste no

começo ano. Falou que em breve seria Dezembro e que minha irmã gostava de me ter por perto. Daniela aproveitou para garantir que ainda faltava muita coisa para conhecer em São Paulo, e eu deveria aproveitar enquanto mamãe estava colaborando. Com alguma insistência dos dois, eu desisti de ir para casa.

Mas o medo nunca sessou totalmente.

NA TERÇA FEIRA, 29, voltando cansada depois de um dia de trabalho puxado no salão, tinha maquiado cerca de quinze mulheres e sentia o meu pulso latejando, eu esbarrei em alguém violentamente.

Recuperada do susto depois de quase cair na calçada, com um pedido de desculpas praticamente formado na boca, eu fui tomada por um cheiro amadeirado e sensual.

Então senti a agitação incomoda e familiar no estômago quando a sombra escura e alta parou sobre a minha, muito menor, e fiquei consciente das mãos quentes e macias que me impediram de cair e que ainda me seguravam.

— Você está bem, bonequinha?

Eu fechei os olhos quando ouvi a voz rouca, de barítono. Então senti um gigante desespero me tomar.

— Hum, com licença...

— Espera. — o homem pediu, mas foi uma ordem, seu tom não deixou dúvida disso. Eu me debati internamente se deveria ficar mais um segundo e olhá-lo, pois parte de mim sabia quem era.

Sim.

Me debati tanto, que ele colocou dois dedos no meu queixo e no momento em que levantou o meu rosto, dei temerosa com aqueles olhos, que eu agora sabia que eram verdes, me fitando.

Perdi o fôlego quando me vi cara a cara com...

— Você. — meu sussurro saiu como uma acusação.

— Lembra-se de mim? — ele sorriu. E Deus do céu! O homem era...
Bonito demais.

Mil vezes mais do que eu me lembrava.

— Quem é você? — tentei me afastar, porque ele estava perto demais, me segurando, e eu ainda não sabia nada sobre ele.

— Miguel Giacomelli Filho. — olhei para o seu rosto, boba, sim, era bonito demais. Mas esperando uma explicação para ele achar que poderia manter uma mão na minha cintura por tanto tempo também, e outra para o fato de ele achar que seu nome inteiro significaria alguma coisa para mim.

Esperei.

Mas ele não disse mais nada.

— Então, Miguel Giacomelli Filho, você poderia me soltar? Eu não te conheço. — disse séria, empurrando para baixo o pensamento de que nem nos meus melhores sonhos um homem como ele perdia um segundo do seu tempo comigo.

Ele parecia um bad boy vestindo-se como alguém que exerce um cargo importante numa grande empresa. Era bem alto, e tinha um corpo forte... Totalmente proporcional a ele. Também tinha a maior pinta de juiz de direito, e sua postura séria, quase arrogante, era um pouco fascinante.

— Você não me conhece. — ele meditou, ainda firme no lugar. — Você não me conhece...

— Não.

— Ok. — deu finalmente um passo para trás, erguendo as mãos e se afastando. Eu senti uma pontada inusitada no peito quando ele fez. — Aceita uma carona até em casa?

— Eu não aceito nada de estranhos.

Ele sorriu torto com a desconfiança em minha voz, e eu tive um pensamento louco.

Semicerrei os olhos, avaliando-o... apesar disso.

Seria possível, meu Deus do céu, que ele tivesse enviado para o salão as flores?

— Você mandou alguma... alguma coisa nos últimos dias para mim? — perguntei.

Ele sorriu mais largo, então tive certeza. Ele tinha. Mas não consegui me debruçar em como me sentia realmente sobre isso, pois o homem era... Meu santinho... Absolutamente perfeito quando sorria. — *Você me mandou flores?* — exigi, irritando-me com sua falta de resposta, mas muito mais com minha reação exagerada à fileira de dentes brancos maravilhosos dele.

Me sentindo irritada e patética, também me afastei dele.

— É uma longa história. — Miguel disse, me observando com cautela.

— Olha só... — dei outro passo mais significativo para longe. Alguma coisa estava definitivamente errada aqui e eu detestava não saber o que era. Por isso, ataquei: — Só por que você é rico, não significa que pode mandar coisas sem remetente para as pessoas. — olhei sucinta e apontei um dedo para o peito dele. — Você também não pode me parar dessa forma na rua apenas porque é assim... — matador de tão lindo, pensei. — Bonito. Nem toda mulher quer colidir por aí com você.

— *É mesmo?* — sorriu de novo. E piscou. *Ele... piscou.* Oh. — Mas acho que foi você que esbarrou em mim, bonequinha.

Eu realmente tinha, e conclui com as bochechas ardendo que estava sendo uma piada para esse cara.

Esse era o motivo de não parar mais de sorrir.

Provavelmente se achava bom demais para ser rejeitado por quem quer que fosse. Tudo bem que eu duvidava que alguma mulher em sã consciência fosse rejeitá-lo, mas ele me deixou cabreira. Alguma possibilidade de um homem como ele, com essa aparência, me mandando flores não ser louco?

Minha autoestima estava no pé desde que eu e o Wagner terminamos, e tinha consciência disso. Mas certamente algum defeito grave

ele tinha que ter. Seria muita covardia com os outros homens do mundo se ele não tivesse.

— Ei, bonequinha. — o apelido carinhoso me trouxe de volta do mundo perigoso que às vezes eram os meus pensamentos, e ergui o queixo por conta própria agora.

Hora de ir, Vivian.

— Meu nome é Raimunda. — disse o primeiro nome que consegui pensar. — Foi bom conhecê-lo, senhor Giacomelli. — fiz um breve aceno de cabeça, e não esperei por resposta para lhe dar as costas.

— Que sorte a sua parecer uma boneca com esses enormes olhos verdes! Tem certeza que sua mãe gosta de você? — ele gritou.

— Ela me ama! — gritei de volta, sem olhar para trás. Sorrindo, mas mentalmente mandando-o para o inferno pelas flores sem remetente, que me fizeram imaginar um milhão de coisas angustiantes e perturbadoras, e agora por insultar o nome da minha avó gratuitamente.

— Aceita jantar comigo? — seu convite me parou.

— Eu não conheço você. — virei e fui honesta com ele. Então comigo. — Quem me garante que não é um louco, perseguidor, que está se divertindo em brincar comigo? Talvez você vá me sequestrar após o jantar e me manter em um porão escuro cheio de ratos? — mordi o lábio, contemplativa, e ergui uma sobrancelha para ele.

— Sinto muito se dei essa impressão. — Miguel se desculpou, para meu desconcerto, muito sério. — Está coberta de razão em desconfiar. De mim, de qualquer desconhecido. Como faço para te conhecer melhor? — ele abriu os braços de maneira dramática, como se tivesse usado todas as suas armas de sedução e elas não tivessem funcionado comigo.

Surpreendentemente, eu me segurei para não sorrir para ele.

Assim.

Divertindo-se com isso.

— Dê o seu jeito. — pisquei, divertindo-me também.

Estava estampado em seu rosto lindo, terno caro e carro esportivo que ele não tinha motivos para perder mais tempo comigo.

Então por que, em nome de Deus, ele faria?



DOIS

Vivian

CAMINHEI O RESTO do caminho até em casa, sem pressa e pensativa, e quando deitei a cabeça em meu travesseiro me senti estranha... Estranhamente *tranquila*. No dia seguinte quando cheguei ao trabalho, avistei assim que passei pela porta um enorme buquê, vermelho e tão grande que era quase ofensivo.

Um involuntário sorriso curvou os meus lábios quando peguei o cartão e li a nota:

“Sei que disse não aceitar nada de estranhos.

Mas você também disse para eu me virar e dar um jeito. E aí, te vejo mais tarde?”

Ele deixou seu um número de celular no final do cartão.

— Novidade. — minha patroa sorriu. — Eu pensei que você fosse ter um ataque quando visse o novo buquê e seu surpreendente tamanho.

— Eu descobri quem enviou as flores.

— Ah... — Rosana sorriu. — Ele está querendo te conquistar?

— Ele quer me conhecer.

— É gato? — Veronique perguntou.

— Ele me convidou para jantar. — desconversei. Mas quando ela passou um braço sobre os meus ombros, toda curiosa e interessada, acabei soltando: Muito gato.

— Nome, signo, tipo sanguíneo, CPF... — eu olhei para ela como se tivesse surgido outra cabeça em seu pescoço. — É brincadeira Vivi. Mas você sabe o nome dele, certo?

— Miguel Giacomelli Filho.

Peguei o momento em que elas trocaram um rápido olhar, e indaguei desconfiada. — O que? — elas sabiam alguma coisa sobre ele? — É alguém ruim? Vocês conhecem?

— Não querida. Relaxe. — ela massageou os meus ombros, e amassei o cartão na palma porque senti que tinha alguma coisa errada com Miguel Giacomelli.

— Olha Vera. Se você sabe alguma coisa, pode me dizer.

— Não sei nada sobre o seu pretendente, Vivi. Eu apenas fiquei surpresa quando ouvi esse nome.

— Sim, o único Miguel Giacomelli que eu conheço é o filho de Miguel Oscar Giacomelli. — uma cliente entrou na conversa. Ela estava pintando as unhas da mão com a Rosana.

— E? — eu me virei para ela.

— Ele é o dono da Giacomelli? — ela disse em uma pergunta, como se não gostasse de explicar o óbvio.

— Ele é famoso ou algo assim? Nunca ouvi falar em Giacomelli, até ontem.

— Giacomelli é uma empresa brasileira de fabricação de calçados e o acionista majoritário é Miguel Oscar Giacomelli, o pai. Ela vem sendo a maior exportadora de calçados do Brasil há vários anos e é responsável por várias marcas conhecidas. — Vera disse.

— Mas não deve ser o Giacomelli que estamos pensando. O filho é tão inalcançável quanto o pai, não perderia tempo mandando flores para a

maquiadora de um salão pobre em plena Campinas. Sem contar que, onde ele a encontraria? Por Deus, vive mais no exterior que aqui!

— Limpa o veneno, Helena. — Vera brincou. — E mais respeito com o meu salão. É pobre e você vem sempre.

— Fazer o que? Eu pertencço a essa categoria. — elas riram. Eu não consegui.

Não era possível que esse fosse o mesmo cara que eu vi perto do teatro seis dias depois que cheguei; muito menos o que tinha me enviado as flores... E com certeza não o que conversou comigo ontem.

— Mas por outro lado, lembra quando eu disse que o segurança que veio entregar aquelas flores parecia trabalhar para alguém importante? Oh. Meu. Deus! Será possível, Vivi? — ela ofegou risonha. Excitada com a possibilidade. — Onde Miguel Giacomelli achou você? Ele tem família aqui, não é impossível.

— Olha... Ele usa terno, parece trabalhar em algo importante, mas eu não acho que seja esse Miguel que vocês estão falando. Eu o vi pouco tempo depois que cheguei, estava voltando com a minha irmã da escola onde os meus sobrinhos estudam quando ela o notou em pé na calçada do teatro. Daniela me cutucou, eu olhei e ele surpreendentemente acenou para mim. Foi apenas isso. Ontem nós nos encontramos... Esbarramos um no outro, na verdade. E acabei descobrindo por acaso que me mandou as flores. Me convidou para jantar, mas eu não aceitei. Nós estamos apenas conversando... Ele disse que queria me conhecer melhor, mas isso não quer dizer que vai rolar alguma coisa. E também nem importa quem ele é, estou aqui temporariamente, logo vou voltar para casa e nunca mais vamos nos ver.

— É claro que vai rolar alguma coisa. Ele quer, pelo menos. As flores não são porque ele acha legal gastar dinheiro, e o convite não foi sem nenhum propósito também. Ele quer ficar com você. Nenhum homem manda flores e convida para jantar se não está interessado.

— Quando um não quer... Já conhece o ditado, né? Vamos trabalhar. — ela suspirou me acusando de ser uma boba, e como não apareceu ninguém para maquiagem durante a manhã, eu ajudei a Rosana tirando o esmalte das

unhas de algumas clientes. A Vera era responsável por cuidar dos cabelos e sobrancelhas, e a Kelly aparecia no período da tarde para cuidar dos pés de quem marcava hora com ela. Eu tinha inclusive marcado com uma sessão para hoje, pois adorava os meus pés com aquela textura gostosa e macia de bumbum de bebê.

Depois disso, a minha patroa mega excitada com a possibilidade de que eu viesse a encontrar o "cara lindo" hoje, insistiu em lavar e escovar o meu cabelo quando o salão fechou. Ela praticamente ameaçou me demitir se eu não colocasse um vestido que valorizasse as minhas curvas e caprichasse na maquiagem, assim como eu fazia com as clientes, se ele me convidasse novamente para sair.

— Quem me dera ainda poder viver um romance tórrido nessa cidade. — ela suspirou. — Uma paixão louca... Intensa. Quando chegar em casa pesquise sobre ele na internet. Se for o Miguel da empresa Giacomelli, você vai saber.

— Ok. — concordei, colocando a alça da minha bolsa sobre o ombro e me despedindo em seguida do resto das meninas.

— E pelo amor de Deus, não vai me decepcionar deixando um homem como ele escapar. Se for ele. — ela acrescentou com interesse. — Assim, mesmo que não saia nada sério disso vai valer a experiência. Você terá um bom tempo para lembrar quando estiver na sua cidadezinha pacata, sem ninguém que chegue aos pés dele. E ainda poderá encher a boca para dizer que pegou Miguel Giacomelli!

— Nossa chefe... Fiquei até animada para dar para esse cara agora. UHUL! — joguei um punho no ar, fingindo excitação. Ela riu e me abraçou.

— Boba. Tem que viver, curtir a vida... O tempo e as oportunidades passam em um piscar, Vivi. É sábio aproveitar.

— Minha vó costumava dizer algo parecido.

— Escute a voz da experiência. — ela sorriu maternal. — Até segunda, querida.

— Até segunda. — desejei antes de sair pelas portas duplas.

Retirei os meus fones do bolso, encaixei, e com o celular seguro na bolsa selecionei a minha playlist favorita: *Para Alguém Especial*. *Signal Faire do Snow Patrol* encheu os meus ouvidos e eu caminhei para casa perdida em pensamentos, a preocupação sobre alguém me observando desapareceu e o caminho pareceu até mais curto.

Tomei um banho rapidamente, e me servi de uma taça de vinho. A ansiedade estava me deixando sem nenhuma fome. Depois de um rápido gole, liguei o meu notebook e pensei no grau de impossibilidade sobre o cara que me enviou as flores ser o mesmo Miguel filho do dono da Giacomelli. Assim, eu me chamava Vivian Oliveira. Existiam muitas pessoas com o sobrenome Oliveira que eram, sei lá, trilionárias. E nem por isso eu era dona de uma fortuna ou mesmo da família.

Entrei na página do Google e digitei "Miguel Giacomelli". A dúvida era uma mordida na bunda.

Imagens de Miguel Giacomelli: Apareceram fotos de um senhor grisalho com uma moça que, pela idade, eu supunha que seria filha dele. E outras do mesmo, acompanhado por uma mulher parecida com a primeira, mas *ligeiramente* mais velha. Rolei mais para baixo e nas notícias tinha:

Oscar encomenda iate de cair o queixo...

Giacomelli - Wikipédia, a enciclopédia livre...

Quem - NOTÍCIAS - O Reino Giacomelli...

Miguel Oscar Giacomelli - Forbes...

Havia uma lista com notícias, e que o cara era podre de rico não dava nem para discutir. Cliquei em fotos e lá estava ele com a Gisele Bündchen, segurando uma sandália vermelha. Desci mais um pouco e foi quando eu vi. Não acreditei. Não poderia ser. *Pai e filho lado a lado?*

Abri a imagem para ver melhor, não ousando nem piscar, e li o que estava na reportagem sem acreditar nos meus olhos:

“Família tricolor. Oscar Giacomelli assiste aos jogos do Grêmio sempre de seu camarote, e munido de visão de Super Homem graças ao potente binóculo.”

“— Quanto estou em Porto Alegre, não deixo de vir. — contou o empresário, na fila da pipoca. De volta ao camarote, o bilionário assistiu ao jogo na companhia do filho Miguel, de 28 anos.”

Olhei para a sua foto por alguns segundos e tapei a boca. Chocada. Como? *Coisas assim não aconteciam na vida real.*

Voltei o meu olhar para a tela e estudei com atenção a foto. Ele estava lindo com o cabelo castanho bagunçado e a camiseta do grêmio. Seus olhos verdes brilhavam e tinha um sorriso largo em seu rosto, mas isso nem se comparava com ele pessoalmente.

O homem era desconcertante em toda a sua altura e músculos, sorriso perfeito e olhos que pareciam duas esmeraldas.

Retirei o cartão amassado da bolsa e copiei o seu número de telefone para o meu celular. Rapidamente meus dedos passearam pelas teclas em uma mensagem.

Quem é você, afinal? O que quer comigo?

Desde quando um homem como ele perdia tempo enviando flores para a maquiadora de um salão pobre em plena Campinas? Era isso, a cliente não mentiu ao dizer, apesar de ter sido um pouco maldosa... E ele deveria saber. Assim como meu endereço e sabe-se lá o que mais ele sabia.

A resposta veio rápida.

Você provavelmente já sabe quem eu sou. E quero você.

Quero você? Oh.

Você está me assustando. Por que as flores, Miguel? Você andou me seguindo?

Eu precisava de algumas respostas. Como mamãe sempre disse, quando a esmola for demais, o santo, para seu próprio bem, desconfia minha filha.

O celular então tocou. Eu fiquei com receio de atender e ouvir a sua voz. Era estranho... Ao mesmo tempo em que eu queria desesperadamente respostas dele, eu não queria ter que ouvi-las naquele tom grave e rouco que

enfraquecia meus joelhos e acelerava o coração.

— Oi. — por fim atendi, a curiosidade vencendo. Ele ficou em silêncio por alguns segundos, apenas sua respiração na linha e meu estômago ficou frio.

O que estava errado comigo em torno desse homem?

— Minha irmã estava comigo no dia em que vi você pela primeira vez. Ela viu como eu fiquei... Não sei... Meio louco para te ver de novo. Tive receio de não vê-la nunca mais e pedi que um segurança a acompanhasse até em casa.

— Miguel... — sussurrei. Sua voz fazia coisas em mim, que eu não queria pensar. Deixá-lo falar muito não era ser sábia para mim.

— Eu andei ocupado... Negócios. — explicou. — Mas por mais assustador que pareça, não vou mentir que mantive um olho em você. Meus seguranças fizeram. Eu precisava saber que estava protegida.

— Eu...

— Está apavorada?

Surpreendentemente, eu não estava. Não mais. Não muito.

— Cristina, minha irmã mais nova, enviou os dois primeiros buquês para o salão. Ela sabia sobre você, papai estava me mantendo ocupado e a pentelha acabou se intrometendo. Só que eu não pensei que minha irmã fosse tão insana para brincar com o mistério que ela tanto gosta numa situação dessas, com você. Não é realmente uma surpresa que em se tratando de Cristina, as flores tenham ido sem remetente. Mas ela não queria realmente assustá-la. Ontem depois de conversar com você, a confrontei. E acabou confessando. Eu sinto muito por tudo.

— Hhm...

— Ainda acha que vou mantê-la num porão escuro e cheio de ratos?

— Não... Acho que não.

Minhas bochechas esquentaram um pouco.

— Agora que me conhece um pouco melhor, aceita jantar comigo?
— eu podia sentir o sorriso em sua voz.

— Amanhã? — disse pensando nas palavras da Vera.

— Hoje.

— Olha...

— Hoje, Vivian.

Eu ofeguei. *Era uma ordem?*

— Como você sabe o meu nome? — guinchei. Isso era um ultraje!
Ele mandou seus seguranças também investigarem a minha vida?

— Estarei aí em meia hora.

— Olha... -

— Meia hora, bonequinha. — e desligou.

Quarenta minutos depois, quase tendo um ataque de ansiedade pensando que a qualquer momento ele chegaria, escutei batidinhas na porta.

— Estou dormindo, Daniela. Diga isso a qualquer um que me procure hoje!

Mais batidinhas. Minha irmã era insistente, e ia me vencer pelo cansaço se fosse o "cara lindo" que ela viu perto do teatro uma vez em nossa porta. Procurando por quem? Por mim. Nossa! Ela ia rezar um terço para Santo Antônio hoje em agradecimento.

Grunhi soprando uma mecha de cabelo dos olhos, e abri a porta frustrada.

Foi impossível esconder o meu choque e segurar um pequeno grito quando girei a maçaneta e dei com ele na minha frente, de calça jeans clara e camisa escura, enrolada nos braços. No rosto, um sorriso torto e divertido.

Estava bom o suficiente para comer, quando eu estava totalmente o inverso dele — com uma camiseta surrada do São Paulo que ia até as minhas coxas, um short preto de academia que ficava praticamente invisível embaixo dela e...

Vergonha tingiu as minhas bochechas, pois, como se não fosse o bastante, eu ainda estava com a toca de banho no cabelo.

Ele estudou o meu aspecto demoradamente, me fazendo encolher, e quando passou pela porta se sentindo o dono do lugar, eu fui rápida em soltar o cabelo e tentar deixá-lo da maneira que estava quando sai do salão mais cedo.

— Você é uma criaturinha teimosa. — ele disse.

— Obrigada. — eu revirei os olhos para minha irmã, que estava parada no final do corredor com o João. Ambos exibiam sorrisos satisfeitos. Os dois me apelidavam de "coroa", e "coroa" na minha terra era uma solteirona que tinha um animal de estimação como companheiro.

Acho que eles não estavam tristes por pensar que talvez eu não fosse ficar pra tia depois de tudo.

Embora eu desconfiasse que Miguel fosse o último homem do mundo a querer me livrar desse título.

— Como você não me dá nenhuma abertura...

— Você aparece na minha casa.

Eu fechei a porta.

— Eu avisei que estava vindo. Mas não precisamos sair, se você não quer.

— Não quero. — ele pegou o controle remoto e tirou a pausa que eu coloquei no filme.

— Vamos conversar.

Era uma ordem.

— Está acostumado a mandar. — constatei secamente.

Ele me olhou por um momento, e levantou. Meu coração foi para a boca quando caminhou em minha direção como um predador. E como um legítimo macho alfa me prendeu entre o seu corpo e a porta.

Seu polegar passou pelo meu lábio inferior, e logo depois sua mão

estava no meu cabelo, segurando minha nuca.

— Eu não sei que tipo de feitiço você jogou em mim... Mas não sai da minha cabeça um segundo.

Minhas mãos foram para o seu peito. Eram para empurrá-lo. Não, não eram. Elas subiram para o seu pescoço, desejosas. E acariciei sem poder me ajudar os fios de seu cabelo próximos à nuca.

Ele fechou os olhos e sua boca pairou sobre a minha. O homem era... Meu Deus... Intenso demais. Percorri os centímetros que faltavam para nossas bocas se encontrarem e no primeiro contato com a sua língua minha mente girou. Ele passou um braço ao redor da minha cintura de forma possessiva, e aproximou o que já estava perto como se não me tivesse próxima o bastante. Intensifiquei o aperto dos meus braços envolta do seu pescoço, e os meus seios colaram em seu peito. Os bicos estavam duros, como duas pedrinhas de cimento, e rezei em meio à névoa do desejo que ele não os sentisse assim.

Ele mordeu o meu lábio inferior antes de quebrar o beijo, e gemi buscando, querendo desesperadamente mais dele... Que me beijou novamente sem se afastar. No final eu estava respirando entrecortado, e ele ainda parecia perfeitamente arrumado e no controle.

— Isso foi... Uma loucura. — resfoleguei.

— Eu precisava desse beijo. — ele encostou sua testa na minha. *Precisava?* Fechei os olhos com o delicioso arrepio que me percorreu. *O que era tudo isso que eu estava sentindo em torno desse homem, meu Deus?*

— Mudei de ideia sobre o jantar.

— O que... - — balbuciei.

— Vou conversar com seu cunhado enquanto você se arruma. — ele se apressou para fora do quarto, me deixando parada e sem reação.

Alguns segundos depois, ainda sem saber o que fazer, eu me perguntei se queria sair para jantar com ele. A resposta era "sim", mais que o dia seguinte chegasse. Mas ele era seguro? Toquei os lábios que ele havia beijado e sorri sem fôlego. Eu realmente não sabia?

Não fazia muito tempo desde a última vez que eu tinha me arriscado. Embora nunca tivesse sido uma grande aventureira, pelo contrário. Vivia no confortável, no seguro, no responsável. A única vez em que sai desse padrão e tentei alguma coisa que normalmente não faria, eu me arrependi dela ao raiar do dia. Quando nua e sozinha, eu acordei. Meu primeiro namorado roubou três anos da minha vida e antes de sair dela levou consigo a minha virgindade, que de forma inocente ofereci por medo de perdê-lo.

Acabei perdendo mesmo assim, e durante minha caminhada da vergonha no dia seguinte... Eu nunca mais fui à mesma pessoa. Da menina romântica, que adorava ler e escrever sobre amor, hoje gostava de ler e escrever mesmo. Vida real eu já entendia que era outra coisa.

Mas se ontem pensei que nunca mais fosse sentir o frio na barriga, as mãos suadas e o coração aos tropeços, típico de uma mulher apaixonada... Agora eu estava sentindo tudo isso de forma dobrada, com novas sensações que me assustavam quando ele estava perto ou se aproximava.

Perto de Miguel eu parecia perder o controle.

Sem querer me debruçar sobre nada desagradável, caminhei para o meu armário e peguei um pretinho básico que combinava com tudo. Ele se ajustava ao meu corpo como uma segunda pele, e por poucos centímetros não chegava aos meus joelhos. Tinha uma abertura nas costas, mangas longas. Eu o amava. Prendi meu cabelo com um broche e rapidamente fiz a minha maquiagem para noite mais básica. Um leve destaque em marrom nas pálpebras, lábios rosados e pouco de rímel. Soltei meu cabelo passando apenas as minhas mãos por ele e a próxima coisa que fiz foi procurar pelo meu scarpin nude na sapateira.

Uma última olhada no espelho para conferir o meu aspecto, eu coloquei tudo o que precisava em uma bolsa de mão.

Então respirei fundo.

O que eu estava fazendo, meu Deus?

Os saltos finos não deixaram que a minha chegada passasse despercebida, e me senti em uma passarela sob a mira do seu olhar avaliador. Meu cunhado sorria orgulhoso de seu lugar, e minha irmã praticamente batia

palmas ao dizer que eu estava linda.

— Estou pronta. — disse sem jeito. A insegurança era minha fiel companheira agora. Eu saía de casa arrumada, gostava de como estava, mas se me olhassem por muito tempo começaria a pensar que alguma coisa estava errada com minha aparência. Eu não queria achar isso, mas ele estava sério. Senti vontade de encolher os dedos dos pés e pedir para parar de me olhar daquele jeito. *Eu tinha exagerado?*

— Parece uma boneca. — minha irmã saltou de sua cadeira. — Por que a caçula é sempre a mais bonita? — ela sorriu daquele jeito torto, de irmã mais velha coruja. Daniela era como minha segunda mãe.

— Você está linda. — ele ronronou, sorrindo, nos deixando afobadas e nervosas. Eu, para voltar para o quarto e morrer lá dentro. Minha irmã porque não estava acostumada a vê-lo sorrir, coitada. Aquele sorriso era uma covardia. — Vamos?

— Antes só uma coisa. — ela pigarreou e pensei: Lá vem bomba. — Cuide dela. Eu gosto de você, meu marido é um grande fã de seu pai e... Droga. Eu estou querendo dizer que, apesar disso, quero minha irmã aqui, o mais tardar, meia noite. Isso é tudo o que vocês têm para hoje; algumas horas.

Ela sorriu quando ele sorriu, e minhas bochechas esquentaram com a risada do João.

— Não se preocupe, Daniela. Sua irmã estará segura comigo. E meia noite em casa, eu prometo.

O portão foi aberto, e seu braço forte foi o meu apoio contra o vento frio da noite. Era bom estar perto dele. Eu me sentia poderosamente feminina e delicada como um cristal pelo modo como segurava minha cintura e abria a porta do carro para mim.

O ronco suave do motor me deixou tensa, e o silêncio que aqueceu o carro quando a casinha rosa ficou para trás fez um nó em minha garganta.

— Escolha a música, bonequinha. — ele pegou minha mão e levou para seu colo. Eu fiquei imóvel. Oh meu santinho.

Olhei e ele estava concentrado no tráfego. Eu receosa de tocar

qualquer parte daquele carro que devia valer mais que todas as coisas que eu possuía juntas. Hesitantemente estendi a mão (não ousando tirar a outra de sua perna), e me concentrei nos nomes para não apertar nada errado. Em alguns segundos "Thinking Out Loud" do Ed Sheeran encheu os meus ouvidos e voltei para o meu lugar no banco, aliviada.

Sua pele era quente por baixo do tecido grosso da calça, e eu sentia a minha própria pele formigando.

Senti medo daqueles novos e desconhecidos sentimentos, e lentamente fui retirando a minha mão. Eu ajeitei o meu cabelo fazendo dessa uma desculpa, e me senti ainda mais estranha ao sentir falta da pequena intimidade.

Mas não voltei a colocá-la lá, e quando o carro parou em um sinal vermelho, ele me olhou.

— Já que não posso tocá-la, me toque. Eu preciso desse contato agora, acredite em mim. — ele não pegou a minha mão novamente, mas fechei os olhos ao imaginá-lo me tocando. Vagarosamente tentei engolir o nó na garganta que suas palavras criaram, e juntei as mãos no colo. A boca, seca.

Quando o carro voltou a se movimentar, olhei para ele de relance e peguei o momento em que franziu o cenho, contrariado. E tão lentamente como havia retirado, eu voltei a colocar minha mão em sua perna. Um arrepio me percorreu, pois parecia certo demais tocar uma parte sua enquanto ele dirigia pra sei lá onde. Nessa altura eu nem me importava mais para onde ia, estava em um mundo à parte. Um onde existia apenas eu, ele e seu jeans. Que eu sentia quente em meus dedos.

— Se importa se sairmos de Campinas?

Eu me importava?

— Não podemos comer aqui?

— Algum restaurante que goste? — ele parecia realmente interessado na resposta, eu tinha que dar-lhe esse crédito.

— Temakeria e Cia. Eu sei que o serviço, embora prestativo, deva deixar a desejar para alguém acostumado a frequentar os melhores

restaurantes. Mas... — eu parei e pensei melhor no que estava dizendo. — Eu particularmente adoro o shimeji na chapa, é o melhor do melhor do mundo. Temaki do mau II e a salada de salmão no maçarico eu também recomendo.

Ele sorriu. — Me convenceu.

Relaxe em meu assento. Ele parecia tão disposto a concordar com tudo o que eu quisesse, que foi difícil segurar o sorriso que queria saltar para fora da minha boca e pular em cima dele. Acariciei distraidamente o tecido grosso de sua calça, e quando "Find Me" do Boyce Avenue começou a tocar, não hesitei em cantar. Eu amava essa música. Depois de hoje, sabia que me lembraria dela para sempre.

Assim que chegamos e o manobrista pegou as chaves do carro, Miguel foi rápido em segurar minha mão e não a soltou mais. Logo que entramos, fomos recepcionados para uma mesa que o próprio escolheu. Era branca, com duas cadeiras fofas marrons — uma de frente para a outra.

O ambiente era de intimidade. Estreito como um corredor, chão de madeira e paredes brancas. A iluminação era pouca, agradável. A mesa pequena nos deixava bem próximos e havia poucas pessoas naquela área. Pedimos, e ele logo perguntou o que estava errado.

— Nada. — me surpreendi por ele perceber e perguntar, embora não soubesse colocar em palavras o que era. Na verdade, se eu fosse parar para pensar, tudo estava tão certo que assustava. Olhei rapidamente para as outras mesas, desviando os meus olhos dos dele, e pelos espelhos na parede em meu lado esquerdo dei com os nossos reflexos. Ele olhava com confusão para mim, como se quisesse descobrir o que estava se passando pela minha cabeça. Coloquei uma mecha de cabelo atrás da orelha, adiando o momento de voltar a encará-lo, e simplesmente paralisei quando percebi o brilho intenso dos meus olhos. Eles estavam iluminados e ligeiramente temerosos.

Miguel então segurou meu queixo, e me olhando por um momento passou o polegar pelo meu lábio inferior. Meu coração perdeu uma batida, e minha respiração engatou segunda marcha e ganhou velocidade.

— Vem cá. Se incline. — sussurrou, mas isso não o fez menos autoritário. Fraqueza tomou conta dos meus membros e me inclinei para ele,

confusa.

Ainda sério, deixou seus lábios roçarem levemente os meus e fechei os olhos com as sensações que exigiram a minha atenção. Em um coro de vozes, todas misturadas.

— Onde você estava?

Não tive chance de pensar em uma resposta ou esboçar qualquer reação para a nova e enigmática pergunta, pois o jantar se aproximava. Mas fiquei com ela o tempo todo enquanto comíamos. "Onde eu estava?"

Perdida em uma cidadezinha pacata, da qual não fazia planos de sair. Vivendo uma vida sem emoção e paixão. Uma vida sem ele.

Olhei para o relógio quando pensei que era hora de dar a noite por encerrada, e foi com surpresa que vi quantas horas tinham se passado desde que sai de casa.

— Quer ir embora? — ele perguntou notando o meu espanto, acenando para o garçom pedindo a conta e deixando uma generosa gorjeta sobre a mesa. Devia estar acostumado com a cultura de outro país... Isso não era um hábito dos paulistanos.

— Sim, tenho que acordar cedo amanhã. — não era mentira. O sábado era dia de faxina em casa, já que o domingo era dia de irmos para Sorocaba visitar as irmãs de papai que moravam em São Paulo há mais de quinze anos.

Passamos pelo corredor em direção à saída, e tremi inteira quando ele se colocou atrás de mim e passou um braço ao redor da minha cintura.

Fomos assim para o estacionamento, quase abraçados com minhas costas em seu peito, e estávamos quase junto ao carro quando ele se inclinou e cheirou o meu pescoço.

— Fica comigo.

Fechei os olhos. Sua voz era um ataque sujo e desleal. Era a coisa mais sexy que eu tinha ouvido.

Ele me virou em seus braços, e fiquei presa entre o carro e seu

corpo. Minhas mãos foram para o seu peito de maneira automática, e permaneceram lá porque a sensação era boa demais para ser abandonada. Seu nariz tocou o meu, e foi natural enlaçar seu pescoço com os braços quando senti os nossos lábios se tocando.

— Me beija... — sussurrei quando ele não passou dos limites. — Eu quero você, Miguel... Me beija... — controlei a vontade de implorar, pedindo até pelo amor de Deus.

— Eu quero fazer bem mais que isso. — ele os mordiscou, sussurrando, e não consegui dizer nada porque em seguida ele realmente me beijou.

— Por favor. — implorei, sem fôlego, depois.

Ele me olhou sério. Seus olhos ardiam.

Subi as mãos pelo seu pescoço e Miguel fechou os olhos, se entregando. Escorei o corpo em seu carro e o trouxe para mim. Lentamente, delicada.

Seus lábios tomaram posse dos meus outra vez, com mais fome e intensidade, e então éramos um só. Tudo em um beijo. Eu acaricieei seu rosto com carinho, e ele subiu a mão pela minha coxa quando exigiu mais de mim de mim no beijo, sua língua lambendo a minha, molhando minha calcinha já terrivelmente encharcada.

— É isso que você quer?

— Hum? — perguntei em um fio de voz, forçando a minha voz debilmente para fora depois que se afastou.

— Quero você. — e parecia impaciente por isso.

Olhei para ele tentando ver além da frase possessiva, mas o safado mascarava bem suas emoções. Ele era tão intenso que me custava acreditar que o conhecia há tão pouco. Miguel me envolvia a ponto de não me importar se estava indo para cama de um cara no primeiro encontro.

Ele segurou o meu queixo, e levou o meu olhar relutante para o seu.

— Eu não quero beijar sua boca, assim, e só. — passou os lábios

pelos meus levemente, em um roçar. — Não quero sentir seu cheiro apenas em seu pescoço... — ele segurou um punhado do meu cabelo e gentilmente girou minha cabeça para o lado, para que pudesse passar o nariz na pele sensível ali facilmente, sem pressa. — Eu quero o seu cheiro em mim, nos meus lençóis. E mais... — foi difícil não gemer com a última parte, sentindo sua boca tão perto de uma área sensível e pouco explorada, mas o velho medo de acordar sozinha beliscou. Eu não me achava mulher o bastante para superar Miguel Giacomelli.

— Não quero uma mulher na minha cama pra me pedir para parar, Vivian. Deitou? É minha.



TRÊS

Vivian

DEITOU... É minha?

Eu engoli em seco, e só não me transformei em uma poça de desejo aos seus pés porque isso não era fisicamente possível. Mas no sentido figurado, sim, eu estava.

Apertei meu punho fechado em punhado de sua camisa, e desejei... Desejei muito ser ingênua o bastante para não temer as consequências de deitar em sua cama e ser sua. Inocentemente sua.

Até onde desse para ser.

— Hhm? — um som angustiado saiu de mim, pois eu queria, pelo menos, ouvi-lo dizer outra vez.

— *Minha.* — ele repetiu possessivamente a última parte, rouco, e eu poderia vir apenas com isso.

Não sei se gemi ou implorei, mas sua boca estava de novo sobre minha, me roubando todos os tipos de força. Segurando fracamente o tecido caro de sua camisa eu me deixei levar por ele, sem oferecer resistência. Minhas mãos queriam rasgar o tecido que eu sentia em meus dedos para poder, enfim, tocar sua pele. Ele era quente, todo, inteiro, eu podia sentir seu calor nas pontinhas dos meus dedos.

Doce Jesus...

Eu sofreria as consequências disso depois, ficando sozinha para recolher os pedaços quando esse pecado com pernas conseguisse o que queria e desaparecesse. Mas eu teria essas memórias, eu guardaria esse momento, revivê-lo-ia de novo e de novo e ainda valeria à pena.

Sim.

Pois sairia antes de ele dizer que foi bom, mas acabou. E conservaria todo esse desejo em sua voz. Eu sonharia com a sensação de sua boca na minha uma e outra vez, e com seu perfume delicioso, amadeirado, viciante, que deixava um rastro caloroso e sensual.

O volume em seu jeans, que eu sentia ao tê-lo me pressionando contra o carro, estava me deixando quente, incomodada e irracional. Eu não conseguia pensar em nada que não fosse ser dele, ali, naquele estacionamento.

Seu corpo cobrindo inteiramente o meu era a coisa mais maravilhosa do mundo, e que ele fosse grande, muito mais alto do que eu, a ponto de me cobrir toda, me fazia protegida de tudo... Como há muito eu não senti que estava. Como na verdade nunca senti que estive.

Lágrimas quentes picaram os meus olhos sem aviso, e empurrei levemente o seu peito para afastá-lo, horrorizada com a emoção que ameaçou me dominar de repente.

— O que foi? — ele estava confuso, mas eu não poderia ajudá-lo nesse momento porque eu também estava.

Estava confusa e não tinha ideia... Não queria me debruçar sobre o que estava acontecendo comigo, pois no fundo talvez soubesse.

— Não é nada. — eu evitei os seus olhos. Meu Deus, o que poderia ser? Eu conhecia o cara há... O quê? Dois dias? Estar apaixonada por ele não era algo que eu fosse aceitar facilmente.

— Olhe pra mim. — ele foi firme. Eu sabia que era uma ordem e relutei, mas contra minha vontade minhas pálpebras balançaram e se abriram.

Senti vontade de voltar a fechá-los quando os meus olhos

mergulharam diretamente dentro dos olhos verdes profundos e preocupados dele.

— Não é nada, Miguel. Só está ficando tarde. Minha irmã disse meia noite, eu não gostaria de preocupá-la. — disse com um sorriso falso na boca.

— Eu também não quero preocupá-la. — ele me observou durante alguns dolorosos segundos. — Mas você não vai me enganar com essa merda. — o rosnado sexy escapou de sua boca, me fazendo ainda mais consciente da minha calcinha molhada. Por um momento pensei que só sairíamos do estacionamento quando inventasse alguma mentira para a bagunça que sua intensidade fazia em meus nervos, mesmo agora considerando impossível enganá-lo.

Mas ele simplesmente se afastou do carro, abriu a porta e me prendeu lá dentro.

Sim, prendeu. Eu tinha essa sensação quando ele passou o cinto e o fechou por mim.

O clique parecia dizer: Presa, Vivian. Pega.

E também tinha o terrível pressentimento de que estava caída por ele, em um nível de encantamento totalmente absurdo... Pois minha vontade de chorar veio com os pensamentos de ficar sem Miguel. Eu nunca mais iria vê-lo, mas eu estava tomando a decisão de nada acontecer em primeiro lugar. Porque se as coisas estavam assim com alguns beijos... Não, isso seria desastroso.

Olhá-lo, no entanto, matava qualquer determinação que florescia em mim. Eu tinha uma sensação de irrealidade ao tê-lo me olhando como se eu fosse tudo o que alguém poderia querer na vida. O mundo estava mais bonito nesse momento por tê-lo me olhando dessa forma doce. E tudo parecia certo apenas por ele estar aqui, comigo, me fazendo a mulher mais bonita que esse homem magnífico já viu. Suas palavras só poderiam ser de um sonho; um sonho quente que eu tinha a sensação de estar dentro. Teve algo de mágico em sua voz ao dizer que não queria uma mulher em sua cama para pedir para parar, e tinha algo de mágico em como eu desejei me entregar a ele... Deitar em sua cama... Ser sua... Apesar da minha reserva sobre isso.

Mas pensar em ficar apenas com lembranças disso, dele, acionou alarmes no meu cérebro sobre algo que poderia cortar o meu coração mais cedo ou mais tarde.

Miguel era bom demais para mim — logo, não era nada bom. Não era inteligente continuar vendo-o. Depois dele, não haveria cola no mundo que me colocasse inteira outra vez.

Eu tinha essa certeza entranhada no fundo do peito. Superar Wagner se transformaria em um dia de domingo no parque se fosse comparado ao que eu poderia passar se algo acontecesse entre mim e Miguel... E eu me permitisse crer que contos de fadas realmente existiam.

Ele era incrivelmente confiante, bonito como o próprio Lúcifer, e se isso não fosse o bastante, era podre de rico. Se sua aparência não lhe proporcionasse mulheres aos montes, sua fortuna com toda certeza faria. Eu, razoavelmente bonita e me sentindo a última das mulheres que escolheria, se fosse ele, o que poderia fazer se não fugir agora para não arcar com maiores danos? Eu estava sentindo uma vontade absurda de voltar para o Nordeste apenas para não vê-lo mais, e ao mesmo tempo esse pensamento era terrível. Eu sabia que ele não desistiria de mim enquanto estivesse aqui, e principalmente que não seria mulher o suficiente para resistir a ele por muito tempo.

Mas tinha consciência de que tudo o que eu não precisava era sentir, outra vez, que algo estava errado comigo. Com meu corpo. E com certeza não queria dar uma voltinha no inferno mais tarde quando a sensação de conquista o alcançasse e ele visse que já esteve com mulheres mais sensacionais.

Andar ao seu lado seria o caminho mais rápido que eu poderia pegar para afundar completamente em inadequação. E isso se desse certo; eu tinha certeza que não daria.

Quando o carro entrou no tráfego, ele apertou um único botão no painel e reconheci imediatamente a voz enrouquecida que encheu os meus ouvidos (e apertou meu coração) como sendo a de John Mayer.

— Diga alguma coisa. — ele pediu quando, muito séria, eu não fiz

qualquer tentativa de iniciar um diálogo.

— Essa música parece triste, mas eu gosto.

Ele juntou as sobrancelhas, pois esperava ouvir de mim o que estava errado. Mas não seria eu a lhe dar qualquer pista dos meus pensamentos ou sentimentos agora.

Querer estar com ele estava se revelando uma fraqueza, e eu havia lido muitas vezes sobre homens como Miguel Giacomelli. Isso parecia uma ironia agora. Eu estava sendo um desafio para ele, me recusando a cair em sua cama como tantas outras hipnotizadas por seu charme diabólico.

Ele não precisava saber como tentada eu estava.

Meu orgulho já me salvou de muitas situações embaraçosas e era o meu mecanismo de defesa. Eu me agarraria ainda mais a ele, mesmo que isso não fosse aliviar a perseguição de Miguel; apenas motivá-lo.

Eu precisava me proteger.

Uma hora ele teria que desistir.

E eu não ficaria aqui para sempre para vê-lo tentar.

— Meu inglês é rude. — dei de ombros para explicar meu ponto. — Nunca procurei uma tradução dessa música.

Seu olhar suavizou e os vincos em sua testa desapareceram. Ele parecia um anjo quando sorria terno, o contrário de quando arqueava a sobrancelha e franzia a testa, assim ficava intimidador e autoritário.

Autoritário e quente.

— Daughters. — ele disse, e eu amei como o nome da música soou em seus lábios, como o inglês caía bem em sua voz. — Eu conheço uma garota... Ela coloca a cor dentro do meu mundo... Mas ela é como um labirinto... Onde todas as paredes mudam continuamente... E eu fiz tudo que podia, para estar em seus passos com meu coração em minhas mãos... Agora estou começando a ver... Talvez não tenha nada a ver comigo...

Eu sufoquei um gemido. Ele cantar tinha sido uma covardia... Das maiores que poderia fazer comigo. — É realmente linda. — sorri, fazendo um

esforço sobrenatural para parecer relaxada, ignorando conscientemente o nó que se formou em minha garganta.

Era o tipo de música que, se te pegasse em um momento ruim, poderia fazer chorar.

Se eu já a amava antes... Depois dessa tradução tinha se tornado a minha música favorita. Sorri nervosamente quando ele exibiu um semblante sério novamente. Como um diretor de escola examinando o aluno que apronta, Miguel perscrutava a minha expressão.

Balançando a cabeça e fechando os olhos por um momento, eu virei e olhei para fora da janela. Não estava pensando direito e em território desconhecido, excitada e querendo muito me jogar em seus braços para beijá-lo até minha mente ficar vazia de qualquer pensamento.

Sim, eu sei.

Estava f-o-d-i-d-a.

Quando ele estacionou em frente a casa de João e Daniela, eu silenciosamente agradei a Deus, mordendo um "finalmente!" na ponta da língua.

Ele desligou o motor e olhou para mim.

Sério como tinha estado nos últimos minutos, embora eu pudesse ler o pedido mudo em seus olhos.

Ele me queria. Miguel Giacomelli realmente me queria. Empurrei a euforia que subiu pela minha barriga com esse pensamento e forcei um sorriso, tentando burlar sua mão e pular fora do carro antes de não ter mais forças para sair.

Mas ele não estava de acordo com meu plano.

— Cinco para meia noite. — disse, e juntou as sobrancelhas quando alcançou minha mão. Infelizmente não fui mulher suficiente para me parar então. Eu delicadamente levei a outra palma para o rosto dele, passando o polegar nas ruguinhas que se formaram em sua testa pela sua carranca séria.

— O que há? — eu me vi dizendo para ele.

— Diz você. — seu tom tinha uma nota desanimada.

— Eu? — tentei fingir surpresa, mas no fundo eu sabia para onde ele estava indo com isso.

— Ou me quer ou não, Vivian.

— Miguel... — disse seu nome com paciência, mas era uma súplica. Uma súplica permeada de desejo.

Ele percebeu.

— Vivian. Eu não sou um adolescente desajeitado que não sabe reconhecer quando uma mulher me quer. Por favor, sem jogos comigo. Eu não jogo, mas sei e detesto fazer isso.

Ele parecia chateado e sexy. Sexy pra caralho chateado.

— Sexo, eu quero sexo com você. Grande coisa! Que mulher não quer?

— Chega.

Sua ordem foi ríspida. Eu virei e abri a porta do carro bruscamente, mordendo o lábio, arrependida, quando pulei na calçada e me dei conta de que uma porta daquele carro provavelmente valeria o equivalente a minha vida.

— Uma transa e depois cada um segue sua vida? Não tenho do que reclamar. Por que está fugindo? — ele escarneceu.

— Não estou fugindo.

— Está morrendo de medo de se apaixonar por mim. — ele riu sem humor. — Eu já lhe disse como funciona. Na minha cama, minha, do jeitinho que eu quiser. Agora pare de fugir, nós estamos na mesma página. Já percebi que você faz isso quando se sente ameaçada.

— Eu? — não pude ajudar a mim mesma com o meu tom estridente por ele ter ido lá, acertado na mosca. — Não vai rolar, Miguel. Você é tudo o que uma mulher pode querer, acredite, não é diferente comigo. Eu só... Não é o momento para mim.

— Está louca para me beijar de novo. Para pular na cama comigo e acordar em meus braços amanhã de manhã. Seus olhos desmentem todas as merdas que saem da sua boca.

— Apenas aceite que nem tudo na sua vida sai como você quer! — eu joguei na cara dele, olhando diretamente para o seu rosto lindo dentro do carro.

Ele tinha um sorrisinho sarcástico e confiante, de quem sabia que tudo saia sim, do seu jeito. Eu queria tirar aquele sorriso do seu rosto, mas os faróis de um carro me distraíram e quando vi um veículo preto se aproximando lentamente de nós, me joguei para dentro do carro dele sentindo um gelo se espalhando grosso pelos meus ossos.

— Tem... um carro atrás... De nós! — alertei, desesperadamente, certa de que estávamos prestes a ser abordados.

Ele averiguou rapidamente o tal carro.

— São os meus seguranças.

Depois de duas batidas de coração, eu pisquei e finalmente registrei o que Miguel havia dito.

— Hum...

— Tem razão, Vivian, nem tudo sai como eu quero. Mas isso não se aplica ao que está acontecendo, entre nós dois, aqui.

— Não está acontecendo nada aqui...

Recuperada do susto, eu tentei sair de novo, mas ele me segurou gentilmente pelo pulso.

Se seu aperto não fosse gentil, eu nunca teria permanecido calma e no lugar.

— Bonequinha. — o sorriso desapareceu do seu rosto. Ele ficou mais sério que antes e, por sua vez, tornou-se muito mais difícil de lidar. Eu fiz um movimento para me soltar, não fazendo muito esforço, que Deus me perdoasse, mas o calor daquela mão macia e quente era...

— Eu só quero me enterrar fundo dentro de você e esquecer tudo. —

sua voz repleta de desejo me imobilizou. Quando seus olhos caíram em minha boca, eu passei a língua pelos lábios de repente secos e esperei.

Mas ele não me beijou.

Seu rosto veio para o meu pescoço e sua respiração quente, arranhando, me fez gemer. A calcinha ensopou completamente com a aspereza de sua barba na minha pele. Ele sorriu antes de descer a boca sobre a minha. Todo macio, persuadindo, pacientemente me seduzindo como se eu fosse ter vergonha na cara suficiente para não me abrir inteira para ele. Eu fiz mais... Cristo! Eu enlacei seu pescoço, indo de muito bom grado para o seu colo e passando para a calça dele a evidência da minha excitação ao desesperadamente me esfregar contra sua ereção.

— Só penso em você...

Ele gemeu.

Eu ainda tentei forçar algum controle sobre meu corpo mole de desejo, mas não houve o menor sinal de vida que existia algum em mim e, por isso, desisti. Eu queria levá-lo para dentro do meu quarto e arrancar suas roupas com tanta vontade que me assustou. Eu não queria fazer nada mais do que deitar a cabeça em seu ombro e permanecer ali para sempre.

Sendo abraçada, protegida, pequenininha perto de Miguel.

— Um mês e pouco atrás, quando vi você, eu disse a mim mesmo que teria essas pernas enroscadas na minha cintura. Você acabou de realizar o meu sonho.

Ele segurou um punhado do meu cabelo e sua boca silenciou a minha com roçar leve e provocativo, antes que ele capturasse o meu lábio inferior em seus dentes. Suas mãos fazendo um excelente trabalho em deixar a minha mente em branco.

— Miguel... — eu sabia que estava ali, em suas mãos, para o que ele quisesse fazer.

Ele também sabia. E me teve ronronando seu nome, do jeito que queria, antes de espalmar uma palma quente em minha perna e ganhar um luta extremamente fácil com o tecido do meu vestido. Sua boca descendo

para o meu queixo, e eu não era nada mais que um corpo quente, vergonhosamente buscando algum alívio. Esfregando-me sem pudor em seu colo, sentindo um fogo líquido descendo pelo meu ventre ao ter o volume do seu sexo bem em cima da minha calcinha pequena, fina e encharcada.

— Você não vai se livrar de mim. — ele olhou sério para o meu rosto. Eu arrepiei completamente de prazer. — Querendo ou não, nós já cruzamos a linha...

— *Ahhhh...*

Eu fechei os olhos, extasiada, bêbada, quando ele mordeu um ponto sensível em meu queixo. Tracei sua mandíbula com o dedo, abrindo os olhos então, fascinada pelo seu rosto bonito.

— Eu quero te comer inteira. — ele mordeu o meu dedo.

Eu dei um pequeno grito de surpresa e prazer.

— Eu me tornei um desafio para você... — constatei triste. Assim que me comesse inteira, eu cairia na pilha de mulheres que já passaram pela cama de Miguel Giacomelli. Para mim, me encontrar com a cabeça virada por ele podia ser difícil de engolir, mas era compreensível. A recíproca não poderia ser verdadeira nem considerada.

— Eu pedi que seguissem você até em casa, não foi pelo desafio. Eu gostei das suas pernas, eu sabia que as teria onde queria e mesmo assim fiquei louco. — seus olhos estavam escuros de desejo. — Seu rosto fez isso valer à pena.

— É? — eu sorri, mas não acreditava nele. Talvez nem se lembrasse mais de mim, ou do meu rosto, se tivesse conseguido alguma coisa comigo no primeiro dia em que me viu. Se lembrasse, não daria importância. Com quantas mulheres de tirar o fôlego esse homem já não tinha saído? Eu não poderia me iludir.

Seria desastroso, se eu fizesse.

— Eu gosto tanto do seu... — disse com sinceridade, pela primeira vez na noite revelando algo que estava em meu coração e próximo dos meus pensamentos. — Adoraria saber mais de você.

Ele sorriu, mas de um jeito meio cínico que não fazia minha barriga esfriar de uma maneira boa.

— Não pesquisou na internet sobre mim?

— Sim, mas a internet é, muitas vezes, mentirosa.

— Eu sou um imbecil.

Meu telefone tocou no exato momento em que ele disse isso.

— Minha irmã. — não era preciso olhar para a tela. Daniela trabalhava como um relógio. — Tenho que entrar, Miguel.

Eu mordi o lábio e saí do seu colo com as bochechas quentes, sofrendo de constrangimento tardio por ter me arrastado para o seu colo. O momento tinha passado, e ficou aquele clima estranho acompanhado de sua última frase e suas mãos nas minhas coxas.

— Você não vai fugir de mim. — ele disse quando ambos estávamos fora do carro, colocando minha mão em seu peito, onde eu sentia as batidas do seu coração.

— Tenho que entrar. Nos vemos por aí. — disse tentando disfarçar a angústia com um sorriso, sabendo que não aconteceria isso.

— Você não é um desafio, Vivian. — ele disse alto, depois de eu ter me afastado e aberto o portão.

— Não? — perguntei depois que fechei o cadeado.

— Eu gosto de você.

Ele ficou lá olhando para mim, mas me virei deixando-o sozinho e sem resposta. Não conseguiria forçar por mais tempo a postura relaxada e descontraída.

Eu me sentia uma bagunça, com o peito apertado e sem fazer a mínima ideia do por quê.

Ontem, quando sai para trabalhar, Miguel Giacomelli não significava nada para mim... Então por que agora eu sentia com tanta profundidade não voltar a vê-lo?

Eu abri a porta de casa e, com duas batidinhas na porta do quarto de minha irmã, eu segui para o meu próprio.

— Você está bem?

Sua voz vinha sonolenta do corredor.

— Estou. — fechei os olhos e me joguei na cama. — Ele é incrível.

— Ótimo! Amanhã conversamos. — seu tom era de esperança.

— Ok. Boa noite.

— Boa noite meu amor.

Caminhei para me livrar de toda aquela roupa e maquiagem que me incomodavam, e com uma camisola me cobrindo eu fui buscar chá na cozinha.

Tomei o conteúdo nem doce nem amargo com gosto de camomila em pequenos goles, e depois voltei pensativa para o quarto.

Olhei com interesse para o notebook em cima da escrivaninha, e não fui capaz de resistir a ele e nem a vontade de saber mais sobre Miguel.

Eu abri a página do Google e digitei Miguel Giacomelli Filho, — seguido de uma vírgula e "filho de Oscar Giacomelli" para não ter erro. Eu passei direto das imagens, das suas fotos com mulheres, e cliquei na última matéria da primeira página onde o título chamou minha atenção:

Muito além da Giacomelli.

Miguel Giacomelli Filho, herdeiro da famosa marca de sapatos, dispensa carreira na família e quer montar seu próprio negócio!

Ele nasceu herdeiro de uma das maiores fortunas do Brasil. É o filho mais velho do empresário Miguel Oscar Giacomelli, maior fabricante de calçados do país. Mas ao contrário do que se imagina; o galã, de 28 anos, impressiona pela simplicidade...

Havia muito sobre sua vida na entrevista. Eu olhei um tempo para a sua foto no fim da matéria, pensando sobre a criança rica que aos dez anos já frequentava os parques da Disney. Miguel foi um adolescente problemático,

revoltado, ainda que meio James Dean, meio rebelde sem causa. Havia nascido em Curitiba, cidade onde morava a família do pai, e atualmente morava sozinho em um apartamento em Manhattan. A família da mãe estava concentrada em Campinas, e isso explicava sua presença aqui. Ele provavelmente tinha vindo para férias, embora tivesse mencionado algo sobre estar ocupado com negócios. O final de ano estava chegando e ele certamente passaria aqui ou em Curitiba, cercado de família. Grande parte de sua família morava no Brasil. Segundo o site, Miguel disse que queria chegar lá como seu pai fez... Dessa maneira rejeitava o caminho mais fácil, que seria assumir o império que Oscar construiu.

Não sei por quanto tempo fiquei admirando seu belo rosto e imaginando como tivera sido sua vida a partir daquelas informações no fim da entrevista. Mas os meus pensamentos foram cortados pelo som de uma mensagem de texto

Não sei o que fez comigo, mas não paro de pensar em você.

Era ele.

Eu quase sorri quando li. Mas logo um pensamento inconveniente veio: Sou eu que não paro de pensar em você.

Eu?

Respondi desinteressadamente, ocultando que poderia dizer a mesma coisa para ele. Pois meia hora atrás, o deixei lá fora com o peito apertado ao decidir que nunca mais voltaria a vê-lo, e agora estava como a-louca-da-internet em busca de mais um pouquinho seu... Absorvendo cada pequena informação sobre sua vida como se não houvesse amanhã.

— Se você soubesse o estrago que está fazendo em mim... — disse em voz alta no quarto, fitando sua foto sorridente. — Mas você não vai.

Outro bip soou.

Estou louco por você.

Eu passei o resto da noite pendurada nessas quatro palavras, enquanto assistia a um filme na TV apenas para ouvir a voz dos atores e não ser refém do inquietante silêncio da noite. Minha barriga estava cheia de

borboletas e um frio volta e meia se instalava em meu estômago, sempre que o rosto bonito dele surgia em minha mente.

Não dormi. Virei à noite pensando. Quando as frestas de luz brigaram com a cortina eu bati a poeira e me levantei, fazendo um coque no cabelo enquanto caminhava em busca de uma roupa confortável para fazer faxina em casa.

Ocupei-me com o café da manhã, e quando Daniela e João levantaram tudo estava pronto na mesa. O que foi motivo de riso para minha irmã e meu adorável cunhado sacana, porque eu não era uma pessoa que gostava de acordar cedo. Eu me levantava quase sempre resmungando e não respondia ninguém direito antes de tomar café.

— Alguém aqui acordou cheia de disposição! — João beijou minha mão, e abafou em seguida um bocejo. — Miguel Giacomelli, Daniela. Envie-o uma nota de agradecimento.

Eu revirei os olhos.

— Me agradeça comendo. — eu sorri. — E de boquinha fechada. — aponteí meu dedo indicador para ele como se fosse uma arma. — Meu quarto está precisando de uma boa faxina e acordei cedo para isso. — expliquei, aparentemente, indiferente. Mas era uma indiferença estudada, que funcionava com estranhos, mas não com pessoas da minha família.

— Sei. — ele curvou os lábios, mas se sentou.

Eu agradei por isso e por Daniela manter a boca fechada.

Mas quando já estava todo mundo acordado e pronto para começar o dia, eu sabia que não teria como escapar do interrogatório de Daniela Oliveira que não demoraria a cair sobre mim. Ela me conhecia melhor que ninguém e era a pessoa mais curiosa que eu conhecia.

Por isso quando o João saiu com as crianças para um passeio, como era de costume no sábado, e nós duas ficamos para arrumar a casa antes que eles voltassem... Respirei fundo e tentei mentalmente me preparar.

— Então, como foi à noite? — ela perguntou, pensativa, colocando os pratos e copos que estavam na mesa dentro da pia.

— A melhor que eu tive em muitos anos? — tentei sorrir, fazer pouco caso, mas era difícil até mesmo pensar em mentir para ela.

— Vivian.

— Você sabe como foi. — me exasperei. — Foi melhor da minha vida até onde eu me lembre. — cuspi de uma vez. Então cai em uma das cadeiras da mesa da cozinha, pesadamente, batendo os dedos no granito quando ela ficou calada e minha mente encheu-se de novos pensamentos sobre Miguel Giacomelli.

— Qual o problema de ter passado uma boa noite com um cara quente? — ela franziu o cenho, pois não devia fazer mesmo sentido o que eu estava dizendo.

Mas a realidade é que eu não estava pronta para colocar meu coração em jogo outra vez.

— Ser abandonada? E nunca mais me interessar por ninguém porque ficar com Miguel Giacomelli vai fazer todos os outros homens da terra se parecerem com múmias depois?

— *Carpe diem*, minha irmã. Um dia de cada vez. Você nem se dá uma chance. Fica colocando caramiolas na cabeça e imaginando um futuro horrível para si mesma. Isso é uma pena porque Miguel é um conto de fadas com pernas.

— Esse é o problema.

— Eu odeio que você esteja tão incrédula e cínica agora. Você não era assim, Vivian, e não pensava tão pouco de si. A culpa foi daquele moleque sem noção, irresponsável, que não vê nada além do próprio umbigo...

— Ele me mostrou o lado ruim das pessoas, que eu precisava conhecer. Viver para sempre daquele jeito, você sabe, poderia ser pior.

— Pior? — ela cuspiu.

— Eu poderia ter topado primeiro com Miguel Giacomelli e acreditado que príncipes realmente existem.

Ela me olhou severa.

— Vivian!

— Ele é além de bonito, rico, quente para caralho e beija maravilhosamente. Não posso me iludir, Daniela.

— Ah tá. O defeito do cara é ser o sonho molhado de toda mulher. Só me poupe dessa merda.

Ela se virou para a pia, começando contrariada a lavar a louça do café.

Ninguém entendia que nesse caso ser bom era ser ruim. Se eu não consegui manter alguém como o Wagner, como conseguiria realizar essa façanha com Miguel?

Além disso, ele seria muito mais difícil de esquecer.

Eu já me sentia, com alguns beijos, em apuros.

— Tudo que teve foram moleques e agora que um homem de verdade apareceu, um legítimo macho alfa, está tremendo de medo como uma garotinha.

— Tudo bem, talvez eu queira correr porque já fui machucada uma vez, sua sabichona, por um moleque, como você diz; e foi difícil pra caramba. Assim você pode imaginar o estrago que um *macho alfa* como Miguel poderia fazer?

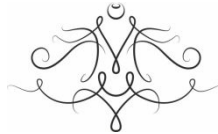
— Essa pode ser a chance da sua vida, sua boba! E está aí, tremendo de medo! Precisa viver um pouco e parar de cantar derrota antes sequer ter a decência de tentar.

— Eu apenas sei que não daria em nada. — dei de ombros, sabendo que não tinha nenhum argumento consistente que reforçasse meu comentário, exceto minha intuição. — Mas não tem importância... Volto para casa em pouco tempo e entendi o que tenho que fazer. No fundo já me resignei com a minha velhice solitária e os meus quinze gatos no Nordeste. O que me resta? Fazer o meu pé de meia daqui pra frente, e me entregar para Miguel Giacomelli enquanto tenho chance, não é? Para depois, sentada numa cadeira de balanço, lembrar do tempo que tinha vinte anos...

— Vaca irônica! — ela resmungou.

Eu a abracei por trás, rindo, pois acrescentar Luan Santana no meu discurso tinha sido demais.

— Desculpa, ok? Eu sei... Eu sei que Miguel não lembra em nada o Wagner. Ele é um homem em todos os sentidos, e eu me sinto extremamente bem ao seu lado. Por isso o meu medo. De não querer largá-lo mais.



A NOITE chegou fria. Eu estava morta de cansada após uma faxina daquelas, esparramada na cama com os fones de ouvido, de pijama depois de um longo banho, estuprando o replay em Free Fallin — John Mayer... Secretamente esperando uma mensagem que não vinha. A última em seu nome dizia "estou louco por você" e não tinha enviado uma resposta.

Eu era a durona mais mole do planeta, pois estava morrendo de vontade de chamar ele, mas por uma insegurança idiota não conseguia fazer isso. Talvez ele tivesse mudado de ideia sobre estar louco por mim. Talvez ele já tivesse conversando com alguém mais interessante que eu.

Barrei a angustia que começava a cair sobre mim, com esses pensamentos.

Depois que abri meu coração para minha irmã e deixei alguém saber todos os meus anseios e medos, me sentia ansiosa para encontrá-lo. Eu tinha decidido que inverteria os papéis, e nesse caso não seria ele a me seduzir. Essa diferença me dava alguma coragem para arriscar e eu seduziria. Eu não seria abandonada, eu abandonaria. Eu iria aproveitar cada polegada daquele macho alfa, com uma pegada de tirar o fôlego, até o último segundo.

E quando tudo acabasse... Bom, eu fingiria que era exatamente isso o que eu queria. Pelo menos teria boas lembranças, uma paixão louca e intensa, um romance tórrido nessa cidade — como disse Vera outro dia — para contar. E no fundo, sabia que não conseguiria viver com o "e se". Não com Miguel.

Eu pularia do penhasco outra vez. Rezando para que neste as águas

fossem fundas e sem pedras. E ainda que eu não soubesse nadar, dessa vez usaria um colete salva vidas. Ele seria o quarteto de regras que eu não abriria mão.

Está vivo aí ou esqueceu que estava louco por mim?

Respirei fundo ao enviar a mensagem.

Se me quiser, estarei aí em quinze minutos. Não vou incomodá-la se for o contrário, Vivian.

Ele respondeu em segundos, parecia até que olhava para o celular naquele instante, buscando, querendo algo meu. Apesar disso, senti que também me dava um gelo.

Nesse caso, vejo você em quinze minutos.

Não esperei um minuto se passar para responder, eu estava decidida a não mais perder tempo, e se parecia desesperada, o que importava? Eu precisava fazer o que realmente queria às vezes.

— Preparada? — minha irmã perguntou, aparecendo na porta do quarto no momento em que eu tinha depositado o celular sobre a cama e cruzando, ansiosa, os dedos.

— Tô. — sabia que não havia soado muito confiante e pigarreei, tentando de novo:

— É agora ou nunca.

— É agora. Vamos!

E eu fui.

Miguel Giacomelli não iria saber o que o atingiu.



QUATRO

Vivian

PARA O SUCESSO do plano, segundo o manual Daniela Oliveira de conquista e relacionamentos, eu deveria me vestir mais sensual e menos menina. Eu tinha comigo poucas roupas para sair, nesse estilo nenhuma, e ela insistiu que usasse um dos seus vestidos que deixavam muita pele de fora e atordoavam o João. Ele era ao mesmo tempo meigo e sedutor, rosa beirando laranja, e caiu perfeitamente no meu corpo curvilíneo abraçando os pontos certos; deixando a mostra uma tira de pele branca no decote generoso das costas.

Ele não era curto e isso o deixava ainda mais provocante, se fosse possível. Quase alcançava aos joelhos e caía em pequenas tiras um pouco além deles.

Olhando no espelho, me senti pela primeira vez na vida uma mulher que poderia seduzir o homem que quisesse.

Meu cabelo foi rapidamente escovado e caiu em leves cachos feitos com baby liss sobre os ombros. O batom era vermelho, os olhos contavam com um delineado bem feito e um pouco de rímel. O blush eu usei porque estava acostumada, mas as minhas bochechas estavam coradas como nunca vi antes. Antecipação corria em minhas veias. Não conseguia acreditar que estava prestes a mergulhar numa aventura escaldante com um homem dos

sonhos para qualquer mulher que respirava.

Estava ansiosa andando pelo quarto enquanto ele não aparecia, me fazendo milhares de perguntas silenciosas, entre elas se ele tinha desistido... Mas então ouvi a campainha tocar, e quis abanar as mãos e me perguntar "e agora? O que eu faço?". Mas me lembrei a tempo que hoje, apenas hoje, não seria eu mesma e não deixaria que meu nervosismo e insegurança ditassem meu comportamento.

Não me sentia como eu mesma, também — ao me olhar no espelho vi uma mulher elegante, sexy, incrivelmente bonita. E ela, na minha cabeça, só poderia ser confiante. Isso nada tinha a ver com as roupas que usava, com a maquiagem cuidadosamente aplicada em meu rosto. Era uma postura interna, mas que envolvia a combinação de lingerie que estava usando. Sentia-me quente com ela, uma façanha que nem mesmo o vestido provocante havia conseguido executar.

Então, como se entrasse na personagem quente que eu tinha escolhido a dedo para sair hoje com Miguel, eu sorri enigmaticamente para minha irmã piscando os cílios.

— Então?

— Você está... — houve uma ligeira pausa. — UAU!

— Obrigada. — sorri sem fôlego, mais como eu mesma dessa vez.
— Vá... Diga a ele que venha até aqui.

Daniela sorriu como o gato que engole o canário e tem sua barriga cheia.

— Você está soando satisfeita... Oh, Vivi, eu estou amando isso! — e saiu se abanando para o corredor.

Quando escutei uma batidinha de leve na porta do meu quarto, alguns poucos minutos depois, um frio repentino subiu pela minha barriga e minhas mãos tremeram.

Era ele.

Eu quase podia visualizar o leve movimento dos seus dedos longos encostando-se na porta.

Respirei fundo para me recompor, pois não pude barrar o pensamento desses mesmos dedos percorrendo toda a minha pele.

Eu abri a porta, apertando a maçaneta com força para impedir a tremedeira em minha mão de se espalhar para o resto do corpo, e dei com aquele rosto extremamente bonito e sério. Seus olhos então percorreram o meu corpo de cima a baixo, e com uma calma que me surpreendeu coloquei minha outra mão na dele.

— Miguel.

— Está linda. — ele elogiou. Seus olhos escurecidos brilharam com algo que não soube reconhecer, e um filete de suor desceu pela minha espinha quando ele colocou a mão em minhas costas nuas.

Tremi inteira.

Na estrada reconheci o caminho para Bragança porque foi a minha primeira parada quando cheguei. Tinha rejeitado a possibilidade de voar pela primeira vez e viajado em uma van que fazia a linha "Novo Horizonte — São Paulo" com um conhecido de meu cunhado. Na madrugada de um sábado, após dois dias de viagem, paramos em um posto de gasolina ali. João estava me esperando quando cheguei, e não poderia imaginar que quase dois meses depois eu fosse estar no carro de um quase completo desconhecido, passando novamente por aquela região. Eu tinha pesquisado sobre ele na internet, mas isso não era grande coisa. Se Miguel fosse realmente perigoso e isso ficasse camuflado por seu dinheiro, charme, olhos verdes que de tão bonitos pareciam lentes, não tinha como eu saber.

Na troca de música, ele sorriu para mim e eu soube que nada seria tão perigoso para mim como aquele sorriso.

— Para onde estamos indo?

Não fazia ideia de para onde me levava, e Miguel escolheu ser misterioso e não me deu nenhuma pista até que estávamos dentro de um pequeno apartamento.

Não perdi tempo olhando ao redor, pois me senti inquieta e estranha com o seu jeito cortês de se preocupar em nos providenciar um jantar antes

de... Destoava do que eu esperava ou mesmo desejava dele. Não combinava com o profundo desejo que brilhava em seus olhos e ele ocultava com toda aquela paciência e gentileza em fazer um tour comigo pelo o apartamento e conversarmos para nos conhecer.

Se Miguel fosse um cretino, eu poderia lidar com ele. Se continuasse sendo um cavalheiro, não.

— Não quero conversar, Miguel. Acho que já sabemos tudo o que precisamos saber um do outro, você está em vantagem, claro, mas eu não me importo. Vamos apenas... Você sabe. — eu quase engasguei de nervoso quando mal terminei de falar, e seu cenho se pronunciou profundamente.

Algo predatório cintilou em seus olhos, e era aquele algo que eu sentia emanar dele... Mas que Miguel sabia disfarçar com charme, gentileza e uma muito boa educação.

Recuei um passo.

— Não tente me passar à perna, mocinha. Está querendo ganhar de mim nesse jogo.

— Eu pensei que isso não fosse um jogo. Que você detestasse jogar. — sussurrei, sem saída, quando minhas costas encontraram a parede e ele me encurralou.

— Sei o que pensa a meu respeito, mas não uso as pessoas, não tenho medo de relacionamento. — sua boca pairou sobre a minha. — Na minha cabeça não há divisões de sexo e amor. Mesma cidade. Vizinhos.

Ele falou baixo, a voz arrastada, ligeiramente rouca como se estivesse lutando com o desejo ou cheio de ira.

— Então não estamos na mesma página, Miguel.

Tiras de aço envolveram minha cintura, me impedindo de escapulir e fazendo-me arrependida da maldade com que deixei escapar a última frase.

— O que você está fazendo? — eu engasguei com minha própria voz quando ele me jogou sobre o ombro e começou a andar comigo chocada e de cabeça para baixo, sustentada pelo seu ombro e pelo aperto de suas mãos cálidas e macias nas minhas coxas.

— Eu pensei que você não quisesse se tratada com respeito e consideração?

— É claro que eu quero! — sussurrei, sentindo raiva dele e da minha voz que tremeu e não saiu firme e rosnando como eu queria.

— Dispensou o jantar, a conversa...

— Apenas não quero que percamos tempo...

Ele me deu uma palmada na bunda.

Eu gritei de surpresa quando o toque de sua palma queimou um pouco.

— PARA ONDE VOCÊ ESTÁ ME LEVANDO?!

Minha voz estridente repercutiu por toda a sala quando ele acomodou melhor o meu corpo sobre o seu ombro e começou a caminhar com passadas largas e decididas para o lugar onde eu temia ser um quarto.

— Antes do jantar eu vou levá-la para o quarto e tirar sua calcinha. Talvez assim você fique mais tranquila sobre o que vai acontecer depois do jantar, quando estiver mais confortável comigo.

Um "O QUÊ?" do tamanho de Marte ficou preso em minha garganta, e uma crise de tosse irrompeu; deixando Miguel saber que não era a mulher experiente que tentava duramente, com ele, ser.

Ele virou a cabeça para olhar para mim, e arqueou a sobrancelha de modo significativo.

— O conhecimento de que estará nua por baixo desse vestido vai foder com o meu juízo. Mas que graça teria se eu jantasse de pau duro? — ele disse a última parte, e não tinha certeza se essa era para ser ouvida. Mas eu ouvi. E ouvi também o sarcasmo que permeava a sua voz quando ele disse.

— Me coloque no chão, seu... seu... seu ogro!

Ele não me colocou no chão até que estávamos dentro da penumbra que envolvia a suíte. Apenas lá ele me deixou deslizar pelo seu corpo, lentamente, até os meus sapatos de salto tocarem o chão. No escuro os meus sentidos se aguçaram, e fiquei muito consciente de sua proximidade; do calor

que parecia emanar do seu peito sólido e cheio de dobrinhas.

— Não quer mais dormir comigo? — ele sussurrou depois que os seus dentes beliscaram a minha orelha, me seduzindo.

— Quero.

— Então por que está brigando comigo, minha bonequinha? Tudo o que eu quero fazer hoje é amá-la.

Minha raiva, medo, se transformou em desejo quando ele disse isso e cheirou, depois de me virar de costas, o meu pescoço.

— Está jogando comigo.

— Está enganada. — não tive forças quando ele começou a andar comigo pelo cômodo e fez o meu corpo cair suavemente sobre a cama. — Estou de coração aberto, Vivian.

Eu senti em meus dedos lençóis de seda, e agradei a Deus em silêncio pelas lâmpadas estarem apagadas quando ele beijou minha barriga por cima do vestido, subiu a malha em suas mãos e cheirou a minha pele perto do elástico da calcinha. Na junção da perna e...

— Estou louco por você. — ele repetiu o que tinha admitido na mensagem, enquanto sumia com a renda da calcinha pelas minhas pernas.

Eu senti sua respiração batendo lá antes que ele arrumasse o meu vestido, colocando-o no lugar, e o calor da minha excitação vir como uma onda entre as minhas coxas apertadas juntas.

— Vem. Vamos jantar.

Ele me ajudou a levantar, e só quando estava sobre minhas pernas foi que me dei conta da campainha tocando insistentemente.

Na sala olhei para um homem alto de terno escuro, um pouco assustador, que tinha em suas mãos algumas sacolas, e me virei para Miguel, timidamente perguntando a ele onde era o banheiro.

Antes de voltar para a sala reapliquei o batom, e ao chegar não encontrei nenhum sinal de segurança, apenas o sofá azul escuro vazio, a cortina creme que cobria a janela balançando e dois porta-retratos com fotos

de uma família de cinco pessoas perto da televisão.

Eu me aproximei para estudar a foto, curiosa como era sobre tudo que tivesse relação e parentesco com ele, e quando me volvei para procurá-lo, encontrei aquele par de olhos verdes divertidos me fitando na outra sala. Seu grande corpo escorado em uma mesa de pedra escura com cadeiras de algum material rico transparente.

Ele estendeu a mão para mim quando passei pela porta de vidro que separava as duas salas, e puxou uma das cadeiras para que eu me sentasse.

— Obrigada.

Ele apenas balançou a cabeça, reconhecendo o agradecimento, e voltou a organizar o nosso jantar sobre a mesa, muito metódico.

— Não sabia sobre o que você gostava, então apostei em comida japonesa outra vez.

— Obrigada. Eu adoro.

Comemos em silêncio, e só depois do jantar ele se preocupou em engatar uma conversa.

— Quer ver alguma coisa na TV?

— Nós não... — comecei, mas parei quando colocou um dedo nos meus lábios e caminhou para o sofá, me levando com ele.

— Você ainda não está confortável. — ele sentou-se ao meu lado. — Quero que se sinta a vontade comigo, e não só na cama.

Eu não soube o que dizer.

Ele beijou o meu cabelo e deitou as costas no sofá que era pequeno demais para acomodar um homem do tamanho dele.

Ele fez com que minha cabeça delicadamente fosse parar em seu peito.

No início me senti fora de lugar e hesitante, mas logo o seu corpo embaixo do meu me abraçou e os seus dedos carinhosos em meu cabelo fizeram a sua mágica...

Eu não sei por quanto tempo dormi, mas quando senti lábios macios e quentes em minha bochecha, ainda não havia vestígio de sol.

Relaxe e me entreguei à carícia daquela boca que agora seduzia uma das minhas orelhas, espalhando seu hálito gostoso e quente pela minha pele... Só agora me entregando o que eu tinha corajosamente vindo pegar dele.



— Não acredito que eu adormeci em cima de você... — resmunguei em um tom sonolento e preguiçoso. — Esse deve ser o pior encontro da sua vida.

— Eu adorei que tenha feito.

Minhas bochechas esquentaram quando os meus olhos encontraram com os seus. Eles estavam com um brilho intenso de verde e tinha algo de sério naquele rosto.

A minha boca ficou seca. Eu passei rapidamente a língua para umedecer os meus lábios.

— Sede? — sua voz me seduzia, mas provocava. Ele estava se divertindo agora em me deixar na expectativa, ansiando por algo que ele estava adiando de propósito em me dar.

— Vou pegar água para você. — Miguel decidiu, e com uma facilidade que me deixou pasma momentaneamente, me segurou na cintura com as duas mãos e levantou o meu corpo de cima do seu, que por alguns segundos ficou suspenso no ar, antes de afastar as próprias pernas e me colocar sentada no lugar onde elas estavam.

Tudo bem que eu fosse uma anã perto dele, mas não era uma pluma. O homem realmente tinha força naqueles braços e músculos bem desenhados.

— Vem. — ele comandou, e quando fiz menção de ficar sobre os meus pés, ele sorriu e disse: Em pé, Vivian. Fica em pé no sofá, eu vou te carregar.

— Não. Eu posso andar. — protestei.

— Fica em pé. — ele ordenou dessa vez, suavemente. Tão suave que pareceu um tom estudado.

Eu fiquei em pé no móvel sem dizer nada. Ele realmente não gostava de ser contrariado. Santo céu! Ninguém nunca disse não para esse cara?

— Boa menina. — elogiou quando minhas pernas rodearam a sua cintura, suas mãos a minha, e começou a andar comigo para a cozinha.

Eu não tinha gostado da ordem e só o atendi porque tencionava ganhar uma recompensa por isso. Mas a sensação de enlaçar seu pescoço com os braços enquanto ele sorria na minha pele e andava comigo era celestial.

— Eu gosto de carregar você. — ele explicou quando passamos pela soleira e entramos na cozinha discretamente decorada. A pia e a pedra do armário eram do mesmo material escuro da mesa da sala de jantar. Tudo muito chique e limpo. E impessoal. A tampa do fogão baixada me dizia que ele nunca tinha visto uma panela na vida.

Ele me colocou sentada no balcão, mas tão logo virou as costas para pegar e encher o copo de água eu saltei para o chão.

Ele olhou feio para mim.

— Você está descalça.

Eu olhei para os meus dedos dos pés pintados de vermelho e indaguei a mim mesma por onde estariam meus sapatos.

— Sim, e o chão está limpo.

Aparentemente ele não concordava com isso, trouxe o copo de encontro aos meus lábios com uma carranca e eu o tirei de suas mãos antes de me afastar com um suspiro.

Não fui muito longe, porém. Seus braços envolveram a minha cintura, me parando. Eu gemi amolecendo contra ele, quando sua respiração morna atingiu meu pescoço, segurando com toda minha força o copo de vidro nas mãos para não correr o risco de soltar e quebrá-lo.

— Ainda está com sede? — ele perguntou eroticamente.

— Sim. De você. — fui ousada.

Ele tirou o copo de minhas mãos, colocou sobre o balcão, se abaixou e passou um braço pelas minhas coxas. Quando notei o que ele iria fazer, já era tarde demais e fui jogada sobre o ombro dele.

Eu esperneei.

— Miguel! O que há sobre você me jogando sobre o ombro?

— Não sei. Mas tenho a sensação de que você gosta de fugir e eu, de impedi-la. Essa é a melhor forma.

— Como um saco de batatas. — soprei sem irritação me segurando em suas costas, e suguei o ar em meus pulmões com surpresa quando, sem aviso, ele acariciou minha bunda e me deu uma palmadinha de novo.

— Miguel!

— Ah! — ele riu e mordeu uma parte macia do meu quadril e bumbum. — Eu vou te enlouquecer e depois perder a cabeça por você, menina.

Eu não me importava com isso.

Nesse momento, eu não me importava com nada.

A primeira coisa que Miguel fez ao entrar ao quarto foi acender a lâmpada. Eu não queria que ele tivesse feito isso, mas não tinha como deter.

Ele desceu o zíper do meu vestido com o olhar fixo no meu rosto, e quase morri de vergonha quando os meus seios foram descobertos e ele desviou o olhar do meu rosto para eles.

Eu senti os bicos endurecerem sob a mira de seu olhar, e não consegui olhar em seu rosto quando meu vestido caiu completamente em meus pés e ele me olhou, agora nua, de novo.

Sem esforço algum me tirou do chão e levou o meu corpo de encontro aos seus lençóis de seda.

— Nem parece a mulher que veio decidida a me levar para a cama. — debochou, mas sua voz era carinhosa. — Você está adoravelmente vermelha.

— É o calor. — retruquei, e dessa vez seu sorriso realmente debochou de mim.

— Claro que é.

Ele se afastou e quando beijou meus joelhos, pedindo, eu relutei. Então ele beijou de novo, acariciando minha panturrilha, e finalmente deixei que as minhas coxas caíssem abertas consciente de que essa era uma batalha perdida.

Fechei os olhos.

Ele não pediu para que eu os abrisse, mas eu podia sentir seu olhar primeiro no meu rosto e depois no meu sexo. Eu senti pontadinhas lá, e isso era efeito do seu olhar penetrante. Pensei em fechar as pernas e quase cobri o rosto de vergonha com as mãos, mas antes que eu pudesse começar de fato a colocar em prática meus pensamentos, senti uma suavidade molhada no lugar onde nunca ninguém esteve antes... desse jeito... assim.

Eu arregalei os olhos com surpresa, e confirmei o que estava acontecendo: a cabeça dele entre as minhas coxas. Eu só conseguia ver o seu cabelo castanho brilhante, pela posição, e a sensação do seu beijo molhado lá. Era isso, oh, Deus. Miguel estava passeando com a língua na parte mais íntima do meu corpo e a beijava... como se estivesse beijando a minha boca. Meus olhos imploravam, lutando para fecharem-se, mas vê-lo de olhos fechados, lambendo, parando para beijar a minha coxa e acalmar o orgasmo iminente me impedia de fazer... isso.

— Miguel! — arfei, chocada.

Minha mão então caiu em seu cabelo, e ele olhou para cima, para mim, sob cílios espessos com uma expressão tão carregada de desejo que eu quase desmaiei.

— Você vai arcar com as consequências de ser tão gostosa, bonequinha.

Ele rosnou e voltou a me beijar, lento, duro, ao mesmo tempo em que passava as mãos calmas sobre a minha barriga e me devorava; como se quisesse me comer com a sua boca. As minhas coxas estavam por cima dos

seus braços agora, por pouco não chegando aos ombros, ele me mantinha no lugar onde queria. Eu me angustiei e me inquietei na medida em que uma sensação forte nunca antes sentida dentro de mim era construída e Miguel não dava nenhuma dica de quando iria parar.

Ele beijou o meu sexo depilado por inteiro, sem desprezar nada, e no momento em que pensei não mais aguentar o prazer delirante, que também poderia ser um tipo maravilhoso de tortura, ele se afastou e me virou de costas; arrebitando minha bunda em direção ao seu rosto antes de começar a me beijar de novo. Eu sentia que a qualquer momento fosse explodir, pois nessa posição as sensações dentro de mim ficaram mais intensas e ele castigava impiedosamente o meu clitóris com a língua. Eu arranhei os lençóis; minhas pernas amoleceram; meu coração perdeu uma batida e depois acelerou; respirar ficou difícil; algo dentro de mim contraiu e pulsou e em um rompante me senti flutuar... Como se estivesse deitada em um colchão de nuvens.

Fora do mundo por um minuto ou dois, senti o fogo em meu interior voltar quando ele puxou o meu lábio inferior em seus dentes e mordeu, gemendo em minha boca.

Seu gemido era coisa mais sexy do mundo.

Eu queria mais que qualquer coisa no mundo continuar ouvindo-o.

— Eu vou cuidar muito bem de você, minha bonequinha.

Ele deixou um beijo em meu umbigo, como se não tivesse certeza se subia ou descia de novo, qual parte torturava ou seguiria torturando, mas me segurando pelos joelhos ele trouxe o meu corpo até a beirada da cama.

Miguel deitou o seu corpo sobre meu totalmente, trazendo com ele os meus joelhos para o meu peito, deixando um doce beijo em meus lábios antes de sua língua deliciosamente encontrar a minha e tomar conta da minha boca.

Então ele se pôs ereto outra vez, levando um dos meus pés para o seu ombro enquanto o outro ficava na cama antes de, assim, mergulhar lenta e profundamente dentro de mim.

Eu perdi momentaneamente o fôlego com sua invasão implacável e deliciosa pela primeira vez, e lamentei em um sussurro, que possivelmente seria um grito se eu tivesse mais voz dentro de mim.

Ele virou o rosto e beijou a minha panturrilha, continuando com o seu vai e vem lento, como se quisesse me consolar por fazer isso.

Seu maxilar estava apertado e os seus olhos escuros e estreitos. Eu sentia que ele estava lutando para manter o controle, na verdade não entendia por que se controlava, mas parecia como se quisesse absorver mais um pouco da sensação que era estar dentro de mim, lúcido, antes de perder a mente.

Ele continuou a me penetrar lentamente por um tempo enquanto uma de suas mãos vinha e acariciava o bico do meu seio docemente.

Em pouco tempo, sentia aquela sensação de aperto sendo construída novamente e...

Quando seus movimentos aumentaram e ele desceu um dedo para o meu clitóris, atormentando-o, eu choraminguei de prazer. Meus gemidos logo estavam sendo correspondentes as suas estocadas, e eu senti os meus pulmões arderem com o grito de protesto que saiu da minha boca quando ele pôs fim a qualquer movimento sem explicação.

Miguel sorriu safado quando eu protestei, indo para o colarinho da camisa dele, e depois de um beijo rápido levou um dos meus mamilos profundamente em sua boca, me fazendo agarrar seu cabelo e segurá-lo ali. Ele beijou e mordeu meu seio, deixando a minha pele vermelha e mais tarde marcada, antes de virar as minhas pernas juntas para o lado e me penetrar assim.

Lento.

Outra vez.

— Cristo...

Ele amou o meu corpo com as mãos, impondo aos poucos um ritmo mais duro que me enlouqueceu. Por entre as minhas pernas fechadas, eu descii a mão entre elas e acariciei o meu clitóris como ele tinha feito. Foi o principio do fim e pensei que gozaria de novo naquela posição, eu rezei para isso, mas

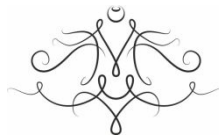
ele me frustrou outra maldita vez quando eu estava quase lá.

— NÃO! Miguel...

Sorrindo, ele beijou mais uma vez a minha boca.

— Eu quero você assim. Entregue. Toda molinha gemendo o meu nome com o meu pau todo dentro de você.

— Você vai me matar... Ou eu vou fazer isso com você. — tentei me virar e agarrá-lo quando ele deitou parte do corpo ao meu lado, mas não consegui. Sua boca parou e ficou há centímetros do meu seio. Observei a boca de Miguel se abrir e... Ele sorriu um sorriso perverso antes de abocanhar todo o meu mamilo, me fazendo perder a cabeça quando segurou para o alto a minha coxa e acariciou o meu clitóris algumas vezes com o próprio membro, antes de levá-lo para dentro de mim em uma única, deliciosa e vagarosa estocada, passando por entre os lábios do meu sexo implacavelmente... Ao mesmo tempo beijando, cheirando o meu pescoço e me sussurrando as melhores coisas enquanto me comia de ladinho.



Quando abri os olhos, à primeira coisa que me dei conta, depois do corpo de Miguel sobre o meu na manhã seguinte, era os raios de sol que timidamente passavam pela janela do quarto.

— Merda! — eu entrei primeiro em pânico, depois em estado de alerta.

Respirando fundo, eu escapei do seu abraço possessivo, tão lenta e suave que deveria ser uma cena patética, pois temia de verdade acordá-lo.

Eu não queria ter que dizer nada... Ou ouvir, depois de...

Não pense.

Balancei a cabeça de forma veemente, como se para sacudir os pensamentos.

Eu precisava dar o fora daqui.



CINCO

Miguel

EU ACORDEI SENTINDO o cheiro dela em meus lençóis, e um sorriso lento e bobo se espalhou em meus lábios. Eu me inclinei para tomar mais dele em seu pescoço ao mesmo tempo em que minhas mãos procuravam o seu pequeno corpo e encontravam... Os lençóis.

Os lençóis frios.

Eu abri primeiro um olho, não, ela não fez isso...

— Ah, desgraçada... Filha da mãe!

Corri nu em direção à janela e peguei o exato momento em que Vivian desaparecia dentro de um táxi. Observei, paralisado, a porta de o carro ser fechada e o endereçar discreto de seu olhar para o lugar onde julgava ser o apartamento. Arrependida eu apostaria um braço que não estava, pois quando me encontrou com as mãos escoradas no parapeito da janela tentou esconder o rosto com o cabelo. Ótimo. Eu vou matá-la.

Minha respiração vinha difícil pela raiva que correndo tão cedo em minhas veias, e jurei pela camisinha que não usei que só não pulei para alcançá-la quando colocou a cabeça na janela do carro e me jogou um "tchauzinho" safado, porque estava há uma altura considerável do chão.

— Safada, bandida, peste linda dos infernos. — cantei frustrado,

traçando o contorno dos meus lábios e amaldiçoando a mim mesmo e meu sono pesado. — Ah, mas isso não vai ficar assim!

Vivian

Porteiro. Porteirinho. Apareça logo, infeliz, com essa porqueira de táxi antes que Miguel acorde e procure por mim!

Eu sorri de nervoso quando ele apareceu e não disse imediatamente que o seu filho, que era taxista, fosse aparecer nos próximos minutos. Mas senti vontade de abraçá-lo quando vi o carro branco com a placa de "TÁXI" em destaque na frente do prédio logo depois.

— Obrigada seu Onofre!

— Fico feliz em ajudar, minha filha.

Eu estava louca para correr para fora do portão e ir para casa, mas ele foi tão amável que eu não resisti em beijar a sua bochecha rapidinho.

Ele tinha um ar bondoso e paternal irresistível, que me lembrava o meu pai... Meu pai amado que eu não via há meses.

Entrei no carro, informei o meu endereço ao motorista, e joguei um olhar para onde eu achava que fosse o apartamento de Miguel. No momento em que fiz isso, não esperava vê-lo. Estava melancólica pensando em como me senti bem acolhida em seus braços, dentro de uma conchinha, quando os meus olhos se detiveram na janela e tomei um susto ao vê-lo. Para o bem da verdade não conseguia vê-lo direito, pequeno lá no alto, mas não tinha dúvidas de que fosse. Também não tive dúvidas da raiva em que a posição que ele estava sugeria. Eu poderia apostar que ele não ficou feliz em ter pela primeira vez uma mulher se esgueirando de sua cama, e poderia dizer pelos seus braços apoiados no parapeito da janela que ele queria pular lá de cima e avançar em meu pescoço.

Joguei o cabelo para o lado para cobrir o meu rosto, mas quando o

táxi saiu, eu pensei que se ele estivesse lá há muito tempo isso não adiantaria muito e no fundo não queria sair como uma garotinha que foge. Sabia que pareceria infantil e mesmo que fosse o caso, não era algo que eu estivesse disposta a declarar para ele.

Por isso coloquei meu rosto na janela e lancei minha mão no ar, olhando para o prédio e me despedindo dele. Talvez assim Miguel pudesse pensar que eu apenas não quis acordá-lo e tive que sair. *Ah, que fosse para o inferno o que ele fosse achar.*

Ele já tinha conseguido o que queria e estávamos quites. O pensamento de não vê-lo mais doía, mas pelo menos eu tinha saído dessa vez com a dignidade intacta.

Sorri e empinei o nariz quando meu coração apertou. Eu tinha conseguido realizar com sucesso meu objetivo de passar a noite com ele, e não tinha por que ficar triste, afinal, não havia a menor sombra de dúvidas de que fosse me lembrar dessa noite como a melhor da minha vida para sempre.

Cheguei em casa e me atirei em uma poltrona perto da TV enquanto as minhas pessoas favoritas acordavam para o dia e comiam. O João, discreto como era, se limitou a me dar bom dia com o seu habitual beijo na testa; fingindo que eu saía do quarto ao lado do deles e não da cama de um cara com o qual passei a noite. Mas minha irmã não, Daniela sorria como se soubesse tudo o que eu e Miguel fizemos e ela não tentou disfarçar ou fazer isso menos constrangedor para mim.

Talvez minha irmã tivesse uma boa ideia de fato do que tinha acontecido, pelo o que ela e João tinham, mas quando mandei mensagem, entrei no carro, no apartamento de Miguel e na maior cara de pau deixei claro que queria uma noite de sexo com ele, eu não esperava que fosse me levar para o céu mais de uma vez.

Eu jamais poderia esperar tudo aquilo. O que era mais um ponto negativo para acrescentar à lista de defeitos do meu ex-namorado babaca: Ruim de cama, seu cretino! Pois na minha primeira vez tudo o que eu senti foi dor, durante e depois.

Pegando uma fatia de pão integral com manteiga, caminhei para o

meu quarto para tomar banho, pois as crianças não demorariam muito mais a acordar e Daniela e João já estavam prontos para o nosso passeio em Sorocaba. Nós íamos para lá religiosamente todo o Domingo. As irmãs do meu pai, Rosângela, Cristina e Sofia moravam nessa cidade há mais de quinze anos. Desde que cheguei aqui eu adorava ir vê-las, mas hoje não estava muito animada para conversar e estampar um sorriso de felicidade. Eu queria dormir o dia inteiro, depois me encher de gordice, trocar de pijama e dormir de novo. Algo como um dia depois de terminar o namoro, claro que, sem as lágrimas.

Apesar do que queria, passei um dia agradável em família em Sorocaba. O almoço para variar estava incrível e a conversa no fim de tarde leve e divertida. Eu amava o meu tio Társio, ele era casado com a minha tia Sofi e tecnicamente não era tio, mas isso pouco importava para mim. Ele era uma das melhores pessoas que eu conhecia, e em todos os Domingos, especialmente naquele ali, comprovei que ele era um dos poucos que tinham a capacidade para fazer rir em qualquer dia, mesmo os estranhos, como hoje.

Quando tia Sofi fazia sua comida favorita, que por coincidência também era a minha, a famosa carne de panela dela, ele me chamava no *whatsapp* para me tentar a fazê-los uma visita. Meu nome em seus lábios era um apelido carinhoso. Ele me chamava de doce de leite e era aquela pessoa que todo mundo queria como amigo.

Eu tinha sorte por tê-lo.

Todos nós tínhamos.

No caminho de volta para casa eu me senti mil vezes melhor do que me senti na ida por sua causa. Com os fones de ouvido em "No Matter What" do Papa Roach, tocando alto, eu até cantei empolgada no carro, alheia a conversa ali dentro e ao mundo lá fora também.

Paramos rapidamente na Apaloosa's para jantar e em seguida fomos para casa. Estávamos exaustos, era incrível como sair da rotina deixava todo mundo assim. Miguel em nenhum momento me ligou.

No dia seguinte acordei cedo e mergulhei em trabalho, tive sorte por chegar e encontrar cinco mulheres me esperando para se maquiarem para um

casamento que aconteceria às 10h da manhã na Basílica de Nossa Senhora do Carmo.

Almocei em casa e só voltei para o salão às 2h, estava jogada no sofá com uma revista de fofoca na mão quando as meninas se levantaram todas apressadas e cada uma tomou uma direção. Nós tínhamos acabado de chegar, não havia aparecido nenhum cliente desde que abrimos há quinze minutos e não entendi a correria. Estava olhando com o cenho franzido para a Vera, que andava para frente e sorria com um ar radiante estampado no rosto que eu nunca tinha visto, quando uma voz rouca repercutiu pelo o ambiente me fazendo segurar um grito:

— Boa tarde, senhoras. Eu gostaria de cortar o cabelo. Sim, obrigado... Ah, Vera. Obrigado Vera, apenas o cabelo. É um prazer conhecê-la também.

Veronique atropelou Miguel com sua maior educação e sufocante gentileza... E ele pareceu igualmente educado respondendo-a, aparentemente alheio ao queixo caído das outras que fingiam trabalhar. O meu rosto estava muito bem escondido pela revista que foi levantada, agora, como um escudo.

Eu sentia que estava prestes a cair em uma armadilha.

Ouvi-o cumprimentando e então ouvindo o que cada uma tinha a dizer, como se estivesse muito concentrada na leitura da revista, sem fazer, claro, qualquer movimento para me levantar. Se fizesse era sem dúvida para correr.

O que ele estava fazendo aqui?

— Vivian... — Vera caminhou e tirou a revista de minhas mãos, descobrindo o meu rosto e olhando para a minha cara de tacho. Eu vi em seus olhos que ela sabia o que estava fazendo. Ela era uma grandíssima vaca!

— Como vai, Vivian? — eu fui obrigada, coagida era melhor, a me levantar pelo dedo em riste em minhas costas da minha adorável chefe — como se fosse uma arma — quando ele se aproximou e ofereceu a mão para mim.

Seus olhos estavam com um brilho frio e ele tinha um sorriso

irritante no canto da boca. Seu cabelo malditamente não precisava de um corte.

Tirei minha mão da sua com um leve "puxão", e fui alvo de olhares intrigados e divertidos das meninas que desconfiavam, e agora tinham certeza que Miguel Giacomelli havia me mandado flores algumas vezes. Sua visita não era por acaso nem à toa, e todas sabiam que esse não era o salão que o seu cartão de crédito ilimitado passava quando estava no Brasil, mesmo em Campinas.

Ainda assim, seu cabelo foi cortado, sendo aparado muito pouco sob suas instruções, então ele olhou para Rosana e perguntou interessado qual era a sua função.

— Manicure.

— E você? — ele olhou para a Kelly, que sorria com afobação e modificava ligeiramente o tom de voz para dizer que era pedóloga.

— E você? O que faz? — ele arqueou a sobrancelha para mim, como se dissesse "além de fugir, claro". *Bastardo!* Isso era um jogo para ele.

— Maquiadora. Por quê? Quer se maquiar? — meu gênio levou a melhor sobre mim e o queixo de Vera foi ao chão com a minha grosseria. Pronto, agora vou perder o emprego por causa dele!

— Quero. — o prazer que senti em confrontá-lo vacilou ainda mais. *Ele era louco?*

— Está surpresa? Sou Drag Queen no meu tempo livre, querida.

Seu sorriso não poderia ser maior ou mais debochado, ele não tinha receio de que fosse colocada em dúvida sua masculinidade. Não que elas fossem, mas Miguel sabia qual era o seu lugar no mundo e não se importava com a opinião de ninguém sobre ele.

— Tem algum lugar onde ela possa me maquiar com alguma privacidade, Vera? — ele sorriu seu sorriso assassino para ela.

— Claro! — Vera se apressou em indicar, como se fosse perfeitamente normal um homem pedir por isso em seu salão quando ele tinha vindo primeiramente para um corte, mas lançando um sorrisinho

esperto em minha direção ela me meio que me disse que estava sacando tudo. — Ali querido, na ala da Kelly. Tem uma cadeira confortável onde você poderá sentar enquanto a Vivian...

Ela não terminou a frase de propósito.

— Claro, enquanto eu faço sua maquiagem de Drag Queen. — terminei por ela.

Pois Miguel também havia entendido a sugestão por trás da frase incompleta e ergueu ligeiramente uma sobrancelha sugestiva para mim.

Contra minha vontade meu rosto começou a arder, especialmente quando um sorriso do tamanho do mundo tomou conta da boca dele.

Eu agarrei minha maleta com força, com o básico de maquiagem dentro, e girei em meus calcanhares seguindo na frente em direção a ala da Kelly; sem me preocupar que ele fosse me seguir. Eu o sentia atrás de mim, se movendo como um predador, lentamente. E eu realmente me senti na mira de um quando Miguel fechou a porta atrás dele, nos protegendo dos olhares curiosos na pequena sala, que pareceu ainda menor com a presença poderosa e marcante do Giacomelli.

Olhando com raiva para mim, Miguel caminhou para perto e me confrontou, cruzando os braços.

Ele não me tocou de nenhuma forma, se limitou a arquear a sobrancelha para a maleta que eu segurava como um escudo, claramente me dizendo com os olhos que eu não precisaria usar nada de dentro dela no rosto dele. Então apenas me intimidou com sua altura, pose chateada e soberana até que não aguentei mais e perguntei o que ele estava fazendo.

— Transamos sem proteção.

— E a culpa é de quem? — eu gritei, pois o fato não tinha me ocorrido ainda e ele me acertou em cheio, como um soco.

E o quê? Ele estava jogando a culpa disso em mim agora, era isso?

Miguel grunhiu baixinho um aviso, como se estivesse me esperando para cuspir em seguida uma resposta malcriada que eu estava segurando para minha própria pergunta.

— Você está preocupado? Eu não tentei lhe dar o golpe da barriga, se quer saber, e esse erro é seu!

— Vivian.

— Além disso, vou ao meu ginecologista religiosamente. — me afastei. — Você pode falar com ele, se quiser. E sou eu quem deveria me preocupar, acho. Uma vez que você já comeu meio mundo.

Ele avançou mais um pouco e o seu corpo cobriu completamente o meu, me prendendo contra a parede. Seus dois braços foram apoiados ao lado da minha cabeça e sua boca agora perto demais da minha me colocou no meu lugar.

Eu me calei.

— Não me lembro de você pedir para que eu usasse um preservativo. — ele disse com dificuldade, a raiva indisfarçável em sua voz. — Estou limpo. — enfatizou. — *Você está protegida?*

— Agora você se preocupa? — cuspi. Ele fechou os olhos, lutando com próprio gênio, que estava longe de ser melhor que o meu.

— Apenas não gosto de ser pego de surpresa.

— Pode ficar sossegado, eu tomo anticoncepcional. — disse, mas vasculhei a minha mente para ter certeza de que eu tinha mesmo tomado a pílula ontem. Estava com a cabeça tão cheia de Miguel que não me surpreenderia se eu tivesse esquecido.

Ele deve ter visto o início do pânico no meu rosto, pois seus olhos se estreitaram de leve e ele me estudou com mais atenção. — Eu tomo. — assegurei, engolindo o meu alívio.

Agora sua visita fazia sentido, era a sua preocupação sobre uma gravidez. Ele se esqueceu de usar o preservativo e por isso veio me procurar. Geralmente eu não era irresponsável, não gostava de ser, mas não me culparia agora por transar sem proteção uma vez que o mal estava feito. Miguel não era estúpido. Não duvidava que estivesse limpo. Ele devia mesmo se preocupar em se proteger, por motivos óbvios, e não deveriam ser poucas as mulheres que gostariam de garantir o próprio futuro engravidando de um

filho seu.

Mas eu não era uma delas.

— Pensa que achei divertido acordar sozinho?

Não tentei fingir que não sabia do que ele estava falando.

— Precisava chegar em casa a tempo de ir com a minha irmã e o marido dela para Sorocaba.

— Por que não me acordou? — ele segurou, depois apertou delicadamente o meu queixo para que eu o olhasse nos olhos. — Poderia ter me deixado com um beijo, pelo menos.

— *Miguel.*

— Por que eu não acredito em você, Vivian? — eu suguei uma respiração com a acusação, mas mais por sua boca que pairar perigosamente sobre a minha. Eu me aproximei.

A raiva tinha ido embora do seu rosto e ele parecia... Manso.

Cansado.

Miguel não me beijou, mas levou o seu rosto para um cantinho no meu pescoço, pelo lado direito, e quando voltou para mim ele tinha uma expressão quase sonolenta... Tão linda e tão cheia desejo, tão doce para alguém daquele tamanho e de ar naturalmente sério, quase sempre arrogante, embora não achasse mais que ele fosse que não resisti e segurei seu rosto para beijá-lo.

— Apareço para te pegar mais tarde. — ele disse. Os olhos brilhando e o cenho franzindo, como se esperando e me desafiando a dizer não para ele. Eu ainda abri a boca para tentar, mas acabei desistindo.

— Você está me comunicando, certo?

Ele franziu mais o cenho.

— Certo.

Quando saiu pela porta, eu escutei claramente quando se despediu das meninas com um breve "senhoras". Eu me apressei para vê-lo passando a

mão no cabelo para colocar os fios castanhos no lugar, antes de desaparecer de vista pela saída. Então me joguei na poltrona e cobri os olhos com as mãos, quando elas correram, inconscientemente disputando quem chegava primeiro, quando Miguel saiu da sala e do salão sem um pinga de maquiagem em seu rosto.

— Drag Queen é?

— Pode começar a falar!

— Que sortuda miserável! Solta tudo!

— Ah, não... Nem comecem, por favor. — eu me levantei, mas elas me seguiram.

— Não seja uma vaca egoísta, conte tudo!

— Estamos nos conhecendo. — olhei para as três únicas amigas que fiz em minha estada aqui.

— Ah, deixe-me ver... Ele veio aqui, cortou o cabelo e até estava disposto a se maquiar como uma Drag Queen porque vocês estão, só, se conhecendo?

— Eu dormi com ele. Satisfeitas? Ele veio aqui porque eu me esgueirei para fora da cama e do apartamento quando ele estava dormindo.

— Oh, foda! — Rosana tapou a boca.

— Você é louca? — A Kelly ficou indignada comigo. — Vivi, aprenda uma coisa com as paulistanas, sua caipira burra, que homem como aquele não dá em árvores!

— Ei! — me defendi, mas ela não queria realmente me ofender e eu não queria contar o verdadeiro motivo de Miguel ter vindo. Eu tinha sido imprudente. Nós dois tínhamos.

— Quero que abra o olho.

— Está aberto. — resmunguei. Então cada uma voltou, relutantemente, ao trabalho.

Ao anoitecer, eu voltei para casa perdida nas músicas em que ouvia e

pensando no que eu estava fazendo com a minha vida. Era fato que o medo e o orgulho tinham o seu lado bom, mas eles tinham mais de um lado ruim. Eu estava no meio desse fogo cruzado, sem saber ao certo se me impedia de ser trouxa ou de ser feliz.



Apesar de ter dito a mim mesma que seria uma única noite, que só por uma noite seria seguro, eu estava novamente dentro do carro caro. Eu sabia exatamente porque estava aqui e mal podia esperar para estar com ele novo. No entanto, essa seria a última vez.

Os meus joelhos por pouco não cederam quando Miguel apareceu vestido todo de preto em minha porta. O cabelo ligeiramente bagunçado, e a barba de dois dias que o deixava irresistível e muito mais sexy que o normal.

Isso não era um bom sinal.

Meu estômago revirado com a chegada dele não era um bom sinal.

— Pensei que estávamos indo para o seu apartamento. — disse com surpresa, quando ele me guiou para dentro de uma fachada amarela que se revelou um charmoso restaurante.

— Você não jantou.

— Não. — e não estava com fome.

— Reservei uma mesa no Lopo. É um restaurante que minha irmã recomendou, disse que esteve ontem aqui com uns amigos e a comida é boa.

Eu apenas aceitei, já sabia como as coisas funcionavam com ele e seria melhor não bater o pé e começar algo que eu não tinha certeza se terminaria com nós dois abraçados, no dia seguinte.

Fomos conduzidos da entrada até a mesa por um rapaz simpático, beirando os vinte, e sorri quando Miguel no caminho até a mesa se interessou demais pelas costas do meu vestido.

— O que você está fazendo aí? — eu bati em sua mão.

— Nada.

Eu arqueei a sobrancelha para ele, mas aceitei sua resposta quando sentou na minha frente e fez os pedidos.

— Não está gostando do restaurante? Parece simples, mas a comida é deliciosa. — puxei assunto depois de um tempo comendo em silêncio. Ele parecia incomodado com algo e isso, por consequência, me incomodou também.

— Já terminou?

— Bem... Já. Estou satisfeita.

— Vamos embora.

Ele pagou a conta, me guiou em direção ao carro e abriu a porta para mim.

— O que foi?

— Tem um rasgo enorme em suas costas. Comprou assim ou fez em casa?

Sua pergunta cheia de maldade apertou os meus botões de briga.

— Fiz em casa. Por quê? Acha que merece um na frente também?

— Para usar aonde? — eu não respondi, ele estava claramente dando corda para eu me enforcar.

Suspirei. *Diabos de homem louco!*

Miguel colocou minha mão na sua coxa, depois arrou o cabelo com a mão e ligou o carro. — É melhor não responder.

Percebi que estava se transformando em um hábito ele colocar minha mão na sua perna enquanto dirigia, mas sua resposta me irritou e decidi fazer um coque no cabelo.

— Vivian.

— Que bicho te mordeu?

— Você não quer saber.

Não, eu não queria.

Virei à cabeça para o lado e não deixei mais minha mão cair de jeito nenhum em sua perna. Ele estava cheio de ira silenciosa. Deixei que mexesse com perna, inquieto, atraindo a minha atenção para aquela área uma e outra vez... Mas não coloquei minha mão lá de volta.

Fiz de propósito, e uma parte de minha se divertiu que ele se importasse tanto com isso.

No entanto, quis abraçá-lo e fui obrigada a esconder um sorriso quando no meio do caminho ele pediu desculpas.

— Não sei por que estou chateado.

— Isso é bom, porque eu não tenho ideia do que possa tê-lo chateado também.

— Vamos esquecer isso.

Eu dei de ombros.

— Tudo bem.

Ele beijou minha mão antes de colocá-la em sua perna.

— O vestido é lindo.

— Pensei que ele tivesse um rasgo enorme nas costas?

— Ele tem.

— Ah, ok então. Obrigada... Eu acho. — não estava entendendo mais nada.

Ele voltou a sorrir, relutante, e por ter sido relutante foi à coisa mais linda do mundo e incrivelmente charmoso. Fora do carro, no estacionamento do prédio, ele me beijou; me tirando sem esforço do chão.

— Vamos. — ele sorriu enigmático quando meus pés sentiram a firmeza do piso de azulejos antes de entrarmos de mãos dadas no elevador.

Dentro do apartamento, ele encostou seu corpo na porta e sorriu um sorrisinho mal depois que entramos.

Eu levantei a sobrancelha para ele.

— Você parece satisfeito... — eu não sabia se isso era uma coisa boa.

Eu estava começando a ter certeza que não.

— Vá até ao meu quarto. No banheiro você vai encontrar um robe de seda preto. Quero que use para mim.

— E o que você está pretendendo com isso?

— Uma noite especial para nós?

— Ah... — “será que ele tinha ficado muito chateado por eu ter me esgueirado do apartamento?” fiquei pensando. — Uma noite especial para nós. — eu testei a frase em minha voz.

— Você parece desconfiada. — ele quase sorriu. *Quase.*

Com você? Todo cuidado é pouco, meu filho.

— Impressão sua. — eu franzi o lábio inferior com o polegar e o indicador, pensando no que poderia ter colocado aquele sorrisinho endiabrado em sua boca.

— Eu vou ficar esperando aqui.

Ele disse quando me virei em direção ao quarto.

— Nua embaixo do robe. Não esqueça, Vivian.

Ouvi a ordem em minhas costas e senti os joelhos fracos, assim como uma pontadinha no miocárdio.

Não parei. Estava curiosa para saber o que me esperava. Quando passei pela porta, me deparei com quarto iluminado por um pequeno abajur. Liguei a luz e vi a cama coberta pela linda colcha de seda preta.

Olhei ao redor para as mudanças no quarto. Toques sutis. Não tinha pétalas de rosas na cama, mas o ambiente parecia estranhamente romântico, como se tivesse sido preparado para uma noite especial.

Encontrei o robe no banheiro e tirei a roupa. Protelei um pouco para

voltar, me sentindo tímida agora que estava nua.

Parecia que ter ido embora de sua cama me garantiu mais uma noite com ele. Eu me perguntava se talvez não pudesse tentar isso de novo.

Quando voltei para a sala, ele me olhou com olhos sonolentos. Ele tinha as costas deitadas no sofá e suas longas pernas esticadas no chão. Estava descalço e o cabelo ainda mais bagunçado que antes. Um copo com líquido transparente descansava em uma de suas mãos, poderia ser água ou vinho, mas eu desconfiava que fosse vinho pelas bolinhas que se formaram quando Miguel sacudiu o copo.

Uma música suave em inglês que eu não conhecia tocava baixo no aparelho de som.

— Vem cá. — ele se inclinou e colocou o copo sobre o centro de vidro. — Você está combinando comigo.

Ele olhou para baixo, para a camisa. E pela segunda ou quarta vez, eu pensei em como o preto combinava com ele.

Caminhei em passos lentos até Miguel, o robe era curto e deixava muito pouco para a imaginação, meu cabelo estava solto e balançava em minhas costas. Eu me sentia bonita quando me sentei no sofá de frente para ele, tendo o cuidado de manter as coxas bem apertadas juntas.

Ele olhou para elas antes de se inclinar e roçar os lábios nos meus. Eu segurei delicadamente o seu rosto quando me beijou de forma suave, me levando para o seu colo. Seus lindos olhos pesavam como se tivessem sono quando ele olhou depois do beijo para mim.

Eu acariciei um lado do seu rosto, absorvendo o impacto de sua beleza, vendo Miguel passar a língua lentamente sobre os lábios; como se ainda pudesse degustar neles o gosto da minha boca ou um pedacinho de uma coisa muito boa.

Levei minhas mãos para a sua camisa enquanto ele passeava preguiçosamente com as palmas pelas minhas coxas, ao mesmo tempo em que procurava um lugarzinho em pescoço para o rosto, como se não conseguisse ficar longe por muito tempo do meu cheiro.

Ele fez isso quando comecei a abrir sua camisa, espalhando beijos da orelha ao meu queixo, até que precisei "escapar" do pequeno ataque para terminar de abrir sua camisa.

Estranhei sua calma, ele estava quieto e estranhamente paciente.

Eu beijei seu peito quando terminei de desfazer o último botão da camisa, levantando e indo de novo para o seu colo, me sentindo preciosa pela maneira como me segurava.

Por dentro ardia, não queria parar de beijá-lo, mas o clima manso e apaixonado que ele mantinha entre nós alimentava uma parte minha que precisava disso e deixei que continuasse.

Não iria apressá-lo.

Um de seus braços fortes rodeou a minha cintura, sua mão veio para o meu queixo e Miguel me segurou para o beijo profundo que tinha em mente agora.

Eu puxei minha boca da sua para terminar de tirar a camisa que ainda pendia em seus ombros, não me contendo, não querendo qualquer tipo de tecido em sua pele e ganhei uma mordidinha repreensiva no lábio acompanhada de uma leve beliscadinha na coxa que simplesmente me fez gemer. Ele me tinha sentada em uma de suas pernas e eu mantinha uma mão delicada em sua nuca. Nossos narizes se tocavam, e quando nossos olhos se encontraram naquele momento, meio que nos abraçamos quando Miguel roçou o seu nariz no meu em um beijinho fofo.

Sua paciência e determinação em levar as coisas lentas vacilaram quando a alça do meu robe caiu e ele viu o meu seio, a auréola rosa, o bico arrepiado de tesão. Ele desfez o laço que prendia a peça fechada, me colocou mais na ponta da perna e deixou a boca cair em meu seio. Com um gemido, eu joguei a cabeça para trás. Meus olhos caíram fechados, perdida no calor de sua boca e afundei as unhas em sua pele quando seus dedos avançaram lentos pela minha perna até me encontrar me molhada no fim daquela deliciosa exploração.

— Miguel...

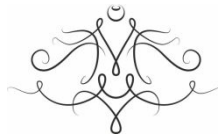
Eu tinha os cinco dedos da mão apoiados em seu tronco, meu braço descansava por trás de suas costas e ele me servia de apoio, em uma posição confortável para observar fascinada o seu rosto enquanto ele chupava apaixonadamente o meu seio. Ao mesmo tempo, um filete de suor descia pela minha espinha com o toque lento dos seus dedos lá embaixo.

Eu estava me segurando para não gemer muito alto.

Então de repente ele levantou-se do sofá com meu corpo nos braços, me carregou para a cama e deixou que as minhas costas deslizassem sobre a seda de seus lençóis sem pressa.

— Estou fodido, Vivian. — gemeu. — Malditamente fodido. — e desfazendo-se por completo do meu robe, sorveu o mamilo vermelho do outro seio com sofreguidão, antes de descer pela minha barriga uma trilha de beijos e me fazer ver estrelas.

Eu segurei amorosa os fios de seu cabelo, depois de ter me arrependido de puxá-los com tanta força aos gritos e gemidos, tremendo igual vara verde sob os suaves e controlados golpes de sua língua na minha boceta.



Quando acordei, eu me angustiei quando olhei ao redor do quarto, vendo como o sol já estava alto no céu... Passando descaradamente através da cortina que cobria a ampla janela de vidro. Tentei me levantar, mas não consegui. Tentei outra vez, achando o pensamento insano, ridículo, e foi sem acreditar nos meus olhos que vi minhas duas mãos presas na cabeceira da cama por um par de algemas forradas.

Eu fiquei imóvel quando ele se moveu preguiçosamente atrás de mim.

— Que foi, amor? Tentando ir embora outra vez?

Ele derramou seu sarcasmo em minha orelha.

Eu arfei chocada.

— Miguel... Que merda você fez? Me solta! — eu ordenei quando

ele encaixou o corpo no meu, cheirou o meu cabelo, jogou o peso do braço sobre a minha cintura e...

Ele estava pensando que ia voltar a dormir comigo presa?

— Miguel! — eu me movi, batendo com os pés em suas pernas.

Ele resmungou.

— Colabora, Vivian.

— Ora, seu... — senti mais do que vi o estreitar de seus olhos, me esperando concluir a frase mal criada. Não, eu não faria isso. Não quando estava presa, a mercê de seu bom humor. — Miguel, eu preciso mesmo ir embora. Por favor. — eu pedi suave, soprando o cabelo do rosto quando ele levantou e passeou nu na minha frente, se espreguiçando lânguido, muito descarado, antes de tomar o rumo da porta e...

— Miguel... Eu não estou brincando... Me solta! AGORA! Aonde você pensa que vai? Volta aqui, seu louco!

Eu gritei tentando me soltar, chutando os lençóis com força agora, e colocando do inferno para dentro alguém que claramente divertia-se com a minha raiva.

— Por que está tão brava?

— Você me prendeu!

— Isso deve realmente enlouquecer uma fujona.

— Não sou fujona.

— Ah, você é sim. E estou me perguntando... Tímida ou cretina?

— Vá para o inferno!

— Tem ideia de quantas mulheres sonham em serem algemadas na minha cama? — ele perguntou, e não havia deboche em sua voz.

Ele era arrogante, mas ali parado na porta Miguel Giacomelli apenas constatava um fato.

Isso me irritou.

Eu arqueei a sobrancelha para ele, questionando a veracidade daquilo, no entanto.

— Você ficaria surpresa. — ele zombou.

— Oh, ótimo. Então me solte e vá fazer o dia de uma dessas mulheres, buscando-as para algemar, porque eu tenho um dia de trabalho me esperando e não posso ficar.

— Tem certeza de que quer mesmo que eu faça isso? — ele arqueou a sobrancelha. — Que vá trás de outra mulher?

Não, cretino.

— Já estou atrasada.

Ele pegou a chave e abriu as algemas, mas isso não significava que eu estava exatamente livre para procurar meu vestido, os sapatos e depois fugir com meu rabinho entre as pernas como pensei que faria.

— Só queria acordar desse jeito. — ele deitou ao meu lado e me abraçou por trás, jogando o peso de um braço forte sobre mim.

Eu preendi a respiração antes de relaxar, sentindo seu peito subindo e descendo junto com o meu, minha respiração entrando no ritmo da sua.

— Estou com sono. Você é insaciável, sabia? E quando finalmente caiu em cima de mim toda molinha e satisfeita, eu fiquei de olho em você. Pensando em como eu poderia dormir sem me preocupar em acordar sozinho.

Insaciável? Oh... *Se preocupar?*

Por que ele faria?

Eu tentei me virar, mas ele me segurou.

— Fica quieta, Vivian.

— Hoje é terça-feira, Miguel. Eu tenho trabalho.

— Depois de ontem, está me devendo um soninho assim. — ele afundou o rosto no meu cabelo e respirou.

Miguel não parecia um mulherengo naquele momento, mas um

menino carente.

Eu suspirei, me dando por vencida. Teria tempo de pensar em uma desculpa para a Vera, talvez nem mesmo precisasse de uma se dissesse com quem estive, e aproveitei o seu abraço gostoso e quentinho para ficar exatamente onde eu queria por mais tempo.



Não sei por quantas horas dormi, mas acordada, imaginava o que talvez pudesse ter me despertado. Tinha o pressentimento de que havia sido alguma coisa.

Olhei para o braço de Miguel sobre a minha cintura, ele ainda dormia um sono profundo. Devia estar mesmo com sono como disse. Não virei para ver direito o seu rosto como queria porque poderia acordá-lo me mexendo, e esfreguei os olhos. Foi quando escutei um celular tocando baixinho.

No chão, perto da calça e do cinto dele.

Não pensei em atender uma vez que não era o meu, pois nunca era uma boa ideia invadir a privacidade de alguém. Virando para o lado, decidi acordar ele.

— Miguel... — sussurrei, deixando um beijinho em seu queixo. Logo outro perto da boca.

— Minha gatinha está aprendendo. — ele aprovou, sorrindo e me apertando de olhos fechados.

— Seu celular está tocando. — informei.

Ele franziu o cenho, e quando eu não disse mais nada abriu os olhos.

— Deixa tocar.

— Pode ser importante. Não é a primeira vez que toca.

Ele então levantou para pegar o aparelho, e vendo quem era na tela, se desculpou e foi atender fora do quarto.

Eu aproveitei para entrar no banheiro, ajeitar o cabelo, tirar o resto de maquiagem do rosto e colocar o vestido que tinha sido esquecido lá ontem à noite. A calcinha eu não fazia ideia de ontem estava, mas pelo menos um sapato eu vi no quarto, o outro só poderia estar debaixo da cama.

Quando ele voltou, meu cabelo estava arrumado em um rabo de cavalo, o vestido pelo tecido não ficava amassado, os sapatos estavam em minhas mãos e a calcinha perdida em algum lugar do apartamento.

Eu senti minhas bochechas esquentando com o seu olhar escuro e aquecido.

— Você parece uma menina sem os saltos e a maquiagem.

— Não sou uma menina, sou pequena.

— Eu sei. Esse rostinho de boneca me fascina.

Eu pigarreei.

— Hum, vou pegar um táxi.

— Era o meu pai, ele quer toda a família reunida em um jantar hoje.

— Tudo bem, não precisa se explicar.

Ele franziu o cenho.

— Quero que você venha comigo.

— Hoje... Não vai dar. Eu marquei de ir ao cinema com a Rosana e a Kelly.

— Não pode desmarcar?

— É de lei, não posso faltar.

Mentirosa.

— O jantar será em Porto Alegre, Vivian. Passaríamos a noite lá.

Oh, droga. De jeito nenhum.

— Miguel... Eu realmente...

— Você está resistindo e isso não me agrada em absoluto.

— Você está acostumado com as coisas do seu jeito, isso é óbvio. — eu me afastei, pegando o caminho da porta. — Acho que ter ido embora de sua cama foi um erro. Eu entendo que isso seja novo para você, uma mulher que não quer te manter num porão a pão e água para não correr o risco de ser facilmente trocada, mas eu não vou ficar aqui tempo suficiente para deixar de ser novidade. Depois do Natal, eu estou indo para casa. Quero passar o réveillon com os meus pais no Nordeste.

Suas narinas inflamaram.

Ele virou o rosto como se tivesse tomado um soco.

— O que você tem na cabeça, menina?

Eu me encolhi com o tom duro de sua voz.

— Como disse, vou pegar um táxi.

Ele arou o cabelo com a mão, seu corpo era um muro entre eu e a porta.

— Nós vamos comer e depois eu levo você em casa.

— Não precisa.

— Vivian, não me tire do sério. — ele passou um braço pela minha cintura e me tirou do chão.

— É triste ser pequena.

— Você não pesa quase nada.

— Mas não sei voar, não me jogue pra cima.

Ele riu quando fez menção e eu me enrosquei em um emaranhado de pernas e braços ao redor de sua cintura e pescoço.

— Idiota.

Ele estreitou os olhos para mim, me fitando com aquela cara de juiz destruidor de calcinhas que manda na porcaria toda... Mas de brincadeira.

— Desculpe. — eu pedi, envergonhada.

— Não se pode ser muito bonzinho, né? Aceitamos coisas como

“idiota” e não demora muito para não termos mais um pênis. Elas cortam impiedosamente ele fora.

— Eu vou fingir que não ouvi isso.

Quando ele me colocou sentada na ilha da cozinha, ouvimos a campainha tocar.

Miguel franziu o cenho, como se não pudesse imaginar quem fosse o visitante, e algo em meu coração me alertou para ir embora.

— Eu já volto. — ele prometeu.

Quando voltou com duas mulheres no encalço, eu me perguntei por que demônios ainda estava aqui.



SEIS

Vivian

SENTADA NO BALCÃO alto, com as coxas juntas para não ser descoberta sem calcinha, eu me senti inferior às duas beldades que caminhavam atrás dele. Olhei para as minhas unhas, meus pés que balançavam inquietos no ar, e só não pulei para o chão porque não seria graciosa fazendo isso. Talvez eu até mesmo torcesse o pé, considerando a sorte que eu tinha.

— Vivian, essa é a minha mãe, Jordana...

Meus olhos voaram incrédulos para o rosto dele.

— E essa coisinha pequena é minha cunhada, Lise. Mãe, Lise, essa é...

— Uma amiga nova. — sorri sem graça, saltando do balcão e impedindo qualquer coisa que ele fosse dizer. Miguel tinha um sorriso sarcástico no canto da boca, e um brilho de prazer perverso iluminou os seus olhos quando ele deu uma pausa proposital para me apresentar. Eu não permitiria, no entanto, que ele fizesse nenhum jogo com isso. Não com sua mãe e sua cunhada no meio, e não com o brilho surpreso nos olhos da mais nova e o de curiosidade genuína nos da mais velha.

Velha era força de expressão, a mãe de Miguel era linda. Quando caminharam para mim, eu não seria capaz de imaginar que fosse ela a mãe de um homem desse tamanho. O rosto longo e aristocrático acentuado por aqueles olhos azuis levemente esverdeados me fazia lembrar uma modelo que fez muito sucesso na sua juventude. Eu poderia perfeitamente imaginá-la mais jovem, em como seria bonita com aquelas longas pernas desfilando em uma passarela para a Hèrmes e Chloé. Ela parecia aquele tipo de mulher que nasceu para ser esposa de um homem rico e influente.

— Olá Vivian. É um prazer conhecê-la, querida. — seu timbre era agradável e ela me pareceu bonita por dentro e por fora. Estava vestida com tons claros, muito elegante; assim como a mulher ao seu lado, de calça jeans e blusa creme com seus sapatos altos e óculos enormes no topo da cabeça.

Eu me senti ainda mais inferior sabendo quem eram as duas.

— É um prazer, senhora. — não passou pela minha cabeça fazer qualquer menção de tocá-la, mas ela se aproximou e beijou minha bochecha, me pegando totalmente de surpresa. Lise também sorriu e, mais alta que eu sem os saltos, também teve que se abaixar levemente para me abraçar.

Miguel observava nossa interação com interesse, observando os sentimentos que passavam pelo meu rosto e pelo rosto da mãe e da cunhada.

— Foi um prazer conhecê-las. — dessa vez eu sorri de verdade. — Miguel estava indo conseguir um táxi para mim quando a campainha tocou. — eu menti, pois não me sujeitaria a ficar mais nenhum segundo no apartamento com elas, mesmo que fossem agradáveis.

Sua mandíbula apertou.

Eu segui para a porta, e pelo canto do olho peguei o momento em que ele juntou os meus sapatos do chão e seguiu atrás de mim. Seu olhar perfurando um buraco em minhas costas.

Eu empertiguei a coluna, sentindo a antecipação do confronto na boca do estômago e me perguntando mentalmente se eu estava doida por ansiar isso.

Quando estava quase chegando à porta, a campainha soou outra vez.

Miguel se adiantou e abriu, revelando na soleira desta, dois homens altos e bem vestidos casualmente.

Eu fiquei imóvel quando os olhos do mais velho se detiveram em mim.

Oh, não. Eu conhecia esses olhos verdes profundos. Eu tinha visto ele em minhas pesquisas e as fotografias não faziam jus à aparência do homem pessoalmente. Alto, grisalho, mas ainda tão bonito. Seus olhos tinham um brilho vivaz, misterioso, perigoso como os do filho. Eram olhos de um predador.

Eu estaquei perplexa.

— Pai, Arthur? — Miguel também parecia surpreso. — Eu pensei que você estivesse a caminho de Porto Alegre?

— Não sem você. — seu pai disse, me examinando. — Quem é a moça encantadora? — ele arqueou a sobrancelha, e não sei explicar por que, mas no mesmo instante minhas bochechas arderam.

— Hum, eu estou atrasada. Meu nome é Vivian, foi bom conhecer vocês. Adeus — eu covardemente escapei pela porta, agradecendo silenciosamente ao irmão dele por ter me aberto passagem antes que eu chegasse ao ponto de passar por debaixo do seu braço para sair da sala.

— Vivian!

Miguel me alcançou no elevador.

— Miguel, eu preciso ir. Fique com sua família, tenho certeza que seu Onofre pode me conseguir um táxi.

Ele procurou meu olhar, seus olhos sérios procuravam uma pista do que estava errado no meu rosto.

Ele não poderia desconfiar que ficando cara a cara com sua família, assim de repente, trouxesse à tona demônios que eu só descobri há pouco tempo que tinha. Eu estava me sentindo estranhamente encurralada, incomodada, inadequada de uma maneira realmente ruim. Eu queria fugir desses sentimentos inferiores.

— O que está errado, minha bonequinha? — ele segurou os dois lados do meu rosto, e seu pai, pela maneira em que estava escorado na soleira da porta, viu quando colou os lábios nos meus. Eu fechei os olhos, mortificada.

Oh, Miguel.

— Só quero ir pra casa.

— Venha para Porto Alegre comigo.

— Não posso.

Ele encostou sua testa na minha.

— Por que eu tenho um gosto especial nas complicadas?

— O quê?

— Nada. Eu ainda posso levar você em casa...

— Não, eu pego um táxi. — senti que ele ia protestar e acrescentei: Eu prefiro.

Apertei o botão do elevador sentindo o nó na minha garganta crescer e fazer difícil a minha respiração, olhando já com saudade para ele, e quando entrei no táxi, minutos depois, só não chorei porque chorar seria admitir que...

Não.

Minhas emoções por Miguel eram todas passageiras. Quando eu fosse embora, ele também ficaria para trás.

Como uma boa recordação, era certo, mas nada mais que uma boa lembrança.

Miguel

A casa dos meus avós ficava em Terra Ville, uma extraordinária mansão de 1104m² de muito luxo, sofisticação e conforto. Lar do meu pai desde sua época de adolescente problemático.

Cheguei e caminhei direto para o meu quarto. Não aguentava mais as piadinhas de Arthur e não parava de pensar em Vivian. Me joguei na cama, por cima da colcha preta, e olhei para a televisão em frente a ela. Para a lareira, para a sacada e depois para o quadro na parede da minha cama. Estava inquieto, frustrado e impaciente de um jeito extremamente atípico.

Queria ela.

Quando a noite chegou, eu desci para a reunião e dediquei toda a minha atenção para a princesinha da família, a única pessoa do sexo feminino que não testou minha paciência hoje. Depois do jantar falaríamos de negócios e sairíamos em seguida para uma boate onde encheríamos a cara. Era tudo o que eu precisava para me sentir Miguel Giacomelli outra vez, o legítimo, uma noitada. Uma noitada daquelas.

— Miguel, estou pensando em me aposentar. — meu pai olhou diretamente para mim, sem fazer rodeios. Ele sempre ia direto ao ponto, e entendi o porquê de o jantar ser em Porto Alegre: Pressão. A sala toda estava em silêncio e senti o olhar de vovó e vovô queimando um buraco em mim.

— Pai...

— Eu sei que está tentando começar algo por você e tem todo o meu apoio. Isso não o impede de assumir meu lugar, no entanto. Você tem um sócio que pode tomar conta de tudo para você.

— Arthur também é seu filho. — eu o lembrei. Não gostei de ser duro com ele, principalmente quando vi a tristeza nos olhos de mamãe e sua mandíbula apertada.

— Arthur tem a família e o trabalho dele.

— Eu tenho o meu trabalho e um dia terei minha própria família. Não é porque Ana morreu no dia em que a pedi em casamento, há dois anos, que eu vou ficar solteiro o resto da minha vida.

— Você é o mais velho, Miguel. Eu confio em você para assumir

meu lugar e fazer melhor do que eu fiz. Eu o preparei a vida toda para isso.

— Relaxa paizinho, o senhor me coloca na sua cadeira e eu faço melhor que Arthur e Miguel juntos. — Cristina nos interrompeu, e o poderoso Oscar Giacomelli se derreteu aos seus pés.

— Vamos deixar você cuidando apenas do seu blog, querida? — meu pai sorriu com amor. — Eu me entendo com Miguel depois.

— Então, quem vai sair para beber? — olhei criticamente ao redor da sala.

— Quem era a moça no seu apartamento? Aliás, por que comprou aquele apartamento? Não fez um bom negócio, conheço melhores em Bragança. — Arthur perguntou, tirando um gole do café e se intrometendo onde não era, para variar, chamado. — Não venha me dizer que era uma nova amiga, papai me disse que se beijaram no elevador e você não tem amizade com mulheres bonitas. Quero dizer, não apenas amizade.

— Ele está caidinho por ela. — minha irmã mais nova que foi encontrada no lixo provocou, mas eu a ignorei.

— Você vai ou não pedir permissão a Lise para sair para beber? — eu ataquei. — Se ela não deixar, tudo bem, eu vou sozinho.

— Alguém aqui está apaixonado? — ele atirou o guardanapo em mim.

— Imbecil. — eu segurei o guardanapo, e cansado das criancices dos meus irmãos joguei-o na mesa e peguei o caminho do hall para fora. Estava raivoso como um cachorro, a ponto de rosar, e me sentindo o maior dos idiotas por ter cedido à provocação de Arthur. Até o meu pai estava com um sorrisinho torto no canto da boca quando deixei a mesa.

Era oficial, eu precisava de algum álcool no sangue para terminar a noite.

— Ei cara, as meninas vão também.

Arthur me seguiu.

— Você ainda tem as suas bolas? — eu olhei diretamente para ele.

— O que?

— Ainda tem as bolas ou Lise anda com elas dentro da bolsa?

— Que mau humor do cão é esse?

— Mulher é um diabo complicado.

— Que merda. Você realmente está apaixonado?

— Não estou.

— Já passei por isso, meu irmão. Nossa tendência é negar, negamos até não podermos mais, isso para nós mesmos, sem termos nenhuma ideia do quanto estamos sendo patéticos no processo.

— Foda-se.

Eu estava encantado por ela, com a cabeça virada, com raiva e saudade, mas ainda não era... Foda-se. Foda-se. Foda-se.

— Vamos sair.

— Espera as meninas.

Meia hora depois, elas tiveram a decência e boa vontade de descer. Eu estava no limite com as mulheres da minha vida.

— Até você, mãe?

Isso era demais.

— Seu pai quer ir. Não posso deixá-lo sozinho em uma boate.

— Oh, grande pegador.

Meu pai bateu com a mão na parte traseira da minha cabeça.

— Já fui garanhão.

Mamãe riu.

— Que coisa horrível Oscar!

— Que merda. Vamos sair daqui. Meus pais namorando na minha frente... Vai ser difícil de esquecer. — eu estremeci de leve.

— Deixa de ser bobo, filho!

— Vamos. — o grande Oscar ordenou e cada casal pegou um carro. Como se não bastasse tudo o que eu passei no dia, meu par da noite no carro era Cristina.

Ficar bêbado a ponto de não me lembrar de nada me pareceu cada vez mais interessante à medida que o tempo passava, a música alta agredia os meus ouvidos e o uísque descia sem controle.

— "On the rocks" — eu repeti, olhando para a pista em que Cristina e Lise balançavam os quadris. Vi uma loira platinada quieta no canto, e desejei que seus cabelos fossem mais escuros, seu corpo menor e levemente mais cheio. Eu pensei na minha mulher, em como eu queria que ela se virasse e caminhasse para mim, que ignorasse a cadeira ao meu lado e sentasse diretamente no meu colo.

Não era possível, porra.

— Estou fodido.

— O que está pegando, Miguel? — a voz de Arthur me fez desviar o olhar, e pisquei para afastar a visão da loira magra. Ela não era deliciosamente pequena, com curvas em todos os lugares certos e não tinha um cabelo que não sabia se era loiro ou castanho. Ela não teria olhos tão lindos nem um rosto perfeito de boneca.

Ela não era Vivian.

Encostei a cabeça na mesa e imagine-a aqui, na pista, tirando o resto do meu juízo fora ou me abrindo aquele sorriso lindo.

— Por que está ignorando todas as mulheres que chegam em você?

— Por que o objetivo de hoje é ficar bêbado.

— Típico. — minha irmã encostou o indicador na minha testa, antes de se aproximar: Homens como Miguel demoram a cair, mas quando caem, eles caem bonito.

— Deus, vocês são irritantes! Eu só quero a lasqueira da mulher aqui! Ela me usa e eu quero ser usado, grande fodida merda.

— Deixe de amaldiçoar. O que há com você, que não caiu em

provações, geralmente não amaldiçoa e não deixa uma mulher bonita passar?

—Não testa a porra da paciência, Cristina. — eu pontuei cada palavra, rosnando, tentando intimidá-la mesmo sabendo que isso era impossível.

— Lembra que Arthur estava assim? Na festa do aniversário de vovó quando Lise o deixou, alegando que não queria ser estepe de ninguém?

Eu grunhi apertando o copo em minha mão.

— Nanica irritante, você tem sorte por eu amá-la tanto. Especialmente por não ser um homem quando buzina no meu ouvido desse jeito.

— Oun, eu também te amo. — ela me abraçou pelo pescoço.

— Eu gosto de Vivian como não gostava de Ana. A mulher não tinha personalidade, parecia uma submissa estúpida. Durariam mais um ano ou dois até você cansar de mandar nela e seguir outro caminho.

Cristina confessou e não sabia o quão perto chegou da verdade. Quando decidi ficar sério com Ana, eu aceitei o que ela realmente era, eu conhecia os seus gostos e dei a ela o que queria durante o nosso longo relacionamento.

Amava, um dia pensei nela como a mulher da minha vida... Mas não tive luto. Não enfiei a cabeça em um buraco por alguém que não voltaria. Sofri como um condenado durante dois anos, e fodi com mesma intensidade do meu sofrimento. Uma, duas, às vezes três mulheres, bailarinas inclusive, como Ana tinha sido.

Não fechei as portas do meu coração para os relacionamentos ou desisti de me casar ao perder minha noiva. Mas tinha feito uma promessa a mim mesmo ao perdê-la, de só me envolver e tentar ser o cara certo para a mulher que despertasse sentimentos mais fortes do que ela tinha. Para cair nessas águas desprotegido de novo só se tivesse fogo espalhado pelo corpo. Só incendiando-se.

Vivian tinha ateado fogo em mim, no primeiro olhar, com aquele

corpo estupendo e rosto de anjo. E agora dificultava a me dar qualquer alívio.

Me levantei, rapidamente constatando que ainda tinha o controle das pernas, e sem parar para muitas explicações disse que tomaria um ar lá fora. Estava sufocado.

O celular estava apertado na minha mão.

Eu não estava me importando para que horas fossem.

Ela estaria no primeiro voo para Porto Alegre amanhã e saberia disso.

Vivian

Eu pensei em Wagner todo o caminho de volta. Em como ele foi meu amigo antes de qualquer coisa e depois capaz de fazer algo tão ruim comigo. Pensei nos gols que ele me dedicou nas aulas de educação física no ginásio, nas flores em momentos inesperados, no sorriso e no eterno ar melancólico de quem perdeu a mãe cedo demais e teve a vida marcada por isso. Nós fomos melhores amigos pelo ensino médio inteiro e, quando terminou, começamos a sair e namorar. Mas então, quando eu pensei que daria o passo da minha vida, quando me entreguei para o nosso ‘algo mais’, vi tudo desmoronar em cima de mim como um castelo de cartas.

Eu perdi a fé em mim mesma e nas pessoas. Pois alguém que eu julguei conhecer ao longo de seis anos, com quem namorei por três, não era quem eu pensava.

Eu não conhecia ninguém como julgava.

Eu finalmente entendi que nunca dá para saber de verdade o que está na cabeça e coração das pessoas.

Quando cheguei em casa com os olhos inchados pelo choro, não tive como me esquivar das perguntas que choveram da boca de Daniela.

Eu contei que queria ir para casa e que não poderia esperar pelo Natal, muito menos pelo começo do ano, nós discutimos, contei sobre Porto Alegre e como tinha recusado o convite de Miguel para jantar. Ela me acusou de ser uma tola, que para uma pessoa que queria conhecer o mundo eu era desprovida de coragem, e devia ter aceitado o convite dele para conhecer pelo menos um lugar além de São Paulo e não ser tão frustrada nos sonhos que eu não fazia qualquer esforço para realizar antes de voltar para casa e, talvez, nunca mais sair de lá.

Depois disso eu passei o resto do dia no quarto, triste, com o celular na mão, os olhos na tela e o pensamento nele.

Estava assistindo *Muito Bem Acompanhada* quando o celular tocou, achando Kat uma idiota por perder tempo com Jeffrey quando ela tinha Nick, até que fui distraída disso pelo nome de Miguel na tela. Eu senti aquele frio correr solto pela minha barriga, e me achei uma boba quando minhas mãos tremeram e considerei que eu talvez pudesse estar sendo na vida uma Kat. Ou uma quase Kat. Embora não tivesse como comparar. No filme você sabe, não somente quem é o mocinho, mas que as coisas vão terminar bem.

A vida real não era assim.

— Miguel? — eu atendi surpresa com sua chamada, ansiosa para ouvir sua voz, pensando como seria estar em Porto Alegre com ele.

— Sou eu. Não desligue. — ele cuspiu, na mesma voz profunda de quando acordava. — Você estará aqui no primeiro voo para Porto Alegre amanhã de manhã. Amanhã não, hoje. — ele corrigiu, e olhando para o relógio na parede vi que era pouco mais de meia noite agora.

Eu não pude deixar de sorrir com o tom autoritário em sua voz.

— É mesmo? — eu brinquei.

— É mesmo. — ele não estava obviamente para brincadeiras. — Nós vamos ficar aqui mais dois dias e você vai ficar comigo nesse tempo.

— Onde você está? — eu escutei vozes desconhecidas ao fundo e julguei que ele estava em um lugar muito movimentado.

— Em uma boate.

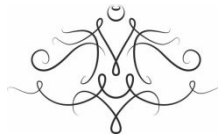
Uma dorzinha incômoda se instalou no meu peito. Homens como ele não ficavam sozinhos em boate. Isso explicava a sua voz estranha, ele provavelmente tinha bebido ou ainda estava bebendo.

— Divirta-se Miguel. Eu vou dormir. — acrescentei secamente.

— Me divertir? — isso pareceu revoltá-lo, pois sua voz era irritada quando disse: Eu estou pensando em você, desgraçada. Em você no meu colo... meus braços em volta do seu corpo... seu cabelo no meu rosto. Não se atreva a jogar esse tipo de merda em cima de mim! Amanhã eu quero você no primeiro avião, não me faça voltar para te buscar. — ele rosnou e desligou o telefone na minha cara.

Eu olhei para o aparelho por alguns segundos, sem conseguir acreditar no que aconteceu.

Então me desatei a rir.



No dia seguinte quando acordei e fui tomar o café, não entendi os olhares que me foram endereçados quando passei do corredor para a sala. Eu franzi a testa questionando os acenos meio estranhos de Daniela, mas segui para a cozinha em busca de um copo de leite primeiro. Quando tomei um gole e estava pronta para me virar e descobrir o que estava acontecendo com ela, Miguel apareceu na soleira da porta. Alto, imponente e muito bem vestido impedindo a minha passagem. Meu queixo caiu.

— Miguel?!

— Não devia sair do quarto só de robe. Se outro homem estivesse na sala com sua família teria visto você assim.

— E daí? Eu estou coberta.

— Eu não acho que você está coberta. — ele disse.

— O que você está fazendo aqui? — eu coloquei as mãos nos quadris, em um lado, foi o copo, mas tudo bem.

— Não levou a sério o que eu disse?

— Ontem? Bem... Não. — respondi cautelosa.

— Então você não teria viajado se eu não tivesse...

Ele não terminou a frase.

— Você me ligou bêbado na saída de uma boate, ordenando que eu pegasse o primeiro voo para Porto Alegre. — contei a ele o absurdo que tinha acontecido. — Eu não teria dinheiro para a passagem... Ou saberia para onde ir, de qualquer forma.

— Acho melhor você jogar duas ou três roupas em uma mala então. — ele olhou o relógio. — Passaremos na casa de vovó antes de irmos para o aeroporto.

— Miguel. — eu olhei séria para ele. — Eu tenho que trabalhar. Eu não apareci no salão ontem e isso foi culpa sua. Eu nem mesmo liguei para a Vera avisando.

Eu tentei passar por ele e ir para a sala, mas no fundo não esperava ser bem sucedida em minha tentativa.

— Nós ainda não terminamos. — ele tirou o copo da minha mão e o colocou na pia. Então segurou meus pulsos e trouxe minhas mãos para o seu peito, passeando com elas por ele até que enlaçou o pescoço com meus braços.

Meus seios encontraram a solidez dele, e Miguel se inclinou levemente sobre mim, antes de me tirar do chão e me levar com ele, nos deixando nariz com nariz.

Eu me derreti em toda sua solidez.

— Ainda não entendeu que é minha?

Enlacei sua cintura com as pernas.

— Hum... — eu aprovei o tom mandão e possessivo da voz, assim como o cheirinho gostoso que ganhei na orelha antes de beijá-lo no queixo e atacar sua boca.

— Vai viajar comigo. Sem protestos. — ele disse entre beijos. Eu apenas pensei em tudo o que Daniela me disse e balancei a cabeça. Mas depois, não consegui deixar de perguntar:

— Tem certeza de que me quer lá com sua família?

— Não entendi sua pergunta.

— Você entendeu.

— Me recuso a responder essa porcaria de pergunta.

— Miguel... Eu não vou ficar muito a vontade lá, o que você diria? Que explicação teria para me levar com você depois que eles me viram no seu apartamento toda desgrenhada?

— Qualquer coisa que fizesse você confortável.

Ele beijou minha mão.

— Você é um príncipe.

— Não, querida, eu sou um maldito ogro. Não se engane com os meus bons modos.

Eu sorri contra vontade. Ele não tinha bons modos. Eram os seus maus modos que o deixavam irresistível para mim.

— Vem comigo?

Eu concordei. Nesse momento havia poucas coisas que eu não faria por ele.

— Arruma suas coisas enquanto eu converso com sua patroa?

— Tudo bem. — eu suspirei. Ela seria apenas mais uma que me empurraria para ele, e Miguel indo em meu lugar me pouparia de algumas explicações. — Preciso falar com minha irmã.

— Ela me disse que você adora viajar.

— Engraçado ela dizer isso, viajei da minha terra natal para cá e essa foi todas as viagens que eu fiz na vida.

— Podemos mudar isso.

— Pra você tudo é tão fácil.

— Me dá um bom motivo para complicar a vida?

Eu olhei para cima, para ele, e exalei um suspiro.

— Vai falar com a Vera, ela vai adorar colocar os olhos em cima de você outra vez.

— E você vai ficar ciumenta por isso? — ele me abraçou, enlaçando a minha cintura com firmeza outra vez.

— Por que eu teria ciúmes da Vera?

— Por que ela me daria mole?

— Ela tem idade para ser sua mãe, Miguel...

— E daí?

— E daí o quê? Você ficaria com ela?

— Claro que não.

— Então, por favor, não deixe mais confusa do que eu já estou...
Lindo. — acariciei o seu peito e foi quando Daniela apareceu de mansinho.

— E aí pombinhos? Muito assunto?

Eu olhei feio para ela quando Miguel se desculpou rapidamente, me soltou e saiu.

— Eu gosto muito de viajar, né?

Ela deu de ombros, imperturbável.

— Você sabe que o irmão dele é um gatinho? Tão novo e já casado.

— Como você sabe disso?

— João me disse.

— Eu conheci a esposa dele ontem no apartamento.

— Essa parte você não me contou!

— Eu estava de saída quando a campainha tocou e a mãe dele entrou

com a nora. Quando eu estava finalmente pegando o rumo da porta e deixando elas para trás, o pai dele apareceu com o irmão. Eu quase capotei de vergonha.

— Você conheceu Oscar Giacomelli?!

Eu balancei a cabeça concordando.

— Eu acho que ele é um tesão.

— Eu não acredito que você disse isso. — fechei os olhos e balancei a cabeça negativamente, cheia de incredulidade, para Daniela.

— O que é? Ele é uma versão mais velha de Miguel. A juventude pode ser maravilhosa, querida, mas tem algo de charmoso na maturidade.

— Isso é verdade. A mãe dele também é linda, parece uma modelo.

— Socialite chata?

— Amável e muito simpática.

— Esperava por isso. Sabia que ela chegou a largar Oscar quando estava grávida de Miguel? Ele ainda não sabia do filho, aparentemente, e foi por causa da sogra. Ela não se conformava que o único herdeiro se casasse com uma boa e doce moça que não tinha onde cair morta. Segundo o site Oscar conheceu Jordana em uma livraria no centro de São Paulo e se apaixonou à primeira vista, ela era a menina do caixa.

— Interessante. — eu arqueei a sobrancelha para ela. — Eu também fiz as minhas pesquisas, mas nada como isso. Estou impressionada, Daniela.

— Você parece que tem medo de descobrir as coisas, Vivi. Eu não tenho esse problema. Estou contando isso da avó para meio que te preparar, a velha não parece ser flor que se cheire.

— Obrigada. Já que decidi ir, eu vou tomar cuidado em não ficar no caminho dela.

— Divirta-se. — ela me abraçou. — Estou sendo chata assim porque você precisa de alguém que lhe empurre para viver um pouco. Se não se sentir bem ou alguém fizer você desconfortável, basta um telefonema e eu vou correndo te buscar.

— Eu sei. Eu te amo. Ele é maravilhoso.

— Aproveite. Vá se arrumar, ele não pareceu muito feliz com o seu robe.

— Como assim?

— Sei lá, ele fez uma cara quando você passou. Se tivesse olhado para trás teria visto.

— Talvez ele não estivesse muito feliz comigo.

— Querida, eu conheço um homem ciumento quando vejo.

— Você vê chifre em cabeça de piolho.

— Você que é cega.

— Você acha que eu estou fazendo bem em ir? — perguntei mordendo o lábio para ela, de repente pensando em como eu me sentiria um peixe fora d'água com a sua família, pessoas do soçaite, acostumados a fazer parte da alta-roda.

— Por que todo esse medo de viver um pouco, irmãzinha? — ela passou um braço ao redor dos meus ombros. — Se arrisca. O máximo que poderá acontecer será eu buscá-la antes do previsto. Ele me falou que seriam dois dias em Porto Alegre, não é muito tempo.

— Não diga nada a mamãe.

— Não vou dizer.

— Eu vou me arrumar. Me ajuda?

— Claro.

No caminho para a casa da avó materna de Miguel, eu estava uma pilha. Ele notou, é claro, mas não perguntou o que estava errado. Eu disse mesmo assim:

— Se sua avó não gostar de mim?

— Por que está tão preocupada com a aprovação da minha família?

Ele arqueou a sobrancelha, confuso, e eu me senti uma idiota.

— Por que, hein? — eu disse com deboche, mas foi completamente dirigido a mim.

— Vivian. — seu tom era um comando. — Quem tem que gostar de você sou eu. — ele disse quando o olhei, e apertou minha coxa.

Relaxe no assento, e comentei em tom de troça depois, quando começou a tocar Far Way do Nickelback nos alto falantes:

— Eu acho a sua voz parecida com a do cantor, principalmente quando acorda, é arrastada e rouca.

Ele sorriu.

— E você gosta?

Se eu gosto?

Eu amo.

— Digamos que eu gosto. — pisquei, e assisti com o estômago cheio de borboletas sua risada gostosa.

— Modéstia a parte, eu tenho meu charme.

Revirei os olhos.

— A modéstia não faz parte do seu charme.

Ele deu uma tapinha em minha coxa antes de estacionar o carro, sorrindo.

— Vamos. — esticou a mão para mim quando abriu a porta. Eu deixei que me levasse, já que estava aqui fosse o que Deus quisesse.

Seus avós moravam no Alphaville Dom Pedro, em um condomínio fechado com poucas casas e rua tranquila. Eu me apaixonei por aquela paz, pelo porcelanato na sala, a escada em mármore e o piso de madeira. Se fosse comparada a nossa, essa casa era uma mansão e olha que João e Daniela tinham uma grande casa para viver. Eles vendiam importados e atualmente uma considerável quantidade de lojas.

Eu sabia que poderia esperar muito mais de Porto Alegre e isso me deixou verdadeiramente inquieta.

Sua avó, Elvira, era um amor. Eu poderia dizer o mesmo de Seu Gustavo, com seu ar paternal e imperturbável, eu tinha a impressão de que nada no mundo fosse capaz de tirá-lo de seu centro.

Miguel ficava bem ali, ele ficava bem em meio ao luxo. Eu me sentia deslocada e não gostava da insegurança que acompanhava o sentimento de não me encaixar; de que esse não era o meu lugar. Graças à amabilidade do casal idoso, no entanto, e a simplicidade deles, eu me senti bem almoçando e conversando coisas banais, apesar de sentir a curiosidade de ambos para saber quem eu era na vida do neto emanando em camadas.

De mim e Miguel eles não colheram muitas informações. Quando nos despedimos, ele perguntou se eles não queriam mesmo ir conosco.

O desconforto com que responderam o "não" me deu a impressão de que a família materna não era muito chegada na paterna e isso me preocupou, mas fiquei calada quando entramos no carro e tomamos o caminho do aeroporto. Não era da minha conta e não ficava bem perguntar. Mas foi impossível não pensar no motivo de uma possível desavença familiar, Elvira e Gustavo pareciam pessoas tão boas que eu tinha certeza de que essa reserva havia sido causada pelos familiares de Porto Alegre.

— Tudo bem? — em algum momento do caminho ele se preocupou.

— Tudo.

E isso foi tudo o que eu disse até que estava cara a cara com a extraordinária mansão branca, rodeada de janelas com varanda e portas de vidro no térreo.

A avó de lá parecia um corretor de imóveis ao passear comigo pela casa. Antes de tudo, porém, Miguel insistiu que eu subisse e tomasse um banho antes de ser apresentada a família e silenciosamente agradei a ele por isso. Quando descii e conversei com ela pela primeira vez, Glória não me pareceu tão ruim como eu estava julgando que fosse. Beijou minha bochecha e gentilmente me convidou, se eu não estivesse muito cansada, para um tour na casa. No caminho eu estava certa que a culpa da família materna não frequentar Porto Alegre era dela, mas percebi rapidamente que ela não era ruim, apenas gostava de ostentar o que tinha. Quando aceitei seu convite,

obtive um gemido angustiado de Miguel e sorrisinhos divertidos do resto da família. Não demorei em entender o motivo, pois ela logo começou a contar detalhes das várias suítes, todas com hidromassagem, sobre a suíte máster com banheiros individuais, closet e lareira. Área íntima entre os dormitórios distribuída em sala de estar com home theater projetado pela Facson, copa e um belo home office com acesso ao terraço, sendo os móveis internos da Florense, externos da Sacaro e aberturas Centron em Louro Freijó.

Ela ainda falou do projeto luminotécnico, das cortinas especiais em todos os ambientes e do piso da área social em Crema Marfil, importados da Espanha. E mais um monte do cobiçado paisagismo, das palmeiras canarienses centenárias, do exuberante hall, da piscina com raia e prainha, do sótão com vista incrível das sacadas, espaço fitness, salão de jogos, espaço gourmet, e quando finalmente acabou meus membros pesavam como chumbo.

Oscar não estava em casa, mas a esposa e os filhos não poderiam ser mais amáveis comigo. Eu gostei de Cristina assim que ela chegou e correu para me abraçar, dizendo que estava feliz por eu estar ali e já falando das melhores baladas e como eu iria amar a noite em Porto Alegre.

Recusei terminantemente as compras e escapei para um cochilo quando, depois do chá, Oscar chegou e se trancou com Miguel no escritório.

Acordei com beijinhos na nuca e me arrepiei inteira. Eu poderia fingir que estava dormindo para ele continuar com isso, mas minha respiração mudou e eu senti seu sorriso em minha pele.

Eu me virei em seus braços, ainda sonolenta.

— Tudo bem com o seu pai? — bocejei.

— Nada para se preocupar. — ele beijou minha mão antes de colocá-la na sua bochecha. — Arrependida de ter vindo?

— Não. — respondi com sinceridade. Se eu fosse ser totalmente sincera com ele, diria que ontem senti sua falta de um jeito que nunca senti de ninguém. Saber que ele não estava em Campinas, perto, pelo menos um pouco de mim, mexeu comigo de um jeito assustador. No entanto, para o bem do meu coração eu não poderia ser tão honesta nessa relação.

— Lise e Cristina estão brigando sobre o melhor lugar para levar você.

— Eu não me importo.

— Elas gostam de balada. Eu não quero você tão soltinha.

— Jura?

Ele estreitou de brincadeira os olhos.

— Juro. Quero começar a noite tranquilo, sem me estranhar com ninguém.

— Eu não acho que você é um esquentadinho.

— Geralmente não. — ele concordou e tocou o nariz no meu. Depois beijou minha boca. — Posso escolher seu vestido?

— Claro que não!

Ele franziu a testa.

— Por que não?

— Por que não tem cabimento isso. — olhei ao redor, procurando minha pequena mala e não achei. — Esse é o seu quarto?

— Sim.

— Eu vou dormir aqui com você?

— O que você acha?

— Sua família vai pensar que eu sou o quê?

— Minha namorada.

Ele falou de um jeito natural e tão sério que meu coração deu um pequeno salto.

— Eu vou saber de Arthur para onde vamos. Mas sem dúvidas, um lugar animado. — ele adiantou, e só então reparei que já estava arrumado.

Eu franzi a testa quando olhei para a sua camisa azul escura de lã. *Tinha dormido tanto tempo assim? Que horas eram?*

— Você estava cansada. Tão charmosa dormindo que não fui homem suficiente para acordar você.

Uma hora mais tarde e Lise ainda discutia com Cristina sobre o melhor lugar para irmos. Uma queria ir para a Liv&Fly e a outra para a Provocateur, onde aconteceria um show da Ludmilla naquela noite. Eu fiquei na minha, escondidinha atrás de Miguel, evitando atrair a atenção dos pais dele para mim. Oscar me deixava um pouco desconfortável. Ele era amigável, mas sua postura de homem muito rico que nunca relaxava me intimidava. Ele tinha um arquear de sobrancelha que fazia o meu rosto pegar fogo, assim como Miguel. Eu agora entendia o fascínio de Daniela por ele, quando disse que achava o homem um tesão. Bem, eu não achava ele um tesão, Deus, ainda não podia acreditar que ela usou essa palavra para elogiá-lo. Mas ele parecia demais com Miguel, isso já seria suficiente para fazer dele um homem lindo aos meus olhos, e ainda tinha o cavanhaque ralo e o cabelo grisalho que faziam dele um homem muito, muito charmoso.

— Provocateur. — Lise jogou o punho no ar. Por um momento me desliguei da conversa e não peguei o momento em que a disputa acabou. Olhei confusa para Arthur, que levantava a esposa pela cintura e girava ela na sala, comemorando sua vitória.

Miguel percebeu o leve franzir em minha testa, e disse: Não é todo dia que alguém ganha de Cristina em qualquer coisa.

Ele sorriu e trouxe o rosto para mais perto do meu. Eu sabia o que ele pretendia; um beijo, mas eu não ia beijá-lo na frente de toda a sua família no sofá da sala.

Inclinei levemente o corpo e cheirei sua barba rala e muito cheirosa em um carinho. Ele tinha uma mão possessiva no meu joelho e senti seus dedos apertarem delicadamente a minha pele.

— Agora não. — sussurrei.

— Me beija, Vivian.

— Não seja um menino birrento, Miguel.

Ele suspirou e se inclinou mais, fazendo os lábios pousarem

ligeiramente macios sobre os meus.

— Não gosto de ter hora e lugar para beijar você.

— Perfeito. Agora o seu pai está olhando para cá como se eu fosse uma alienígena.

Ele franziu o cenho.

— Ele só está surpreso.

— Com o quê?

Sua carranca se aprofundou e ele não respondeu.

— E agora que finalmente decidimos, podemos sair para jantar?

— Sim! — Arthur e Lise exclamaram, cheios de risadinhas quando Miguel perguntou. Cristina fechou a cara, mas sorriu quando olhou para mim.

— Eles são só idiotas mesmo, viu? Não fique com medo.

— Tudo bem. — eu sorri tímida.

— Vamos. — ele levantou segurando a minha mão. Não foi difícil me esconder atrás dele agora, com o salto eu quase não chegava aos seus ombros e Miguel era forte. — Vocês vêm? — ele perguntou aos pais.

— Não filho. — seu pai respondeu. — Hoje a noite é de vocês. — ele sorriu levemente para mim. Eu pisquei. Jesus, ele não insinuou... Não, ele não insinuou nada.

Eu resisti à vontade de abanar o rosto para aliviar o calor nele.

Na garagem Miguel abriu a porta de um carro azul, que reconheci como sendo um Rolls Wraith graças à paixão de João por carros, e lá tinha cerca de dez automóveis estacionados. Um em especial se destacava. Era o outro carro azul, na frente, mais claro e de pintura brilhante.

Eu o observei com certa fascinação, e ele percebeu.

— Phantom Drophead, a paixão de papai.

— Ah. — eu pisquei, saindo do transe. O carro era tão azul que brilhava. Eu nunca tinha visto um carro tão bonito... Parecia um pecado

colocá-lo na estrada.

— Quem está no carro da frente? — eu perguntei, olhando para o espelho retrovisor.

— Os seguranças.

— E Lise e Arthur?

— Em um carro mais atrás.

— Cristina? — eu perguntei insegura, pensando se ela teria desistido de vir já que não conseguiu vencer Lise na disputa.

— Está com eles. — ele sorriu. — Enchendo o saco.

Eu olhei um instante para ele, concentrado no trânsito, o sorriso na boca, o nariz perfeito, a barba rala, o lábio de baixo preso pelos dentes... Desviei os olhos do seu perfil bonito quando ele me pegou no flagra estudando-o.

Então me concentrei no sinal vermelho, nos outros carros lá fora, sem conseguir deixar de pensar nos traços do seu rosto e como a vida era engraçada.

Enquanto esperava o sinal abrir, ele mantinha uma mão possessiva sobre a minha coxa e era bom. Era como se caminhasse por Nova York à noite, iluminada pelas luzes da Times Square, com o coração saltando de entusiasmo e alegria. Estar aqui com Miguel era simplesmente como viver meus mais bonitos e inalcançáveis sonhos, juntos.

Meu bom humor e encantamento, no entanto, esvaiu-se quando descemos a escada e entramos na boate. Pista animada, muito movimento e nunca vi tanta mulher bonita em um único lugar. Vestidos provocantes dançavam diante dos meus olhos.

Eu não gostava nenhum pouco de lugares lotados, tinha medo de tumulto e brigas, e me senti desajeitada com a cabeça no peito de Miguel enquanto ele me conduzia sensualmente por entre aquelas mulheres altas e encorpadas com os dois braços ao meu redor.

Olhando para as pessoas bebendo e dançando juntas, erguendo para

o alto as suas bebidas, agradei a Deus por ter seus braços me rodeando, me mantendo tão perto dele como era possível ao mesmo tempo em que me protegia daquela algazarra toda e indicava o caminho.

O palco da boate era alto, um coração se destacava no meio das luzes, o ambiente era provocante e luxuoso. Pessoas dançavam como se estivessem perdidas na batida e outros pareciam dispostos a fazer sexo no meio da pista lotada pela maneira como se beijavam.

Miguel se mexia vagorosamente atrás de mim, uma mão espalmada na minha barriga, me mostrando o bom de estar aqui com a música alta nos envolvendo.

Quando me virou em seus braços, ele deixou cair uma palmada safada e inesperada em minha bunda que me sobressaltou. No instante seguinte sua boca estava na minha, engolindo qualquer reação, qualquer maldição que tentou escapar, entorpecendo os meus sentidos com seu cheiro e beijo ardente.

— Eu não sei por que deixo você fazer gato e sapato comigo. — ele rosnou, afastando os lábios muito pouco dos meus, apenas para dizer isso, enquanto trazia o tecido do meu vestido mais para baixo em minhas pernas.

Eu gemi e me apertei contra ele, cedendo a pressão dos lábios após um roçar leve e provocativo. Depois escondi o rosto na curva do seu pescoço, quando ouvi a voz de Arthur cheia de divertimento atrás de nós por cima do barulho da música se fez ouvir.

— Camarote?

Miguel balançou a cabeça.

— Vamos.

Lá a coisa ficou mais calma, eram apenas nós cinco sendo servidos por uma garçonete exclusiva. Ela era linda, linda mesmo, e sua roupa fazia jus ao nome da boate. Senti um apertinho no peito quando ela trouxe nossas bebidas, eu nem mesmo sabia o que estava bebendo, mas era a mesma coisa que Cristina. Seu olhar vagava de Arthur e se detinha sempre por mais tempo em Miguel, que estava em pé tentando falar com alguém no celular por

mensagem, sem disfarçar a fascinação. Eu tinha certeza de que ela estava internamente abençoando o esperma de Oscar Giacomelli uma e outra vez.

Peguei o momento em que Arthur passou os olhos ligeiramente sobre o decote da moça, ganhando na hora um tapão no braço de Lise, que, diga-se de passagem, fez simplesmente ele se desmanchar em risos no mesmo segundo. Em seguida ele disse algo no ouvido dela, algo que a fez derreter-se em um sorriso bobo. Então olhei para Miguel, para a direção dos seus olhos, e ele tinha o seu olhar cravado em mim.

Ele arqueou ligeiramente a sobrancelha, como se a expressão do meu rosto indicasse para ele o rumo dos meus pensamentos. Devolvi o aceno e ajeitei melhor o decote, que tinha meio que escondido para não fazer o vestido parecer tão sensual como era antes de sair de casa e jantar, como se dissesse: Quer olhar, Giacomelli? Então olha para cá.

Eu realmente queria dizer isso.

Um segundo depois ele caminhou para mim, a cara fechada, se movendo lento e ameaçador como um felino.

Ele sentou ao meu lado no sofá, ocupando boa parte do espaço com o seu corpo grande, enquanto eu tentava não tremer de nervoso com o copo na mão.

— O que é isso? — eu sussurrei para Cristina, que estava no meu lado esquerdo, tentando e falhando em ignorar os efeitos que a proximidade do irmão dela causava em meu corpo.

— Um drinque com vodka. Sex on the Beach. — ela explicou.

— Ah. — puxei o canudo para cima, misturando a bebida, e tomei um gole. *Era bom.*

— Não se engane com o sabor. Isso aqui vai embriagar você, rápido — ele sussurrou — e tenho planos para nós dois essa noite.

Eu quis gemer com a sugestão em sua voz.

— Agora coloca esse decote no lugar, Vivian, antes que eu faça isso por você. — ele sussurrou ameaçadoramente na minha orelha.

Os pelinhos da minha nuca eriçaram.

— Você não gosta? — eu me virei para ele, perguntando desafiadora.

Miguel sorriu com deboche.

—Você não tem ideia de como eu gosto. — ele disse, olhando para um ponto acima da minha cabeça. — Cubra. — foi taxativo. — Está querendo se mostrar para quem? — sua voz era baixa, rascante, e talvez por isso a sentença tenha soado tão ofensiva.

— Para os homens. — eu cuspi.

Sua mandíbula travou, mas ele continuou olhando para o ponto acima da minha cabeça.

— Posso saber para quem é que *você* está olhando? — eu exigi, ficando cada vez mais irritada com ele.

O semblante de Miguel foi de contrariado para divertido em um nano segundo.

— Para as mulheres. — ele devolveu a resposta. Então me encarou com toda intensidade. — Quer ficar nua para mim, fica. Mais fica no quarto. Não quero ninguém fantasiando com os seus peitos.

— Onde eu estava com a cabeça quando achei você um príncipe?!

— Eu disse que não era um príncipe.

— Vai começar! — Lise se animou, atraindo a nossa atenção para ela. — Vai começar! Vamos para a pista principal, que a primeira música é "Sem Querer". — ela balançou os quadris na frente de Arthur, sendo premiada com uma palmadinha dele no traseiro. — Sem os meninos! — agora a palmadinha não foi de brincadeira em seu traseiro.

Eu coloquei o copo na mesa e me levantei, virando o corpo para Miguel e colocando as mãos em seus ombros antes de dizer: Ouviu a Lise, né?

Fui sarcástica de propósito e seus olhos faiscaram para mim.

— Vamos viver perigosamente então. — ele comemorou, mas estava sendo rabugento. — Como se eu me importasse com essa droga de cantora.

— Você insinuou que eu queria me mostrar para alguém, Miguel. — joguei na cara dele. Depois dessa, eu não me sentiria nenhum pouco culpada por arruinar de vez o seu humor.

— Você não é qualquer uma. Se para se mostrar para mim, você também tiver que se mostrar para dez, eu prefiro esperar e cobri-la tanto quanto possível.

Olhei para o seu rosto lindo e bravo, e não segurei a gargalhada. Devia ser efeito do "Sex on the Beach" no meu sangue, cogitei, sem conseguir parar de rir.

Seu semblante ficou ainda mais fechado e aborrecido.

— Talvez os planos para depois daqui já tenham ido por água abaixo.

Eu fiquei séria no mesmo instante.

— Não seja rabugento.

— De me usar você gosta, né?

— Gosto. — confessei perto de sua boca. Então coloquei um joelho no sofá entre as suas pernas e pressionei meus lábios nos seus. Arrastando de forma provocante a boca para beijar o seu queixo, antes de sentir a maciez de sua língua em minha boca.

Miguel me apertou contra ele, se recusando a me soltar quando Cristina tentou me tirar dos seus braços à força.

— Sai! — ele enxotou.

Mas quando Lise se postou em sua frente, e Arthur disse que se ele se não tinha escolha Miguel também não tinha, a batalha estava perdida para ambos e nós fomos dançar.

Não era muito chegada em funk e nunca fui uma boa dançarina, mas também não queria agir como um cachorrinho adestrado ficando com ele e deixando as meninas descerem sozinhas. Era uma mulher de vinte e um anos,

livre, dona do meu próprio nariz e decisões. Pelo menos era essa a imagem que eu queria pintar de mim mesma.

No fundo achava que se ficássemos no camarote veríamos muito melhor e poderíamos nos mexer com mais conforto e... espaço. Engoli em seco quando um cara passou a mão em mim. Não olhei para trás para ver o rosto da pessoa e me meti no meio das meninas.

Como o palco ficava no alto, como se fosse uma sacada protegido por um ferro com desenhos de um coração que era o símbolo da boate, não dava para ver direito a cantora. Mas eu reconheci sua voz e a música assim que ela disse "as noites nas baladas".

A batida me pegou de surpresa e realmente comecei a me mover enquanto a música fluía e Cristina ria ao dançar junto comigo. Lise parecia perdida na dela, os olhos fechados, a letra em seus lábios e o rebolado insinuante.

Minha boca caiu aberta quando um homem chegou junto a ela e também começou a balançar os quadris de maneira insinuante, mas sem encostar. Inconscientemente eu procurei por Arthur na multidão, o medo de uma confusão no meio de tantas pessoas apertou minha garganta. Quando ela abriu os olhos e pediu para ele se afastar, eu respirei mais leve quando ele fez.

Arthur escolheu esse momento, em particular, para descer. Cristina se inclinou quando viu o irmão e, como quem não quer nada, sussurrou em meu ouvido: Arthur está acostumado com isso, até leva numa boa agora. Miguel pode parecer mais frio e dono de si, mas não deixa as coisas passarem com a mesma facilidade.

Eu franzi o cenho.

— Por que está me dizendo isso?

— Eu vi quando o cara passou a mão em você. Do jeito que ele é não duvido que estivesse observando cada movimento seu lá de cima.

—O que isso quer dizer?

— Ele não veio com Arthur, querida. — ela apontou gentilmente. —

Aposto que ele tem esse cara agora.

Olhei para Arthur, ele estava concentrado em mim, e algo nisso colocou todo o meu corpo em alerta.

Não.

Miguel não tinha feito uma loucura dessas. O que ele estava pensando? Eu olhei para Arthur com a pergunta em meus olhos, mas ele apenas deu de ombros, dizendo: Edu é um velho conhecido. Miguel não gosta dele e eu também não.

— Onde ele está? — eu me controlei para não exigir, afinal Arthur não me devia nada.

— Lá. — eu segui a direção do seu olhar e vi Miguel com os braços cruzados em frente ao peito, enquanto um cara de camisa xadrez gesticulava freneticamente com as mãos alguma desculpa esfarrapada. Olhando para o seu rosto, eu senti raiva dele, raiva do atrevimento de ter passado a mão na minha bunda quando nem me conhecia. No entanto, isso não explicava Miguel ter ido comprar briga por isso.

— Ele só está amedrontando o idiota para ele não fazer de novo. Ele até que está sendo bem razoável, quando ele se meteu com Lise, quebrei a cara dele.

— Você não fez nada agora. Devo concluir que ele é um homem de sorte? — perguntei, arqueando levemente a sobrancelha em um trejeito irônico.

— Eu aprendi que minha mulher sabe se defender. Ela não gosta que eu intervenha e faça uma cena quando tem o controle da situação. — ele deu de ombros.

Eu senti vontade de rir, pois Arthur não concordava bulhufas com o que estava dizendo e apenas não queria irritar Lise e dormir na casinha do cachorro, como eu não duvidava que já aconteceu.

Quando voltei a olhar na direção em que Miguel estava, meu estômago apertou quando vi uma loira perto dele, passando a mão pelo seu braço como se procurasse acalmá-lo. Eu suguei uma respiração afiada.

— É a irmã do idiota. — Cristina adiantou.

Eu observei em seguida o cara se safar pelo lado e Miguel continuar a conversa com a moça, parecendo mais relaxado uma vez que estavam sozinhos, colocando inclusive as mãos dentro dos bolsos. Eu pisquei e olhei para o lado, procurando e não vendo como sair sozinha daqui.

— Não é de hoje que ela tenta entrar para a família e não vai ser hoje que ela vai conseguir. Vai lá, ele é educado demais para deixar uma mulher falando sozinha. — Arthur aconselhou.

Eu olhei confusa por um instante para ele. Assim como o irmão, esse parecia conseguir ler as emoções no meu rosto. Para o meu desgosto, eu não queria parecer tão ciumenta como me sentia.

— Eu não. Não quero atrapalhar a conversa.

Cristina bufou.

— Vai lá e chama meu irmão de ‘amor’, boba. Crava logo uma bandeira de posse nesse homem! — Lise disse. — Cenas como essas são inevitáveis quando se trata de um Giacomelli, não adianta se irritar. Eles são como imã para atrair mulheres.

Eu voltei a olhar na direção deles e quando a vi mais perto de Miguel, apertando seu ombro enquanto ria, uma fúria cega varreu os meus pés e pisei duro até lá.

— Amor. — Miguel olhou momentaneamente confuso para mim. Eu quis me estapear quando o tom ridiculamente infantil dançou para fora dos meus lábios, mas com aquela loira de longas pernas praticamente pendurada nele eu precisava chamar sua atenção de alguma forma.

— Amor? — ela pronunciou com uma boa dose de desgosto, olhando para mim.

Miguel se inclinou levemente e recebeu com um sorriso os meus braços no pescoço.

— Eu gosto. — ele disse procurando os meus olhos. Meu rosto pegou fogo, e me recusei a encontrar o olhar dele. Fugi disso e beijei sua orelha para fingir naturalidade enquanto esperava a loira se tocar e sair.

— Miguel? — ela ainda tentou chamar sua atenção.

— Minha namorada. — ele disse como forma de explicação, antes de ela girar em seus saltos perdendo a pose.

Ao tentar tirar os braços do seu pescoço e me afastar do seu aperto, ele segurou as minhas mãos juntas lá e disse: Pode voltar para essa personagem apaixonada e dengosinha. Gostei dela.

Ele estava sorrindo tão charmoso, soando tão satisfeito e deliciado que me peguei obedecendo, deixando os meus lábios caírem sobre os seus; beijando docemente sua boca.

— Ainda não estou satisfeito. — ele fez um som de desdenho quando me afastei. — Mais um beijo. — pediu. — Mais amor.

E sendo prontamente atendido, declarou: Hora de ir para casa, bonequinha. Deu de boate por hoje.



SETE

Miguel

EM PÉ OBSERVANDO as meninas descenderem a escada para a pista principal, eu cogitei descer também, mas Arthur me conteve com uma mão no ombro.

— Deixe-a se divertir.

Mas Vivian não parecia se divertir ou encaixar ali, como se o lugar não estivesse aos pés dela; a altura de tanta delicadeza. Seu vestido era rosa e curto, o pé pequeno dentro de uma sandália florida, a maquiagem leve e os longos cílios emoldurando aqueles olhos verdes enormes deixaram-na com uma aparência ainda mais doce que o normal. Eu observei ela descer cada um dos degraus, tomando cuidado para não tropeçar nos saltos ou topar acidentalmente em alguém. Era meio impossível isso, considerando que ela estava dentro de uma boate lotada. Silenciosamente, lamentei que não estivéssemos na Liv&Fly, lá estaria mais vago pelo menos. O DJ era conhecido, mas nada que se comparasse a uma cantora de funk famosa nacionalmente.

Estava observando com certa fascinação ela se mover na pista, se destacando entre tantas mulheres bonitas, quando o Eduardo se aproximou

com o firme propósito de agarrá-la. Eu o conhecia de outros carnavais e apertei as minhas mãos na grade como se apertasse seu pescoço, silenciosamente jurando fazer isso se ele encostasse um único dedo nela. Sugando uma respiração afiada quando ele passou a mão em sua bunda, eu observei Vivian correr para o meio das meninas e me desencostei do ferro fechando os punhos.

Antes de descer a escada, peguei a direção de onde ele estava indo, com um sorrisinho sacana na boca que eu tiraria com um soco. Arthur não tentou me impedir agora, mesmo sabendo a minha intenção, e me aproximando do alvo coloquei-o contra a parede com um empurrão firme.

Cara a cara comigo, ele sorriu nervoso e tentou entender o que estava acontecendo.

— Para alguém tão covarde, você não deveria ser tão atrevido. — eu rosnei. — Respire perto dela de novo, ô desequilibrado, e vou garantir que você não tenha mãos para apalpar mulher nenhuma.

Eu vi quando o conhecimento se espalhou pelo seu rosto e quis dar-lhe uma lição, por no fundo não estar arrependido de tocar uma moça, que ele sequer conhecia, sem consentimento para isso.

— Mu-mulher? — ele gaguejou. — Mas você não é casado... — protestou.

— A mulher que você acabou de apalpar é minha. Se fizer isso de novo, eu acabo com você. O aviso está dado, Eduardo. — ameacei quando Giulia se aproximou, preocupada que o irmão babaca terminasse a noite em um hospital.

Essa não seria a primeira vez e também não seria sua última para ele.

— Seja o que for, Miguel, Eduardo não fez por mal... Ele não quis ofendê-lo. Por favor, meu irmão te venera!

Respirei fundo e forcei um sorriso, lembrando a mim mesmo que Giulia não tinha culpa de Eduardo ser um babaca.

— Dê o fora. — olhei para ele com desprezo. — Antes que eu mude de ideia e quebre a sua cara.

— Miguel, o que ele fez? O que está acontecendo? — ela se preocupou quando ele saiu de fininho pelo lado, ajeitando a gola da camisa.

— Certamente ele aprontou. — eu arei o cabelo com a mão, frustrado. — Mas nada que valha a pena contar. Sinto muito, tenho que deixá-la agora. Estou acompanhado.

— Já vi. Cristina, Arthur e Lise... Que estava soltinha na pista de dança. — desferiu com maldade, esquecendo-se completamente do irmão. Tinha usado seu charme para Arthur e perdendo para Lise, não se controlava em atacar a mesma quando tinha chance... Assim como cair matando em cima de mim, sempre que me via.

— Nos vemos por aí. — me despedi, mas já devia saber que ela não me liberaria com facilidade. Colocou a mão em meu ombro e deixou escapar uma risada nervosa.

— Você nunca me liga. — ela se queixou. — Eu nunca me esqueci... — não terminou, mas também não precisava. Transamos uma única vez, um erro bêbado de levar três bailarinas para cama onde Giulia, por infelicidade, foi uma delas. Se estivesse pensando direito, ela nunca teria entrado no quarto. Sempre a considereei uma boa menina, mas o que estava feito... Bem, feito estava.

— Amor. — me virei ao som da voz melodiosa de Vivian, permeada por um toquezinho de voz de criança que me fez olhá-la com confusão.

Bastou um olhar para o seu rosto para saber o que ela estava fazendo. No entanto, isso não impediu que eu me derretesse. Eu segurei o triunfo e a risada que parecia querer explodir para fora de mim, quando ela se apoiou nas pontinhas da sandália e tentou enlaçar o meu pescoço.

— Amor?

Deliciado, eu me abaixei levemente e fui abraçado por ela; por aquela criaturinha pequena que fez o sangue correr mais quente e rápido em minhas veias com uma palavra, beijando suavemente a minha orelha, seguidas vezes, me excitando.

— Eu gosto. — e a resposta matou dois coelhos com uma cajadada.

— Miguel? — eu quase não ouvi a voz de Giulia, preso no fascínio que Vivian envolvia em mim.

— Minha namorada. — disse dispensando-a, sabendo que seria o suficiente para fazê-la ir embora.

Quando ficamos sozinhos, Vivian tentou se afastar depois de ter abertamente marcado seu território, mas eu preendi seus pulsos em meu pescoço e cogitei provocar esse lado doce de sua personalidade mais um pouco ou outra vez.

O leve rubor em suas bochechas, que poderia ser uma consequência do calor era, na realidade, resultado da vergonha e da raiva de não ter resistido ao impulso de espantar Giulia como uma namorada ciumenta.

Eu tinha certeza disso.

Não me importou que ela não quisesse realmente me chamar de amor. Importava-me ela ter feito alguma coisa para espantar uma mulher que claramente queria ficar comigo.

— Pode voltar para essa personagem apaixonada e dengosinha agora. Gostei dela. — exigi, sabendo que soaria irritante e a irritaria. Eu a queria marcando território mais vezes. Queria marcar o meu próprio. Amá-la. Dominá-la. Até ser seu escravo se isso significasse muito.

Vivian me obedeceu sem nenhuma palavra aborrecida ou olhar zangado, e foi à coisa mais doce que poderia ter feito. O fôlego com que me beijou acabou muito cedo e, louco por ela, pressionei por mais quando poderia facilmente ter implorado como um desesperado.

Fui prontamente atendido e quando me afastei, olhando dentro dos seus olhos, deixei a promessa se unir a possessividade que sentia queimando um buraco no meu peito:

— Hora de ir para casa, bonequinha. Deu de boate por hoje.

Deixei meus lábios caírem sobre os seus mais uma vez, controlando o desejo de ser primitivo, e resisti à vontade de jogá-la sobre os ombros e tirá-la o mais rápido possível dali... Controlei-me com tudo, pois seu vestido era curto e descendo as mãos para a sua bunda, não fui capaz de sentir

nenhum tecido que não fosse o do vestido.

Nenhuma renda.

Nada.

Vivian

Miguel não quis saber do protesto da irmã e muito menos do de Lise, ao voltar para eles, ele disse que estava indo embora e pronto; isso estava decidido. Fiquei um pouco confusa com sua pressa em sair, em como parecia a ponto de me jogar sobre o ombro com o visível esforço que fazia em caminhar devagar comigo, de mãos dadas, sem a impaciência que eu sentia emanar de cada poro do seu corpo nos movimentos.

Meus pés estavam maltratados. A sandália plataforma que eu julguei como a mais confortável da vida começou a deixar meus pés dormentes depois de uma hora.

No carro a primeira coisa que fiz foi tirá-la.

— Se você estiver sem calcinha, eu não vou ser capaz de conduzir esse carro com segurança. — ele alertou.

— Hã? — eu balbuciei, ocupada demais alisando os meus pés doloridos para me concentrar em outra coisa.

— Você está sem calcinha?

— De onde você tirou isso? — eu levantei o rosto para ele, chocada.

— Eu não senti sua calcinha.

— Eu estou com um short. É bem fino. Não marca.

— Quero sentir.

— O que? Não, Miguel. Você está louco?

— Se você não está sem calcinha porque eu não posso sentir?

— Por que isso é demais. Aceite minha palavra, droga. Eu não entraria em uma boate de vestido sem a calcinha!

— Não amaldiçoe. — ele disse de dentes cerrados. — Não fica bem em você.

— Mas em você fica?

— Vivian.

— Oh, vá se foder! Você e seu machismo.

Ele sugou o ar em uma respiração surpresa. Eu percebi no mesmo instante que tinha passado dos limites.

— Desculpa, ok? Você realmente me tira do sério com as coisas que diz às vezes, e eu acabo dizendo coisas que soam mal também. — rapidamente tentei consertar, pensando no que ele tinha em mente para nós depois da boate e odiando com fervor o pensamento de ter arruinado o plano.

— Abra as pernas.

Eu relutei só porque ele tinha sido ríspido.

— Eu não vou pedir de novo. — ligou o carro.

Ele parecia chateadíssimo.

— Aqui! — por pouco não gritei, vendo para onde essa discussão estava indo.

Miguel também parecia saber, e respirou fundo antes de suspirar.

— Eu vou rasgar isso aqui quando chegar em casa. — prometeu, e uma onda quente de excitação encharcou o maldito short tão fino.

Quando ele sentiu nos dedos o tecido suave e macio, úmido, fechou os olhos.

— Eu realmente vou rasgar isso. — disse outra vez.

Eu não abri a boca. Tê-lo segurando em concha a parte mais íntima do meu corpo era demais para ser capaz de formular uma frase.



Eu não prestei atenção em nada no caminho até a mansão dos Giacomelli, minha linha de pensamento ia da sua mão que acariciava a minha coxa à hora em que ela estaria acariciando todas as partes do meu corpo.

Quando abriu a porta e me estendeu a mão, na outra veio também o meu celular com a tela acesa.

Eu olhei para ele com surpresa.

— Vibrou duas vezes enquanto eu dirigia. — Miguel me entregou o aparelho que estava guardado em seu bolso. — É bom retornar, pode ser algo importante.

Eu peguei seu olhar e senti sua preocupação. Um telefonema às 1h30 da manhã raramente trazia boas notícias, e nisso nós dois concordávamos.

Minhas mãos tremerem levemente quando vi o nome de Daniela nas chamadas perdidas. Sem parar para pensar, eu retornei a ligação, rezando silenciosa para não ser nada com João ou as crianças.

— Vivi?! — sua voz meio rouca me deixou ainda mais alerta.

— Oi Dani, o que aconteceu? — perguntei com o coração na mão.

— Papai sofreu um infarto.

Minha visão turvou ligeiramente e não sei que palavra de baixo calão deixou a minha boca, mas no momento seguinte Miguel estava com meu celular junto à orelha e andava ao meu redor como um tigre enjaulado.

Eu olhei para ele, todo preocupado ouvindo, e o desespero que se espalhou pelo meu corpo assumiu as rédeas da situação.

— Me dá, Miguel. Deixa! — quase implorei pelo aparelho. — Quero saber...

Minha garganta fechou e não consegui terminar. Papai não poderia ter morrido.

— Foi fulminante?

— O que? Não, está louca? Deus me livre! — o meu corpo relaxou

contra o dele, que me passou o celular de volta, mas me segurou para que não houvesse possibilidade nenhuma de eu cair ou me afastar dele. Eu estava sentindo uma ligeira fraqueza nas pernas, os pés ainda me matando da boate e me senti agradecida por ele me segurar.

— Você não sabe contar coisa ruim, sabia? — levei a mão ao peito. — Eu sei que é bom dizer de uma vez e não enrolar, mas tinha que ter dito de trás para frente, Daniela! Ele está vivo, não foi fulminante e teve um infarto. Eu tenho sorte por não ter problemas cardíacos ou precisaria de um hospital agora! — reclamei. — Como ele está? E mamãe?

— Ele está internado, mas vai ficar bem. Mamãe é outra história.

— O que ela tem?

— Você conhece a peça. Ficou muito abalada com o susto, e quer a gente lá. Já comprei as passagens pela internet, embarcamos às 14h de hoje, eu já arrumei as suas coisas.

— E o João? — sussurrei a pergunta. De repente eu não tinha voz para mais nada, a realidade estava batendo na porta e cobrando seu preço.

E ela trazia um sentimento desagradável de interrupção e perda.

— João vai ficar. Eu volto em poucos dias...

— Entendo.

Só ela voltaria...

— Eu não atrapalhei nada, né? — senti a vergonha de repente em sua voz.

— Não. — quase sorri, mas foi um movimento fraco e triste da minha boca. — Estava voltando de uma boate, não atendi porque o celular estava no bolso de Miguel.

— Entendo. — foi sua vez de soar triste. — Você é minha irmãzinha e te conheço como a palma da minha mão. Por isso escute bem, aproveita tudo o que pode hoje. Não precisa pegar um avião agora, saindo daí amanhã de manhã você chega aqui a tempo.

— Eu sei. Vou falar com Miguel sobre isso.

— Escute... Que tristezinha é essa que eu estou ouvindo daqui?

Deus, não...

— Acabou, Dani.

— Vivi — ela criticou. — Isso não é motivo para as coisas acabarem, entende? Não quero que sofra tentando sufocar o que sente por ele, só porque acha que alguns dias longe vai fazer Miguel se esquecer de você.

— Você não entende, Dani...

— Está morrendo antes de levar o tiro...

— Só me antecipando a ele.

— E agora vai se trancar no banheiro para chorar e deixar o coitado do Miguel confuso? — eu senti a repreensão de longe. — Aproveita essas horas para rolar na cama com o seu gostoso, porque deixar mamãe calma vai levar alguns dias, querida.

Eu exalei um suspiro, cansada, longa e profundamente.

— Vai descansar. Qualquer nova notícia sobre papai e você me liga no mesmo instante.

— Ok. Faça o que eu disse.

— Te amo.

— Eu te amo também.

Eu olhei para ele, para aquele homem lindo que mexia comigo de um jeito que eu nunca imaginei ser possível ao terminar a chamada e só vi saudade.

— Deita a cabeça aqui — ele bateu no próprio ombro. — E deixa cair essa água que está acumulada nesses olhos lindos.

Eu soluzei.

— Seu pai vai ficar bem.

— Eu sei.

Ele acariciou o meu cabelo.

— Preciso de você. — disse contra a sua camisa. Um som abafado, que falou muito mais do que eu queria dizer.

— Vem cá, minha pequena descalça. — Miguel me tirou do chão. — Que eu sei que esse é seu jeito fofo de pedir carinho. Talvez uma massagem?

— Eu não quero uma massagem. Ok, eu quero — pensei melhor quando enlacei sua cintura com as pernas. — Mas não é só isso que eu quero. — confessei contra seus lábios.

— É bom saber. — ele disse rouco. E o som delicioso de sua voz arruinou completamente o meu maldito short.



— Shh... Não, eu quero mimá-la. — ele me calou quando, no quarto, eu quis livrá-lo da camisa e mandar a massagem para o espaço. — Mas antes eu vou rasgar essa indecência que você chama de short.

Ele cumpriu a promessa, e segurando os pedaços do tecido preto em uma mão, declarou: Isso aqui é perigoso, pode levar um homem à loucura.

Eu dei risada, mas parei quando continuou sério.

Miguel arqueou a sobrancelha, assumindo uma postura intimidante, e meu interior aqueceu. Seus olhos era dois lagos de promessas, e eu me peguei desejando sua autoridade, pois tinha algo de extremamente sexy em obedecê-lo. Assim como possuir, por um momento que fosse, alguém tão viril e poderoso... Saber que você domou por um segundo ou dois o indomável... Sentir durante tamanha intimidade o prazer de ter Miguel Giacomelli nas mãos, mesmo que isso não passasse de ilusão da minha cabeça.

Era avassalador e viciante.

— Vem. — eu chamei deitada na cama, o cabelo espalhado em seu lençol macio, os pés descansando confortavelmente em seu peito, me sentindo bonita e charmosa de um jeito que eu nunca me senti.

Era quase como se eu me visse com os seus olhos.

Ele negou com a cabeça, e bateu com as pontinhas dos dedos levemente na parte de cima dos meus pés.

— Não. — então começou a massageá-los, fazendo os meus olhos caírem fechados num instante.

Não segurei o gemido de prazer que deixou os meus lábios. Era um bálsamo. O homem sabia como ninguém usar as mãos, e enquanto tinha um pé na cama e outro em suas mãos, eu procurava não pensar que estava sem calcinha e numa posição mega comprometedora.

— Sem carinho, Miguel... Quero você... Áspero... — implorei. Ele estava sendo delicado demais comigo, talvez devido ao meu choro e infarto de papai, mas principalmente por isso, hoje, para me despedir, eu precisava dele mandão e dominante.

Assumindo, sem delicadeza, o controle.

Talvez eu gostasse, mais do que deveria, de sua autoridade.

Desci as alças do vestido na manobra mais sensual que consegui, tendo as mãos tremendo ansiosas enquanto Miguel assistia meio bobo ao meu show, comendo os meus seios com os olhos.

Eu o puxei pela gola da camisa, ele parecia um pouco desnorteado com o meu comportamento e por isso veio fácil. Eu não me fiz de rogada e ataquei sua boca. Vi seus lábios formarem a palavra "uau" quando girei com ele e subi, engatinhando pelo seu corpo, não me intimidando até que tive os meus seios colados em seu peito.

Eu sorri por dentro quando senti sua parte orgulhosa, o sexo duro projetado firmemente contra a calça enquanto me livrava do resto do vestido.

Eu queria seu pau livre, e para soltá-lo disse as palavras certas em seu ouvido, provoquei até que ele perdeu qualquer que fosse a luta que travava consigo mesmo e perdendo também a paciência veio para cima de mim, selvagem.

Levantando minha perna, Miguel mordeu levemente meu pescoço, me masturbou com o próprio sexo e realmente me fez gritar. Gritar quando

socou tudo, forte em uma vigorosa estocada; gritar quando entrou e saiu duro pelos lábios do meu sexo, beijando e lambendo os meus seios em seu ritmo implacável, sussurrando aquelas coisas que só ele sabia fazer parecerem tão boas.

Ele beijou minha boca com força, machucando um pouco meus lábios e sabendo me dar exatamente o que pedi; suado e rouco, com a voz angustiada de quem estava quase lá e não se permitia.

— Homens como eu podem até serem postos na coleira... Mas eles também põem, não ficamos na coleira sozinhos... Vivian — gemeu.

Eu fechei os olhos. Perdida, quase gozando, sem querer me concentrar no que ele dizia enquanto trocava de posição e acariciava o meu clitóris sem piedade ao bater de volta contra ele... Massageando aquele ponto de êxtase dentro de mim, no processo... Me levando...

— Miguel...

Ele deixou cair uma palmada dura sobre a minha bunda ao mesmo tempo em que espasmos de fogo me roubaram o ar, tornando o orgasmo ainda mais potente e avassalador.

Eu senti quando veio dentro de mim, o calor do seu esperma me enchendo, os gemidos roucos e baixos que soavam doces em meus ouvidos me levando mais fundo, o cabelo ensopado, o suor descendo em minha pele, o bico do meu seio encontrando novamente abrigo dentro de sua boca.

Não houve espaço para a vergonha depois de tudo, nem desespero de ir embora. Eu me encontrava languida e saciada dentro do círculo dos seus braços, me sentindo bem comida e protegida perto dele. Eu queria ficar, pois tudo ali parecia certo e não importava se era de um jeito insano. Por mais que fosse assustador reconhecer, o seio que ele tinha na boca era seu; sempre seria; e a cintura que seu braço forte envolvia já lhe possuía.

Eu mantive a calma e apenas me permiti ficar ali, absorvendo a plenitude do sentimento de ser dele e construindo boas lembranças para o futuro... Até que adormeci.



Às duas horas da tarde do dia seguinte, quando ele beijou levemente os meus lábios e perguntou de quanto tempo seria a viagem, eu não fui mulher o suficiente para dizer "estou indo pra ficar, Miguel".



OITO

Vivian

DURANTE O VÔO de volta para casa, nas três horas dentro de um avião pela primeira vez, eu não consegui pensar que a solidez que eu sentia em meus pés era falsa por se encontrar muito longe do chão e acidentes aéreos aconteciam e eram em sua maioria fatais. O medo de altura deu lugar ao vazio que se expandia em meu peito a cada segundo em que ficávamos mais longe de Campinas.

Desembarcamos em João Pessoa, jantamos na primeira parada do ônibus em Soledade e passamos pela entrada de Prosperidade às nove horas da noite. Eu achei a cidade feia e sem graça, e na medida em que o táxi avançava e coloquei os meus olhos sobre os primeiros conhecidos, só consegui pensar que não tinha sentido um pinga de saudade deles.

Ainda podia sentir o cheiro de Miguel, não na roupa ou no corpo, mas na memória. Fechava os olhos e quase podia senti-lo, o cheiro amadeirado e sensual.

Mamãe não estava em casa quando chegamos, mas a chave estava debaixo do tapete da porta da frente, como ela sempre deixava. Amanhã de manhã nós iríamos para Novo Horizonte visitar papai e encontrá-la. Dona Karla tinha prometido que dormiria na casa de uma amiga hoje, mas eu duvidava que fosse descansar verdadeiramente pensando em papai no hospital. Amanhã eu a traria para casa e Daniela ocuparia seu lugar ao lado

de seu Marcelo que, Graças a Deus, não tinha tido complicações após o IM e teria alta em poucos dias.

Pensar nisso deixou meu peito apertado.

Por que não tinha voltado antes?

Desde que Daniela casou-se eu era a única que poderia fazer a vida deles mais fácil...

E eu só pensei em mim, ao me apaixonar por Campinas e... Por Miguel.

— Vivi! — minha irmã chamou atrás de mim, me tirando fora dos meus pensamentos. Eu abri a porta e me virei para vê-la arrastando sua mala enorme no calçamento, realmente grande demais para alguém que tinha deixado os filhos com o pai e a promessa de voltar em poucos dias. — *Help me!*

Eu revirei os olhos para Daniela.

Quando tudo estava dentro de casa, nós pedimos pizza. Eu me joguei no sofá me livrando das sandálias rasteiras, sendo impossível não me lembrar de Miguel massageando os meus pés... Ontem.

Ontem eu estava com ele, no entanto, isso parecia um sonho bom e muito distante agora.

— Você parece mais fechada. — ela reclamou. — E nossa! Como eu estava com saudades dessa casa.

— Você morou aqui por muitos anos, é normal sentir essa falta. Eu estou bem.

— Não está. Não aceito que minta para mim, ouviu? Por que não admite que está triste e pronto? — ela foi dura.

— Isso vai fazer você se sentir melhor?

— Vai fazer você se sentir melhor. — ela olhou com acusação para mim.

— Era para ser uma noite, mas não foi nada como eu planejei. Ele

não foi. No fundo eu sabia que não seria. Isso é uma coisa boa. — acrescentei quando arqueou a sobrancelha ironicamente. — Queria ter tido mais tempo com ele, mas é só isso.

— Você pode voltar comigo.

— Mamãe não gosta de ficar sem suas "crias". Você ganhou o mundo, como ela diz. Então só pode contar comigo... Ainda mais agora. Ela sente sua falta, Dani. Mais do que deixa você pensar que sente. Eles adoeceram quando o João decidiu que ia tentar a sorte em São Paulo e você foi com as crianças depois que, graças a Deus, os negócios deram certo. Eu passei mais tempo lá do que disse eles ou eu mesma pensei que passaria, e agora que estou em casa mamãe não vai deixar que eu vá visitar você de novo tão cedo.

— Achando bom ou não nós criamos os filhos para o mundo. Não se esqueça que você é maior de idade.

Balancei a cabeça negando.

— Eu não posso abrir mão dos meus pais. Estou falando de mamãe, Daniela, você a conhece. Ela é a minha prioridade. Aqui eu sou seus pés e suas mãos, e não me sentiria bem sabendo que está sozinha aqui com papai, tendo que cuidar de tudo, se preocupar com tudo... Ela não é mais nenhuma menina.

— Ei... Shh... Eu sei... — e só então me dei conta que estava chorando. — Nossos pais não estão sozinhos, tem irmãos, sobrinhos, e sempre é possível pagar alguém para ajudar mamãe. Ela nunca quis isso, mas tem que reconhecer suas limitações.

— É claro que eu queria mais tempo com Miguel. É claro que eu queria mais tempo em Campinas. É claro que eu queria passar o natal em Sorocaba com tio Tarsio. Mas por algum motivo não é para ser assim. — limpei as lágrimas de maneira brusca. — Desculpa... Vou tomar um banho enquanto a pizza não vem.

— Você não disse nada a ele, não é? — ela perguntou quando me levantei. — Deixou que Miguel pensasse que voltaria.

— Não. — respondi sem me voltar para ela. — Não disse.

— Acho que você pisou na bola. Miguel é um cara realmente bacana. Ele não é só um rostinho bonito e rico. Ele é mais.

— Eu sei.

— Não vai ganhar nada magoando ele.

— Olhando para ele, não consegui dizer nada. Não sei, ficou embargado, não saiu. Não foi de propósito.

Dizendo isso, eu desapareci dentro do quarto.

Miguel

Eu assisti quando ela se aconchegou em meu peito e se enroscou nua em mim, fascinado e bobo, com o sorriso mais patético do mundo agarrado na boca.

Eu fiquei acordado por horas, aproveitando a paz que reinava no quarto e em mim, com ela nos braços. Ser abraçado depois do sexo nunca significou muito. Não me lembrava de alguma vez ter me importado de segurar alguém depois de transar, ou ser segurado. Mas essa mulher...

Deixá-la em casa na manhã seguinte foi difícil, e a consciência de que passaria alguns dias sem vê-la me atormentou. Incomodado com a necessidade de precisar dela como um viciado de drogas, fiz da distância e quantidade de dias um teste.

Meu controle se rompeu ao final do décimo terceiro, quando, pelo segurança, soube que Daniela voltou e voltou para sozinha para casa.

Primeiro eu tentei entender o que tinha acontecido, provavelmente havia um motivo para Vivian ter ficado mais um tempo em casa. Mas o sentimento de que ela não voltaria e apenas não fez questão de me dizer, era forte demais. A sensação de ter sido enganado por ela depois da última noite que passamos juntos me deixou irado. E se antes eu queria vê-la, agora eu precisava. Tinha que ficar cara a cara com Vivian e entender se ela foi capaz de me deixar esperando-a como um demente, quando nunca teve intenção de voltar, por diversão.

— Isso é uma loucura, Miguel! O Natal está chegando e não quero passá-lo longe de você!

— Calma Jordana... Miguel não é nenhum moleque, ele sabe o que está fazendo. — papai tomou a frente, lidando com mamãe, e me encarou com olhos sérios; olhos de quem sabia o que estava acontecendo. Ele entedia.

Porra, eu estava louco por ela e isso era evidente para ele. No entanto, eu também estava louco com ela. Eu queria deixar seu pequeno traseiro rosa por não ter sido honesta comigo, quando eu fui o tempo todo.

— Sabe o que vai fazer?

— Sei.

— Bom, eu confio em você. Só peço que leve alguns seguranças, você não pode ficar vulnerável por aí, filho. Não quando os meus inimigos sabem que eu daria até as cuecas para tê-lo seguro.

Balancei a cabeça, um pouco rígido pela emoção em seus olhos. Então ele bateu em meu ombro e me puxou para um abraço. Eu agradeci com um aperto semelhante, silenciosamente reconhecendo tudo o que meu pai fazia por mim. Sempre me apoiou em qualquer coisa que eu acreditei que podia fazer, pois se eu achava que podia, ele era sempre a segunda pessoa a acreditar em mim.

— Obrigado pai. Falaremos sobre os negócios da família depois. — adiantei, pois não importava o que eu tivesse que renunciar, eu daria esse gosto a ele. — Eu apenas quero ser um homem casado quando assumir a presidência da Giacomelli.

Vivian

Me despedir de Daniela foi difícil. Eu a deixei para pegar o ônibus para João Pessoa e de lá o avião, com os olhos cheios de água. O coração louco de vontade de voltar para Campinas nem que fosse dentro de sua mala. Ela estaria lá dentro de poucas horas e, se eu fosse, poderia vê-lo em breve.

Quando estava dirigindo de volta, quase chegando em casa, não havia nenhum humor dentro de mim. Papai tinha tido alta ontem, e isso foi à única coisa que me fez feliz em dias. Não almocei, me preocupando em limpar a casa antes de fazer as compras do mês no mercado.

Sabia que isso poderia esperar, mas queria me ocupar com algo. Encontrar coisas que precisavam ser feitas foi fácil, mas uma hora depois eu lamentei não ter dado ouvidos à mamãe e ficado em casa. Pois a pessoa que eu encontrei em um dos corredores, depois de tudo que fez, resolveu ser educado e me cumprimentar.

— Minha viagem foi ótima, Wagner. Tem como você sair da minha frente agora? O Olavo está me esperando para passar as coisas. Obrigada. — fiz uso de toda a educação que existia em mim, mas foi inútil. Ele sorriu o que pensava ser um sorriso sexy, que antes da viagem talvez pudesse acender boas lembranças em mim. Mas não foi isso que aconteceu.

Minha garganta fechou e pensei seriamente em colocar minha única refeição do dia fora. Eu o achei sem graça, meio acabado, com um ar debochado que me encheu de enfado quando tentei passar por ele outra vez e não tive sucesso. Olhando para ele eu não consegui ver porque eu passei anos da minha vida gostando desse cara.

— Eu tentei ser educada. Bom, não funcionou. Olavo, o Wagner está bloqueando minha passagem aqui!

Seu queixo caiu quando o dedurei.

Ele aceitou a repreensão do dono do estabelecimento com um sorriso forçado, e me acusou de ressentida antes de pegar as próprias compras e sair.

Foda-se. Eu não me sentia culpada por isso.

Quando estava colocando as compras no carro, ele apareceu de novo. Dessa vez tinha uma cerveja na mão e algo no seu sorriso frio me incomodou e deixou com medo.

— Ainda é louca por mim.

Eu olhei seriamente para o seu rosto, e por fim disse:

— Acho que dentro da sua latinha não tem só cerveja.

E não quis debochar ou espezinhar, eu verdadeiramente acreditei que alguma coisa estava errada com ele.

— Que lixo! — ele desprezou.

— Bom, você é maior de idade e não tenho mais nada a ver com sua vida. Mas é óbvio que não está no seu normal. Tenho pena se realmente foi imbecil o bastante para escolher esse caminho.

— Pena eu tenho de você, vivendo dentro de um quarto, isolada do resto do mundo porque tem medo de realmente viver. Que diabos de vida é essa? Que graça tem viver assim? Para você tudo é perigoso, tudo mata. Porra Vivian, você é chata!

Eu bati a mala do carro fechada, e dei a volta pelo outro lado para entrar no veículo e não cruzar com ele. Sentindo-me segura lá dentro, declarei girando a chave na ignição:

— Antes uma chata de galocha que um burro sem cérebro. Não preciso de nenhuma droga no meu sangue para me sentir bem, e espero verdadeiramente que sua ressaca moral no dia seguinte não tire sua vida. Por que isso às vezes acontece, seu imbecil. Vá trabalhar para ajudar seu pai, que seu mal é ter tempo livre demais para pensar na vida.

— Não tem nada na minha bebida, sua idiota! Esse é o desagradável efeito que você tem em mim.

Dirigi até em casa me sentindo estranha. Suas palavras

surpreendentemente não me feriram, mas foi impossível ignorar a crueldade com que ele as jogou no meu rosto.

Logo ele, que foi por muito tempo e antes de tudo, meu melhor amigo.

Desabafei com Daniela quando ela me ligou depois do jantar, então soube que Miguel provavelmente já sabia que eu não tinha voltado para Campinas.

Aí me senti péssima de verdade, porque apesar de tudo, eu não queria deixar nenhum sentimento ruim dentro dele.

Não queria ser lembrada como uma mentirosa ou coisa pior.

— Fale com ele. Diga que... Não sei... Que não pude voltar...

— Por que você não liga para ele?

— Eu não consigo. Você não o conhece, Dani... Miguel é... Ele é...

— Forte? Alguém que vai pensar em você como uma pequena fraca por não ter tido a decência de abrir o jogo com ele? — suspirou. — Paciência, minha irmã. Ele estaria coberto de razão.

Eu não respondi. Não tinha palavras nem uma maneira de rebater. Ela então finalizou a chamada com um "ligue para ele". Delicada como um coice, Daniela não hesitava em dizer coisa alguma para qualquer pessoa. Como sua irmã, eu não tinha privilégios.

—Tudo bem Vivi? — mamãe apareceu na porta do meu quarto.

— Tudo mamãe. Papai está dormindo? — mastiguei o lábio de baixo um pouco nervosa.

Ela tinha estado ali muito tempo?

— Vendo Tevê.

— Ah...

— Está com fome?

— Um pouco. — dei ombros, sem muito interesse só para não preocupá-la.

— Vou preparar alguma coisa para você.

Bati a tela do notebook fechada e a segui até a cozinha, preocupada com sua palidez.

— Tudo bem. Deixa que eu faça meu próprio lanche...

— Não, filhota. Mamãe gosta de cuidar de você.

— Eu sei... — olhei chorosa para ela.

— O que está acontecendo, amor? Quase não saiu, por que não procurou suas amigas? Até parece que não está contente em voltar para casa.

— Estou mamãe. Aqui só não tem muito lugar para ir, né?

Evitei dizer que eu não tinha amigas de verdade além de Daniela e Priscilla, minha vizinha. Nem mesmo as minhas primas, por parte dela e de papai.

— Antes você não reclamava.

Antes eu não sabia as possibilidades que eu tinha...

— Estou cansada. — beijei sua bochecha. — Vou levar um pouco de suco para o quarto comigo. Não se preocupe. Vou dar uma espiadinha em papai e depois vou dormir. Aproveita e descansa. — beijei sua testa e, com alguma relutância, ela concordou.

Estava exausta, tadinha.

No quarto, cansada, mas sabendo que não conseguiria dormir, olhei para o meu celular e me arrependi de ter quebrado o chip que usava em São Paulo. Mesmo se quisesse ligar, agora eu não tinha mais o número de Miguel para discar.

Então olhei para o notebook e meus dedos coçaram. Parecia um vício, uma compulsão ver suas fotos e saber de sua vida. Depois de deixar os meus dedos pairarem sobre o teclado um par de vezes, eu finalmente digitei seu nome.

Então olhei suas fotos, pensando que mesmo bonito demais naquele momento suspenso no tempo, fotografias nunca fariam jus à sua beleza de tirar o fôlego. Elas não pegariam o efeito daquele sorriso, não reproduziriam

sua voz grave e levemente enrouquecida e não captaria o brilho verde encantador dos seus olhos. Olhei e optei sabiamente por ignorar algumas fotos em que ele aparecia com algumas mulheres estonteantes, mas foi impossível fazer de conta que não vi quando me deparei com uma na qual ele estava abraçado a uma morena; ambos sentados em um barco com sorrisos largos na boca. Eu quase pude visualizar a cena, a água muito azul se movendo calma e suave, a felicidade deles na fotografia quase podia ser sentida e meu estômago protestou.

Lutei contra a ânsia, contra a curiosidade. Mas não resisti e cliquei em "ver maior" a foto. Foi quando apareceu o título de uma matéria ligada a ela, que me pegando de surpresa, provocou um nó ainda mais apertado na garganta e um gelo desagradável bem no meio do meu peito.

Miguel Giacomelli fica noivo de bailarina russa em Capri.

E como uma boa masoquista eu cliquei em ver mais daquilo, sedenta, sabendo que não gostaria de ler o que estava escrito... Mas não suportando não saber dessa história.

"Miguel Giacomelli ficou noivo nessa segunda feira (28), da bailarina Ana Garber na ilha italiana de Capri. Pedido de casamento mais romântico seria impossível..."

Fechei o notebook com toda a força. Era uma loucura sentir ciúmes de uma coisa que aconteceu quando eu nem o conhecia. A foto era antiga, ele estava mais novo e obviamente tinha amado muito essa mulher a ponto de pedi-la em casamento. O pensamento doeu no meu peito, e me indagava sobre o que teria acontecido para não terem se casado? Ele deixou de amá-la? Terminaram há muito tempo?

Minha cabeça latejava com perguntas, então sem coragem de abrir o notebook e continuar lendo o que tinha começado, eu apelei para Daniela.

— Sabia que ele chegou a pedir uma namorada em casamento?

Ouvi seu suspiro.

— Sim. Mas ela morreu dois anos atrás em um trágico acidente de carro. Isso aconteceu logo após o pedido de casamento, pelo que sei.

Suas palavras afundaram em meu peito como chumbo. *Muito ruim*. Eles não tinham terminado, ela tinha morrido. De fato não existia nenhuma maneira de competir com uma mulher morta. Alguém que não estava mais aqui para errar e decepcionar. Alguém que descansava perfeita em sua memória.

— Ih, já tá pensando bobagem! Ele provavelmente teve o luto, mas isso passa. Pessoas vêm e vão, Vivi. Eu não sei que merda aconteceu antes de você e o Wagner terminarem, mas pare com isso. Você acha que todo mundo é melhor que você agora, mais bonito, mais inteligente... Você questiona sempre por que alguém te escolheria. E eu te digo, não porque sou sua irmã, mas pelo o amor que tenho pela verdade. Você é linda, poucas mulheres são tão bonitas como você. Você é inteligente, uma ótima companhia quando não está colocando coisas na cabeça e tem algo aí nesse corpinho que deixou o Miguel fascinado. — eu corei com sua risada. — Com o tesouro que nós temos embaixo da saia, minha querida irmã, podemos controlar a vida de qualquer homem. Coloca isso na sua cabeça em vez dessas caramiolas que está acostumada. Você pode tudo e pode muito. Agora vá dormir que eu estou desossada... — ela não me deu chance de falar. E na verdade eu não queria espaço para mais questionamentos; perguntas que não me levariam a lugar algum e respostas que só me colocariam para baixo.

Apesar disso, pensar nele com a morena me deprimiu.

Deitei a cabeça em meu travesseiro e não consegui dormir. Parecia que o mundo estava de mal comigo. Acordei com meu celular vibrando, e quando conferi as mensagens eram todas de Daniela. Dentre pedidos para responder logo, a última frase me colocou acordada rapidinho.

Ela dizia: *tudo bem, dorminhoca, dorme. Mas prepara o coração*.

Eu tentei chamá-la de volta, mas agora foi ela que não me respondeu. Na medida em que o dia passava e nenhuma resposta vinha, comecei a me inquietar.

Ela não estava respondendo de propósito.

Mas por que eu teria que preparar o coração?

Ela tinha descoberto alguma coisa...

Sobre a mulher que ele pediu em casamento?

Dele?

Cogitei ser brincadeira, de muito mau gosto apenas para me deixar nervosa, uma vez que ela estava deliberadamente me deixando no vácuo. Mas um sentimento de alerta começou a se construir em meu interior e se intensificou quando sai para lanchar à noite com a minha vizinha na padaria do Osvaldo, saindo pela segunda vez de casa desde que cheguei.

Estávamos sentadas na calçada esperando os nossos pedidos, quando dois carros pretos passaram devagar, um seguindo o outro.

Meu coração acelerou por um motivo.

E não consegui tirar os olhos dos carros que se moviam lentamente.

Vendo-os parar um pouco mais na frente, quase tive um treco quando ainda de costas reconheci o cabelo castanho brilhante e toda aquela altura como sendo de um único dono.

O ar ficou preso em meus pulmões quando ele se virou e olhou diretamente para mim. Eu me encolhi automaticamente na cadeira, como se fosse possível derreter sob a mira de seu olhar penetrante e virar uma poça de água covarde no chão... Escorrendo pela calçada até chegar em casa. Priscila ainda miou ao meu lado quando aquele magnífico espécime masculino se aproximou de nós, mas eu não consegui emitir nenhum som.

Estava presa nos olhos de Miguel, surpresa, bebendo sua visão paralisada.

Eu pigarreei nervosa, procurando a voz quando ele parou na minha frente, ficando cara a cara comigo, e arqueou a sobrancelha de forma zombeteira. Estava irado. Eu podia sentir a raiva emanando dele em todos os poros.

Merda.

O homem cruzou os braços.

— É assim que você cumprimenta seu namorado depois dezesseis dias longe dele?

Eu pisquei, abrindo a boca em estado de choque quando seu desafio pairou no ar como um tiro.

Priscila se engasgou com o suco.

Ele então se virou para ela, e sem o peso de seu olhar gelado sobre mim, eu consegui virar a cabeça para o lado apenas para perceber que éramos o centro das atenções.

— Desculpe, eu não me apresentei. Sou Miguel Giacomelli. — ele estendeu a mão para ela, que gaguejou um "pris-priscilla" corando até a morte.

Então se voltou para mim, e não me esperou esboçar qualquer reação por tê-lo aqui. Estendeu a mão e quando automaticamente coloquei minha palma na dele, Miguel me tirou da cadeira, sentou-se nela e me puxou em seu colo.

Os olhos arregalados de Priscilla voaram então para o meu rosto, mas eu não podia ajudá-la com qualquer informação.

Desconfiava e agora tinha certeza de que Miguel era louco.

Eu me virei para olhá-lo, boquiaberta.

— O que você está fazendo aqui?

Perguntei, e ele me deu uma "beliscadinha" na coxa.

— Pequena falsa. — rosnou.

Passada a surpresa inicial do insulto, eu olhei séria para ele.

— Retire o que disse.

— Prove o contrário.

— Ei gente, eu... Acho que vou seguindo na frente, viu Vivi? — Priscilla apressou-se para ir embora e naquele momento eu não fui capaz de parar ela.

Ninguém seria.

— Por que está aqui se acha que eu sou uma pequena falsa?

— Por que eu gosto de ter certeza.

Revirei os olhos.

— Cuidado. — ele alertou.

— Cuidado?!

Eu não entendia porque estava de repente tão louca com ele, mas eu estava disposta a brigar. Talvez fosse o pensamento de ele ter amado outra mulher que me tirasse do sério ainda agora, ou tivesse sido a foto ou o fato de que ele talvez ainda a amasse, mesmo que, sentada em seu colo me sentindo pequena e importante, eu não pudesse ver nenhuma sombra de tristeza em seus olhos por tê-la perdido.

— Por que veio embora, Vivian?

— Você sabe por quê.

— Por que não me disse que não voltaria?

— Por que isso não dependia de mim.

— Como não?

— Papai sofreu um infarto, Miguel. Não houve complicações após o IM, mas ele tem que se cuidar muito bem agora. Mamãe não é nenhuma jovem, e eu não gosto da ideia de deixá-la sozinha com todas as responsabilidades de cuidar dele e da casa.

Seu olhar zangado suavizou, mas isso não aliviou a dureza de sua voz:

— Eu pensei que nós estivéssemos juntos. Você deixou que eu pensasse que voltaria antes de sair porque era conveniente para você, ou realmente pensava em voltar? Por que você ter saído de Campinas e nesses dias todos não ter respondido nenhuma das minhas mensagens deixou claro que eu fui à porra de uma diversão para você.

— Eu não estava me divertindo com isso. — sussurrei. — Eu perdi aquele número. Realmente queria voltar para São Paulo. — fui sincera. — Onde você está ficando?

Quando ele se inclinou e passou o nariz pelo meu pescoço, mais

manso, cheio de saudade, eu fechei os olhos e me derreti contra ele.

— Novo horizonte, aqui não tinha nenhum hotel decente.

Eu quase sorri, mas me lembrei que em Novo Horizonte também não tinha nenhum hotel que chegasse perto do que ele estava acostumado.

Não entendi porque me senti culpada por isso.

— Você vai me apresentar aos seus pais?

A pergunta não foi uma surpresa. E Deus, eu queria levá-lo para casa para dormir e ficar comigo. Mas mamãe e papai não eram tão liberais.

— Posso preparar os dois primeiro, sem que você apareça de surpresa por lá? Eu não saberia como apresentá-lo hoje.

Ele sorriu seu sorriso assassino, que me acendeu inteira. Eu joguei minhas armas para o alto, e deixando cair por terra todas as minhas defesas, quis que se fodesse as consequências do que poderia ser um ato de coragem ou extrema estupidez.

— Mas acho que posso inventar uma festa do pijama na casa de algumas amigas hoje. — sugeri contra a sua boca.

— Você me ama?

Essa pergunta me pegou mais de surpresa do que ele aparecendo aqui. Eu o fitei atordoada.

Ele era direto de uma maneira que desconcertava, quando queria.

— Miguel...

— Sem "Miguel" Vivian. Fiz uma pergunta. Se não tem uma resposta agora, tudo bem, posso esperar por ela.

— Pode?

— Vamos namorar enquanto você não sabe o que sente.

— O que você está querendo dizer? Eu...

Minha confusão pareceu divertir-lhe. Seus lábios se curvaram suavemente, como se tivesse saboreando um segredo, antes de...

— Primeira e segunda base até que eu ouça as palavrinhas mágicas.

Meu queixo caiu.

— O quê?

— Isso que ouviu. Estou recuando depois da última que aprontou. As coisas agora serão do meu jeito. — ele segurou o meu queixo. — Me usar? Você não vai. Não farei amor com você até tê-la gritando que me ama.

Miguel

Era isso. Estava ferrado. Apaixonado pela mulher mais esquiva do mundo. Eu nunca estive em tamanho descontrole em toda a minha vida, mas me sentia em paz apenas por sentir o pesinho gostoso do corpo dela em meu colo. Eu enfrentei uma viagem de longas horas, eu estava em um hotel que não valia nada, eu quis torcer esse pescocinho em cada buraco que o pneu do carro afundou na estrada e agora me encontrava todo bobo porque ela estava enrolada em mim, com o nariz em meu queixo como se não conseguisse se distanciar do perfume da minha barba.

Eu agora entendia Arthur e toda a bebedeira sem sentido quando ficou uma semana sem Lise.

Eu passei vinte dias de merda sem conseguir me concentrar em nada, por pouco não sendo mal educado com pessoas que não mereciam isso, como um grande filho da puta frustrado.

Eu passei meus braços em torno de sua cintura e a apertei contra mim, sem me preocupar se estávamos em público e as pessoas estivessem

concentradas em cada movimento nosso. Vivian também não parecia se importar e isso me agradou.

— Priscila saiu sem esperar pelo lanche. — ela riu contra mim, de repente. — Está com fome?

— Muita fome. — disse rouco, e fiquei satisfeito com o estremecimento que percorreu seu pequeno corpo. Já estava vendo que ia ser a porra de um desafio resistir a ela, mas o que seria mais um tempo no inferno quando estive a ponto de dar pancadinhas nas costas do capeta ontem?

O resultado estimado valia, para dizer o mínimo, à tentativa.

Nós comemos pasteis de frango com catupiry, e eu nunca tinha visto Vivian comer com tanto gosto. Os dedos sujos de maionese, um pouquinho de catchup que eu esfreguei em seu nariz e ela era a mulher mais bonita que eu tinha visto.

Ela estava agarrada ao meu pescoço outra vez quando pedi a conta, e sábia, não discutiu quem pagaria.

Afaguei sua nuca em um carinho, pois gostava da ideia dela me tocando sempre que sentisse vontade. Estávamos dessa forma, conectados, quando uma voz desagradável soou atrás de mim. Senti Vivian ficando toda tensa em meus braços, e retesei os maxilares com o que saiu da boca do sujeito.

Vivian

Estava com o nariz grudado no queixo de Miguel, absorvendo aquele cheiro gostoso, que eu tinha sentido tanta falta, quando a voz arrastada e debochada do Wagner cortou o barulho das pessoas que riam e conversavam dentro e fora da padaria, e o silêncio reinou absoluto.

— Essa seria uma cena linda, se ele não fosse um modelo que você contratou para me fazer ciúme.

Eu demorei a acreditar no que ouvi.

Olhei para ele, que estava com o lábio inferior puxado para baixo em desgosto óbvio, e pensei seriamente que alguma coisa estava muito errada com ele.

Wagner acabava de ultrapassar todos os limites.

— Você não é mais patético porque é só um. — retruquei, segurando os punhos fechados de Miguel contra a minha barriga.

— O cara tem quase dois metros de altura, anda em um tremendo carro e nunca esteve aqui. Como você quer me convencer que o conhecia de algum lugar? De onde? Por que eu estava observando dali — ele apontou para o bar —, e ele já chegou sentando você no colo.

— Quem é você? — a voz de Miguel arrepiou os pelinhos da minha nuca. A pergunta fria, seca, cheia de autoridade saiu de sua boca e me deixou ainda mais alerta, tensa e cansada.

— Fica quieto aí bonitão, que o que ela está lhe dando com certeza não vale seu nariz quebrado.

Eu amaldiçoei Wagner baixinho por ser um idiota quando meu corpo não foi empecilho para impedir Miguel de se levantar da cadeira.

— Você e mais quantos vão tentar quebrar o meu nariz? — ele arqueou a sobrancelha naquele trejeito irônico que me intimidava, e lancei um olhar de alerta para o pateta do Wagner.

Quer apanhar imbecil?

— Só eu mesmo. — e pateticamente arregaçou as mangas da camisa.

Eu senti vontade de bater nele eu mesma, socar seu rosto com meus próprios punhos. Mas ele estava bêbado.

— Pela maneira horrível que terminamos, eu acho que você se considera importante demais para mim. Quer saber quem ele é? Vai ficar querendo, pois isso não diz respeito a você. — eu cuspi, pois não lhe

explicaria uma palavra sobre Miguel. Se quisesse acreditar no pensamento absurdo de eu ter chegado ao ponto de contratar alguém para fazer ciúme nele, acertar-lhe bem no meio do ego como fez com o meu, o iludido da história agora não seria eu. — Vamos embora, Miguel.

Coloquei uma mão em seu peito, e levantando o olhar suplicante para o seu rosto dei com o seu cenho franzido. Ele estava absorvendo a informação de que a pessoa desagradável em sua frente era meu ex-namorado, e podia dizer pela sua carranca que ele não estava gostando de digerir isso. Eu implorei a ele com os olhos para sairmos dali, antes que mais uma besteira saísse da boca do Wagner e ele acabasse comprando mesmo aquela briga.

Miguel ignorou meu apelo, e tomando a minha frente segurou o Wagner pela gola da camisa. Ele tirou seu corpo do chão com facilidade, e com o rosto muito perto do seu disse alguma coisa baixa para ele que eu não entendi.

Então o soltou, pegou minha mão e me conduziu até o carro que estava parado a alguns metros dali. Quando eu olhei para trás para ver o Wagner se recompondo, recebi um aperto de aviso da mão de Miguel para não fazer isso. Um músculo tremia sem controle em seu maxilar, e era perceptível o esforço que fazia para conter seu temperamento.

— Miguel...

— Agora não. — ele abriu a porta do carro para mim, e colocando uma mão nela se inclinou para dizer próximo ao meu ouvido: namoraram por quanto tempo?

— Três anos. — eu relutantemente confessei.

Ele olhou intensamente para mim.

— Não pense que vou ser apresentado a sua família como seu amigo. — ele disse calmo, mas fechou a porta com um golpe seco.

Nada fraco.

Eu me virei para ele quando entrou no carro.

— Você está pensando em conhecer os meus pais agora?! — estava

tão nervosa que não sabia se perguntava ou afirmava.

— Muito hospitaleira você. — ele debochou. Então escorou a cabeça na direção do carro e meu coração amoleceu.

Eu o puxei para mim.

— Você acha que não estou com saudades, e não quero levá-lo para casa? — fui para a pontinha do banco para segurá-lo mais perto. — Claro que quero. Mas eu não posso simplesmente chegar em casa com você à tiracolo para dormir no meu quarto. Meus pais não estão acostumados com isso, Miguel. Acredite quando digo que o que Daniela teve que inventar de festa do pijama na casa das amigas para dormir na casa do João foi vergonhoso. Eles são de outra época, onde o rapaz costumava pedir a mão da moça em namoro e só então ir para casa dela namorar. Isso significava pais e mães fingindo assistirem televisão na sala, enquanto o casal tem as mãos entrelaçadas e suporta o escrutínio nada discreto deles ali com muito amor no coração.

Sem que eu esperasse, ele riu. E o som gostoso de sua gargalhada teve o mesmo efeito imediato sobre o meu corpo traidor.

— Posso pedi-la em namoro ao seu pai. — ele levantou os olhos para mim, e minha boca desceu imediatamente para encontrar a sua.

— Eu te amo. — disse sem som, olhando dentro dos seus olhos. Miguel franziu levemente o cenho, desconfiado. — Agora me leva para o seu hotel? — eu joguei a mão sobre a boca para esconder um sorriso quando ele se afastou e me olhou de forma acusadora.

— Boa tentativa. — ele censurou. Então ligou o carro e deixou cair palmadinhas distraídas sobre a minha coxa. — Mas vai ter que fazer melhor que isso, amor. Não me convenceu.



Vivian

NO CAMINHO ATÉ o casarão de fachada amarela que pertencia aos meus pais, eu me controlei para não avançar contra aquele homem lindo que estava sério e concentrado dirigindo. Ele parecia chateado com alguma coisa e me ignorava, eu desconfiava que fosse deliberadamente.

Ele ficou calado quando parou o carro, e não perguntei como ele já sabia o endereço sem que eu tivesse dito. Fiz menção de abrir a porta e então descer, uma vez que estacionou e se manteve quieto, e só então seu braço subiu e sua mão capturou a minha.

— Amanhã eu quero conhecê-los. Não posso ficar muito tempo, tenho negócios que estão sendo negligenciados.

Dessa vez seu tom autoritário não causou um arrepio bom em mim. Eu, sem entender por que estava tão sensível, me senti ofendida por suas palavras.

— Bom, se os negócios são realmente importantes, eu não acho que você tem que ficar preso aqui por mim.

Sua mandíbula apertou, e ele me olhou frustrado:

— Estou aqui por você. Então pode se considerar importante, poucas pessoas me fariam largar trabalho, entre outras coisas, para esclarecer que

tipo de relacionamento eu tenho com elas.

Eu realmente senti vontade de revirar os olhos para ele, mas me controlei. Miguel parecia chateado e sério demais para irritá-lo.

— Estou deixando que brinque e faça gato e sapato comigo, mas isso vai acabar. Não sou um moleque. Não estou brincando com você. Estou sério aqui, levando tudo isso muito sério, e levaria isso à sério também se fosse você.

Ele tinha um jeito mandão de falar e me fazer sentir uma criança errante que, mesmo assim, molhava a minha calcinha. Era honesto, firme... E eu sentia muita, muita vontade de beijá-lo nesse momento. Na verdade, estava louca para subir em cima dele, aqui mesmo no carro, e cair no esquecimento até de quem eu era e ser sua.

Outra vez sua.

E novamente sua.

Eu me aproximei e, depois do beijo gostoso, qualquer irritação entre nós acabou morrendo. Miguel não parecia mais disposto, assim como eu, a brigar. Ele deixou cair um último selinho em meus lábios antes de sussurrar contra eles: Vejo você amanhã.

Ele me assistiu entrar em casa antes de arrancar com o carro, e pela abertura do portão eu observei o veículo preto desaparecer na esquina. Deixei escapar um suspiro dubio, de felicidade e de dúvida, sobre como eu iria dizer aos meus pais que tinha um namorado.

Acordei no dia seguinte de manhã cedo, não tinha dormido muito bem pensando em Miguel em um hotel péssimo em Novo Horizonte, e tinha coisas demais martelando minha mente para suportar ficar deitada na cama. Tê-lo aqui em Prosperidade estava mexendo comigo, de certa forma me deixando super protetora, querendo cuidar dele como se fosse minha responsabilidade. Não quis pensar sobre isso, mas me convenci dizendo que por ter sido tão bem acolhida pelos seus parentes em Porto Alegre, retribuir a gentileza uma vez que ele estava aqui, por mim, era minha obrigação.

Senti vontade de ligar para ele depois de ter tomado o café na

cozinha com mamãe. E me amaldiçoando pela décima vez por ter me livrado daquele maldito chip, eu mandei uma mensagem de texto para Daniela... Perguntando se, por acaso, ela não teria o número de Miguel.

Ela de fato tinha, e depois de ligar o meu computador e checar o meu e-mail, eu finalmente tomei coragem e disquei o número dele.

O telefone tocou e caiu na caixa postal. Isso imediatamente me preocupou. Um rápido pensamento sobre qualquer coisa ruim acontecendo com ele me paralisou de pavor momentaneamente.

Eu encontrei mamãe no sofá vendo a missa pela Tevê, e me sentando junto a ela resolvi abrir o jogo logo. Pois enquanto rezava para nada ter acontecido com Miguel, eu já conhecia o Giacomelli bem demais para saber que ele bateria na minha porta hoje quer eu tivesse conversado com os meus pais ou não.

Então era melhor prepará-los.

— Eu sei que a senhora vai se preocupar por eu estar "conhecendo" alguém de fora, uma pessoa que a senhora não sabe de que buraco saiu... Mas eu... Mamãe... Eu conheci alguém em São Paulo. Ele está aqui, a família dele é ótima... — eu desesperadamente acrescentei quando seus olhos ficaram enormes. — Mas ó, mãezinha, ele quer conhecer vocês. Está aqui! Isso não é uma coisa boa?

Ela ficou muda temporariamente, cheia de espanto, tentando assimilar o que eu tinha despejado de uma vez sobre ela sem preparo algum.

— Você está namorando? — ela visivelmente ofegou. — Um homem de São Paulo? Vivi... O que eu disse a você, minha filha? É perigoso...

— Mãe... Miguel é filho de um homem importante em Porto Alegre, ele estava em São Paulo por acaso, pois também tem família lá. Eu os conheci. Os Giacomelli são nacionalmente conhecidos... Não são pessoas perigosas, da qual não sabemos nada.

Ela só me olhou, sem dizer nada. Então pensei que trazer Miguel hoje para conhecê-los talvez não fosse uma boa ideia. Apesar disso, insisti,

sabendo bem com que tipo de pessoa teimosa e determinada eu lidava.

— Prometa que vai tentar pelo menos conhecê-lo. Só então vai poder formar uma opinião sobre ele. Por favor, mãe.

Ela suspirou.

— Seu pai vai ter outro treco.

Eu coloquei a mão sobre a sua boca.

— Não diga isso nem de brincadeira.

Então beijei sua testa, antes de soltar outra bomba em seu colo: Vou pegar o carro. Estou indo para Novo Horizonte encontrá-lo.

No caminho até a cidade vizinha, eu cogitei se foi sábio deixar papai ignorante sobre a existência de Miguel. Mas eu precisava de notícias dele, decidi que seria melhor assim e fui encontrá-lo com a promessa de mamãe de manter a boca fechada... Desse jeito não corria o risco de ela exagerar, como era seu costume. Contava com a discrição e educação de papai, que jamais faria qualquer coisa para deixar alguém desconfortável em sua casa.

Não foi difícil encontrar o hotel mais caro de Novo Horizonte, que não era cinco estrelas nem tinha nada de luxuoso que pudesse impressionar, mas sendo de longe o mais conservado da cidade. Um prédio alto e com roupas estendidas em quase todas as minúsculas varandas.

Informei-me na recepção sobre um hóspede com sobrenome Giacomelli, e um minuto mais tarde dois seguranças caminhavam até mim. Isso depois de a mocinha da recepção ter usado o telefone. Vê-los me tranquilizou muito pouco, mas segurei a ansiedade e perguntei com toda a calma que consegui imprimir na voz:

— Onde está Miguel?

— Dormindo. — eu fiquei grata por ainda estar com uma das mãos no balcão de mármore da recepção, e ter usado a pedra escura como apoio na hora do alívio. — Passou quase toda a noite em um barzinho tranquilo no centro, o wi-fi daqui não estava funcionando e ele reclamou do ar condicionado. Dormiu já era de manhã, quando todo o cansaço da viagem o nocauteou naquela cama.

Eu senti uma apertadinha involuntária de culpa no peito por saber que ele não dormiu. Por quê.

— Eu... Eu posso subir? — perguntei, me segurando para não contornar aqueles dois postes sem luz e vê-lo. Silenciosamente reconhecendo que não fiz exatamente isso por não saber o número do quarto.

— Acho que não tem problema ela entrar. — o mais encorpado meditou. — Mas procure não acordá-lo logo, ele dormiu pouco desde que saímos de Porto Alegre.

— Ok.

E enquanto era conduzida por um largo corredor até o elevador, me controlava para não dar saltinhos de excitação e parecer uma desnaturada.

Quando o segurança abriu a porta do quarto e os meus olhos deram com suas costas nuas... Por todos os santos... Quando vi seu corpo grande jogado de forma descuidada na cama e o lençol fino branco amontoado nos quadris, meu coração acelerou.

Eu mordi o lábio quando o homem fechou a porta e me deixou sozinha com Miguel no quarto. Eu demorei em caminhar silenciosamente até a cama. Ele parecia um anjo dormindo, um anjo lindo... O cabelo castanho bagunçado, a boca ligeiramente entreaberta, a barba rala no queixo que ficava incrivelmente charmosa nele, e sua respiração lenta e compassada.

Passado algum tempo parada, admirando-o, eu não resisti e me sentei na beiradinha da cama; usando a desculpa de não ter nenhuma poltrona no quarto para não repreender a mim mesma de está-lo perturbando.

Eu realmente não queria acordá-lo, me senti mal quando soube que dormiu muito pouco e reclamou das instalações do hotel, e prendi a respiração quando ele resmungou algo ininteligível e se moveu inconscientemente para mais perto de mim. Sua mão ficando a centímetros da minha coxa.

Só quando ele pareceu dormir um sono profundo de novo, foi que voltei a respirar normalmente, e isso durou até sua cabeça descer ligeiramente e seu nariz quase encontrar no meu quadril. Eu quis subir o tecido do vestido,

Deus... para sentir sua respiração na minha pele nua, e lutando contra o impulso de fazê-lo, recusei qualquer outro movimento que pudesse acordá-lo. Até a respiração sendo cuidadosamente controlada.

Era uma cena ridícula... E quis morrer quando seu celular tocou e ele se moveu de novo, acordando e parando imediatamente com qualquer movimento ao se dar conta de que não estava sozinho no quarto.

Suas pálpebras balançaram e se abriram, com uma calma estudada, e me olhando alerta, eu não resisti em cobrir o rosto com as palmas.

— Vivian? — ele passou a mão pelo rosto e barba, confuso, em seguida deu-se conta novamente do celular tocando perto dele. Miguel procurou pelo aparelho por ele, embaixo do lençol e eu quase salivei.

Ele atendeu sem verificar o visor, e ajeitou o corpo na cama de uma forma a fazer o meu colo de travesseiro. Senti um lado macio do seu rosto nas coxas enquanto ele falava com o pai, e acariciei seu cabelo quando jogou o iPhone de qualquer jeito no colchão e fez menção de voltar a dormir.

Antes de fechar os olhos, ele resmungou: Estou quebrado, esse colchão parece uma tábua bem fornida de madeira e suas pernas são macias.

Não sei como aconteceu, em um momento observava-o dormir com certa fascinação e no seguinte acordava com alguém batendo na porta.

— HUM? — eu perguntei um pouco alto demais, para alertar que tinha gente viva no quarto apesar de eu ainda me encontrar um pouco zozna e desorientada.

O relógio de Miguel na cabeceira ao meu lado apontava para mais de 2h da tarde, o que dizia que eu tinha dormido e muito, e esfreguei os olhos em uma tentativa de espantar o sono que parecia ter passado dele para mim.

Em seguida eu o chamei, ele tinha ficado um pouco pesado em meu colo pelo tempo, minha bunda tinha morrido pela posição, e sentia formiguinhas nos pés.

— Miguel... Acorda! — eu o balancei algumas vezes, até que ele rolou para o outro lado, longe mim. Ele não acordou. Eu então o montei, aproveitando para tocar a pele macia das suas costas e deixar alguns beijinhos

nele.

Seu cheiro não era desse mundo... Eu amava. Absorvia seu perfume no cangote como uma vampira louca por sangue.

Eu queria que ele me tirasse dele e viesse com tudo para cima de mim, mas o homem só gemeu, resmungando algo sobre umas miseráveis famosas palavras que esfriaram o meu fogo.

Sua barraca estava armada dentro do short de seda preto que usava, infelizmente não nu como eu julguei inicialmente, e quando fiz menção de passar a mão por cima daquela área, sua mão capturou a minha e um grunhido poderoso de repreensão saiu dele.

Eu quis gritar de frustração. Queria fazê-lo entregar os pontos e se dar por vencido. Talvez assim eu também me desse e me...

— Vamos acordar? Almoço? Lá em casa? — eu o distraí, deixando a voz baixa de propósito como se fosse lhe contar um segredo, só para conseguir me inclinar para mais perto dele e suavemente conseguir infiltrar uma coxa entre as suas. Ele lamentou baixinho quando eu o toquei, e prendeu a minha perna entre as suas como se prendesse um bandido... Um bandido muito atrevido.

Eu ri contra a sua boca.

— Se renda.

— Não. — ele disse rosnando. — Você vai dizer... Ou eu não me chamo Miguel Giacomelli.

Miguel me deixou na cama sozinha, dizendo sem vergonha que tomaria um banho e sem pudor eu me convidei para me juntar a ele. Mas tive o meu pedido recusado, e ainda levei a maior bronca.

— Eu fiquei preocupada com você, seu mal agradecido!

— Ouvi dizer que consciência pesada faz isso com as pessoas...

Suspirei cheia de frustração com Miguel por ser determinado como um jumento empacado, e comigo, por arder de desejo por ele desse jeito e insistir em fazê-lo se mover como se fosse à dona do jumento.

Dirigindo o carro dos meus pais dez minutos depois, ele parecia estranhamente satisfeito. Era um modelo de Golf antigo e toda aquela satisfação não poderia ser realmente pelo carro. Eram 20 km de Novo Horizonte para Prosperidade, e parando em frente à casa dos meus pais eu respirei fundo.

— Falei com mamãe sobre ter conhecido você em São Paulo, mas papai ainda não sabe... Se mamãe cumpriu mesmo a promessa de não dizer.

— Você diz às coisas de um jeito que eu me sinto uma espécie de mafioso.

Oh, querido.

Não quis dizer a ele que essa hipótese não seria descartada da cabeça de Dona Karla até que ela o visse, sem um cigarro entre os dedos e nenhum vestígio de tatuagem de cadeia pelo corpo.

— Vamos.

Ele saiu do carro e saltei junto com ele, então ficamos cara a cara quando fechei a minha porta perto da calçada.

Tremendo igual vara a verde eu o conduzi para dentro pela mão. Meus pais tinham uma excelente casa, mas ela ainda seria comum demais para um Giacomelli. Na sala ele não perdeu tempo observando decoração, e concentrou sua atenção em mamãe, que tinha se derretido toda por sua boa aparência.

— Senhora. É um prazer conhecê-la. — ele apertou sua mão, e se inclinou ligeiramente para beijá-la na bochecha.

Mamãe corou de querer abanar as mãos, e por Deus, eu não senti pena dela.

— Sente-se filho, não repare na bagunça da sala. — disse nervosamente. A sala não estava sequer bagunçada. — É um prazer conhecê-lo, ainda que ontem eu nem soubesse que você existia.

O olhar dos dois fixou-se em mim, e senti a necessidade de me defender para dona Karla: *O quê?*

— Deveria ter me contado que estava namorando, eu não me importaria se fosse por telefone. — mamãe reclamou.

Ela soava com uma modernidade que não lhe era típica. Parecia que um alienígena tinha se apossado do corpo de mamãe, porque a que eu conhecia teria um infarto se eu dissesse que conheci um possível namorado em São Paulo. Eu nem mesmo me surpreenderia se a dita cuja fosse pessoalmente me buscar porque eu estava saindo com um desconhecido que poderia ser um traficante ou serial killer que tiraria a minha vida em algum momento depois.

Disse tudo isso a ela com meu olhar enquanto sentia a mão de Miguel acariciando meu joelho.

— Como está o seu marido? — gentilmente perguntou. Mas eu interpretei como um "quero conhecê-lo". E acho que foi corretamente.

Beijei seu braço por cima da camisa, e enquanto ela respondia que papai estava tirando um cochilo no quarto, eu me levantei e o puxei pela mão.

— Vem.

Seu Marcelo foi pego em flagrante assistindo novela, mas não pareceu se surpreender com o desconhecido que acabava de entrar no seu quarto. Ele calmamente baixou o volume da Tevê e sorriu para nós, esperando ser apresentando à pessoa que ainda não conhecia, mas segurava a minha mão com intimidade.

— Pai, esse é Miguel. Um amigo de Daniela de São Paulo. — senti o leve aperto de repreensão, antes de Miguel se inclinar e apertar a mão estendida de papai.

— Senhor. Fico feliz que esteja bem. É uma honra poder conhecê-lo.

— Você é muito gentil, meu jovem. — disse com sua voz normalmente mansa. — Estou confinado nesse quarto, essas mulheres não me deixam fazer mais nada. — ele olhou para mim, sorrindo, então ofereceu sua poltrona favorita para sua visita desconhecida.

— Estou bem aqui, senhor. Obrigado.

Mas papai insistiu e ele educadamente se sentou, me levando para

sentar com ele no processo. Meu rosto queimou um pouco em embaraço, mas sentindo a firmeza dos dedos de Miguel apertando gentilmente o meu quadril, segurando meu traseiro em seu colo, encontrei o olhar de papai e acabei com aquilo logo.

Um brilho de surpresa iluminou o olhar esverdeado de seu Marcelo quando ele me ouviu pronunciar lentamente a palavra "namorado", mas a conversa entre eles fluiu melhor do que eu previa daquele momento em diante. Miguel falou de sua vida, sobre seus planos futuros, negócios, e tendo conversado tudo o que podiam papai perguntou quantos dias ele pretendia passar na cidade. Acho que em parte por conhecer bem os hotéis nos arredores, ele disse que estaria feliz em tê-lo em nossa casa. Mas essa também foi sua maneira de dizer que Miguel tinha sua aprovação.

Eu estava para lá de surpresa com os meus pais. Não eram as mesmas pessoas de quando eu ainda namorava o Wagner, porque considerando os três quartos que a casa tinha; um deles sem cama desde que minha irmã casou, pois mamãe resolveu doá-la, só sobrava o meu quarto para Miguel ficar.

Papai estava oferecendo o meu quarto para ele.

Não sabia se ficava feliz ou embaraçada. Mas um sorriso lento acabou tomando partido, e conta da minha boca.

Seria difícil fazê-lo voltar atrás e ir além da segunda base comigo?

Uma coisa era certa, eu me divertiria tentando.

— Vou levá-lo para comer algo, Miguel não almoçou ainda. — levantei e quando se ergueu atrás de mim, pude sentir a desaprovação saindo de papai em camadas por eu não ter mencionado, nesse tempo todo, que seu novo hóspede ainda estava sem almoço. Embora no fundo desconfiasse que ele não fosse me repreender na frente de Miguel.

Silenciosamente me amaldiçoei por esboçar um sorriso culpado em sua direção, afinal tinha sido o Giacomelli a não querer saber de comida e senti vontade de jogar a culpa nele, mas no fim me senti uma péssima pessoa e reconheci que não estava cuidando dele direito. E que apesar dos meus pais estarem se superando, eu estava longe de recebê-lo tão bem como ele e sua

família me recebeu tanto em Campinas como em Porto Alegre.

Tentei deixar Miguel na sala de jantar enquanto tentava consertar isso, mas ele me acompanhou. Sentou-se em um banquinho na cozinha, e com a mão no queixo e o cotovelo apoiado no balcão me observou esquentar a comida.

— Estou gostando de ver você cuidando assim de mim. Parece uma esposa.

— Deboche sobre isso de novo e eu desisto de alimentar você. — ameacei, abrindo um sorriso quando o som da sua risada soou perto do meu ouvido. Eu senti o seu hálito perto do meu pescoço e senti cócegas de pura excitação.

Ele então tirou o prato das minhas mãos e o levou consigo, dizendo que já tinha comida o suficiente e que ele comeria ali mesmo.

Coloquei muito pouco para mim, apenas para acompanhá-lo, mas me arrependi quando olhou com uma seriedade desconcertante para meu prato.

— Posso saber por que não está comendo?

— Estou sem apetite.

— Isso não daria para alimentar um passarinho, Vivian .

— É provável. — concordei com ele. — Mas não estou me sentindo bem para comer comida de gente "normal" desde que jantei um restaurante em Soledade na viagem que eu e Dani fizemos de volta para casa. A comida não estava boa, e acho que meu estômago ainda está traumatizado. Está bom?

— Foi você que fez?

— Não. — eu disse, e ele respondeu "está ótima" com um leve e sarcástico curvar de lábios.

— Mas eu sei fazer, meu filho. Sou uma moça prendada.

— Claro que é.

— Está zombando de mim?

— Não e não importa. Não é para cozinheira que eu te quero.

— O que está achando da cidade? — baguncei sem vontade minha comida, pensando em quantos dias ele aguentaria até se cansar daquele marasmo e ir embora.

— É bem pacata.

Ele não se comprometeu com a resposta, claro, era diplomático demais. Mas para bom entendedor...

Quando terminou, levou o prato até a pia e quase dei um grito para pará-lo quando percebi que ele tinha intenção de lavá-lo.

— Não, Miguel! Deixa aí que eu faço. — segurei um punhado de sua camisa quando o alcancei, para afastá-lo de lá. — Mamãe me mataria se você lavasse esse prato.

— Tudo bem. Eu não... -

— Você nunca fez isso.

— Tem razão. — ele se abaixou e me roubou um beijo. — Mas eu sou prestativo e atencioso, bonequinha. Aprendo rápido.

Oh, Deus. *Existia homem mais lindo?*

Ele era bom demais para ser de verdade.

Era bom demais para ser meu.

— Tenho que voltar em Novo Horizonte, os meus seguranças trouxeram o meu carro.

— Você vai dormir... -

— Aqui.

— O que vai fazer lá? — eu mordi o lábio por perguntar.

— Pegar minha mala, acertar a conta do hotel.

— Os seguranças não podem... -

— Sim, eles podem. Está me pedindo para não ir?

— Não, tudo bem. Lá você se distrai um pouco, Novo Horizonte é

mais movimentado que aqui.

Tentei ser compreensiva e não irracional e ciumenta como me sentia, mas aparentemente não foi assim que foi visto por ele.

— Se eu quisesse me distrair em um lugar mais animado, não era pra cá que eu tinha vindo, Vivian.

— Você entendeu. O que eu poderia sugerir? Um filme de mulherzinha no quarto? Ou quem sabe futebol? Acho que você já percebeu que não temos muita opção de bons lugares para ir nessa cidade, especialmente durante o dia.

— Eu teria ficado feliz com o futebol e você, na cama. O futebol é opcional.

— Estou falando sério, Miguel.

— Eu também. Ficaria mesmo feliz em apenas deitar com o seu corpo perto. Mas vou aceitar a sugestão, vou procurar me distrair em Novo Horizonte.

— Não. — eu o abracei por trás quando se virou. — Você dormiu a manhã inteira. Só estava tentando me colocar no seu lugar um pouco.

— Não tente. Já ficou claro que encaramos a vida de um jeito diferente.

— Pode parar de brigar? Eu já expliquei como me senti. — me irritei.

— Não estou brigando.

— Está sim.

— Nesse caso, então, eu sinto muito.



Dentro do meu quarto Miguel observou tudo com atenção, como se me visse nas paredes, na cama, na escrivaninha e na estante cheia de livros.

Liguei a Tevê enquanto ele tirava a roupa, e quando olhei para ele deitado na minha cama de olhos fechados, de cueca, meu coração encheu-se de ternura.

— Você parece cansado. — pensei em voz alta ao caminhar até o guarda roupa e vestir uma camisola. — Miguel? Está se sentindo bem?

— Sim. — era quase um resmungo. — Esqueci de avisar aos seguranças sobre a bagagem e o hotel.

— Eu aviso. Eles estão lá fora?

— Não com essa camisola.

— Me dá o seu telefone e eu ligo. — revirei os olhos.

Ele me passou o aparelho e disse para chamar Alfredo, então segurando seu celular como se segurasse a ele mesmo passei todas as instruções para o segurança.

— Acho que você não está acostumado com esse calor. — disse diminuindo ainda mais a temperatura do ar condicionado no quarto, passando depois uma mão pela sua testa. — Não sei, estou achando você abatido desde que saímos do hotel.

— Eu não estou ouvindo. Vem pra mais perto.

— E agora, ô surdinho? — perguntei carinhosa, e ele aproveitou a proximidade para afundar o rosto em meu decote.

— O que sente por mim, Vivian?

— Por favor, Miguel.

— Por que eu tô aqui? Diz que me ama ou eu vou embora.

— Não posso. — demorei um tempo para dizer, e me perguntei se ele tinha caído no sono, pois um minuto se passou e ele continuou estranhamente quieto.

— Por quê? — perguntou por fim.

— Não sei.

Ele ficou calado.

— Mulheres suspiram por você em todos os lugares. — me vi dizendo.

— Isso significa alguma coisa?

— Para mim, sim.

— O que significa?

— Eu não sei... São muitos sentimentos juntos, e nem todos eles são bons.

— Agora você está falando do que sente por mim?

— Sim.

— Então acho que estamos na mesma página. Me beija.



DEZ

Miguel

COM O INÍCIO de uma dor de cabeça se formando, eu fui distraído do leve incômodo pelo seu beijo. Seu corpo pequeno caiu em cima do meu no colchão, e ela gemeu um protesto quando o celular tocou perto da minha calça justo naquele momento.

— Deixe. — ordenou contra a minha boca. — Não ouse atender esse maldito telefone!

Eu bem que tentei ignorá-lo, me divertindo com o seu desejo descarado e inocente, mas o toque repercutiu pelo quarto uma vez seguido de outra e ela rosnou de frustração quando se irritou e rendeu-se a ele.

— Oi mamãe. — atendi depois de ver o visor, sabendo que uma ligação de Jordana Giacomelli era sempre importante.

— Faltam três dias para o Natal. Eu quero saber se você vem, ou eu vou ter que levar seu pai e a família toda para passar aí.

— Jesus, mãe... — eu soprei, me sentindo um pouco atropelado. — Vai depender da Vivian.

— Então passe o telefone para ela.

Eu estendi o aparelho sem discutir, ela estava montada em minha

cintura com os braços cruzados, ouvindo meu lado da conversa, e comecei a rir quando olhou para o telefone com horror.

— O que? Não! — sussurrou, cobrindo a boca com a mão e se afastando do aparelho como se ele pudesse mordê-la.

— Mãe, Vivian não qu... -

Então ela arrebatou o celular da minha mão. Eu me escorei melhor as costas na cabeceira da cama e observei ela corar, lançar-me um olhar fulminante e abanar as mãos antes de finalmente atender. Vivian então gaguejou alguns monossilábicos e terminou a chamada com um "claro, senhora". Em deleite, pensei que talvez fosse bom deixar mamãe fazer o trabalho sujo mais vezes.

— O que foi?

— Acabei de concordar em passar o Natal em Porto Alegre. — ela ainda olhava para o meu telefone com certa incredulidade. — Por que eu me sinto atropelada por um trem?

— Ela é implacável quando quer alguma coisa.

— Mas eu não posso passar o Natal lá. Você vai ter que se desculpar com ela.

— Não conte comigo. Já que não vai, eu sugiro que você pegue o telefone e retorne a ligação agora. Ela realmente se importa com essa coisa de passar datas importantes em família.

— Você está achando isso divertido. — me acusou. E fez menção de atirar o aparelho em mim, quando ele começou a tocar de novo.

— Deus! O que há de errado com esse maldito telefone? — ela o jogou em cima da cama e saiu pisando duro para fora do quarto.

Então escorei a cabeça em um braço, satisfeito pela vitória de mamãe sobre Vivian e levei o aparelho ao ouvido. Era Daniela.

— E aí? — disse num tom cúmplice.

— Confessou que não estava pronta para dizer o que sente.

— Não brinca! Vivi sabe ser uma porta de teimosa! Deus, ela é tão cabeça dura agora que só posso pensar que está muito apaixonada...

— É melhor que ela não te ouça dizendo isso.

— É melhor mesmo. Ou seria capaz de acabar tudo com você e cortar relações comigo.

— Então é uma coisa boa que ela não tenha verificado o visor do celular que tinha nas mãos antes de sair cuspidando fogo do quarto.

— Atrapalhei alguma coisa?

— Não. Alguém atrapalhou antes de você.

— Nãaaao... — Daniela deixou escapar uma risadinha nervosa. — Nesse calor? Meu Deus! Acho melhor eu desligar.

Acabei não aguentando a vergonha em sua voz e ri baixinho.

— Obrigado por ter me dado o endereço dos seus pais e toda a conversa esclarecedora que tivemos. Ela é teimosa, mas eu sou mais.

— Eu vou te amar para sempre se ela voltar a ser a Vivi de antes.

— Farei o melhor que eu puder para trazê-la. — garanti, e finalizei a ligação.

Ainda pensativo, usei a calça e fui procurar por ela. Passei pelo corredor que levava à sala, e por um momento parei para observar a gata peluda e charmosa deitada sobre uma almofada no sofá. Era estranho me sentir em casa ali, mas a decoração daquela casa, intimista como era, dizia muito sobre a personalidade dos donos e nos dava esse conforto estranho de lar.

Dentro daquele cenário eu conseguia perfeitamente imaginar a minha pequena ainda menor, correndo e bagunçando as linhas de tricô que a mãe deixava no centro de madeira da sala; juntas de uma toalhinha de rosto rosa que bordava.

Saindo para a área na frente da casa eu dei de cara com a "sogra", ela ficou toda vermelha quando viu o meu peito descoberto e senti o mesmo desconforto por não ter me importado de colocar uma camisa.

— Desculpe senhora... Eu estou... Procurando a Vivian.

— Me chame de Karla, meu filho. Ela está conversando com o Marcelo.

— Tudo bem. Só queria saber onde estava — "com aquela camisola" ocultei. — Se a senhora não se importa, eu vou me deitar. Não dormi bem ontem e sinto como se estivesse dentro de uma ressaca.

— Dor de cabeça? — ela se preocupou, me seguindo. — Eu já disse para me chamar de Karla.

— Sim, Karla.

— Eu vou pedir pra Vivian levar alguma coisa para você beber.

— Tudo bem. Não quero dar trabalho.

— Magina, menino. Trabalho nenhum!

De olhos fechados eu senti quando minha boneca entrou no quarto apagado, inundando o ambiente com o seu perfume doce. Eu ouvi quando colocou uma caneca de vidro na mesinha de cabeceira da cama e se inclinou sobre mim.

Uma coisa para amá-la era que ela sabia ser carinhosa quando queria. Especialmente quando se preocupava. Senti seus dedos acariciando o meu cabelo, e ganhei um beijinho no canto da boca.

Resolvi não abrir os olhos ainda, aproveitando aquilo, mas quando ela falou perto do meu ouvido de um chá maravilhoso que tinha feito à curiosidade me venceu e eu abri os olhos.

Troquei de posição quando ela levantou a caneca, me sentindo todo mimado, e quase cuspi a água amarga sobre ela no primeiro gole.

— Você não tinha falado de um chá maravilhoso? — tossi.

— Maravilhoso para curar dor de cabeça. — ela riu.

— Eu não vou tomar mais isso! — fiz careta.

— Só outro gole e já vai servir. Você não acredita que chá doce faz passar alguma dor, acredita?

— Acredito.

— Como você é mimado!

— É incrível. Eu começo a elogiá-la em pensamento por um segundo, e no seguinte eu já tomo bem no meio da minha cara.

— Você me elogia em pensamento? — se interessou por isso.

— Deita aqui, Vivian.

— Beba outro gole do chá primeiro, Miguel.

— Não me dê ordens. — lati.

— Ué? Bala trocada não dói, meu filho.

— Deita. — eu não bebi outro gole quando coloquei a caneca onde estava antes de, infelizmente, pegá-la, e só capturei sua mão quando a danada girou nos calcanhares para sair do quarto porque era rápido e tinha bons reflexos.

— Se você fica me dando ordem aí, todo machão, eu acho que posso mandar também. Pensa que é o dono do mundo?

— Então manda. — rosnei contra os seus lábios. — Mas fica em cima de mim primeiro. E se quiser obediência eu sugiro que seja nua.

Vivian

Ah, filho da mãe. Eu me derreti imediatamente contra ele. Sobre ele. Aquilo era tudo o que eu estava sonhando ouvir há dias. Duas palavras: fique nua. E já queria me livrar de toda a minha roupa como uma maníaca.

— Quero apagar cada dia passei longe de você, cada dia que a quis, sem poder fazer nada sobre isso. — ele finalmente beijou minha boca, mordiscando o lábio, lambendo, sugando deliciosamente minha língua. Miguel me abraçou e me apertou contra ele como se nunca fosse me ter perto o bastante. Era uma sorte para mim, estar deitada, pois senti um estranho amolecimento nas pernas quando soltou aquelas palavras por entre dentes cerrados, de forma crua, rascante, quase com raiva contra minha boca. Como se odiasse aqueles dias.

Dei um gritinho quando ele mudou minha posição sobre ele de forma abrupta, me pegando de surpresa ao me virar em seu colo, fazendo cair minhas costas sobre o seu peito... Usando os joelhos para me abrir deliciosamente.

Fechei os olhos quando deslizou as pontas dos dedos sobre o lugar que pulsava por ele, aplicando uma suave pressão sobre o tecido da calcinha, um leve toque em um único ponto, imprimindo firmeza necessária em seu aperto para me impedir de rebolar e ser feliz ali, querendo me enlouquecer antes de afastar a calcinha para o lado e encontrar o meu sexo molhado de amor por ele.

Segurei o grito que ficou preso em meus pulmões em consideração aos meus pais, quando ele se dedicou a me masturbar, suavemente, calculando os movimentos e parando em momentos estratégicos.

— Ainda quero ouvir você dizendo... — ele grunhiu, puxando a parte macia de minha orelha com os dentes, me fazendo lamentar, gemer

como uma gatinha, sua voz macia tão cheia de desejo que eu quase entreguei os pontos.

— Diga que me quer...

— Dentro de mim. Agora.

— Diga que me ama...

— Miguel... Por favor...

O pequeno tapa que ele deixou sobre a minha boceta fez o meu ar faltar, e quando ele se afastou eu lamentei... Lamentei sem nenhuma vergonha. Um longo nãoooo deixou a minha boca, num demorado e angustiado protesto.

— Essa boceta é minha. — ele segurou-a possessivamente, usando o tom mais firme que ele já tinha comigo. — Mas eu quero mais. Você inteira... Sem reserva nenhuma. Diga... —persuadiu.

Eu sabia o que estava prestes a acontecer, mas não suportaria me tornar mais fácil para ele.

Não quando sabia o que isso significaria.

— Diga Vivian. Diga e eu vou lhe dar tudo.

— Por que está me torturando desse jeito? — eu arfei.

— Eu não estou. Mas se precisa dessa desculpa para enganar-se, use-a. Diga a si mesma que me apresentou aos seus pais porque eu a forcei, diga que estou no seu quarto porque sou teimoso, mas não é isso que você realmente quer. Diga, e ainda vou saber a verdade. Eu não estaria aqui, dentro da sua casa com as suas pessoas, apesar de toda essa sua reserva ou especialmente por ela, se você não...

— Pare.

Fechei os olhos e, ainda sim, pude ouvir o resto da frase interrompida. Eu estava imóvel em cima dele. Nesse momento, de olhos fechados, me sentia olhando para dois caminhos semelhantes, caminhos que se abriram de repente em minha frente. Eu precisava escolher um, sabia que ambos me levavam para um lugar que tinha volta.

— Acha que eu não sei que luta com você mais do que luta comigo?

Apertei ainda mais fechados os olhos. Era impossível, ele me tinha. Peguei a mão que Miguel tinha afastado do meu sexo, e coloquei exatamente no ponto que eu queria ele; onde ela estava antes. Senti seu sorriso em minha orelha, mas minha mente ainda pensava em uma resposta. Ele não tinha dito nenhuma mentira, e eu bem que tentei me convencer por várias vezes de que não simplesmente não conseguiria pará-lo, ele era impetuoso e determinado.

Mas eu poderia. Eu poderia ser inflexível também. Dizer não. Mandá-lo embora. Mas o pensamento de ficar sem Miguel era como um buraco negro me levando para as profundezas de um calabouço escuro e sujo. Eu não queria passar o resto dos meus dias em um lugar assim.

— Meu Deus, Vivian... Não aja como se o mundo estivesse desmoronando.

Segurando o meu queixo para olhar dentro dos meus olhos, apesar do que tinha dito, eu vi neles um brilho suave de compreensão.

Miguel segurou uma das minhas coxas, e com a outra mão em minha cintura ele me guiou cuidadosamente para sentar-se de frente para ele.

— Se não quiser, não precisa dizer. Mas se me abraçar agora eu vou entender.

Duas batidas de coração se passaram até que eu piscasse e jogasse os meus braços ao redor do seu pescoço.

Sua respiração foi audível na tragada brusca por ar quando os meus seios encontraram a solidez do seu peito, e colada nele, sem deixar espaço para uma linha se meter entre nós, eu senti as batidas também frenéticas do seu coração.

— Pronto. Não doeu, doeu?

— Talvez tenha. — fui pura rabugice, mas senti seu sorriso no meu pescoço e sorri também. — Cumpra sua promessa agora.

— Com todo prazer.

Ele sorriu um sorrisinho satânico, mas segurou um punhado do meu

cabelo e puxou um pouco, para estudar o meu rosto atento.

— Entende o que é ser minha, Vivian? — a pergunta me pegou de surpresa muito mais pela seriedade com que ela foi feita.

Eu prendi a respiração.

— Sou possessivo. Autoritário. Eu sei que esse narizinho vai empinar mais de uma vez, se rebelando contra qualquer tipo de ordem, e nós vamos ficar irritados um com o outro muitas vezes. Mas estaria mentindo se dissesse que não gosto quando me desafia ou que não me poria de joelhos para cada vontade sua. Sou besta demais quando me entrego, dou tudo, beijo os pés. Mas não se engane, sou exigente na mesma medida. Quero tudo, chamar de minha, marcar território, homem nenhum respirando perto...

Foi difícil não me jogar sobre ele.

— Sabe o que eu quero?

— O quê? — perguntou e concluiu com sucesso o plano que parecia ser o de me enlouquecer, quando respirou perto de um dos meus seios e arrepiou o bico com um sopro de ar morno, fazendo a pele rosada repuxar e meu núcleo doer.

— Eu quero você me coma. *Logo*.

Senti vontade de rasgar aquela calça que ainda pendia em seus quadris quando ele riu com vontade, sexy, dando um tapinha na minha bunda.

— Que boquinha mais suja.

Então ele beijou a boquinha suja que procurou a dele com sofreguidão, antes de me colocar de joelhos sobre o seu rosto, me deixando quente, de tesão mais que de vergonha, me obrigando a segurar com minha parca força a cabeceira da cama e não cair como uma boneca mole de pano em cima dele depois que começou a me beijar lá... Impiedosamente.

Miguel acabou comigo em dois orgasmos majestosos. Não tinha mais nada que eu pudesse guardar dele e nunca pensei que fosse me sentir bem ao tirar isso do jogo. Pois ali, procurando o fôlego entre uma e outra lambida, entre uma e outra arremetida, empalada por ele, suada, beirando o esgotamento, eu nunca me senti melhor possuída ou gozei com tanta

intensidade.

E era incrível que terminássemos sempre na mesma posição, comigo de lado, não importava se de frente ou de costas, seu rosto enterrado em meu pescoço, uma mão segurando meu cabelo e a outra sustentando a minha coxa em seu quadril para deixá-lo livre para se mover entre os lábios do meu sexo, duro, se enterrando profundamente dentro de mim.

— É uma pena que a indústria farmacêutica não possa conhecê-la. Você é fabulosa para curar dor de cabeça. — ele disse lambendo a minha orelha, soltando um longo e poderoso gemido rouco em meu ouvido, que reverberou pelo meu corpo e me mandou para as bandas do esquecimento ao gozar.

Essa foi à última coisa que eu consegui me lembrar, antes de deixar a cabeça cair em seu peito e ser levada pelo sono.



Dois dias depois, após o santo de Miguel fazer mais um milagre, nós desembarcamos no Viracopos. Era sempre com tristeza que eu deixava meus pais, com um aperto doloroso no peito, mas dessa vez não tinha sido tão ruim como a primeira. Mamãe surpreendentemente não fez nenhuma objeção, ela me incentivou, e se papai não tivesse sido vítima de um infarto recente não seria difícil tê-los trazido para passar o Natal conosco.

Miguel disse que a família dele estava reunida no Alphaville, sempre passavam a véspera ali e faziam uma grande festa para celebrar o Natal com a família de sua mãe, pois no dia seguinte todos embarcariam para Porto Alegre. Ele tentou me levar diretamente para a casa dos avós, mas insisti em passar primeiro na casa de minha irmã e quase começamos uma pequena briga na calçada quando quis descer com minha mala.

— Você vai ficar comigo onde eu ficar.

— Miguel, seja razoável.

— Vivian.

— Ei, amores! — Daniela saltou chamando atenção, pois ela também ficava uma nanica perto dele e parecia aflita com a nossa discussão. — Vamos entrar? Tomar café? Acalmar os ânimos?

— Eu detesto que fique colocando espaço entre a gente. — ele resmungou atrás de mim.

— Eu não faço isso. Veja bem — me virei para ele. — Eu vou ficar mais confortável aqui até a hora da festa. — coloquei as mãos na sua barriga por baixo da camisa em uma tentativa de amansá-lo. — Nós estamos juntos há pouco tempo, é estranho agir como se fôssemos, sei lá, casados.

"Pronto, maravilha", pensei, grunhindo silenciosamente quando Miguel me contornou e entrou primeiro na casa.

Fosse o que fosse, a última frase tinha soado por algum motivo ofensiva e tinha sido o suficiente para fazê-lo zangado e distante comigo. Ele conversou com o João enquanto tomávamos café, se despediu de Daniela com um beijo educado, e tudo o que disse para mim foi que o segurança traria a mala para dentro de casa.

Quis esticar a mão para trazê-lo de volta, beijar seu queixo e talvez até voltar para trás com a decisão de ficar ali e ir com ele... Mas Miguel já não esperava uma resposta minha e desapareceu pela porta sendo seguido de perto pelo João.

— Eu tenho vontade de te bater às vezes, sabia? — Daniela resmungou.

Mas eu apenas fiz um sinal de "pare" com a mão antes de lhe dar as costas.

Tinha vontade de me bater às vezes também.

Acho que Miguel também tinha.

Miguel

Estacionei o carro na última vaga da garagem, e dentro de casa amaldiçoei o mais baixo que alguém podia quando precisei procurar pelos meus parentes. Encontrei as mulheres da família ao redor da piscina tomando coquetéis, menos vovó, que não bebia, mas estava ali. Papai não se encontrava em nenhum lugar à vista, provavelmente dentro do escritório àquela hora da manhã, e meu irmão espírito de porco logo que me viu levantou da rede na qual estava deitado, entediado, para me perturbar.

— Ué? Chegou sem a mulher?

— Ela ficou na casa da irmã. — tentei dizer isso o mais neutro que pude, mas estava irritado e as palavras saíram rascantes.

— Você está perdendo a moral mesmo, viu? Mulher minha não se manda não.

— Ouviu aí, Lise? — não hesitei em tentar ferrar com ele. — Arthur disse que a mulher dele não se manda não! — gritei.

— Cala a boca, Arthur! — ela brigou.

Ele olhou para mim sem se abalar, todo cheio de deboche.

— Acho que ainda estou melhor que você, irmão.

— Você tem a moral de uma criança de cinco anos com sua mulher. Pelo amor de Deus, não torra a porra da paciência! — me zanguei.

— Alguém aqui acordou de ovo virado? — ouvi a voz de papai antes de sentir sua mão em minhas costas. — Que foi campeão?

— Nada pai.

— Vem cá, querido! — mamãe gritou, erguendo o drink que segurava.

Acenei do alpendre para ela.

— Já vou, mãe.

— Cadê a mulher? — meu pai procurou.

— Ficou na casa da irmã.

Captando a raiva em minha voz, seu tom endureceu:

— Já está dando o pescoço para a mulher pisar, filho?

— Não.

— Não?

— Eu vou fazer o quê? Jogá-la sobre o meu ombro e trazê-la a força?

— É algo que eu teria feito. — Arthur aprovou. — Conhecendo você, estávamos apostando que voltaria com ela no mesmo dia.

— Mas não voltou. Se ainda pensa e age como um Giacomelli, vai tratar de prendê-la logo e da melhor maneira que existe, com um documento assinado em cartório.

— Pai... — chamei sua atenção. — Nós estamos juntos não tem um mês ainda. Conhecendo Vivian, eu teria qualquer pedido de casamento jogado na cara.

— Sua mãe também achou uma loucura se casar comigo dois meses depois de me conhecer. Mas você estava bonitinho na barriga dela e eu amava. É assim para todos nós, eu não pensei que Arthur, como caçula, sairia do jogo tão cedo... Mas sendo meu filho não decepcionou e pegou o que é seu quando encontrou.

— Não quero assustá-la com essa coisa de pegar o que é meu.

— Dos meus filhos, você é o que mais parece comigo. Em todos os sentidos. Eu sei exatamente o que você sente e como a porra toda acontece, portanto essa merda que está dizendo não significa nada para mim. Abra o jogo com ela.

— Abrir o jogo com ela? Às vezes eu me pergunto como mamãe não fugiu de você, pai. Está querendo que eu me case logo porque disse que só assumiria a Giacomelli depois disso?

— Não. Antes de ser o meu braço direito, você é meu filho amado e desejo sua felicidade. Digo isso porque também já tive, e tenho ainda a cabeça virada por sua mãe desde o primeiro dia. Homem é bicho besta

quando se apaixona, e o sexo feminino é inteligente e artilheiro. Elas não precisam saber do poder que possuem, ou ficam ainda mais perigosas.

Fechei os olhos e suspirei toda a minha exaustividade.

— Estou cansado.

— Dela? — Arthur se assustou.

— Até parece. — papai debochou.

Então me seguiu.

Chegando perto das senhoras, mamãe me abraçou, me beijou, fez o diabo com o meu cabelo e perguntou se eu tinha me alimentado e dormido bem. Um resmungo foi a sua resposta. Eu me estirei em uma cadeira de sol ao seu lado e passei o braço sobre os olhos para mostrar a minha disposição para responder as perguntas de Cristina sobre Vivian. Senti meu celular vibrando no bolso da frente do jeans, mas ignorei.

— Onde está a Vivian?

Eu não aguentava mais essa pergunta. E só não fui mal educado porque estava falando com a minha própria mãe.

Respirei fundo mais uma vez e disse um calmo "na casa da irmã dela, mãe".

— Por que ela não veio?

— Disse que descansaria e estaria aqui para a festa. — respondi sem emoção.

— Ela não poderia descansar aqui?

— Vai saber né, mãe?

Mostrei os primeiros sinais de impaciência para ela.

— Ih, já entendi tudo!

— Deixa o menino, amor. — meu pai pediu, e era a coisa mais estranha vê-lo acariciando um lado de sua coxa.

Voltei a fechar os olhos.

— Eu não preciso ver isso.

— Não se meta nos meus negócios, garoto. Eu não fico regulando você e sua namorada.

— Oscar! — Mamãe repreendeu, mas riu envergonhada.

Isso era demais para o meu dia de bosta.

Levantei, suspirei meu desagrado e fui conversar com meu avô na sala. A única pessoa que tinha juízo naquela casa, além, claro, minha pequena sobrinha de sete anos que dormia profundamente em algum lugar da casa.

Vivian

Quando minhas duas ligações para Miguel foram parar na caixa postal, eu me angustiei. Mordi o lábio, e depois acabei soltando o que me comia por dentro: Será que ele terminou comigo?

Daniela revirou os olhos.

— Estamos falando de um homem, minha irmã. Não de um moleque. Mas seria uma lição e tanto se ele tivesse, para você deixar de bater o pé por bobagem.

— Não é bobagem. Eu fico pouco a vontade indo de mala e cuia pra casa dele, você não ficaria? Sabe lá Deus o que seus pais ficam pensando.

— Aposto que o gatão enxuto do Oscar ainda faz o diabo com a esposa. E não duvido que papai também faça com mamãe.

— Pelo amor de Deus, Daniela! — fechei os olhos com horror. — Você sabe do que eu estou falando.

— Ah, nem vem com esse papinho de horror, você dormiu lá em casa com Miguel que eu sei! — ela apontou um dedo acusatório para mim. — Acha que mamãe pensou o que? Papai com certeza não achou que vocês fossem apenas dormir quando colocou os dois juntos no mesmo quarto. —

ela acabou suspirando. — No meu tempo não era assim, sabia? Você tem sorte. Eu escapei pela janela do quarto da frente, muitas, incontáveis vezes mais do que mamãe me pegou em flagrante para dormir com o João. E ainda me preocupava em voltar a tempo de papai pegar o leite na porta e ficar bonitinha na cama quando seu Marcelo viesse verificar suas filhas.

— Eu também fiquei surpresa... — confessei. — Você é doida. Eu não teria a mesma coragem.

— Tenta de novo. — ela apontou para o telefone.

— Não, já liguei duas vezes. Vou ficar parecendo uma desesperada.

— Se não aprender a ir atrás de vez em quando, vai acabar perdendo ele.

Sustentei seu olhar repreensivo por um momento, então disquei mais uma vez o seu número. O resultado não foi outro: deu caixa postal.

— Quer saber? Vamos para o salão! Você tem uma festa para ir hoje, e as meninas do Veronique Hair estão morrendo de saudades. Você não conseguiu nem se despedir delas antes de ir.

— É verdade. — respondi sem ânimo. — Está pensando em aceitar o convite da família Giacomelli para passar o Natal em Porto Alegre?

— Pensando? Eu já aceitei. Nunca no Brasil eu vou perder a oportunidade de conhecer o Giacomelli-gostoso-pai. — ela só faltou dar saltinhos. — Só não vou hoje porque não quero cansar muito as crianças. Miguel falou alguma coisa sobre embarcarmos cedo.

— Pois é. — eu suspirei, e bati a poeira inexistente da roupa. — Vamos para o salão. Assim você já fica com o cabelo arrumado para amanhã.

— Não foi à toa que você nasceu com os pés e a bunda apontando para lua, minha irmã. — ela balançou as madeixas. — Bem, eu só posso agradecê-la por isso.

Ao passar pelas portas duplas de vidro do salão, o primeiro rosto que eu vi foi o de Vera e meu coração apertou com uma saudade que eu não sabia que sentia. Entrar no ambiente decorado de alegria, e dar de cara com aqueles três rostos amados foi uma lufada de ar fresco.

— Oh meu Deus! — as três exclamaram em coro, e meus olhos se encheram de lágrimas quando Veronique, Rosana e Kelly correram juntas para mim.

— Desculpe ter deixado vocês na mão...

— Imagina meu anjo. — Vera passou os polegares para secar a pele embaixo dos meus olhos. — Vem. Quero saber tudo sobre sua história encantada com o pedaço de mau caminho que você enfeitiçou enquanto lavo e seco seu cabelo.

Esse foi o início de uma tarde maravilhosa, e ao comentar sobre uma festa de véspera de Natal na casa daquela gente chique e poderosa, tive tratamento vip — de escova à massagem esfoliante nos pés.

Estava quase no portão de casa, arrumada e perfumada, quando Miguel ligou. Ao ouvir o seu "Oi" normal, eu me desmanchei em um pedido de desculpas.

— Você está chateado? — odiei aquela manha toda em minha voz, mas era algo instintivo para ser desculpada. Como se fazer voz de criança me garantisse a inocência dos olhinhos de um gato. Ridículo, eu sei. Mas fiquei apreensiva a tarde inteira com sua ausência e gelo.

— Está pensando em dormir na casa de sua irmã também?

— Não... — acabei confessando. — Só estava sem graça em chegar de mala e cuia na casa dos seus avós.

Silêncio.

— É normal já está com saudade?

Fechei os olhos com força, e só abri de novo quando ele suspirou.

— Posso buscá-la agora? — sua voz tinha mudado. *Graças a Deus.*

— Pode.



ONZE

Vivian

ENTRANDO EM CASA depois de falar com Miguel, esperei inquieta por ele. Estava comendo quando a campainha tocou e Daniela fez um sinal afirmativo com o polegar. Engoli em seco, e assisti, com um sorriso nervoso, ela se afastar para abrir a porta.

Quando ela se afastou da soleira e eu o vi em toda sua altura e imponência, meu coração sorriu e caminhei lentamente até onde estava; controlando a vontade que sentia de correr.

Miguel tinha as mãos dentro do bolso da calça, quando encontrei com ele, e ainda me observava com olhos sérios.

Chegando perto eu só desejei que sorrisse, antes de lançar os meus braços ao redor do seu pescoço sem qualquer reserva. Tínhamos passado um dia de sonho no Nordeste depois que finalmente coloquei minha insegurança de lado, ele conheceu toda a minha família e hoje me vi culpando a mim mesma por estragar o clima maravilhoso entre nós, mesmo que no fundo não achasse ainda que errei.

Eu só tinha um nome para isso.

— Parece que alguém aqui sentiu minha falta? — ele segurou minha cintura, mas a pergunta dirigiu para Daniela.

— Parece que sim. — e senti o sorriso na voz dela.

Não me importei com o diálogo dos dois, simplesmente estreitei mais o meu abraço sobre ele, sentindo o cheiro morno e gostoso em seu pescoço, pensando que me lembraria dele em qualquer época de qualquer tempo, esse perfume estava marcado na minha memória e pertencia a esse homem como eu gostaria.

— Desculpa. — pedi contra seus lábios, levando-o em direção ao corredor e para o quarto que eu ocupei pelo tempo em que estive aqui.

Ele ainda estava arrumado do jeito que deixei.

— Você não errou. Não precisa pedir desculpa. — ele disse, se deixando levar para a cama, mas apoiando o peso do corpo em um braço para impedir a si mesmo de me esmagar quando deitou sobre mim. — Eu não sei por que aquilo me chateou, normalmente não faria. — ele pareceu surpreso por isso, mas logo se recompôs. — Mas é você, e o problema de querer levá-la dentro do meu bolso para qualquer lugar que eu for, é meu.

— Eu estou tentando, Miguel...

— Eu sei que está.

— Vamos dar passos pequenos. Pense que eu ainda não me recuperei de um tombo grande que levei... Que a perna ainda dói e por isso manco.

— Mas a perna dói como uma consequência ou o machucado ainda é fresco? — ele quis saber, entendendo perfeitamente a metáfora.

— Como uma consequência. O machucado sarou, mas ficou o medo de dar um passo maior que a perna e me esborrachar no chão de novo. Assim é quando você acredita que é capaz de fazer uma coisa, então você faz e fracassa. Dói sentir que não foi capaz.

— Quem disse a você que foi a responsável pelo fracasso?

— Ninguém. É confuso... E no fundo só tenho a mim mesma para culpar, se tiver que culpar alguém. Wagner foi uma ótima pessoa durante anos, mas um dia ele se revelou como alguém que não era. Ele nem sempre foi o rapaz que você conheceu e eu acabei conhecendo no fim das costas. Ele era uma pessoa maravilhosa, um dia ele foi o meu melhor amigo. Seu ar

melancólico, de quem perdeu a mãe cedo demais e por causa disso tivesse o sorriso mais triste que eu já tinha visto, me atraiu para ele. Eu meio que acabei tomando para mim, a responsabilidade de cuidar dele como ela faria, e isso funcionou para nós por um longo tempo. Eu pensei que nos casaríamos. E não posso culpá-lo por frustrar meus planos, apenas pela maneira que ele resolveu fazer isso. Apesar de tudo, desejo que ele encontre alguém legal. Por que mesmo tendo me magoado e me mostrado o seu pior lado, a vida também foi uma filha da puta com ele. Eu sinto muito por sua noiva.

— Minha noiva? — ele perguntou depois de um tempo, parecendo surpreso pelo meu conhecimento sobre ela.

— Sinto por alguém tão jovem ir tão cedo. Sinto sinceramente por você ter perdido a mulher que amava naquele acidente.

Miguel pareceu distante, por um instante realmente perdido e pálido, e quando ele fechou os olhos com o cenho franzindo-se de uma maneira torturada, o meu coração caiu.

— Internet, claro. Os jornais não sabem, mas Ana estava grávida quando morreu.

Um nó enorme se formou em minha garganta e ameaçou me sufocar.

— Não...

Oh, não... Deus.

— Ela tinha acabado de descobrir quando eu fiz o pedido. Foi tudo tão rápido, não deu nem tempo de ficar feliz.

— Sinto muito... — eu me angustiei, com pressa para consolá-lo. Mas não podia fazer muito, não quando consolava também a mim mesma ao lembrar-me da foto dos dois no barco que tinha visto recentemente.

— Não gosto de pensar nisso.

Miguel beijou os meus lábios superficial, mas demorado, então desceu pelo meu corpo e plantou um beijo igualmente significativo na minha barriga.

Eu preendi a respiração.

— Vamos, está anoitecendo. — ele ainda parecia estranho quando estendeu a mão para me ajudar a levantar. — Vai conosco, Daniela? — perguntou quando estávamos na sala, segurando a capa de plástico com meu vestido dentro, e tirando as sacolas com a roupa íntima e o sapato das minhas mãos.

— Vou esperar o João chegar, Miguel. Mas prometo que aparecemos antes de começar.

— Não tem problema. A ceia será lá pelas dez, mas a família se reúne antes disso. Esperamos vocês. — ele se despediu, e ainda distante pelo o que nós tínhamos conversado eu beijei a bochecha de minha irmã com carinho.

Quando entramos no carro e Yellow encheu os meus ouvidos, eu senti a velha emoção que sentia sempre que ouvia Coldplay. Miguel ligou o carro de um jeito calado que não lhe era comum, e com minha mão em sua perna ele deslizou suavemente pela rua charmosa que eu tinha aprendido a amar em tão pouco tempo.

Um momento mais tarde eu olhei para ele concentrado na estrada. Ao começar a pensar em coisas ruins, movi minha mão dali para um lugar mais em cima e a próxima coisa que senti foi o impacto da freada brusca quando nós quase saímos da estrada.

O cinto, por sorte, me manteve colada ao banco.

— Quer nos matar? — ele parou no acostamento, sua respiração brusca, e minhas bochechas arderam quando seus olhos caíram estreitos sobre mim.

— Desculpe...

Ele passou a mão pelo cabelo em um gesto que denunciava um nervosismo atípico.

— Só isso?

— E o que você quer? Eu não pensei que fosse tomar um susto desses! — me irritei vermelha.

— O estrago que pode fazer com essa mãozinha se apertar o botão

errado é de grandes proporções. — ele repreendeu, depois beijou os meus dedos, e parecendo mais calmo desceu a minha mão para aquela área novamente e apertou com a sua. — Acho que você não tem ideia do poder que tem aqui.

Meu rosto pegou fogo quando ele sorriu, safado, pra mim.

Miguel então tirou sua mão de cima da minha e ligou o carro, eu fiquei o mais imóvel que consegui no banco.

— Tudo bem, Vivian? — era um "tudo bem" um tanto malévolo. Eu engoli em seco sentindo a protuberância em minha mão protegida pelo tecido da calça ainda mais proeminente.

— Claro.

Engoli em seco.

— Pode apertar. — ele incentivou e eu comecei a suar. — Se a sua boceta é minha, nada mais justo que chame o que eu tenho aqui de seu.

Meus olhos voaram para o seu rosto e eu ofeguei. Ele arqueou levemente a sobrancelha para a minha cara chocada, e parecia a personificação da calma quando olhou para frente e manteve um aperto firme sobre o volante.

Eu relutantemente tirei a mão do seu pacote, tinha a calcinha molhada, me sentia uma bagunça incapaz de articular uma simples palavra e amaldiçoei o impulso que me tomou de repente para senti-lo antes de respirar e dizer:

— Eu sou a favor de cada um possuir o que é seu, obrigada.

Ele riu de forma rouca e debochada.

— Tudo em você é meu. Se não quer direitos iguais aí já não é meu o problema.

Eu suspirei alto, para ele ouvir, e virei o rosto para o lado para apreciar a vista e não começar uma nova briga. O condomínio ficava perto dos Shoppings centers, e nas redondezas as opções de lojas e restaurantes pareciam infinitas.

A cidade toda estava em clima de Natal, e dentro do conjunto de casas bonitas e bem cuidadas a energia era pulsante e especial. Luzes encheram os meus olhos enquanto o carro deslizava devagar pela área, passando por uma praça charmosa com bancos de madeira em forma de animais, brinquedos como gangorra e escorregador, e área fitness com aparelhos de ginástica onde alguns jovens se exercitavam naquela hora.

Eu não desgrudei os olhos da janela, e quando Miguel estacionou o carro em uma das vagas na garagem da casa de seus avós, fui inundada pelo espírito natalino. A casa inteira parecia decorada impecavelmente, e quando entrei no hall só fiquei mais impressionada.

Jordana ainda dava ordens por ali, e quando me viu entrando com Miguel caminhou elegantemente em nossa direção.

— Vivian, querida! — seu sorriso bonito demonstrava a alegria por nos ver, e chegando perto ela me abraçou e cochichou em meu ouvido um agradecimento por não ter que levar todos os Barros e Giacomellis para passar o Natal em outro estado.

Olhando para ela eu não tinha dúvidas de que conseguiria realizar tal façanha, e disse isso como resposta em seu ouvido.

Ela sorriu deliciada.

— O que vocês estão cochichando? — Miguel quis saber quando me segurou pela cintura.

— Nada que interesse a você. — sua mãe sorriu quando beijou sua bochecha, e se afastou com sua taça cheia de um líquido que eu considerava ser champanhe para falar com mais algumas pessoas que ainda organizavam as coisas por ali.

Então tomei um susto quando uma mocinha passou como um pequeno furacão bagunçando a saia do meu vestido e se enroscou nas pernas de Miguel.

Atrás dela corria uma Lise irritada.

— Melody! Você não vai escapar de tomar banho!

A menina riu arteira quando Miguel a pegou nos braços e impediu

Lise de arrastá-la como era sua vontade.

— Ela tem que tomar banho, se não for levá-la para o banheiro coloque essa sementinha de encrenca no chão e vou arrastá-la. — ela pareceu cansada quando olhou para ele, então se virou para mim e envolveu meus ombros com os braços.

— Essa pestinha é a minha filha. Estava na casa dos meus pais quando você esteve em Porto Alegre... E com Jordana e Oscar por perto ela fica ainda mais mimada e terrível. Você está linda... — ela animou um pouco ao me estudar, mas voltou a suspirar quando olhou para Miguel e quase implorou: Leve ela, por favor! Arthur está na suíte com o chuveiro ligado.

—Você precisa de ajuda para se arrumar? — perguntou para mim, vendo ele se afastar com a menina em direção as escadas enquanto ela se contorcia e ria em seu colo. — Essa herdou todas as ruindades do pai.

Eu me controlei para não rir quando segui a direção do olhar de Lise. Ela parecia profundamente desolada.

— Casa de avó é sempre uma delícia para os netos. E não, eu acho que tenho tudo sob controle. Mas obrigada.

— Tem certeza? Estou com um maquiador muito gay lá no meu quarto, que ama deixar mulheres bonitas ainda mais bonitas.

— Nesse caso não custa nada aceitar o seu convite, hein? Para variar.

Ela riu de um jeito gostoso.

— Vem, vamos! Vai ser divertido ver o mister plus size e rei da purpurina desolado ao conhecer a namorada de Miguel.

Entramos no quarto, mas do corredor já dava para ouvir a farra de Melody, Miguel e Arthur no banheiro. E não foi exatamente uma surpresa encontrar um gordinho com as mãos nos queixos admirando um Miguel sem camisa e todo molhado quando ele saiu.

Miguel sorria como se tivesse realizado com sucesso a missão de salvar o país, e parecia inabalável ao escrutínio intenso e descarado de Rodolfo, o maquiador gay de quem Lise tinha me falado.

Era difícil me concentrar em outra pessoa com Miguel molhado e perto, mas Rodolfo era estiloso, bonito e sem nenhum empecilho na língua ou filtro no cérebro.

Eu fui envolvida por um abraço de urso, literalmente, quando Lise disse que eu também era maquiadora e ele já me amava de cara e dizer que nós tínhamos que trocar pincéis qualquer dia.

— Guarde seus pincéis para você, Rodolfo.

Miguel disse passando a toalha pelo cabelo, mas vindo para secar os braços e peito em mim. Eu tentei me esquivar, mas ele parecia sentir um prazer perverso em me prender quando fugia.

— Sabe, tentação, eu estaria mais interessado em conhecer o seu pincel. Você sabe. — Rodolfo não ficou por baixo, então olhou nenhum pouco constrangido para Lise e disse: É ela? Ah, desgraçada... Tem gente que nasce com a bunda virada para a lua!

Miguel riu alto e roucamente, jogando a cabeça para trás. E o som gostoso repercutiu deliciosamente pelo meu corpo.

— Meu pincel já tem dona Rodolfo.

— Isso, vai... Esfrega na minha cara que ela toca no seu pincel, seu cretino!

— Seus imorais! Calem a porra das bocas de vocês que a princesa do papai está limpa e cheirosa. — Arthur trouxe Melody enrolada em uma toalha felpuda presa nela com os braços para dentro.

— Não fale "porra" na frente da menina, seu imbecil! — Miguel rosnou.

— Como se ela não ouvisse coisa pior da sua boca, seu idiota! — Arthur cuspiu para ele, e Lise interveio:

— Miguel, Arthur, vão embora! De pinto aqui só vai ficar Rodolfo. Eu vou vestir Melody, Vivian vai ficar a vontade para usar o meu banheiro e nós vamos nos arrumar aqui dentro.

— Vão tirar a roupa na frente desse aí? — Arthur não gostou dessa

história.

— Esse aí tem nome! — Rodolfo se indignou. Lise rolou os olhos para o marido.

— Se eu fosse você teria medo da possibilidade de ele atacá-lo, meu amor, não a mim.

Desviei meus olhos rapidamente de Arthur para Miguel, e esse agora tinha os braços cruzados em frente ao peito enquanto ouvia calado o desenrolar da conversa.

— Por favor. — implorei.

— Rodolfo, eu sei que você tem juízo de tocar na minha mulher. Mas infelizmente você tem olhos, meu camarada. E como se isso não fosse ruim o bastante, para completar, tem um pinto... — ele olhou rapidamente para Melody quando disse “pinto”, mas ela estava entretida com um celular em cima da cama. — E pinto é pinto, irmão.

— Oh, vão embora seus trogloditas! — Lise gritou.

Ela rebocou um Arthur que se divertia em tentar apalpá-la para fora do quarto, e olhou para mim esperando que eu fizesse o mesmo com Miguel.

Ele não parecia tão bonzinho e disposto como seu irmão.

— Vamos colaborar?

Eu tentei empurrá-lo como Lise fez, mas aquela parede de concreto nem se mexeu.

— Meu quarto. Se arrume lá e depois venha.

— Já está na hora de parar com a brincadeira. Olhe para Rodolfo, é óbvio que ele não poderia se importar menos comigo.

Rodolfo cruzou as pernas e virou a palma para cima com um ar soberano.

— Eu acho que você é gostosa e faz muito marmanjo por aí bater “uma” escondido.

Lancei um olhar de súplica para pelo menos um deles colaborar, mas

antes que eu tivesse tempo de olhar para Miguel de novo eu já estava sobre o ombro dele.

Droga de homem louco!

— Ótimo! Espero do fundo do meu coração que Rodolfo tenha visto toda a minha bunda agora! E a calcinha branca também.

Não tinha fechado a boca quando ele deixou cair uma palmada sobre a minha nádega sem pena e doeu.

— Ai!

Esperneeí, e me vinguei em suas costas; para deleite de Melody, que saltou da cama e perguntou que brincadeira era aquela.

Rodolfo, no entanto, foi quem mais se divertiu com o nosso show e não teve Lise que impedisse o Giacomelli mais charmoso de sair daquele quarto, comigo.

— Ô Miguel seja meu amigo, me bata, me prenda, faça tudo comigo... — Rodolfo cantou da porta do quarto, deliciando-se com o que via, e a gargalhada que sacudiu o meu corpo pela modificação de Rodolfo com a música só parou quando senti que minha bunda encarava alguém.

Alguém que era ninguém menos que Oscar Giacomelli.

Eu fique tão morta de vergonha por ele ter me visto nessas condições que só consegui gaguejar um "oh, senhor Giacomelli" bem baixinho antes de me entregar a mortificação que se espalhava pelas minhas veias como se fosse veneno e tentei, duramente, não escapar para dentro do quarto.

— Tudo bem, Vivian? Por favor, me chame de Oscar. — ele estendeu a mão para me cumprimentar, e timidamente, testando a firmeza do chão, coloquei minha palma na dele.

— E a propósito, você está especialmente linda essa noite.

— Ok, pai. Essa fala é minha. — Miguel arrebatou minha mão da de seu pai, e atordoada com a velocidade em que o homem abriu a porta e me colocou dentro da suíte, foi impressionante.

Eu nem bem tinha piscado antes de só ouvir a distante e gostosa

gargalhada de Oscar no corredor.

— O que foi isso? — perguntei confusa.

— O velho está me testando.

— Como assim?

— Você não entenderia. — ele bufou. — Depois que estiver vestida, pode ir para o quarto de Lise.

— Você está ouvindo como isso soa ridículo?

— Qual é Vivian? Quer brigar por isso? — ele colocou as mãos nos bolsos.

— E se eu quiser?

— Ele tem um pinto.

— E aquele pinto vai me servir de que, pelo amor de Deus?

— Eu espero que de nada.

— É impossível conversar com você às vezes... — eu bati a porta do banheiro em seu rosto, e no segundo seguinte me arrependi de ter feito. Ele ficava impossível de ignorar quando fazia aquela cara de menor abandonado.

Era irresistível.

Abri a porta e ele ainda estava lá, castigando aquele lábio gostoso no dente enquanto mantinha as mãos apoiadas na parede.

— Ele tem um pinto. — repetiu.

— Sim, ele tem. — foi difícil sufocar o riso dessa vez.

— Mesmo se ele cortasse, ele ainda teria um pinto na minha cabeça.

— Então qual é o seu ponto? — perguntei, ficando nas pontinhas dos pés para me aproximar do rosto perfeito dele.

— Nada de ficar brincando de se arrumar na frente de outro homem. — irritação e possessividade romperam através de sua garganta. — Não importa o que ele decida fazer com esse pinto, com esse corpão que você tem

poderia fazê-lo mudar de ideia. — ele prendeu meu queixo em seus dedos e me deu um beijo forte. — Enquanto você toma banho eu vou conversar rapidamente com meu pai.

— Tudo bem. Não se esqueça de colocar uma camisa! — gritei quando ele saiu.

Quando sai do banho, ele estava pensativo e com a calcinha que eu usaria aquela noite na mão.

Eu parei na porta surpresa e tentei arquear a sobrancelha, questionando aquilo, como ele às vezes fazia comigo.

— Posso saber por que você está fuçando as minhas coisas?

— Estava vendo o que você ia usar. O vestido é bom, mas a calcinha é uma maldita sacanagem.

—Eu pensei que você gostasse de uma sacanagem?

— Eu gosto.

Um sorrisinho maligno curvou os seus lábios quando ele disse isso.

— Ah... Esqueci que não temos tempo. — tentei soprar com inocência.

— Temos sim.

— Não temos não. E você precisa tomar banho antes que alguém apareça nos procurando.

— Vem cá. — ele bateu na própria perna. Seu tom estava deliciosamente autoritário, e sorri por dentro enquanto negava lentamente com a cabeça.

— Eu acho melhor você vir aqui Vivian...

— O que você vai fazer?

— Não interessa.

— Claro que interessa. Se não disser então eu não vou.

Quando ele levantou da cama a brincadeira ficou séria, e apertei a

maçaneta da porta indecisa entre acabar com aquilo logo ou me trancar no banheiro mesmo.

— Não entre. — ele alertou. — Uma hora você teria que sair, e então...

— Então o que?

— Vem cá, amor. Não vou fazer nada.

Olhei desconfiada para ele quando suspirou profundamente.

Mas então dei um passo e depois outro, e quando dei outro, seu sorriso cansado transformou-se em um sorrisinho perigoso e quis dar meia volta na metade do caminho, mas ele foi mais rápido.

— Miguel! — eu guinchei jogando chutes no ar quando ele me pegou pela cintura e me derrubou na cama.

A toalha tinha caído em algum momento daquela loucura toda, e ele riu deliciado quando me dominou com facilidade.

Eu bem que tentei lutar contra ele, mas era deslealmente mais forte. E quando o material áspero de sua camisa roçou os meus mamilos sensíveis, tudo o que pude fazer contra ele foi gemer docemente em sua boca e acusá-lo de ser um maldito trapaceiro.

— Trapaceiro uma ova! — ele lambeu meu queixo, passando a mão pela minha perna e descendo boca entre os meus seios. — Eu vou ter as duas mãos sobre você essa noite em todas as oportunidades que tiver, seja na mesa ou na festa. E eu juro que não vou me importar se alguém estiver olhando.

— Isso é uma ameaça?

— Uma promessa.

Miguel

Quando descemos as escadas diretamente para o hall onde os

convidados estavam sendo recepcionados, ela em meu braço dentro do vestido vermelho longo que tinha me deixado doido, eu me irritei quando vi que papai estava indo longe demais nessa besteira de provar seu ponto.

Eu tinha cometido o erro de dizer que não éramos parecidos, que ao contrário dele eu não era um maldito homem da idade da pedra quando me pegou inquieto na sala olhando para o celular, e mandou que eu deixasse de ser mole e fosse pegar em casa a maldita mulher. Agora estava tendo que suportar toda essa bosta de me preocupar se parecia um louco ciumento como ele.

O pior é que eu me sentia. Sentia a insanidade correndo pelas veias a cada vez que um cara legal se aproximava e respirava muito perto dela.

Ele estava fazendo de propósito. O que era para ser uma reunião familiar se transformou em uma grande confraternização, e era o diabo vê-lo sorrindo como se soubesse as lutas que travava ali comigo mesmo a cada momento em que ele se aproximava com alguém para conhecer sua nora.

Não deixei Vivian sozinha nem quando ela encontrou a família e papai me chamou. Não fui, disse friamente que depois conversaríamos enquanto guiava os filhos de Daniela e João para onde Melody brincava com mais dois garotos sob a vigilância de algumas babás.

Depois desci os olhos para o rosto de boneca daquela mulher, e o coração perdeu um batimento ao ver os olhos verdes dela fixos no meu rosto com conhecimento.

Tinha uma suave ruga de compreensão na testa feminina, e a acariciei ali. Desejando saber que porra era aquela que estava revolvendo meu estômago.

— Ei, o que foi? — perguntou, pondo a mão em meu peito sobre a camisa do terno.

Balancei a cabeça negativamente. Estava agindo estranho, e ela queria me entender. Normal. Mas se soubesse realmente que porra acontecia dentro de mim, não poderia colocar distância suficiente entre nós.

Quando a ceia terminou, eu estava exausto pelo esforço de parecer sossegado. Arrastei então Vivian para a área de lazer, onde drinks eram

servidos por garçons uniformizados para convidados que se sentavam para tomar um ar ali como nós fazíamos.

Vivian sentou o traseiro redondo em uma das minhas pernas e deitou a cabeça em meu peito. Eu relaxei a musculatura, sentindo o estresse do dia e noite finalmente indo embora.

— O que está rolando entre você e seu pai? — ela perguntou como quem não queria nada, mas queria.

Eu respirei fundo, não gostando da ideia de mentir para ela.

— Ele está me testando.

— Isso você já disse. Mas testando como, Miguel? — levantou a cabeça para olhar para mim.

— Eu fiz a besteira de teimar e dizer que não éramos parecidos.

— Ele ficou chateado com isso?

— Chateado? — bufei ante sua preocupação. — O velho está tentando provar o seu ponto.

— E você o seu. — constatou sagazmente.

— Mas não tenho um ponto para provar.

— Como não?

— Teimei com ele que não era um homem ciumento.

Ela olhou confusa para mim.

— Como assim?

— Como assim que eu sou ciumento. E se mais um homem se inclinar sobre você hoje, a coisa vai ficar feia.

Sem que eu esperasse o som adorável do seu riso encheu meu coração.

— O que é engraçado? — quis saber.

— Você é engraçado. — ela deixou um beijinho na minha boca. Estava estranhamente carinhosa e divertida.

Eu franzi o cenho achando o seu comportamento estranho.

Eu não estava exatamente brincando.

— Vai ter DJ? Olha quem está perto das caixas de som. — ela apontou com a cabeça para Lise.

— Quando o pessoal de fora for embora, mamãe vai se soltar na pista com Lise. — suspirei. — Ela está toda animadinha desde que o dia amanheceu.

— Mentira que isso vai acontecer! — Vivian arregalou os olhos. — Onde será que Daniela está? — se preocupou quando mais pessoas surgiram na área de lazer e Daniela não estava entre elas.

— Eu pedi que subisse com as crianças para uma das suítes. Os pequenos estavam com sono, e não seria bom se eles dirigissem a essa hora. Sem contar que perderiam o melhor da festa.

— Essa é uma prévia do que eu posso esperar de Porto Alegre?

— Lá é tudo mais formal. Vovó acharia de um mau gosto sem tamanho terminar com a ceia de Natal e em seguida mandar se foder o espírito natalino com alguma música decadente de balada.

— Isso soou ruim. — ela fez uma careta linda.

— Mas mamãe não dá a mínima para o que as pessoas acham. Muito menos dá trela para as convenções de vovó. Acho inclusive que ela faz de propósito aqui tudo o que não pode fazer lá.

— Eu gostei da sua avó.

— Ela não é ruim, só implicante. Vamos dizer que mamãe também não é uma pessoa fácil.

— Seu pai está ali parado nos observando. — ela disse, e eu fiquei imediatamente tenso.

— Ignore.

— Não é tão ruim assim, é?

— É tão ruim. E você é a responsável.

— Por que eu sou a responsável?

— Depois que você apareceu, eu me sinto um adolescente ardendo em descontrole e fúria. Papai nunca arrancou qualquer reação de mim, e está adorando fazer isso agora.

Parei quando Daniela sentou ao nosso lado com João. Então a conversa mudou drasticamente e bebemos muito pouco, Vivian se mantendo calada e pensativa até que Coldplay estourou no ar com A Sky Full Of Stars.

Ela ficou toda animadinha se movendo em meu colo, e quando Cristina surgiu para rebocar ela e Daniela para dançarem, a parte minha que ela tinha conseguido animar se sentiu subitamente deixada de lado e não gostou.

Eu observei seu corpo pequeno se mover sem muita experiência junto de Lise, que arrebentava. E gemi internamente quando ela passou a imitá-la.

Estava para me levantar quando papai se aproximou, observando de soslaio mamãe se juntar as meninas.

— Só está a família na casa agora. Deixe a menina se divertir.

— Eu estou deixando.

— É normal ter ciúme quando se encontra a pessoa certa e tem medo de perdê-la. Você era sossegado demais com Ana, e por isso sempre achei que um casamento entre vocês não daria certo. Não era você, ela não esquentava o sangue Giacomelli que corre por suas veias. Não o suficiente.

— Eu não me sinto bem com isso. — suspirei, deixando a cabeça pender para trás no sofá macio, de olhos fechados. — Eu fiquei na defensiva com um homem que obviamente sente atração por mim. Estou ou não estou ficando louco?

João achou graça. Por um momento eu quase tinha me esquecido dele, mas também não me importou que ouvisse o meu desabafo frustrado.

— Você está no caminho certo. — ele inesperadamente comentou. — É bom saber que eu não sou o único cara doente pela mulher na terra.

O sorriso que papai abriu para João não poderia ser maior.

— Você é dos meus, garoto. — ergueu a taça ligeiramente em um cumprimento a ele. — Agora vá para perto da sua mulher, campeão. Ela está chamando você.

Eu olhei e Vivian realmente me chamava provocativamente com o dedo. Deus, eu quis rir da performance. Ela era tão doce que posar de mulher fatal para me seduzir era quase divertido.

Levantei me sentindo não só seduzido, como completamente encantado, e me juntei ao balanço insinuante dos seus quadris sem me importar com ninguém.

— Ninguém consegue acompanhar verdadeiramente Lise. Ou ser tão boa quanto ela. — reclamou quando a tomei em meus braços.

— Ninguém. — concordei, me abaixando para que ela pudesse me enlaçar pelo pescoço e sentir sua respiração agitada.

— Eu fiz o melhor que podia. Será que você não seria bonzinho e votaria em mim se isso fosse uma competição? — sondou sendo dengosa agora.

Eu me derreti inteiro aos seus pés.

— É claro que eu seria.



DOZE

Vivian

UM PRAZER SEM nome deslizou pelo meu corpo quando ele desceu a boca para o meu ouvido e disse aquelas palavras. Engraçado que eu não ouvia mais Coldplay, escutava uma música de fundo dentro da minha cabeça, uma música que poderia ser tema da nossa história.

Ouvindo The Only Exception — Paramore, a música que me dizia que ele era a única exceção em meio a toda a minha incredulidade, me entreguei ao seu beijo deliciosamente longo e apaixonado como se só existíssemos nós dois na pista.

Eu sentia uma espécie de urgência nele, mas ao mesmo tempo Miguel me fitava com olhos tão calmos que eu não conseguia decifrá-lo. Daniela me observava de um lugar perto, o João se movendo devagarzinho atrás dela com um sorriso, e todos os olhos estavam em nós quando ele apertou nossas palmas juntas e me conduziu sem pressa para o mesmo sofá em que estávamos sentados antes de a música começar.

Fui de bom grado para o seu colo, e fechei os olhos quando minha cabeça caiu em seu ombro e fui envolvida por aqueles braços fortes e protetores.

— O que acha de conhecer Nova York comigo?

— Seria a realização de um sonho.

Eu não vi, mas senti seu sorriso.

— Isso é um sim?

— Não me deixe pensar muito, Miguel.

— Claro. Só não esqueça que é você que está pedindo por isso.

— O que acha de me levar lá para cima agora?

Sugeri, e ele riu gostosamente.

— Dá só um "close" na carinha de mamãe observando a gente.

Eu olhei e Jordana ostentava uma expressão divertida de quem dizia: "ei, começamos a festa agora. Vocês não vão aprontar nada ainda".

Observei meus sogros dançarem uma balada lenta, e relaxei meu corpo em cima do de Miguel resignada. Recusei a bebida, e não vi o tempo passar porque ficar quieta me cansou e cochilei.

Acordei com Miguel me carregando, e só abri os olhos de novo quando meu corpo entrou em contato com o macio da cama. Eu lutei contra o sono quando seus lábios escovaram delicadamente a minha bochecha, mas ele acabou me vencendo e adormeci.

Quando abri os olhos de novo ainda era madrugada. Me movi suavemente, regressando das profundezas do sono e registrando onde e como estava.

Na cama.

Com ele.

Sentindo-me desperta a mão de Miguel que estava caída sobre a minha cintura moveu-se lentamente sobre a minha barriga e o carinho dos dedos me disse que ele também estava acordado.

— Dormir de conchinha é a maior prova de amor que um homem pode dar a uma mulher. Para ela é incrível, fica toda cômoda e protegida. Para ele é desconforto e pau duro, só.

— Hum... Como você é romântico. — me espreguicei dentro do

circulo dos seus braços, e encontrei nas costas apoio no seu peito descoberto.

— Sou mesmo. — ele se ofendeu. — Sabe há quanto tempo estou acordado, aguentando, sem fazer nada, você se esfregar em mim?

— Ai que mentiroso! Eu estava dormindo, como poderia ficar me esfregando em você?

— Acho que você estava sonhando comigo, toda saliente.

Rolei os olhos.

— E ainda é convencido!

— Convencido porra nenhuma. — rosnou baixinho um segundo antes de pegar os meus lábios em um beijo bruto. Eu amoleci contra ele, sentindo nenhum tecido cobrir o meu corpo, apenas a sua pele quente que também estava descoberta.

Aspirei o cheiro suave do perfume que tinha resistido as minhas fungadas durante a noite inteira em seu queixo, e me deixei levar para o lugar onde só ele sabia como me levar, devagar e tortuosamente, pelo caminho do êxtase.

Não tinha como não me sentir a pessoa mais especial do mundo quando ele beijava os meus pés, passando-os pelo rosto bonito, na pele macia como veludo e sem nenhuma imperfeição, como se os adorasse.

Simplesmente não existia uma forma de manter barreiras com Miguel... Ele derrubava toda e qualquer reserva com alguns beijos. Mesmo se eu não desse de bom grado o que ele queria, ele tomaria isso de mim e essa ainda era a coisa mais incrível que me aconteceu.



Reunidos na mesa de café da manhã, todos pareciam exalar bom humor. Daniela estava sorridente como há muito eu não via, as crianças comiam tranquilas ao seu lado e Arthur e Lise estavam entrosados e cheios de beijinhos. Jordana e Oscar pareciam compartilhar um segredo, felizes e misteriosos, e Cristina era a única que parecia não ter tido uma grande noite.

Estava bem humorada como sempre, mas levemente entediada enquanto comia e buscava alguma coisa no celular que não saia de perto dela um segundo.

Olhando para ela me dei conta de que desde que Miguel entrou na minha vida que eu não tenho tempo para internet e celular. O vício foi substituído por outro, mais forte e intenso: Ele.

Miguel estava relaxado com a mão em minha perna enquanto discutia algumas finanças com o seu pai, e falavam de um negócio no qual ele era sócio em Nova York. Sobre uma empresa que em um ano se transformou de uma empresa de um milhão de dólares para uma empresa de quarenta milhões de dólares.

Depois foi a vez de subirmos e organizarmos uma pequena bagagem. Para as festas eu estava me valendo de alguns vestidos elegantes de Daniela, já tinha tudo arrumado, e quando Cristina sugeriu fazermos compras quando chegássemos a Porto Alegre, e Miguel olhou para mim esperando que eu fosse, foi difícil dizer recusar o convite dela.

Mas eu disse "não". Ele disse "ok". E depois acrescentou um "vamos ver" que não me agradou. Ele estava me controlando. Em certas coisas eu gostava de ser controlada, mas quando isso implicasse fazer algo que eu realmente não queria ou podia, era lógico que teríamos uma luta e tanto.

— Não adianta ficar todo sério. E não adianta ir você mesmo na loja comprar. Não preciso de um vestido, Miguel. Pronto. Assunto encerrado.

— Essa é uma das barreiras que você tenta colocar entre nós que eu detesto. Se eu quero te dar alguma coisa, eu vou te dar a maldita coisa. Ou um guarda-roupa inteiro se me irritar.

Ele deixou o quarto com passadas rápidas e duras, depois de jogar isso na minha cara, claro, e fiquei sozinha com duas camisas que ele tentava dobrar.

Terminei o seu serviço e coloquei as duas na minha mala. Sabia que ele tinha roupa em Porto Alegre, mas aparentemente queria aquelas duas camisas com ele.

Quando voltou, eu estava deitada lendo algumas mensagens que

mamãe tinha deixado no meu celular e não tinha sequer respondido.

Fingi que não vi e ele passou as mãos pelo cabelo algumas vezes.

— Eu não vou pedir desculpas.

— Não espero que você peça.

— Precisamos mesmo brigar todo o maldito tempo?

— Nós não estamos brigando. Eu só estou "tentando" colocar um freio nessa mania que você tem de querer que tudo saia conforme a sua vontade. Se eu quisesse fazer compras, eu iria a uma loja onde estou acostumada. O João vende produtos importados, dentre eles roupas, e meu corpo é basicamente o mesmo que o de Daniela. Não tem necessidade. Talvez eu tenha um pouco mais de curvas que ela, mas não é de hoje que compartilhamos.

Ele suspirou.

— Se eu sentir que está colocando qualquer barreira entre nós, eu vou lá e derrubo.

— Não estou. — garanti.

— Cadê minhas camisas?

— Eu dobrei. Estão na minha mala.

Disse, e o sorriso de mil watts que ele abriu antes de deixar um beijo atrás da minha orelha foi de parar o coração.

— Que prazer bobo é esse que eu sinto apenas por saber que você dobrou duas camisas minhas?

— Vai ver você tenha um fetiche que eu seja sua empregada?

Miguel me deu uma palmadinha na bunda e me puxou contra ele.

— Vai me dizer que você não sentiu prazer na intimidade de poder fazer isso? Dobrar as camisas do seu homem? — ele colou o corpo no meu, apertando uma mão na minha barriga para me trazer mais perto enquanto mordiscava deliciosamente o lóbulo da minha orelha: Têm a ver com intimidade você fazendo as coisas para mim. É quase tão bom como seus

vestidos tomando o espaço dos meus ternos no closet.

— Hum...

Ele afastou os lábios dos meus, e me levantou quando se pôs em toda a sua altura.

— Pronta?

— Estou. Só preciso ligar rapidinho para mamãe, saber de papai e podemos ir.

— Ok. Faça isso enquanto eu desço com a mala.

— Tudo bem.

Quando Miguel saiu, eu sorri bobamente antes de discar o número de mamãe. Falei com ela por aproximadamente cinco minutos, e Dona Karla me contou que seu Marcelo parecia uma criança pequena vendo os desenhos que passavam de manhã na Tevê; ele não perdia um, e que estava com saudades de mim e da Dani e que, se pudesse, estaria aqui conosco.

Eu senti a tristeza em sua voz e aquilo me acertou como um soco.

— Acho que não foi uma boa ideia deixar vocês para passarem o Natal, sozinhos, no fim das contas.

— Oh, não, querida... Não é isso. Eu só sinto saudades das minhas filhas. Mas não vamos passar o Natal solitários. Suas tias batem ponto aqui todos os dias. E sua prima Olívia sugeriu que nos reuníssemos a família e alguns amigos na nossa casa hoje. Vamos ter uma grande ceia com direito a amigo secreto e tudo. Eu tirei o seu tio Osvaldo!

— Oh, mamãe! — ri sem poder me ajudar. — Só não vale perguntar ao tio Osvaldo o que ele quer ou vai ficar muito na cara.

— Não amor. Eu sei brincar.

— Eu sei. Estou com saudade. Queria vocês aqui.

— Assim que o seu pai estiver cem por cento nós vamos cumprir a promessa que fizemos de visitar a Dani.

— Tudo bem. Qualquer coisa me liga...

— Tudo bem, filhota. Se cuida... Feliz Natal amor.

— Feliz Natal minha vida.

Olhando para a porta ao terminar a chamada, eu vi Miguel escorado na soleira com os braços cruzados em frente ao peito.

— Que carinha mais chorosa...

— É... — disse segurando as lágrimas que tinham se acumulado nos meus olhos durante aqueles minutos. — É estranho passar essas datas importantes longe deles, principalmente uma tão simbólica como o Natal. É como se eu estivesse sendo uma péssima filha.

— Você não é uma péssima filha. Você pensa muito neles, e isso é bonito. Seus pais estão querendo que você viva um pouco.

Ele caminhou para mim e secou com os polegares o rastro das lágrimas que desceram.

— Já está todo mundo lá fora. Manuella já virou a melhor amiga de Melody, e essa outra está boazinha demais com seu sobrinho, Arthur. Mais um pouco e vou ter que dá uma situada no moleque.

— Bobo...

— Ah... Um sorriso! — ele me beijou levemente. — Assim que eu gosto.

Sáímos de mãos dadas do quarto, e desembarcamos de mãos dadas no aeroporto Salgado Filho em Porto Alegre. Eu não estava esperando a comitiva fora do aeroporto, e fui pega de surpresa por uma voz que gritou: *"Miguel, uma paradinha rápida para o Deu O Chic. Essa é sua namorada?"*.

Ele olhou para mim sorrindo, e seu sorriso largo meio que me obrigou a sorrir também e olhar para a câmera. Depois da foto — ou fotos, ele simplesmente disse: Sim Alfredo, minha namorada.

Esperando-nos estavam quatro carros pretos que, não sabia se pelo sol ou pintura, brilhavam. Eu entrei no segundo com Miguel e Cristina. Arthur e Lise pegaram o terceiro e o quarto ficou para Daniela, João e as crianças.

Todos eles seguiram o primeiro carro dirigido por Oscar, de um jeito que parecia até uma visita do presidente no estado, só faltando mesmo à bandeirinha do país balançando no capô do carro.

Então olhei para Miguel no banco de trás, pois hoje ele não dirigia.

— Deu O Chic? O que é isso? Algum tipo de revista?

— É um registro fotográfico do que de mais exclusivo acontece em Porto Alegre. Com cobertura online, quase em tempo real, você fica atualizado sobre os eventos mais badalados e confere ainda quem esteve presente. — Cristina respondeu.

— E esse Deu O Chic vai estar na casa dos seus avós hoje?

— Sim. Farão a cobertura da festa. — Miguel disse.

— Por isso que você queria que eu comprasse um vestido?

— Não.

Depois disso, ele calado estava, calado ficou, e não entrei em um novo assunto.

Ao chegar e me esparramar em um sofá junto de Cristina e Daniela, cansada, Miguel olhou para mim, ainda de pé, e chamou:

— Vamos subir. Eu quero namorar e dormir um pouco antes de encarar outra festa.

Senti minhas bochechas esquentando quando me recusei a olhar para as meninas (ele precisava ter dito namorar?), e principalmente quando Arthur, que guiava as crianças para dentro sendo seguido pelo João, parou e levantou a cabeça deixando um sorrisinho cheio de maldade tomar conta da sua boca ao escutar.

Não dei tempo de ele dizer nada malicioso, me levantei ajeitando o cabelo e agradei a Deus por Oscar e Jordana ainda estarem lá fora.

Miguel esperou que eu subisse as escadas na sua frente, então me seguiu. Eu sentia o seu olhar cavando um buraco em minhas costas, uma coceirinha na nuca pela intensidade e me inquietei.

Ele estava chateado?

— O que foi?

— O que foi o que? — devolveu a pergunta enquanto tirava e derrubava a camisa em um canto do quarto.

Eu pensei em apanhá-la, mas ele disse "deixe" como se adivinhasse os meus pensamentos.

— Está sério e no modo autoritário. O que é isso?

— Cansaço. Estou querendo um banho, depois deitar, ganhar um carinho e dormir. Pode ser?

O "pode ser?" foi meio petulante, e senti vontade de dizer "não, não pode", mas me controlei.

Quando não respondi, ele simplesmente ordenou: venha tomar banho comigo.

Eu bati o pé, mas fui. Chegando à porta ele já estava dentro da jacuzzi de olhos fechados.

Comecei a tirar peça por peça da minha roupa silenciosamente, e estava sem a blusa quando Miguel abriu os olhos. Ele segurou as bordas da banheira e me esperou tirar a calça sem desgrudar os olhos do meu colo descoberto.

Deixando a última peça de renda cair, eu coloquei um pé na água e tive ajuda de sua mão para entrar.

Em seguida ele me colocou montada em sua cintura e franziu os lábios, como se meditasse os segredos para alcançar a paz mundial.

— Seus seios não estão maiores?

Fiquei confusa.

— Não.

— Estou achando-os maiores.

— Não.

Ele resmungou um som profundo antes de levar um mamilo sensível na língua e depois profundamente dentro da boca, com vontade de castigá-lo.

Se ele queria me torturar, não adiantou muito. Um calor gostoso desceu pelo meu baixo ventre, e amolecendo me apoiei em seus ombros quando senti seu membro duro e projetado para cima bem na minha entrada.

Miguel deslizou as mãos pela minha cintura, coxas... Então segurou o pau, deslizou a glândula pelos lábios do meu sexo e avançou devagar, mas implacável para dentro de mim.

Eu joguei a cabeça para trás me sentindo cheia, muito apertada, mas, especialmente, completa e sua com ele inteiro me preenchendo ao limite.

— *Aiii...*

Miguel firmou seu aperto em minha cintura e bateu fundo dentro de mim, uma e outra vez, lentamente.

Eu abafei o som de um grito com uma mordida em seu ombro, escutando seu gemido, sentindo a água nos abraçar, envolver, e em cada arremetida furiosa choramingar o prazer que sempre vinha acompanhado do sentimento de ser dele completamente... Algo florescia em meu peito quando sentia o calor e o volume do seu pau dentro de mim, friccionando as paredes do meu sexo com os movimentos que variavam de lentos e apaixonados a implacáveis e duros.

Ambos me levavam ao céu do esgotamento, e me sentindo mesmo uma boneca, a sua, desprovida de vida no corpo, eu não senti vontade de abrir os olhos quando ele me colocou sobre a cama, molhada, e se acomodou atrás de mim.

Eu gemi qualquer coisa ao perceber que não tinha terminado ainda. Miguel não parecia satisfeito e, deitada languidamente na cama, fui capaz de sentir o leve movimento em minha perna antes que eu o sentisse novamente dentro e gemesse outra incoerência antes de enlaçá-lo.

Eu senti meu mundo todo resumido a ele, quando continuou, a vagina pulsando sem controle, o sentimento de ser sido atingida por um raio em meu segundo orgasmo sendo potente e os meus membros pesando como

chumbo foi à única coisa que me impediu de flutuar de fato quando ele ejaculou forte dentro de mim; espalhando seu esperma em minha vulva enquanto eu adormecia plena e saciada.



TREZE

Vivian

ACORDEI MUITO CÔMODA nos braços de Miguel, mas não tive tempo de curtir o momento doce de tê-lo ali, desprotegido da fachada séria que costumeiramente exibia; livre do arquear de sobrancelha que constantemente me colocava no lugar... Do seu sorriso assassino... À minha mercê naquele quarto, para olhar seu rosto e estudá-la sem qualquer pressa, memorizando cada pequeno traço, ou para qualquer outra coisa que eu quisesse fazer.

A impulsividade correu em minhas veias e como um cordeiro aproveitando-se de um descuido do leão para colocá-lo em uma emboscada, eu o acariciei... O pensamento em um par de algemas que foram usadas em meus pulsos uma vez. Mas alguém bateu suavemente na porta, interrompendo meus pensamentos e me levantei.

Eu me esgueirei o mais lentamente que consegui para fora da cama, tomando o cuidado de não acordá-lo.

Abrindo a porta, eu dei com Daniela e Lise em minha frente.

— Cadê Miguel? — a esposa de Arthur sussurrou.

— Ainda dormindo. — eu ajeitei a tira do robe azul clarinho, de repente embaraçada depois que elas olharam para dentro do quarto e viram por si mesmas aquela gostosura de músculos bem esculpidos e rosto de anjo adormecido na cama com apenas o lençol cobrindo-o. — O que foi? —

precisei me controlar para não pigarrear, envergonhada.

— Shopping. — Daniela disse para mim. — Vamos. Você se arruma rapidinho e a gente sai.

Eu estava prestes a negar quando ela acrescentou aquele "por favor" que fodia com tudo.

— Tudo bem. Vou me trocar e encontro vocês lá embaixo.

Fechei a porta na cara das duas descaradas que observaram de novo, sem esconder o olhar de malícia, o espetáculo que era Miguel Giacomelli adormecido na cama com o torso descoberto.

Eu mordi o lábio quando me virei para ele, sozinha no quarto, e Miguel continuou lá, imóvel, com a respiração lenta e compassada enquanto dormia profundamente o mais calmo dos sonos.

Talvez fosse pecado alguém ser tão bonito dormindo, pensei.

Abri a mala que ele tinha deixado no chão perto da porta, e tirei lá de dentro uma calça jeans justa nas coxas, mas folgada depois dos joelhos, e uma blusa regata.

Deslizei rapidamente em meus sapatos nude, com um pequeno salto quando ele se mexeu, e no corredor foi que preendi o meu cabelo em um rabo de cavalo para não arriscar fazer qualquer barulho e acordá-lo. Coloquei os meus óculos escuros no topo da cabeça enquanto descia as escadas, e a bolsa pendeu em um ombro quando encontrei com as meninas no hall de entrada.

Cristina estava visivelmente mais animada desde que a vi ao chegarmos, fazer compras parecia ser realmente o seu negócio, mas estacamos as quatro perto da fonte que jorrava água no pátio da mansão quando Oscar, que caminhava ao lado de um homem grisalho que ostentava o mesmo ar de pompa que ele, parou e perguntou para onde nós estávamos indo.

— Compras, papai. — Cristina respondeu, antes de desaparecer dentro do veículo blindado preto. Eu continuei parada ali em pé, mesmo depois de Lise assumir o lugar do motorista, pois o olhar penetrante de Oscar mantinha o meu cativo dentro do seu e a consequência era brincar de estátua

até que ele falasse alguma coisa ou, sei lá, nos impedisse de ir.

— Miguel sabe sua localização?

Franzi o cenho, confusa momentaneamente com sua pergunta, mas especialmente por isso parecer importante para ele. — Se ele sabe que eu estou saindo... Para o shopping? — balbuciei.

Ele balançou a cabeça concordando.

— Bem, hum, ele sugeriu mais cedo que eu fosse...

— Sendo assim, se divirta. — sorriu de canto. — Boas compras meninas. — ele desejou, depois de apresentar rapidamente o amigo como "Alberto Martins" e desaparecerem os dois pela garagem.

Entrei no carro, pensativa, indagando a mim mesma por que seria importante para Oscar o fato de Miguel saber ou não minha localização.

Nós quase tivemos uma briga depois de eu ter terminantemente me recusado às compras, portanto, chateado por eu estar finalmente indo ele não ia ficar. Mesmo que eu não tivesse em mente comprar nada, estava indo simplesmente para acompanhar as meninas e não ser uma chata. Também para matar o tempo com pessoas que estavam se tornando, em pouco tempo, muito especiais para mim.

No caminho até o Moinhos Shopping, eu me senti dentro do filme das Branquelas quando Cristina, que estava no banco da frente ao lado de Lise, ligou o som do carro e de imediato começaram a cantar em uníssono "Umbrella" da Rihanna quando a melodia explodiu alta lá dentro.

É claro que eu e Daniela nos juntamos a elas, e a alegria que envolveu o meu corpo nos quatro minutos de música já fez valer à pena ter saído de casa e encarar o verdadeiro desafio que foi dizer não para cada peça linda que elas erguiam ou encostavam junto ao meu corpo.

— Quando papai perguntou se Miguel sabia sua localização, ele estava, em outras palavras, perguntando se você tinha dito a ele que iria ao shopping e se assim estava preparada com um cartão de crédito. Se tivesse dito não, ele sacaria um dos cartões do bolso e você teria trazido gostando ou não. — Cristina zangou-se.

— Sabe onde eu vou comprar alguma coisa hoje, que eu realmente preciso? Na saraiva. Olha só o preço desse vestido — mostrei a etiqueta para ela. — Sabem quantos livros eu compraria com esse dinheiro? Uma estante cheia! Eu não tenho condições.

— Gostou desse? — Lise ignorou totalmente o que eu disse, erguendo um vermelho vivo longo, no qual a vendedora emendou que vinha com um cintinho lindo que marcava a cintura e que ficaria estupendo em mim.

— É lindo. — disse para não ser mal educada, mas era. Realmente. Daqueles que você bate o olho e a vontade de levar te espanca.

— Vou levar. Esse e esse também. — ela indicou um verde musgo, também longo, que tinha acabado de provar.

— Ok. Terminamos? — ignorei a pontinha tristeza (e inveja) por saber que o vestido não ficaria comigo, e que Lise seria a garota de sorte que estaria indo para casa com ele.

— Calma... Como não seguimos o esquema tradicional do almoço no dia 25, sem muitas regras, e temos uma festa e tanto de jantar, ainda mais severa considerando o jeito de vovó, é melhor estar preparada. — Cristina olhou para mim, levantando suas sacolas, e parecia levemente contrariada por eu não ter escolhido nada.

Bom, não foi realmente por não querer. Eles simplesmente não custavam o preço que eu estava disposta a pagar.

— Miguel te prometeu o quê para convencer Vivian a comprar alguma coisa? — Lise riu.

Meus olhos dispararam para o rosto dela, mas tudo o que obtive foi um resmungo irritado de Cristina.

— Bem, você não foi muito esperta. Aqui o seu vestido, Vivian. — ela encostou a sacola no meu peito e minhas mãos automaticamente encontraram o embrulho para impedi-lo de cair.

No instante seguinte, quando eu tentei devolvê-lo, ela se recusou a segurá-lo. E foi isso, ninguém aceitou levá-lo até que eu fui obrigada a

carregar o vestido comigo. Isso ou deixá-lo no chão.

Infelizmente eu não era uma pessoa tão determinada.

Estávamos na praça de alimentação quando meu telefone tocou, e o nome de Miguel iluminou a tela.

O coração involuntariamente disparou, e tentei controlar as batidas irregulares assim como a tremedeira nas mãos e na voz que sempre acompanhavam a menção do nome, voz ou presença dele. Mas era uma coisa difícil.

— Oi.

Atendi, e senti peso dos olhares das meninas caindo sobre mim, como se dissessem "é ele?".

— Onde você está? — sua voz estava arrastadamente rouca, e supus que ele acabava de acordar.

— No Shopping.

Ouve uma pausa, antes que ele dissesse:

— Por que não me acordou e disse para onde estava indo?

— Não achei necessário.

— Você achou? — ele estalou.

— Vai começar?

— Fiquei preocupado quando não achei você.

— Estamos na praça de alimentação, comendo alguma coisa antes de ir embora. Está tudo bem.

— Comprou alguma coisa?

— Comprei. — disse para apaziguá-lo.

— Ok. Vou precisar sair para resolver algumas coisas. Tome cuidado na volta.

— Tudo bem. Beijo.

— Onde?

— Não comece. — sussurrei embaraçada.

— Está com vergonha que as meninas ouçam você flertando comigo? Pois eu quero um beijo bem gostoso na boca, daqueles em que você fica nas pontinhas dos pés para me dar e Arthur está agora na minha frente.

Fechei os olhos.

— Você é tão irritante...

— Diga a Lise que ele está dizendo para ela prestar atenção e não se distrair quando estiver no volante, nem se ela ouvir os sinos do trenó do papai Noel é para tirar os olhos da estrada. Ou então ela estará em apuros.

Transmiti o aviso para Lise depois que eu desliguei, mas ela limitou-se a revirar os olhos de maneira exagerada.

— Arthur acha que por que eu bati o carro uma vez, eu vou bater sempre.

— Você dirigiu direitinho. — lhe dei tapinhas mentalmente nas costas.

— Né? — ela se animou. — Eu tenho carteira e tudo.

— Graças a Deus! — Daniela riu.

— Acho melhor irmos... Eu contratei a equipe do salão Off para cuidar de todas nós, e como são duas e meia agora, falta pouco tempo para eles chegarem. — Cristina disse.

Saímos do estacionamento, a música rolando novamente alta no carro, e na primeira curva que fizemos, passando pela praça Dr. Mauricio Cardoso, Lise entrou devagar e por incrível que pareça ainda conseguiu acertar o carro da frente quando esse reduziu a velocidade para fazer a nova curva.

— Ai!

Eu não sei dizer quem gritou primeiro das quatro, mas não deu nem tempo nem de se recuperar do impacto e do susto quando outro carro nos

acertou por trás.

— Ótimo, Lise! — Cristina resmungou, segurando o peito. — Se prepare para a ira de Arthur caindo sobre você, a de papai sobre mim... — ela olhou para trás e seus olhos se arregalaram. — E a de Miguel sobre todas nós quando vir o corte na testa de Vivian.

Eu passei a mão na quenturinha que sentia na testa, e quando trouxe os dedos para perto dos olhos minha vista embaçou com a visão do sangue nos dedos.

Logo tudo se transformou em uma grande confusão sem que eu tivesse tempo de sequer descer do carro. Maldições cortavam o ar, em poucos minutos as sirenes da polícia se misturaram ao barulho e não demorou em o batalhão Giacomelli aparecer.

Miguel saltou do carro por uma porta, Arthur por outra e seus olhos me procuraram, detendo-se em Daniela e Cristina no processo, verificando rapidamente se essas estavam bem como se fosse uma máquina, antes de me encontrar.

Arthur voou para o lugar onde Lise batia boca com o motorista do carro que ela tinha acertado, onde um segurança tentava em vão contê-la de balançar o dedo na cara do homem, tirou seu corpo do chão com facilidade e colocou-a sentada no banco da frente do carro em que ele e Miguel tinham chegado.

Minha boca caiu aberta quando ele bateu a porta do carro, jogando algumas maldições potentes no ar e ela ficou quieta lá dentro; ainda que parecesse bastante furiosa.

Com o marido. Ou com a situação.

A rua estava uma confusão de buzinas e curiosos, policiais impacientes e dois Giacomelli bravos tentando conterem o próprio temperamento em meio ao caos.

Miguel parou na minha frente depois de afastar para o lado duas pessoas, suas mãos pegaram em concha o meu rosto e ele verificou o meu machucado com cuidado.

— PORRA! — seus lábios formaram claramente a maldição e a mão de Daniela apertou a minha.

— Vamos para o hospital. Os seguranças vão resolver essa merda.

— Eu tô bem... — tentei puxar minha mão da sua, sendo praticamente arrastada atrás dele.

— Pode precisar de pontos. — ele sibilou com impaciência.

— Claro que não! — exclamei horrorizada.

Ele então passou a mão pelo cabelo, frustrado e parecendo nervoso, e suspirou antes de dizer mansamente:

— Claro que não. Vamos apenas para fazer um curativo.

Eu pensei em implorar mais, ele estava mentindo para mim, mas eu já o conhecia bem demais para saber que estava beirando o limite se ele tivesse um.

Entrei no carro com a maior cara de choro, e ele mesmo me prendeu com o cinto no banco de trás antes de arrancar com o veículo.

Daniela foi comigo, e Lise também, que já estava dentro do veículo estranhamente quieta enquanto Arthur ficava e arrumava a sua bagunça.

Miguel não sossegou até que eu tive o ferimento limpo e coberto, graças a Deus não foi preciso pontear, então choveu bronca para todos os lados.

Para mim: a única sem o cinto no carro.

Para Lise: que surpreendentemente sempre causava transtorno e confusão quando dirigia.

Para Daniela: porque ele estava bravo e foda-se.

— Ei! — Lise tentou protestar. Tentou mesmo, porque não conseguiu. E Daniela saiu de fininho para tomar um café.

Senti pena. Coitada. Ela não teve culpa.

Eu olhei para Miguel e quando coloquei as mãos nos quadris me

preparando para o confronto, seus olhos se estreitaram perigosamente sobre mim.

— Olha... Foi tudo muito rápido. Lise não quis bater o carro — tentei muito duro não revirar os olhos nessa parte. Quem batia um carro por querer? — Ela estava dirigindo devagar, acredite, quando o cara freou de repente e nós também freamos de repente e o motorista do carro de trás também teve que frear de repente.

— O culpado foi o que estava na frente, claro — Lise aproveitou para se defender. — Eu não posso dirigir por mim e pelos outros.

— Se ele tinha uma curva para fazer, é um pouco óbvio que ele reduziria a velocidade. — seu olhar feroz calou a coitada.

— Já chega de sermão. — abanei minha mão na frente do rosto dele.

— Já chega? Eu ainda nem comecei! — ele pareceu feroz. — Da próxima vez que você andar de carro sem cinto de segurança eu vou te dar umas palmadas!

— Oh, por favor! — quis rir em ultraje, mas me controlei.

— Pessoas morrem diariamente em colisões, Vivian. — ele soprou em um rosnado, e me deixou muda.

— Ok. — Lise se deu por vencida. — Podemos ir para casa? Meu marido está agindo com um louco varrido, como se essa batidinha de nada fosse dar início a terceira Guerra Mundial e meu celular não para de vibrar. Ele não me ligava assim desde que me recusei a ir para casa com ele e fiquei no bar, certa vez, bebendo com outro cara e esnobando tão bem esnobado o homem que acabava de esmagar meu coração. O mesmo homem que agora, nesse momento, quer esmagar a palma da mão contra a minha bunda. É claro que ele está sendo exagerado, para variar. Mas fazia tempo que nós não brigávamos e...

— Chega. — Miguel cortou. — Vamos embora. — ele apontou para o carro no estacionamento. — Entrem que eu vou buscar Daniela.

— Ogro! — Lise bufou entrando no veículo. — Por que isso é sexy? Arthur fica lindo bufando de ódio, mas tão maluco que não vale à pena ataçá-

lo.

— Você é doida. — eu ri.

— Uma doida encrencada.

— Estamos.

Ela sorriu.

— Obrigada pelo vestido.

Lise abanou a mão como se dispensasse isso.

— Agradeça aquele bastardo. Ele que está pagando.

Balancei a cabeça. Isso não era realmente uma surpresa.

— Mesmo assim.

— Disponha. — ela sorriu e me abraçou como pôde, uma vez que estávamos em bancos diferentes no carro.

Quando chegamos à mansão Arthur já estava lá com Cristina na sala, onde a caçula Giacomelli estava sendo abraçada por Jordana. Peguei o caminho para o andar de cima pensando que ia sobrar para Lise afinal, mas Miguel nunca passava despercebido em lugar nenhum e também não passei despercebida como era a minha vontade.

Me esgueirei tanto quanto pude, mas quase chegando na escada ouvi o meu nome ser chamado.

— Vivian! Você está bem, querida?

Era Glória, a avó de Miguel.

Levei à mão a testa e seus olhos se arregalaram quando viu meu machucado coberto. — Oh!

— Estou bem, dona Glória. Não se preocupe.

— Oh querida, já passamos um susto e tanto com Lise. Eu nem mesmo sei como Cristina a deixou dirigir hoje. Mas é assim, quando uma coisa tem que acontecer...

— É verdade. Ela acontece.

— A equipe do salão já chegou. — ela avisou quando me virei novamente, disposta a subir os degraus e não ver ninguém.

— Tudo bem. Eu vou deixar Cristina e Lise irem primeiro, enquanto isso eu aproveito para me deitar por meia hora.

— Bom descanso. — ela desejou, e chegando ao quarto eu me atirei na cama depois de chutar para longe os sapatos.

Quando Miguel entrou e fechou a porta atrás dele, eu me virei de bruços para ignorá-lo e deixar clara a disposição com que eu estava para discutir.

Não ouvi nenhuma palavra, apenas senti seu peito deitando sobre as minhas costas, e pelo canto do olho os braços dele apoiados um em cada lado do meu corpo para segurar o seu peso.

— A palavra "acidente" mexe comigo. — confessou. Não foi um pedido de desculpas, mas a explicação soou para mim como se fosse. — Quando o segurança ligou para Arthur e disse que Lise bateu o carro, mesmo sabendo que estavam bem, eu fiquei maluco.

Ele varreu o cabelo das minhas costas e cheirou minha nuca. Eu me derreti sentindo seu calor e respiração em mim.

Uma parte do meu cérebro começava a entender sua reação, e a outra parte... Já entendia e tinha gostado que ele se preocupasse comigo desse jeito.

Tentei me virar em seus braços, mas só consegui quando ele suspirou e deixou.

No instante em que nossos lábios encostaram-se, num inocente selinho, Miguel fechou os olhos e suspirou profundo, deixando um som deliciosamente rouco escapar do fundo de sua garganta e abalar o meu íntimo.

Depois de alguns afagos, nós dois abraçados, Daniela apareceu para saber como eu estava e recebeu um curto pedido de desculpas de Miguel. Ela fez pouco caso, mas ele estava genuinamente preocupado em tê-la ofendido agora que estava manso, mansinho.

— Sinto muito. Acabei viajando um pouco, e sobrou para até para quem não merecia.

— Tudo bem. — ela sorriu, e eu a abracei enquanto caminhávamos para o outro quarto, onde a equipe do salão Off trabalhava.

Lise estava tranquilamente deixando alguém pintar suas unhas quando aparecemos, e cantarolava o coro dos contentes sempre que o celular apitava. Arthur obviamente estava doido por uma briga e ela deliberadamente o ignorava. Talvez sentisse prazer nisso, se eu estava interpretando certo o sorrisinho no canto de sua boca sempre que o celular tocava um toque divertido. Mas eu poderia apostar o meu vestido novo que isso ia feder mais tarde.

Quando Cristina apareceu uma menina lavava o meu cabelo e Daniela e Lise, que já tinham as unhas prontas mantinha uma conversa cujo assunto só elas duas sabiam.

Às 18h eu estava pronta, faltando somente à maquiagem que tinha me proposto a fazer. Lanchamos todas juntas no quarto, em seguida descemos para olhar acesa a decoração luxuosa de dentro e fora da mansão Giacomelli.

Eu amava tudo o que envolvia o Natal, as luzes, a ceia, o clima... E o sentimento pulsava vivo enquanto eu me maquiava e olhava pela janela os piscos coloridos que iluminavam a fonte de pedra em frente à mansão.

Estava na varanda contemplando aquilo quando Miguel me abraçou por trás. Ele me virou em seus braços e também já estava arrumado, dentro de um tradicional smoking preto e gravata borboleta.

Eu coloquei as mãos sobre o seu peito e aceitei seus lábios, cantarolando baixinho contra eles a minha apreciação sobre como ele estava especialmente bonito essa noite.

— Você está tirando o meu fôlego. — ele disse, antes que fôssemos obrigados a descer.

O salão de festas estava cheio de pessoas desconhecidas, pelo menos para mim, fotógrafos posicionados ao lado da entrada, em frente a um banner

que cobria toda a parede ao lado e onde flashes espocavam, pegando os sorrisos de cada pessoa que entrava.

A ceia aconteceu em um salão tradicional, o vinho estava em perfeita harmonia com a ave assada e minha noite só não foi mais agradável porque uma morena sentada na frente de Miguel começou a me irritar.

Ela tentava chamar sua atenção a todo custo, sempre abrindo um sorriso de mil watts quando alguém perto falava com ele e Miguel era obrigado a olhar na sua direção antes de responder.

Eu quis arranhar a cara dela quando sentamos no salão repleto de sofás, onde músicas Natalinas envolviam os convidados, e a morena sentou propositalmente em nossa frente de novo.

Eu espalmei uma mão possessiva na coxa dele e apertei, sorrindo forçado quando arqueou ligeiramente a sobrancelha para o meu sorriso falso, antes de eu dizer por entre dentes cerrados para mudarmos de lugar.

Miguel rapidamente entendeu tudo e riu.

Eu senti raiva dele, que pareceu estranhamente satisfeito por monopolizar a atenção da odiosa mulher.

— Tá com esse sorriso de canto aí por quê? — me zanguei.

— Você está com ciúmes? — ele abraçou os meus quadris quando fomos para um canto mais afastado do salão e se sentou.

— Claro que não. — envolvi seus ombros com os braços, pois me mantive dessa vez em pé.

— Então você não vai se incomodar se eu der um "Olá" para a senhorita Martins? Acho que fui mal educado com ela.

Eu lancei um olhar sujo para ele de "não se atreva".

Miguel se limitou a rir, e quando deixou um beijo em minha barriga por cima do tecido do vestido enquanto eu acariciava suavemente seu cabelo, me incomodei com as interpretações errôneas que as pessoas poderiam tirar a partir daquele gesto.

— Não faça isso. — critiquei. — Estamos em um salão cheio de

peessoas, você beijando minha barriga vai gerar certos boatos.

Miguel franziu o cenho, e senti o seu distanciamento no mesmo instante com um aperto no peito.

— Ei... — quando ele tirou minha mão do seu queixo eu quis chorar. — Eu não estou grávida. Não quero que as pessoas pensem isso. Deus me livre. É muito cedo até para pensar.

Ele não respondeu. Não sei se pela chegada de Arthur e João com suas respectivas esposas, ou por que não queria mesmo.

Me sentei então ao seu lado, me sentindo miúda e deslocada, mas ninguém percebeu o meu desconforto, se preocupando apenas em rir, trocar uma taça de vinho branco por outra enquanto tortas, doces de frutas e panetones eram servidos.

João não poderia está mais em sintonia com Daniela, as crianças já dormiam tranquilas no quarto, mas como Miguel Arthur também estava introspectivo. Não combinava com ele, com seu jeito naturalmente divertido de ser. Mas Lise era ela mesma, e parecia feliz como um pinto no lixo sentada no colo do marido. O que era uma misteriosa contradição o humor desigual dos dois.

Eu encostei a cabeça no braço de Miguel, me sentindo de repente cansada. Já que não me abraçava como fazia os outros... Pelo menos um lado do meu rosto mantinha contato com ele e isso me dava um leve conforto.

Quando Alberto Martins — o homem que eu tinha visto mais cedo com Oscar, chegou onde nós estávamos acompanhado pela bela morena que insistia em perseguir Miguel, e os pais dele, meu estômago deu um nó.

Miguel cedeu meu lugar a ela no sofá, me colocando em seu colo, e meu pesadelo teve início quando Alberto perguntou se a filha não poderia ficar ali. Seu nome era Melissa, ela se sentia solitária no salão sem nenhum amigo e todos aceitaram a presença dela, claro.

Mas Melissa Martins sofria de egocentrismo crônico, e a única coisa boa de sua chegada foi que eu estava agora sentada no colo de Miguel e tinha suas mãos sobre mim. Mas ela estava ao lado dele, no lugar onde eu estava

antes, perto demais para meu gosto, para sentir o seu cheiro, e isso me incomodou.

Quando Oscar chamou Miguel e Arthur para conversarem com alguns homens que estavam com ele, eu me desculpei com as meninas e disse que ia subir rapidinho no quarto.

Não aguentava mais Melissa falando de sua vida, minha cabeça latejava e me sentia ligeiramente magoada com a pequena distância que Miguel tinha colocado entre nós.

Levei duas taças do vinho com aroma floral comigo, e virei o líquido de sabor ácido em dois grandes goles no quarto. Então deixei a cabeça pender em um travesseiro macio e fechei os olhos.

Não me sentia bem.

Relutantemente abri os olhos para escovar os dentes e tirar aquele vestido pesado, antes de cair na cama enrolada num robe azul claro de seda.

Miguel não veio atrás de mim no tempo em que eu permaneci acordada, inquieta, rolando de um lado para o outro em seus lençóis. Mas quando abri os olhos, desorientada, era manhã e seu corpo cobria o meu.

Me levantei quando minha bexiga cheia forçou, e tomei um banho antes de voltar para o quarto e encontrá-lo ainda dormindo. Procurei por outro robe no armário, dessa vez um rosa, e subi o mais suavemente que eu pude outra vez na cama. Lentamente procurando aquele cantinho que eu amava em seu queixo, toda insegura, eu deslizei a mão pelo seu braço para acordá-lo.

Meus lábios buscaram os seus suaves e macios sem que Miguel tivesse chance de acordar direito, e deixei escapar um suspiro quando ele sorriu contra a minha boca e sua mão subiu pela minha perna, seus dedos encontrando o meu sexo descoberto entre as minhas coxas e os lábios vaginais molhados para ele.

Ele me colocou sentada sobre ele num piscar, e quando me abraçou, afastando o robe e passando aquelas mãos tão macias e ansiosas pela minha pele eu quase desfaleci de prazer e alívio.

Ele beijou a minha boca marcando os lábios, e jogou o robe para fora da cama com um movimento ágil do pulso. Seu outro braço circundou a minha cintura e ele esfregou o rosto inteiro no vale entre os meus seios antes de, em seguida, sorver o mamilo dolorido e super sensível como se quisesse comê-lo, tentando levar o seio inteiro para dentro da boca.

Eu me entreguei a Miguel de um jeito que ainda não tinha, ali, para o que ele quisesse fazer, gemendo e sendo acariciada de um jeito novo e agressivo, bem para lá de intenso.

Mas ele ainda me observava com sua linda cara de sono, bêbado e fascinado, ao mesmo tempo em que me pegava firme e cheio de fome em seus braços, e essa combinação amolecia o coração, o corpo e tornava impossível negar qualquer coisa a ele.



Suada e ainda ofegante, eu senti seus dedos acariciando suavemente as minhas costas. Estava debruçada sobre o seu peito, na mesma posição em que tudo tinha começado, quando seus lábios escovaram a minha orelha e ele disse:

— Te amo.

Prazer deslizou pela minha espinha como um óleo morno de massagem, mas ao mesmo tempo fui tomada por um sentimento desconhecido, um aperto no peito, um medo sem sentido.

Olhei dentro daquele verde caloroso e os sentimentos negativos se dissiparam no mesmo instante, seu sorriso largo aqueceu meu interior e deixei meus lábios caírem sobre os seus com um gemido.

— Hora do banho, bonequinha. — ele deu uma palmadinha de leve em minha bunda.

Ele tinha uma coisa por bater nela.

— Eu acabei de tomar banho e você me sujou toda. — resmunguei por resmungar, cheia de riso contra os seus lábios.

— Eu gosto de sujar você. — ele fez menção de cheirar as mãos que tinham me tocado e tentei impedi-lo, mas não consegui e acabei fechando os olhos para não vê-lo. — Eu amo o seu cheiro.

Miguel beijou a parte macia do meu seio, embaixo do bico, e passou os dedos pela minha barriga.

Eu prendi a respiração.

— Não seja boba, Vivian. Vai morrer se não respirar. — ele me repreendeu. — Eu gosto de tocar em você, eu faço isso aqui como um carinho.

— Eu gosto que me toque. Mas você tem que admitir que esteja me tocando muito aí e geralmente quando fica distraído — segurei suas mãos embaixo das minhas sobre o meu estômago. — Isso não me incomoda, não entenda errado... Mas em uma sala cheia de fotógrafos e curiosos, você beijando minha barriga seria motivo para muitas especulações. E nós estamos juntos há pouco tempo, não é bom dar margem para esse tipo de comentário.

— Eu não costumo me incomodar com que as pessoas pensam. Geralmente faço o que tenho vontade e não passa pela minha cabeça viver constantemente preocupado com a opinião dos outros ou com o que possam pensar. Mas eu entendo o seu ponto. — ele ergueu as mãos em defesa, quando me sentiu prestes a retrucar.

— Que bom que você entende. — eu o abracei. — Vamos tomar banho e comer, estou faminta.

Quando descemos para o café, a família inteira já estava ao redor da mesa, e na frente de Cristina estava um notebook aberto e posicionado para que as outras pessoas na mesa pudessem ver algo que estava na tela.

Eu e Miguel nos sentamos, e a página que sua irmã mostrava era a do tal site, Deu o Chic, onde tinha fotografias dos convidados; sendo a primeira delas uma minha e de Miguel.

Meus olhos se arregalaram quando fitei uma foto e depois outra, especialmente quando dei de cara com a seguinte legenda:

"Vivian Oliveira tem sua barriga beijada por Miguel Giacomelli."

Será que já podemos esperar um herdeiro aí?"

E lá estava ele beijando a minha barriga. A foto era linda, quase meiga, os olhos dele estavam fechados e minhas mãos estavam ambas em seu cabelo. Dava realmente para pensar, e um nó na minha garganta se formou quando senti os olhares de expectativa sobre mim.

— Eu não estou grávida.

Me controlei para não levantar as mãos, na defensiva. Eles não pensavam realmente que eu estava. Certo? Era muito cedo.

— Eu sei que do jeito que nós estávamos pode parecer que sim, mas não. — me senti na obrigação de acrescentar quando até Daniela arqueou uma sobrancelha para mim.

Miguel puxou o notebook para ele, e depois de um rápido olhar sobre as fotos se pôs a comer normalmente como se não tivesse visto nada demais ali.

Eu desejei que ele dissesse alguma coisa, negasse, sei lá, e acabasse com o clima estranho na mesa. Mas ele não disse nada.

Limitou-se a comentar sobre uns negócios quando Oscar tocou no assunto, e depois, pegando o meu rosto em concha, disse que jogaria tênis.

Eu e as mulheres continuamos a comer, e o clima na mesa melhorou com a saída dos meninos para o jogo, mas só até Jordana comentar que Oscar sonhava com um filho de Miguel.

Eu me senti ficando verde com a torrada coberta de manteiga que tinha na boca, quando o sentimento desagradável de que estava sendo tratada como se estivesse mesmo grávida atingiu um ponto desagradável dentro de mim.

— Eu não estou. Realmente. Seu filho por alguma razão gosta de beijar a minha barriga, mas isso não significa nada. — eu disse para Jordana depois que consegui engolir.

— Oh, tadinha! Ela está entrando em pânico. — Lise comentou, esticando a mão para alcançar a minha sobre a mesa. — Existe a possibilidade?

— Não. — neguei veemente. — Eu tomo pílulas. Todos os dias. Desde... a adolescência. — não quis comentar sobre a minha triste e imprudente primeira vez com o Wagner.

— Tudo bem. Vamos deixar a Vivi em paz. — Jordana parecia carinhosa, mas condescendente e isso não me tirou da defensiva. — O que acham de passar a manhã na piscina e tomar as amarulas caseiras da Glória?

— Uhuuu! — Cristina comemorou e Lise bateu palmas.

— Beber é comigo mesmo. — Daniela não fez à rogada. — Mas eu tenho duas crianças para tomar conta, então acho que não vai rolar para mim.

— Mas as crianças também vão para a piscina. E nós temos mais de uma babá na casa. — Lise apontou. — Você não tem desculpa. O que acha Vivi?

— Perfeito. — ergui meu copo de suco em comemoração. — Cadê o João?

— Ainda dormindo.

— Ele teve uma noite e tanto, pelo visto. — disse com um sorrisinho.

Daniela riu até corar.

— É o certo, né?



CATORZE

Vivian

TINHA ACABADO DE entrar na piscina quando Lise gritou: "Eles não estão deliciosos?"

Eu levantei a cabeça para ver Oscar, Miguel e Arthur parados, vestidos de branco, camisa de gola e bermuda; trajes típicos do jogo de tênis. Acho que fiquei imóvel e boba, olhando enfeitiçada quando, sob o boné de beisebol, eu tive um vislumbre dos olhos de Miguel me observando diretamente da quadra.

Ele exalava aquele poder perigoso, e me envolveu completamente no jogo perverso que fazia com a minha mente ao deixar cair o boné sobre a cadeira e tirar lentamente a camisa.

Eu nem pisquei para não perder nenhuma parte do show até que ele estava em minha frente, emergindo da água, tirando o cabelo do rosto e deixando os lábios tentadoramente perto dos meus.

— Você fica incrível vestido de branco. — confessei quando sai do transe, pegando o impulso da água para envolver os dois braços ao redor do seu pescoço.

Quando suas mãos apertaram a minha cintura e deixei os meus lábios um pouquinho nos seus, antes de voltar para pegar o meu copo na beirada da piscina.

Mas mal o toquei e ele já não estava mais na minha mão. Eu olhei para o líquido amarelo na mão de Miguel, e levando o meu olhar para o seu rosto questionei-o com uma sobrancelha arqueada.

Ele não respondeu, tomando um gole, mas eu entendi.

As outras pessoas também.

Tentei pegar outra bebida, mas ele ficou no meu caminho; dando-me a confirmação. Parecia uma parede nada convidativa e molhada.

Encostei a mão em seu peito quando devolveu a taça para a borda da piscina, e fui taxativa quando disse “precisamos conversar” para ele.

— É? — perguntou quando sai da piscina e segui em direção ao nosso quarto, molhada.

Miguel me acompanhou... Inabalável, mesmo sentindo a seriedade em mim.

Bati a porta fechada quando estávamos os dois lá.

— Pare de me tratar como se eu estivesse doente.

— Não estou entendendo.

— Você está. — mirei o dedo indicador de forma acusadora em seu peito. — Sua mãe sendo condescendente comigo, sua avó maneirando no conhaque das amarulas e seu pai olhando para mim... como se quisesse descobrir os meus segredos.

Ele arqueou a sobrancelha como se algo despertasse subitamente o seu interesse, mas não era nada mais que deboche.

— Eu não gosto de me sentir assim. — avisei.

Miguel cruzou os braços.

— Assim como?

— Grávida. Super protegida.

— Como você pode ter certeza...? — ele questionou.

Meu peito apertou com a sua dúvida.

— Não é possível. Eu tomo as...

— Pílulas. Já sei. — interrompeu impaciente. — Eu quero um exame de sangue para ter certeza.

Meu queixo despencou.

Eu abri e fechei a boca várias vezes antes de me recuperar e falar com ele.

— Miguel... — caminhei até a bolsa. — Você vai aceitar a minha palavra. Eu juro. — levantei a cartela com os anticoncepcionais para ele. — É o suficiente.

— Eu quero que você faça o teste.

Uma coisa ruim se formou em meu estômago quando ele insistiu.

— Não.

— Está com medo de fazer o teste e o resultado ser positivo?

— Não...

— Então faça.

— Não insista...

— Deus, você está pálida... — ele se aproximou. — Não é o fim do mundo, Vivian.

Fechando os olhos, ele me abraçou contra o seu peito e demorou um pouco até que cedesse e dissesse:

— Tudo bem, eu acredito em você.

— Não esquite a cabeça com isso, eu não estou... Mesmo. — garanti a ele. — Queria que as pessoas parassem de pensar que estou mentindo.

— Não fica assim. Não quero que se preocupe tanto com o que as pessoas pensam. — ele segurou o meu rosto nas mãos. — Vamos relaxar e apenas deixar isso fora. Ok?

Quando fiz um leve movimento com a cabeça, concordando, ele sorriu fraco e perguntou: Quer voltar para a piscina?



No almoço do dia seguinte foi uma surpresa ouvir pela boca de Jordana sobre os planos para o Réveillon em Punta Del Este, como era o costume da família Giacomelli todos os anos. Eu olhei para Miguel, pensando em comentar sobre os meus próprios planos de passar a virada de ano com os meus pais; uma vez que havia passado o Natal sem eles. Mas sua mãe não me deu chance e, sinceramente, eu não queria atrair qualquer atenção para mim naquela mesa.

Depois da suspeita levantada pelo tal site “Deu O Chic” sobre um herdeiro eu me sentia grávida só de olhar para Oscar, e Jordana, em contrapartida, me olhava como se soubesse exatamente o que se passava em minha mente sobre passar o réveillon em casa.

Baixei o olhar quando ela sorriu de um jeito suave para mim.

— Vai ser divertido, querida... — sabia que era comigo que ela estava falando. — As festas de Réveillon em Punta são bastante animadas.

Miguel apertou minha coxa por baixo da mesa.

— Vivian quer passar o Réveillon com os pais dela, mãe.

Nessa explicação ele meio que disse onde passaria o Réveillon esse ano também.

Percebi que Jordana não gostou de saber que ficaria longe do filho, esse era o tempo em que eles organizavam para estarem juntos e não queria que ela ficasse com alguma queixa de mim.

— Tudo bem.

— Não. — Miguel me interrompeu. E desde a nossa conversa de ontem ele reagiu com autoridade sobre mim.

Engoli a seco a suave, mas sendo sombra de dúvidas repreensão, e voltei a comer para ocupar a boca. Ótimo. Agora Oscar olhava com admiração para o filho.

Durante a conversa na sala Jordana se sentou ao meu lado no sofá, e

fiquei um pouco tensa esperando que ela me acusasse ou dissesse alguma coisa. Quando falou, foi suave e gentil, mas persuasiva:

— Eu entendo que queira passar o Réveillon com os seus pais. Mas Miguel não vai deixar você fora de sua vista, e só tenho a você para convencer se quero o meu filho comigo na virada do ano.

— Eu sinto muito Jordana... Não quero que seu filho fique longe de você em um momento tão simbólico. Mas papai sofreu um infarto recentemente e como passei o Natal longe dele, aquela vontade de ficar perto e ver com os meus próprios olhos como ele e mamãe estão indo... É maior que tudo.

— Eu entendo querida... Não vou poder fazer nada se você optar por não vir conosco. Mas não posso deixar de apelar um pouquinho e dizer que ele passa mais da metade do ano em Manhattan e só tenho chance de curtí-lo de verdade nessa época do ano.

— Eu entendo...

Entendia ela, de verdade... Por isso a situação era tão ruim. Apesar disso, eu precisava olhar o meu lado e ser justa comigo agora.

Sorrindo nervosamente para ela quando não tínhamos mais nada a dizer, forcei o canto dos lábios a se esticarem e isso foi tudo o que saiu da minha boca até que tive chance de puxar Daniela pelo braço, para conversarmos sozinhas, fora dali.

— Eu estou preocupada com você, sua maluca... Por que fica franzindo o nariz para o café se não quer que as pessoas pensem que está enjoada? Você está grávida?

— Eu odeio café.

O simples pensamento era repugnante.

— Desde quando?

— Desde que me ofendeu. — olhei-a impaciente. — Já estava sentindo um desconforto pela comida do Self Service que não estava boa, quando viajamos, e ainda tomei café na parada. Você sabe como meu estômago é sensível e não suporto nem o cheiro desde aquele dia.

— Desculpe perguntar isso, mas vocês estão se protegendo?

— Eu não sou idiota Daniela.

— Ok. Mas todo mundo percebeu o que Miguel estava fazendo ontem com as amarulas, e quando você saiu da piscina com ele atrás, Oscar lamentou sua atitude dizendo que seu filho quer muito ser pai.

— Eu não aguento mais isso. — reclamei. — Eu e ele estamos conversados. Miguel sabe que eu não estou grávida, e gostaria que Oscar parasse de me olhar como se eu fosse uma coisinha preciosa.

Daniela riu.

— É tão bonito isso. E tudo por que ele acha...

— Que eu estou grávida. Já sei.

— Não seja tão chata. Ele apenas quer mais um neto.

— Eu fico para morrer quando ele me olha com aquele olhar enigmático, como uma máquina de raios-X.

— Nesse caso, de ultrassonografia. — ela riu. — Ele tem um jeito de olhar desconcertante. Mas é charmoso quando sorri, vai... Quando faz isso nos distrai de muita coisa, menos daquela áurea dominadora que ele possui. Arthur também. Eu o acho engraçado a maior parte do tempo, mas quando Lise bateu o carro eu tive um vislumbre do gênio bom que ele tem.

— O gênio bom pelo visto é hereditário.

— Lindo! — ela me abraçou pelos ombros. — Estou com pena de você, é sério!

— Não é a senhora que tem que lidar com esse ótimo gênio, né? Como você está?

— Estou feliz. A festa foi incrível, ontem foi absolutamente perfeito e estou achando vocês mais íntimos um do outro, mais entrosados e seguros. É maravilhoso de ver. Isso é o melhor.

— Nós nos desentendemos por cada bobagem.

Ela riu de maneira gostosa.

— E não é bom? Miguel olha para você de um jeito... Meu Deus... A tensão sexual é palpável! Eu segurei um orgasmo na mesa quando ele encarou Jordana com aquela seriedade de príncipe que ele tem, e disse: Vivian quer passar o Réveillon na casa dos pais dela.

— Eu realmente quero. Mas ao mesmo tempo... Não sei, as coisas não estão acontecendo rápido demais?

— Calma. Eu e o João conversamos, e decidimos adiantar a viagem e passar a virada do ano em casa. Tem os pais dele, que ele não vê já faz um tempo... E com o infarto de papai as prioridades mudaram totalmente. Assim você pode ficar livre para decidir onde quer passar o Réveillon.

— Ainda não sei...

— Não posso ajudá-la nisso.

Franzi os lábios, em dúvida.

— Também não importa. Em Punta ou em casa, você se preocupe somente em cuidar muito bem daquele pedaço de mau caminho. Miguel é equivalente a ganhar na loteria, por isso não desperdice nenhum centavo dele.

Miguel

Quando Vivian saiu rebocando Daniela pela mão, eu deixei o meu olhar duro passear ao redor da sala. Mamãe se encolheu com sua xícara, e percebendo a seriedade em mim, papai esperou com uma sobrancelha arqueada minhas próximas palavras. Por que ele sabia. Elas vinham. E não eram boas.

— Ela já estava desconfortável com a suspeita de uma gravidez, e agora... Sinceramente, eu não estou reconhecendo os meus pais discretíssimos e insuportavelmente educados. Até eu estou me sentindo incomodado depois de saber como ela se sente, odiando de verdade que não estão aceitando sua palavra. Sim, eu tenho uma coisa por sua barriga, mas isso sou eu. Não quero nem pensar no que Vivian está sentindo com toda essa... — arei meu cabelo impacientemente com a mão. — Pressão sobre mim eu até aguento, não é a toa que fico em Manhattan boa parte do ano... Mas com a minha mulher, por favor, deixem comigo. Ela já faz muito lidando com um Giacomelli. Não dizem que filho de peixe, peixinho é? Pois bem, já podem imaginar. Não passarei o ano novo em Punta em esse ano. Nós tínhamos combinado que, passando o Natal aqui, para agradecer você mamãe, o réveillon seria com os pais dela. Você não poderia ter feito coisa pior ao apelar e pensar somente em você, no seu lado, quando Vivian foi generosa em deixar o pai após um infarto... Foi constrangedor para mim.

— Sinto muito querido... — ela sussurrou trêmula.

— Não sou a pessoa que a senhora tem que pedir desculpa. — deixei a sala, e caminhei para o escritório nervoso, sentindo uma estranheza no fundo do peito que só passou quando ela bateu timidamente na porta e entrou, parecendo insegura ao me dizer que poderíamos passar o réveillon em Punta Del Este sem problemas.

Me agradou e desagradou ela abrir mão de algo que queria muito, por mim. Pela minha família.

Conhecendo Vivian, eu seria capaz de apostar uma parte do corpo em como estava pensando alguma besteira bem grande sobre Prosperidade ser pequena e eu estar abandonando os meus familiares e uma festa badalada, para passar a virada de ano com pessoas que eu pouco conhecia.

O mesmo se aplicava a ela, e quando se sentou em meu colo, pequena, me enchendo de conforto, a vontade de cuidar e proteger que ela inspirava em mim triplicou de tamanho.

Acaricieei suas costas antes de diminuir o seu fardo.

— Não quero que você tente compreender porra nenhuma da minha família complicada. Quero que você me diga o que quer fazer e será isso que nós faremos. Apenas isso. Diga que me quer com você na casa dos seus pais e não existirá nada no mundo que me impeça de viajar com você.

— Miguel...

— Sem “Miguel” Vivian. — acariciei o seu rosto. — Apenas me diga. Só isso.

— Eu quero você comigo na casa dos meus pais. Quero passar o ano novo com ele. — confessou contra o meu peito, e satisfação crua explodiu pelas minhas veias, se misturando ao sangue que dava vida ao meu corpo. Ela me queria com ela. — A vida é muito frágil... Ele ainda não está cem por cento depois do infarto, se é que um dia vai ficar, e gostaria de entrar 2016 ao lado dele.

— Tem certeza de que não quer viajar sozinha e aproveitar esses dias com os seus pais? — me obriguei a perguntar. Eu precisava dar a ela algum espaço, ou pelo menos mostrar que ela poderia ter espaço se quisesse.

Mesmo querendo espremer as minhas próprias bolas em seguida, quando ela pareceu pensar, mastigando aquele lábio... Eu tinha, por mil demônios, que andar nessa corda bamba e dar a ela uma chance.

Eu não era tão insano como meu pai.

Vivian, por fim, sorriu e alisou meu rosto, espalhando prazer por cada polegada do meu corpo antes de dizer: É claro que eu quero você comigo. Que pergunta é essa?

Quase pude ouvir a sua mente então trabalhando: Ele está pensando melhor? Por que está sugerindo isso agora?

Ela não conseguia entender que era algo que eu precisava fazer para me sentir menos como um atropelador de primeira, como papai, ainda que me matasse o pensamento de passar vários dias sem ela.

— Não é nada disso que você está pensando. — garanti. — Eu só acho que você tem estado sob alguma pressão... Minha família... Talvez fosse bom você ver sozinha os seus pais e relaxar...

— Eu não preciso relaxar ou passar o réveillon sem você. Eu já expliquei como me sinto sobre dar um passo maior que a perna. Tudo se resume a isto. Nós estamos indo muito rápido.

— Tudo bem. — calei sua boca com um beijo. — Vamos voar para Prosperidade e não se fala mais nisto.

Vivian

Na manhã do dia 29 de Dezembro nós desembarcamos em João Pessoa e chegamos só um pouco atrasados para o almoço que mamãe tinha preparado com todo gosto para receber sua família.

Dessa vez íamos todos. João, as crianças, Daniela, Miguel e eu. Papai não poderia está mais feliz por ter a família toda dentro de casa. Os dois genros que ele mimou como se fosse Deus na terra, pois segundo seu Marcelo lidar com o gênio de suas filhas era uma tarefa para santos.

Depois de toda a comilança no almoço, eu e o *campeão* acabamos adormecendo, mas no lugar de encontrar ele quando acordei, eu vi Daniela esparramada ao meu lado na cama.

Tomei um susto quando acordei com o cabelo loiro cheiroso sobre o meu rosto, e durante o café da tarde foi que mamãe nos explicou que Miguel tinha saído com João para jogar baralho e beber umas cervejas na casa de um vereador.

Não acreditei quando soube que vereador era, e precisei ir ver com os meus próprios olhos essa façanha. Levei Daniela comigo para se divertir, mas quando chegamos lá e vi as três periguetes mais safadas da cidade respirando no mesmo recinto que eles o sangue subiu para a minha cabeça.

Miguel tentava pegar o jogo, a famosa “tranca” que eu odiava e Andréia como a boa bandida que era indicava a carta certa para ele jogar. Verdade seja dita, ele parecia inocente ali, se divertindo em perder dinheiro para os outros. Mas uma vadia roçava o seu braço sensualmente em todas as oportunidades que tinha, e enquanto Daniela enxotava a Mayana, outra perigosa que cercava o João de uma distância até razoável, eu segurei o braço de Miguel e disse um suave, mas ameaçador “vamos embora”.

Ele se ergueu no mesmo instante, soltando as cartas, mas quando aquela menina sorriu e disse: “Mas agora que a brincadeira estava ficando boa?” Eu não consegui não voar no cabelo dela.

Infelizmente só consegui segurar a franja, mas fiquei satisfeita com o monte de fios pretos que vieram nos meus dedos antes que Miguel tivesse tempo de entender o que estava acontecendo.

— Owww, Vivian!

— Isso não é uma casa. É um cabaré! — resmunguei antes de sair, ainda tentando me soltar do aperto férreo de Miguel que me levava para fora nos braços, para deixar o Manoel saber que nenhum dos dois voltaria ali se dependesse de mim, ainda mais com aquelas três stripers servindo cafezinho no seu cassino clandestino.

Daniela não se segurou e desatou-se rir no meio caminho, pelo barraco que armamos.

Bem, que eu armei.

— Nada como chegar à cidade com o pé direito, hein irmãzinha?

— Não foi engraçado.

— Foi engraçado. O coitado do Miguel não estava fazendo nada. —
ela riu tanto que chorou.

— Mas Andréia estava.

— Qual é Vivi? Miguel não estava nem olhando. — João defendeu.

— O que elas estavam fazendo lá?

— Eu não sei. Trabalham para ele.

— O que deu em você quando deixou que ela te ensinasse a jogar?
— me virei para Miguel.

— Eu só estava sendo educado quando aceitei a ajuda. E ainda
ganhei duas partidas. — ele ergueu uma nota de vinte do bolso em sua
defesa.

— Aquelas ali têm um gosto especial por homem casado. É incrível!

— Eu não sou casado.

— E isso quer dizer que? — coloquei as mãos na cintura, lançando
no ar o desafio, só me dando conta que estávamos discutindo no meio da rua
em um lugar onde paredes tinham whatsapp e sabiam passar mensagem
quando Daniela balançou a cabeça negativamente para mim.

— Que bicho te mordeu, minha pequena fera indomável?

Miguel se abaixou rapidamente e me jogou sobre o ombro como um
saco de batatas.

— Pelo visto é perigoso deixar você solto por aqui, ô gatão. — eu
segurei a sua bunda durinha.

— Acho que sim. Um menino inocente como eu... — senti o sorriso
em sua voz. Ele se divertia... Abertamente debochava de sua inocência que
não existia.

— Oh, sim. Claro...o...



Na calçada de casa, eu ouvi a risada gostosa de mamãe por estar sobre o ombro de Miguel antes de conseguir vê-la. Ele deixava cair palmadinhas sobre o meu traseiro e Daniela também se acabava de rir.

— Ok. Acabou a festa. Me coloque no chão! — segurei em suas costas, e esperneeiei um pouco. Então ele deixou que eu deslizasse pelo seu corpo, e sentisse cada pequena ondulação dos músculos bem definidos de sua frente.

Joguei a cabeça para cima quando meus pés encontraram a segurança dos paralelepípedos na calçada, e vi seus olhos brilhando. Não disse nada por isso, ele estava estranhamente de bom humor. Não era sábio arruiná-lo. E apenas deixei cair um beijinho em seu peito por cima da camisa antes de puxar a sua mão para dentro.

A noite chegou surpreendentemente fresca, e depois do jantar eu e Dani começamos a cortar os papéis com os nomes das pessoas que participaram do amigo secreto de ano novo. A área da frente da nossa casa estava cheia de amigos.

Miguel conversava relaxado junto a João e os pais desse com o restante dos homens das duas famílias — Oliveira e Alves. Ele estava entretido e sorridente, e era um verdadeiro colírio para os olhos.

Sorteamos, mostrei meu papelzinho a ele com quem eu tinha tirado, mas quando pedi para ver o seu Miguel guardou no bolso e não me disse.

— Ah! Você me tirou.

— Não tirei.

Olhei para ele surpreendida.

— Eu mostrei o meu. — acusei.

— Ninguém mandou. — ele riu.

Um pouco desconfiada por isso, eu deitei as costas em seu peito e fiquei. Quando inventaram de jogar baralho e uma mesa de sueca foi armada, eu rapidamente me prontifiquei a ensiná-lo.

Ficamos onde estávamos, eu e ele em uma cadeira de frente para Tio Osvaldo, e jogamos contra João e Daniela. A competição não demorou a ficar acirrada e foi divertido, especialmente por que ganhamos de duas pessoas que não suportavam perder em nada.

Quando todos foram embora, inclusive Daniela que dormiria na casa da sogra, eu me deitei numa rede com Miguel e ficamos abraçados, sentindo o vento da noite soprar uma brisa fria em nossa pele.

— E aí? Arrependido por não está em Punta Del Este?

— Não. — ele estava pensativo. — Tivemos um dia e tanto aqui.

— Pois é. — concordei. Lembrando-me do show que eu tinha feito mais cedo, do qual eu não estava totalmente arrependida. — Está com sono?

— Hum uhm. — foi um som apreciativo, um sussurro, quase uma sugestão. Senti minha pele se arrepiar quando sua mão subiu suavemente pela minha coxa e ele brincou com a barra da minissaia que eu estava usando.

— Não sei se aprovo você com esse micro pedaço de pano...

Olhei por um momento dentro do verde fascinante dos seus olhos, antes de fechar os meus e sentir o gosto doce de sua língua na minha. A emoção de compartilhar algo tão gostoso e íntimo com ele, como um beijo, não demorou a me dominar e fiquei presa naquele gosto morno de menta e calor, sem ar e aquecida, enquanto suas mãos deslizavam e apertavam o meu corpo contra o seu.

Ele estava com um sorriso arrebatador de corações quando deixou um último beijo sobre os meus lábios e afastou o rosto.

— Gostou do jogo? — acariciei o seu peito, chegando mais perto.

— Gostei de ter a sua bunda maravilhosa no meu colo. — como se seguisse a própria sugestão em seu tom, ele acariciou-a.

Me arrepiei toda quando Miguel passou um lado do rosto pela minha bochecha.

— Adoro quando você fica com essa barba rala me espetando.

Suas sobrancelhas subiram.

— Posso adotar a barba se você quiser.

Eu passei os braços pelos seus ombros e afundei o rosto em seu queixo, sentindo como ele era grande e forte em minhas mãos e comprovando de uma maneira deliciosa que sua loção de barbear era da mesma marca que seu perfume.

— Aqui você fica mais carinhosa comigo, percebeu? — seu olhar era penetrante, um pouco debochado, mas sem sombra de dúvidas, divertido; como se ele gostasse muito de constatar tal fato. — Cuida melhor de mim, se preocupa em saber se já comi ou se estou com sono, me ensina a jogar baralho, me defende das periguetes...

— Viu só, como sou hospitaleira? — dei tapinhas amigáveis no seu rosto.

Miguel jogou a cabeça para trás e riu com vontade.

— Você é uma pequena hipócrita.

Aspirei o cheiro agradável de sua boca e desejei mais, um beijo mais profundo; um aperto mais firme; algo severo passando por entre aqueles lábios finos e sensuais.

Suavemente eu desci a minha mão pela sua camisa e estava quase alcançando a braguilha de sua calça quando ele capturou a minha mão.

Eu sentia verdadeiras pontadas no baixo ventre quando me olhava com a seriedade de um juiz absolutamente rigoroso e sexy.

— Tenho uma proposta.



No momento em que Miguel capturou o meu lábio inferior em seus dentes e gemeu roucamente em minha boca, ao constatar minha reação ao seu

desafio, eu tinha minha calcinha arruinada.

— Delícia. É quase como estar de lua de mel. — ele colocou o meu corpo completamente em cima do seu, como sempre, eu era uma pluma para a força daquele homem, e tendo a minha coxa apertada por ele contra a sua cintura e ereção, eu me obriguei a segurar o som apreciativo e nasalado antes de declarar que aceitava, sim, a sua proposta.

Fosse qual fosse.

Passei a chave pela porta da sala ao entrarmos, e corri nas pontinhas dos pés para o quarto ao escapar dos seus braços e fugir dele, chegando primeiro.

Tinha algo sobre fugir que despertava alguns instintos deliciosos nele.

— Vem cá. Hoje você é minha para adorar... — Miguel segurou os meus braços juntos por cima da cabeça, pelos pulsos, e andou comigo, me levando de costas em direção a cama. Eu gemi tentando alcançar sua boca, mas ele estava com o modo dominador ativado e aquele sorrisinho sardônico em sua boca me dizia tudo o que eu precisava saber: ele era alto demais para mim, estava no comando e era para eu ficar calada.

Senti o colchão em minhas costas antes de a saia sumir pelas minhas pernas, e de olhos fechados suspirei quando a pele macia do seu rosto entrou em contato com sola do meu pé esquerdo.

Gemi sentindo cócegas com a textura aveludada de sua bochecha e os beijos suaves como penas que ele depositava na minha panturrilha.

— Mig... — a pele inteira formigou quando ele desceu pela parte interna da minha coxa inteira e parou, não fez nada, apenas sorriu ao deixar a boca pairar sobre aquele ponto um pouquinho, sendo malvado de propósito antes de subir e tirar a camisa e minha blusa pela cabeça.

— Vire-se. — ordenou.

Joguei a cabeça para trás sentindo a fisgada gostosa da ordem nas paredes do meu sexo.

Mas o rosto dele estava ainda mais sério que antes, e antes de me

virar, por um momento, me preocupei sobre alguma coisa errada quando passou a mão pela barba um pouco pensativo.

— Por que a cara fechada?

— Vire-se.

— Resp...

Miguel suspirou, se chateando.

— Você aceitou ou não o acordo de ficar calada, sem perguntas ou protestos enquanto eu cuido de você?

— Mas eu só...

Ele firmou o aperto em minhas coxas, e perdi a linha de pensamento quando sua respiração se aproximou do elástico da calcinha.

Sem que eu esperasse, um beijo foi plantado lá e fui virada de costas em um piscar de olhos por aquelas mãos.

Eu comecei a hiperventilar e a respiração ficou sôfrega quando suas palmas, mais macias que as minhas, se brincasse, subiram pelas minhas costas. Sentindo o peso dele sobre mim, o calor também, eu gemi o protesto uma vez que tinha concordado em não falar, quando Miguel parou e disse que para ficar quieta.

No momento seguinte, formigando de vontade me virar e saber para onde cacete ele tinha ido, senti algo pegajoso caindo em minhas pernas e antes que tivesse tempo de entender o que acontecia sua voz ecoou por todo o quarto:

— Quieta.

Era óleo. De amêndoas, paixão. Eu tinha uma ideia agora do que estava por vir. Quando minha calcinha também saiu e ele massageou cada pedacinho ali de trás, se dedicando em apertar a minha bunda e afastar os meus joelhos, não consegui mais controlar a boca.

Gemi alto todos os meus protestos e palavras grosseiras enquanto ele deliberadamente me estimulava, mas deixava na vontade e, injustamente, de castigo.

Quando me virou de frente a tortura pareceu pior, e melhor, por ser mais intensa... Pois eu sentia o óleo descendo em partes que choravam naquela altura por seu toque, mas estavam sendo ignoradas calculadamente.

Então sem me importar com a maldita proposta de silêncio e obediência, eu tentei agarrá-lo e trazê-lo para mim, mesmo que isso acabasse com minhas chances de tê-lo a minha mercê amanhã... Mas Miguel se desviou com facilidade do meu toque e quando manipulou o pequeno broto rosa, carente, eu perdi todas as forças.

— Você controlaria a minha vida se soubesse que o meu ponto fraco mora nesse apartamento. — ele sussurrou com aquela voz de barítono, grave e aveludada, que penetrou a minha mente entorpecida e caminhou para dentro da escuridão nebulosa e apaixonada para a qual ele me levava sem pressa... Perdendo-se no esquecimento de um orgasmo poderoso quando sua boca substituiu as mãos, e fui parar nas portas do céu com a sensação ainda mais molhada. Abalada, senti quando o choque atingiu primeiro um ponto previsível antes de se alastrar dentro de mim... Com a intensidade de um tornado que leva tudo que tem pela frente e deixa apenas destroços para trás.

Eu ainda fervia e ardia com as lembranças, horas depois, seriamente gasta e preguiçosa enquanto abraçava Miguel com força; mesmo quando já dormia calmo e profundamente... Sentindo com ele uma ligação que eu nunca senti com ninguém antes.



QUINZE

Vivian

O DIA AMANHECEU animado como ontem, quando chegamos, e depois de comerem os meninos se mandaram para Novo Horizonte com a desculpa de comprarem os presentes do amigo secreto. Eu e Daniela ficamos, arrumamos a árvore que mamãe ainda não tinha e por dentro agradeci a Miguel que insistiu em saber o que eu queria fazer de verdade, apesar de lhe dar uma resposta diferente, que poderia ser mais atraente para ele.

A alegria de papai era palpável mesmo às oito da manhã e me contagiou inteira quando entrei em seu quarto.

Eu beijei sua bochecha quando levei seu café e quis saber como se sentia, depois de abrir as cortinas, e seu sorriso enorme foi o sol do meu dia.

— Que bom. Os meninos já saíram. — disse, quando perguntou dos genros. — Mas o seu presente eu mesma vou comprar. O senhor vai me deixar ver o seu papel ou vai fazer como Miguel e esconder de mim?

Ele riu suavemente.

— Eu tirei sua mãe, querida.

Meus olhos ficaram maiores, e aplaudi: *Oh, eu já sei o presente perfeito.* — sorri com uma piscadinha provocadora antes de deixá-lo comer em paz, acompanhado dos desenhos animados que agora faziam parte dos seus dias.

Deixando a casa em ordem, eu e Dani pegamos o Golf velho de papai e fomos para Serro Azul; para não ter o risco de cruzarmos de jeito nenhum com os meninos. Daniela tinha tirado Miguel e ela era péssima em disfarçar, eu tinha tirado Daniela e era divertido tê-la ao meu lado, dando pitaco no presente que eu compraria para "Priscilla". Ela não ia muito com as fuças de Priscilla, e os sapatos maravilhosos que eu sabia que ela amava e apontava para buscar sua aprovação, eram todos descartados por que Priscilla não merecia aquilo.

— Sabe, ela só foi à melhor amiga do João.

— Não importa. Eu sempre fui louca por ele, e sofria como uma condenada quando ele passava com ela por mim. Eu nunca esqueci.

— Sempre foi louca por ele, né?

— Sim. Mas era difícil admitir quando ele era o pegador da escola e passava o rodo em todo mundo. Deixar alguém saber o que eu sentia por ele seria a mesma coisa de colar um adesivo de "trouxa" na minha testa. — ela olhou para o meu rosto, melancólica.

— Você sempre foi linda. Eu teria pena do João se não te enxergasse como a mulher da vida dele. — ela envolveu o meu pescoço com os dois braços, me levando em um aperto carinhoso.

— Nós percorremos um longo caminho. Mas vamos nos apressar aqui, meu amor, que eu ainda preciso ir ao banco tirar dinheiro para levar este sapato — ela apontou para um dourado na vitrine, que foi o meu escolhido.

Enquanto minha irmã única e mais velha experimentava alguns vestidos longos naquela mesma esquina, eu voltei na loja e comprei.

Quando estacionamos na frente de casa, era noite e a cidade estava sem energia elétrica. Avistamos uma turma enorme na casa da Priscilla, e escutando uma voz melodiosa em "surfando carmas e DNA", um trecho de uma canção de Engenheiros do Hawaii que amávamos... Começou uma mini disputa para ver quem passava primeiro pela porta, jogava as sacolas no sofá mais rápido que podia e saía de casa antes que terminasse a música.

Nós éramos duas loucas por Engenheiros do Hawaii. Sabíamos todas as músicas, e onde tinha "O papa é Pop" lá estávamos eu e Daniela.

Só que ao fazer isso, na correria, nós duas não esperávamos colidir em duas paredes musculosas no portão, que acabavam de chegar de Serro Azul. Sim, atrás dos nossos traseiros, porque eu tinha feito a besteira de não levar os seguranças como Miguel *sugeri*u antes de sair e estávamos incomunicáveis pelos celulares descarregados em algum momento da tarde.

— Ei! — meu queixo despencou quando João levou Daniela para dentro pela mão, como uma criança errante, e fiquei sozinha para lidar com o olhar penetrante no rosto de Miguel.

— Acha divertido me matar de preocupação? — ele inquiriu baixo e rouco. Seus dentes branquíssimos reluziam na luz parca, e seu sorriso era um pouco ameaçador.

Muito ameaçador, para falar a verdade.

Eu estava para esboçar uma resposta quando ouvi a voz rascante do João na sala e Miguel me pegou pela mão como ele havia feito com Daniela.

— Posso saber que abelha venenosa beijou a bunda de vocês?

Me assustei quando a gargalhada de papai explodiu em um canto ali perto.

Eu tentei vê-lo dentro da rede no lado direito do enorme alpendre, mas estava escuro e Miguel não esperou que os meus olhos se adaptassem.

O resto da noite passou com um belo castigo, sendo apoiados por seu Marcelo e dona Karla, João e Miguel se acharam os donos da razão e exageraram; para variar. Eu e Daniela nos deitamos juntas, ignorando de propósito a rede dos dois no clarão da lua que incidia pelas brechas do portão e nos unimos.

Como estava sem luz, ninguém suportaria dormir dentro de casa. E dois briguentos, ah, que dormissem ali sozinhos!

No dia 31 eu só vi Miguel quando acordei, e ele não estava muito simpático quando enfiou algumas notas no bolso de trás do meu jeans antes de se juntar ao João e eu sair para tentar arrumar meu cabelo.

Salão de cidade pequena em dia de festa era igual formigueiro, e não bastava marcar hora com o cabeleireiro, você tinha que está lá para defender

sua vaga.

A fofoca rolava solta enquanto esperávamos, e a única coisa boa de está ali, dentro da rádio de notícias da cidade, era o wifi sem senha e meu Facebook aberto.

Os assuntos mudavam de forma drástica, e em uma hora estávamos dentro da intimidade do prefeito e no minuto seguinte, dentro da minha intimidade. Estranho não era responder como eu tinha encontrado um homem daquele ou ouvir que eu tinha que mandar rezar uma missa em agradecimento por ele. Estranho era escutar os elogios que as meninas faziam sobre Miguel — cheias de sorrisinhos — e isso me chatear profundamente.

Excluindo as cantadas, ter alguém massageando o meu couro cabeludo e as unhas sendo cuidadas não era exatamente o que eu poderia chamar de pesadelo.

Em casa, já noite, encontrei o homem que tinha conquistado o coração das moças solteiras da cidade — mesmo as que não eram — deitado no quarto falando com a família dele por telefone.

Miguel estava com uma carinha de quem tinha acordado naquele instante quando me aproximei, e me sentei pertinho, na beirada da cama quando desligou o celular.

— Sua mãe?

Ele beijou minha mão.

— Meu pai. Queria saber como eu estava.

— E como você está?

Ele franziu o cenho e seus lábios se ergueram um pouco nos cantos.
— Pode-se dizer que você está cuidando de mim.

Ele ainda debochava, mas parecia divertido.

— É mesmo? — fui sarcástica.

Enquanto cheirava o seu queixo, Miguel levantava a minha mão e circundava meu dedo anelar como se estivesse medindo-o.

Franzi o cenho tentando entender aquilo. Ele parecia ligeiramente

pensativo.

— Que foi?

— Só estou pensando.

— Medindo o meu dedo. — meus olhos se arregalaram quando... —
É um anel!

— Você quer um anel? — ele se interessou.

— Presente não se discute. O que você me der, está bom.

— Eu não tirei você na brincadeira. — ele resmungou. — Já disse.

— Ok irritadinho. Eu só pensei...

— Não achei as minhas roupas. — ele me trouxe mais perto, para
fuçar o meu pescoço. — Estou dormindo nu aqui.

— No armário. Eu guardei para que não amassassem.

— Tão prestativa...

Zombei dele com uma franzidinha no nariz.

— Acho que está na hora de você levantar. Vamos assistir a missa, e
depois vamos nos reunir aqui para esperar a virada.

— Missa?

— Sim.

— Tem certeza?

Eu sabia o que ele estava pensando e sorri por dentro, mas mantive
séria.

— Sempre achei lindo um casal de mãos dadas na igreja. Acha que
vou perder a oportunidade de exibir você, e matar de inveja as mulheres
dessa cidade?

— Hum. — ele me puxou para cima dele. — Quanto tempo nós
temos, exatamente? Eu ainda ferveo quando penso que você dormiu de
conchinha com Daniela ontem.

— Ah... — eu ri, apesar do seu cenho fortemente franzido. — Você

e o João mereceram. Desnecessários aqueles rosnados e grunhidos todos. — olhei para o relógio. — E nós não temos tempo, meu amor. Quinze minutos.



A missa começou às 20h, como sempre acontecia, e terminou às 21h. Miguel estava inteiramente vestido de branco ao meu lado, comestível de tão delicioso, e apesar de preferir o rosa para a virada de ano eu o acompanhei na cor.

Um macaquinho longo de crochê que tinha me encantado.

Eu o olhava de minuto em minuto na igreja, e não estava conseguindo me desgrudar dele. A necessidade de tocá-lo era quase como uma dor física, e seu aperto firme em minha barriga me agradava. Miguel me segurava perto, eu sentia suas coxas musculosas contra as minhas e quando o relógio marcou um minuto para a meia noite, em casa, ele me virou em seus braços e contou os segundos comigo.

No momento em que os fogos estouraram anunciando a chegada de um ano novo, eu fechei os olhos, fiz o meu pedido para o universo, deixei os meus lábios caírem mansamente sobre seus e com eles foi também o "eu te amo" que eu segurei por tanto tempo.

— Aiiiii! — Daniela chiou. E apertei mais os olhos fechados, ao mesmo tempo em que ele me beijava com mais força. Deus, não... Ela não tinha... — Não acredito que você finalmente disse, sua safada! — ela me fez cócegas, e olhando um segundo para o rosto Miguel, antes de seguir para o banheiro e, sei lá, morrer envergonhada lá dentro, vi os seus olhos brilhando.

Sua expressão era sossegada, mas os olhos... Ah, os olhos eram escuros e ardiam com intensidade.

— Eu...

— Vem cá. Não precisa ficar tão vermelha. — ele afundou o nariz no meu cabelo e aspirou o cheiro do meu condicionador. — Preciso ouvir de novo.

Sua voz rouca arrepiou tudo, começando pelo dedinho do pé até o couro cabeludo; como se seguisse um rastrinho de pólvora.

— Quer ter certeza de que ouviu direitinho antes de correr? — alfinetei-o.

— Se você estragar esse momento eu vou ficar bastante chateado. — sibilou baixinho.

— Eu te amo. — confessei baixinho, ao mesmo tempo em que os meus pés deixaram de tocar o chão e o abracei com força. — Eu te amo.

Ele me apertou forte, me envolvendo toda no seu cheiro e calor do tórax largo e poderoso.

— Vou te dizer uma coisa e quero que pense a respeito, tudo bem?

Balancei a cabeça fazendo que sim, sentindo a seriedade emanar dele, e ainda assim, não sendo capaz de modificar a expressão terna e carinhosa do seu rosto.

Olhei dentro do verde escuro que beirava o negro, penetrante, e esperei que ele dissesse qualquer que fosse a coisa.

Ele não disse.

Não teve chance.

De repente fomos envolvidos por todos os meus familiares. João que deu batidinhas nas costas de Miguel e beijou minha bochecha. Mamãe que nos envolveu em um caloroso abraço e Daniela que abria o maior sorriso da vida ao levantar um brinde e desejar um feliz ano novo a nós dois.

Papai estava todo sorridente sentado na sua preguiçosa cadeira de balanço, e quando Miguel me liberou para cumprimentar outros conhecidos, eu caminhei diretamente em sua direção; sendo envolvida imediatamente pelos seus braços e seu amor.

— Feliz ano novo papai.

— Feliz ano novo minha pequena.

Quando todos já tinham se cumprimentado e feito sinceros votos de um ano feliz, mais bebidas e comidas foram servidas, e Daniela declarou que

àquela hora seria à hora perfeita para a confraternização do amigo secreto ou, como ela gostava de diz, oculto.

Os presentes estavam todos ao redor da árvore, dentre eles uma sacola azul de aparência cara que só poderia ser de Miguel.

Era um anel. Eu tinha certeza. Independente de quem ele tivesse tirado, só poderia ser.

Olhando para ele no outro lado do largo corredor, o ombro escorado no portão de maneira relaxada enquanto segurava um copo de espumante na mão, eu senti uma estranha sensação de frio no baixo ventre.

Seus olhos cintilaram quando ele pegou meu olhar, e ele deixou um sorrisinho safado curvar o canto direito de sua boca antes de desviar o olhar do meu.

Mordi o lábio de baixo e olhei outra vez na direção da sacola. *Seria possível que eu estivesse certa sobre a pessoa que ele tinha tirado?*

João me trouxe para dentro da brincadeira quando entregou seu presente a papai, e depois papai a mamãe, e mamãe a João. Como João já tinha entregado seu presente, foi à vez de Priscilla entregar a tio Osvaldo e tio Osvaldo presentear Priscila.

Então foi a vez de eu pegar meu embrulho e dizer, com algumas risadinhas, que meu amigo secreto era Daniela. Daniela, como eu já sabia, tinha tirado Miguel. E quando Miguel segurou sua sacola azul claro, dizendo alguma coisa sobre "apesar" de considerar todos os que estavam ali seus amigos, e desejar um bom ano a cada um, ele havia tido um amigo secreto durante aqueles dois dias e era hora de revelá-lo. Ele sorriu misterioso quando disse isso, só tinha eu e mais poucas pessoas sem presente e comecei a hiperventilar, me sentindo tola e ansiosa. Levei a mão ao peito quando ele arqueou a sobrancelha de maneira significativa.

Eu não movi um único músculo.

Quando ele tirou a caixinha azul da sacola, Daniela ofegou e um som baixo deixou a minha boca. Ele caminhou em minha direção, e cobri a boca com a mão sem conseguir me conter. Quando ele abriu o lacinho, e tirou de dentro da caixinha azul um anel, eu quase desmaiei.

Miguel segurou minha mão, tirando ela da minha boca, deslizou o anel rodeado de pedrinhas brancas incrustadas por fios grossos de ouro em meu dedo e deixou um beijo curto cair em cima dele.

— Toda minha. — ele disse antes de rodear a própria cintura com os meus braços e me levar para o lugar onde ele estava antes; perto dos pais do João. A brincadeira continuou leve, mas Daniela tinha uma expressão encucada e volta e meia sua boca se abria... Depois que ela parava e girava o cabelo no dedo, um gesto típico de quando estava sendo distraída por muitas possibilidades e pensamentos.

Fiquei prestando atenção nela de longe, até que todos os presentes foram entregues e a dita cuja me chamou com um movimento apressado.

Ela nem bem olhou no meu rosto quando me aproximei, arrebatou a minha mão na sua e estudou o anel como se ele fosse uma anomalia.

— Tiffany & Co. — ela sussurrou. — É lindo.

— Sim. — era indisfarçável o meu deslumbramento também.

— Sabe o que isso significa?

Franzi o cenho para ela.

— O quê?

— Noivado.

Puxei minha mão de volta.

— Tá louca?

Ela franziu os lábios para mim, zangada. Prestando atenção no aro que agora enfeitava o meu dedo, a emoção que senti me assustou. — Um diamante Tiffany não é só um anel, querida. Sabe qual é a campanha deles? Toda vida a dois começa com uma pergunta: "Casa Comigo?"

Levantei o meu olhar para o dela, cheio de choque.

— Ele pediu, finalmente, não pediu? Naquela hora em que o João separou vocês...

— Ele não pediu... — Meu Deus, ele estava pensando em pedir?

— Se você não está mentindo para mim, eu acho melhor você esclarecer alguns pontos com o seu noivo. — ela deu uma risadinha.

Olhei para o lugar onde deixei Miguel, e olhei para o anel. Ele pegou o meu olhar para o objeto, assim como minha expressão para ele, e arqueou a sobrancelha.

Em poucos passos eu estava em sua frente. Ao observar seu rosto sério de perto, quase desisti de perguntar: Você quer me dizer alguma coisa?

Quase.

— O que você acha que eu quero dizer? — captei um estranho desafio em sua voz.

— Não sei... Eu...

Ele continuou me observando com calma, mas depois escarneceu, quando não tive voz para seguir minha linha de pensamento:

— Sério?

Franzi o cenho para ele.

— Com medo de ir direto ao ponto, meu amor? — ele reiterou.

Toquei no anel com o indicador e o polegar, sentindo um aperto forte na garganta pelo deboche que ele estava jogando claramente no meu rosto.

— Tire o anel do dedo e tudo estará acabado entre nós, Vivian. — avisou. — É um presente, só isso. Eu gosto da marca.

Ele tinha acabado de... Meu rosto estava cheio de choque.

— Senta aqui, vamos conversar depois. — ele bateu no jeans branco que cobria a sua coxa bem torneada quando estava sentado. — Não é a hora para falarmos sobre isso.

Eu lentamente tirei a mão do anel, como se saísse de um transe, e deixei que ele me sentasse em seu colo.

Estava tentando entender o olhar encantado de Daniela, quando ele enlaçou minha cintura com os dois braços.

— Não me ama?

— Eu já disse que sim. — me virei para ele, me sentindo de repente revoltada. — E você ameaçou acabar com o que nós tínhamos por uma bobagem. — acusei, ainda chocada por ele ter feito isso.

— O que nós temos. — corrigiu. — Ser comprometido com alguém não é casar. Tem gente que passa anos com um anel no dedo sem que nada aconteça. Esse é um anel de compromisso.

— De namoro?

— O que eu acabei de dizer?

— Grosso!

Ele acabou fechando a cara e eu também.

Mesmo depois que a música começou e cheirei seu pescoço, querendo fazer as pazes, Miguel ficou sério durante o resto da festa. Nem quando sua mãe ligou para nos desejar um feliz ano novo e se desculpar outra vez pela tentativa de chantagem que ela tinha feito sobre mim, ele deixou de ser introspectivo.

Em contrapartida tive que conversar animadamente com Jordana, e fiquei mega tensa quando seu pai entrou na linha. A voz de Oscar provocava arrepios mesmo por telefone, como se adivinhasse que o filho estava chateado há quilômetros, e tinha alguma coisa no seu timbre de locutor de rádio, levemente rouco, que assustava alguém dentro de mim.

Ele parecia o tipo de homem que nasceu para dominar, especialmente a esposa, e quando Miguel ficava muito parecido com o pai eu não sabia lidar com ele.

Respirei profundamente quando desliguei o telefone e lhe entreguei o aparelho. Ele apenas estendeu a mão para pegá-lo e enfiou o celular dentro do bolso do short sem me dirigir uma única palavra.

Meu namorado não estava bebendo, e olhando para Daniela que já estava altinha com o álcool rolando em seu sangue, sorrindo a torto e a direito, eu quis me juntar a ela apenas para arrancar uma reação dele. Qualquer uma. Mesmo que fossem umas palmadas lá no meu quarto,

considerando o seu atual estado de humor.

Não gostava quando ele ficava calado demais, parecia um prelúdio, uma estranha calma que antecede a tempestade... Ou um tornado. Então tomando coragem, eu me deitei outra vez sobre o seu peito e passei seus braços pela minha cintura, abrindo suas palmas e colocando ambas sobre a minha barriga.

Senti Miguel tenso quando segurei suas mãos ali, enrijecendo quando pedi uma bebida ao João, que estava perto do freezer... Mas fora isso ele não esboçou reação e muito menos queixa. Não pareceu irritado nem nada.

Abri uma Skol Beats, mas ao sentir o cheiro engoli a frustração ao invés da bebida e afundei cabeça em seu peito.

— Você pode voltar a falar comigo, por favor?

Eu fechei os olhos e segurei um suspiro quando ele também suspirou, beijou minha orelha, meu pescoço, e me virei para que pudesse beijar o meu homem na boca. Sentia o gelo derretendo nele aos poucos, vencendo sua resistência lentamente até que rosnou baixinho contra os meus lábios e se entregou, nublando minha mente de sexo e desejo com aquela língua hábil que sempre me deixava pegando fogo.

A festa não estava mais a todo vapor, a maioria dos parentes já tinham ido embora descansar, e só os mais chegados continuavam bebendo e contando suas histórias. Papai já tinha se retirado, mamãe ainda fazia sala aos seus convidados, mas naquele instante eu não queria saber de ser educada com eles.

Puxei-o pela camisa quando passamos pela porta da sala, e, se deixando levar, ele casualmente comentou:

— É só para isso que você me quer, né?

Deixei os meus dedos escorregarem do tecido branco de sua camisa. Miguel não costumava ser ácido.

— Claro que não.

— Fique nua.

Abriu a camisa.

Eu deixei a parte de cima do macaquinho cair em pleno corredor, confusa por ele decidir ignorar minha pergunta, mas excitada com o tom dominador em sua voz.

— Alguma queixa sobre o sexo entre nós? Deus não queira que você me deixe se isso ficar chato e cansativo.

— Miguel!

De repente eu não estava mais tão excitada. Ele estava querendo o quê? Me magoar?

Ele caminhou em minha direção exalando autoridade, e me levou com ele até que eu pendi sobre a cama usando apenas a calcinha.

— Eu...

— “Eu” nada. Você não tem mais voz ativa dentro desse quarto.

Cerrei os dentes, morrendo de vontade de retrucar e negá-lo, fechar as minhas pernas... Mas a verdade é que eu era uma fraca estúpida morrendo de vontade de tê-lo lá, a glândula massageando os meus pontos sensíveis e senti-lo todo, fundo, até o ventre.

— Se você está querendo me irritar, juro que está conseguindo...

Miguel me ignorou e balançou a cabeça negativamente, desaprovando o pedaço de renda que me cobria. Ainda estava completamente vestido e ao se curvar deixou a língua passear por cima dele, molhando o que já estava molhado e me fazendo tremer.

Eu juro que não queria ser fácil demais para ele, como sempre acontecia, mas era uma tarefa praticamente impossível me fazer de difícil quando ele tinha a cabeça entre as minhas pernas e me chupava com vontade.
— Afaste mais a coxas.

Eu cogitei perguntar que ímpeto sarcástico e mandão era aquele que o tinha tomado de repente, mas seu olhar penetrante me calou.

— Não vou repetir, Vivian.

Não demorei em decidir que pouco importava o que estava lhe

comendo por dentro, ele me tinha na palma de sua mão sempre que olhasse daquele jeito. Aquela voz e intensidade toda queimavam os meus miolos e me deixava uma bagunça.

Abri mais as pernas timidamente quando senti o desafio pairar no ar como o som de um tiro.

Ao ser obedecido, ele se despiu da cintura para cima. Miguel então passou a língua pelo lábio e ordenou que eu dissesse o que (diabos) queria.

Deus do céu, o ainda homem estava chateado?

Ele se inclinou sobre mim, deixando os lábios tentadoramente perto dos meus, e disse muito baixo: Com raivinha, meu amor?

— Vá para o inferno. — fechei com força os olhos quando sua ereção caiu pesada e morna sobre a minha barriga.

Não tinha visto o momento em que ele abriu o próprio zíper, mas agora sentia a carne macia e aveludada do membro grande e avantajado sobre os meus lábios vaginais. Ele esfregava delicadamente o ponto mais sensível do meu corpo, e encolher os dedos dos pés não estava sendo o suficiente para que minha vontade de gemer desaparecesse.

— Muito cuidado para o lugar que me manda. Não esqueça que onde eu estiver você estará comigo. — ele moveu-se suavemente sobre o lugar que esteve sob os golpes suaves de sua língua há tão pouco... A delicadeza era uma contradição com o som rascante da voz enrouquecida, mas autoritária e exigente de Miguel, que continuou roçando os lábios do meu sexo com a cabeça redonda e rosada de seu pênis mesmo quando eu, louca por ele, ardendo de desejo e suando frio, usava a mão em que o anel estava para acariciá-lo quando ele ia e vinha em movimentos lentos... Movimentos friamente calculados para mostrar o poder que tinha sobre mim, e o meu corpo.

Lancei um olhar atravessado para ele quando parou, mas algo naquele rosto me desarmou e lamentei não ter mais o peso gostoso, duro, quente, se movendo sobre o meu sexo e barriga.

— Você me deixa louco. — rosnou.

Apesar disso, voltou calmamente a esfregar aquele mastro poderoso em minhas dobras, mesmo depois de me ouvir implorar.

Estava toda aberta, humilde, trêmula e molhada, pronta para ele... E sem que eu pudesse evitar, senti os meus olhos se enchendo de lágrimas quando isso não pareceu ser o bastante para ele.

O que seria o bastante para que o clone de Oscar Giacomelli voltasse a ser o Miguel que eu conhecia?

— O que você quer? — ele finalmente roçou os lábios nos meus, sua voz mais suave, quase carinhosa. Suspirei meu alívio, tentando beijá-lo, mas se afastou quando quis aprofundar o beijo.

Chorei, arranhando-o.

— Por favor, amor... Volta...

— Me leva para dentro. — ele suspirou, sendo finalmente desarmado. — Coloca ele exatamente onde você quer. — mas sua voz era dura nessa última frase.

Balancei a cabeça de um lado para o outro, tentando criar coragem e evitando que ele visse as lágrimas descendo pelo canto dos meus olhos... Mas elas já escorriam. Quando enfim o segurei, com vergonha, encaixei seu pau diretamente na entrada do meu sexo e sustentei exatamente onde eu precisava que ele estivesse.

Onde queria.

Não era capaz de ver, mas apostava que os lábios cor de rosa se abriram para envolvê-lo como se fosse uma flor desabrochando.

Miguel olhava naquela direção, e assoviou o som de uma maldição antes de pegar o próprio sexo com a mão e mergulhar ali, só depois se permitindo me embalar e secar os meus olhos com os polegares.

Eu o segurei com toda a força que tinha e voltei a fechar os olhos, minhas unhas se enterrando com força na pele de suas costas e braços.

Senti seu peito acariciar os meus seios nus quando veio sobre mim, pois a única que estava na cama era eu, e em seguida levei a mão ao pontinho que se erguia livre de timidez quando me abri ansiosamente para receber sua

língua em minha boca.

Cantarolei gemidos sobre os seus lábios enquanto o beijava cheia de fome, o ar chegou a faltar quando os movimentos ficaram mais intensos e rápidos, e o gozo se prolongou por minutos enquanto ele ainda se movia lentamente dentro de mim; falando baixinho em meu ouvido e me apertando, parecendo bem mais controlado que eu enquanto se aliviava roucamente dentro da boceta que era sim, só sua.

Ele era dono de mim, e todo o meu corpo lhe pertencia.

— Hum...

Não estava preparada para mover o corpo e sair daquela posição tão cedo, por isso resmunguei, ainda sentindo os resquícios do orgasmo fora de mim quando Miguel deitou e me levou para cima dele.

— Estamos presos um ao outro, fortemente algemados. — respirou fundo. — Entenda isso de uma vez por todas, Vivian.

Eu fechei os olhos, e apenas fui capaz de suspirar minha apreciação pelo sexo alucinante antes de jogar os braços ao redor do seu pescoço, concordar, e adormecer com ele ainda dentro de mim.

Deliciosamente gasta e ofegante.

Exausta.

Miguel

Pela janela do quarto eu observei a rua deserta. Não tinha mais nenhum resquício de som ou barulho de gente, só o vento que soprava sem grande alarde lá fora. Comprimi uma mão na nuca e suspirei. Voltar para Nova York seria uma questão de dias, e talvez tivesse sido melhor seguir a sugestão de Daniela e deixar Vivian inocente sobre o anel. Ela tinha mil e uma desculpas sobre dar um passo maior que a perna, mas eu teria que viajar

dentro de alguns dias, talvez ela não quisesse ir comigo e, maldita fosse, eu precisava de uma porra de garantia.

Me voltei para ela subitamente revoltado, e a boneca seguia dormindo, jovem e frágil, pacífica e profundamente. Algo dentro de mim derreteu ao vê-la desprotegida, talvez fosse o coração ou não, mas alguma coisa, com certeza.

Quando inconscientemente me procurou na cama, tateando o meu lugar, eu caminhei para perto. Quando suas pálpebras balançaram e se abriram, eu esperei que me visse... Desprotegido como ela havia estado. Coloquei-me em sua frente como o homem que iria embora sem olhar para trás se fosse o único a arriscar o coração nessa empreitada.

Já estava bastante fodido, apaixonado demais para se esgueirar e suportá-la se esgueirando de algo mais sério.

— Amor? — ela chamou.

Amor.

— Não consegui dormir. — deixei que ela enlaçasse meu pescoço com os braços e afundasse o nariz em meu queixo enquanto eu ainda estava absorvendo sua voz rouca e suave me chamando carinhosamente. — Mamãe está abrindo uma casa noturna em POA, e depois da inauguração que está prevista para o dia cinco de Janeiro eu tenho que voltar para Nova York.

— Tudo bem...

Estava?

Seu rosto caiu.

Não, não estava nada bem.

— Quero saber se vem comigo. Eu já deixei claro o que eu quero, Vivian, mas talvez você não queira o mesmo e prefira ficar aqui.

— Você está querendo dizer o quê, exatamente? Está permitindo que eu escolha ficar aqui?

— Que temos um compromisso ou não temos nada. — suspirei, não gostando do jeito que ela me via. — Você tem todo o direito de tomar

decisões que vão mudar a sua vida. Eu não posso nem vou forçá-la a vir comigo.

— Eu não tenho passaporte.

— Podemos corrigir isso com facilidade. — expliquei calmamente.

Ela olhou para as próprias mãos, e fiquei tenso quando encarou o anel com vários diamantes em seu dedo.

— Compromisso pode ser muita coisa. — constatou. — Estou me sentindo mais sua ao usá-lo. — ela mexeu os dedos como se sentisse o peso do anel ou o peso do que tínhamos no dedo. — Movimento a mão, sinto o ele e automaticamente me lembro de você.

— Posso ficar feliz com isso, ou tem um "mas" pelo meio?

— Sem "mas" — ela estava séria. — Gosto da ideia de ser sua, Miguel Giacomelli.

— Então você vem comigo, Vivian Oliveira?

Esperei com os maxilares retesados a sua resposta, pronto para recebê-la como um soco, pois ela sabia como ninguém me acertar assim.

— Morro de medo que se canse de mim. — me olhou pela primeira vez desarmada. Seus olhos estavam limpos e claros, muito verdes e temerosos.

— Como eu poderia me cansar de você se fico mais obcecado a cada instante que passa? — não titubeei em ser sincero.

Ela precisava saber como eu me sentia.

— Tantos casais começam apaixonados, mas em um belo dia na cozinha em que os dois decoraram com amor, um deles decide que o melhor é pegar uma das facas cuidadosamente guardadas na gaveta do armário, em fileira, e cruelmente dá um fim aos próprios sentimentos. — sorriu com tristeza. — Pode adivinhar o fim da história? Sempre sou eu que me ferro. No amor, nas amizades... Em tudo. Eu sou sempre a deixada para trás depois de ter dado sangue para fazer a pessoa ficar.

Seus olhos cheios de lágrimas foi um chute em minhas vísceras.

— Eu estou cansada disso. Sempre fiz tudo para manter as pessoas que eu gostava comigo, mas inevitavelmente, uma hora, praticamente todas foram embora. Eu sempre fiz coisas que nem podia... Coisas que essas pessoas jamais fariam por mim... Por bobagem, para ver um sorriso no rosto de alguém ou apenas como uma forma de dizer "ei, eu estou aqui, lembra? Sou sua amiga também". Mas na hora da festa, quando a vida estava sorrindo, eu era a única que ficava em casa vendo as fotos dos meus supostos amigos com os seus verdadeiros amigos. Até que chegou um dia em que eu disse a mim mesma que não precisava deles. O Wagner tinha em mim um suporte, eu tinha nele um, e as coisas funcionaram assim por um tempo. No fundo éramos dois solitários e por isso demos certo até que deu errado. Ele também me decepcionar no final das contas cortou algo dentro de mim que eu não sei se pode voltar a ser o mesmo. — ela soluçou no meu peito. — É como colar vidro com superbonde, você vai saber exatamente onde cada pedacinho quebrou. Não é insegurança e ao mesmo tempo é, pois sinto muito medo de passar por isso de novo.

Procurei desesperadamente uma maneira de consolá-la da dor que envolvia e escorria em suas palavras, mas não achei.

— Eu sou uma pessoa diferente hoje, mais fechada e cautelosa... Mas eu não tenho como me defender de você. Nem por quê. Não mais. Eu estaria arruinada de qualquer jeito se você fosse embora.

— Pessoas vão embora o tempo inteiro, por favor, não faça disso uma desculpa para afastá-las antes do tempo de você. Hoje eu estou aqui, mas quem pode prever o futuro, meu amor? Pessoas às vezes vão embora contra a sua vontade. — expliquei, e deixei meu nariz ficar um tempinho no topo de sua cabeça. — Às vezes por um acidente de carro... Ou um avião que cai no mar, um sequestro, um tiro... — parei quando Vivian estremeceu em meus braços. — Estou aqui. Será que você me perderia menos se algo acontecesse comigo sem que estivéssemos em um compromisso de verdade, se não admitisse nunca o que sente e eu fosse embora agora, por isso?

— Eu morreria de chorar se alguma coisa acontecesse com você.

— Esse é o X da questão. Estou aqui e não quero me desgrudar de você um segundo.

— Mas me angustia depender de alguém. Deus... Eu devo está assustando a merda fora de você. — ela ergueu seus olhos verdes para mim, vermelhos pelo choro. Então acariciou meu peito. — Não tenha medo de ir embora pelas coisas que estou dizendo, se sentir que não tem mais nada de bom que lhe prenda a mim. Em tudo isso, nessas lições todas que sofri, eu aprendi que mais triste que perder alguém é realmente ficar com alguém que não quer mais estar ali.

— Não tenho nenhuma intenção de ir embora. Não chore, por favor. — limpei suas lágrimas delicadamente com os meus polegares, e ela suspirou.

— Príncipe.

Os cantos dos meus lábios se ergueram levemente.

— Não dou dois minutos para que esteja me chamando de grosso ou ogro de novo. — beijei sua têmpora. — Vamos dormir minha bonequinha.

Ela me abraçou com força e meteu uma perna no meio das minhas. Eu aguentei calado a ereção que rapidamente se ergueu, e deixei que dormisse agarrada a mim... Pondo um fim nos seus demônios e nos meus.



DEZESSEIS

Vivian

O dia amanheceu cinza. O cheiro de terra molhada ainda estava no ar e fazia um atípico friozinho gostoso lá fora, daqueles que dava vontade de ficar o dia inteiro na cama.

Era 6:40 da manhã, Miguel estava profundamente adormecido ao meu lado e aproveitei esse momento para admirá-lo sem que percebesse. Os pontos de barba que nasciam em seu queixo apenas o deixavam mais charmoso, e os cílios fartos que protegiam aquele verde intenso e, por vezes, tempestuoso, lhe davam um ar quase angelical.

Olhei para o anel caríssimo em minha mão, que provavelmente valia mais que o carro dos meus pais devido à quantidade de diamantes em cima dele, e a minha barriga apertou de nervoso. Não era um sentimento ruim, mas um frio estranho que subia... Uma súbita ansiedade, sensação de expectativa... Um sentimento que antecedia uma coisa ruim ou boa, mas prestes a acontecer.

Levantei suavemente da cama sem a intenção de acordá-lo, e pegando o robe na cadeira giratória em frente a minha escrivaninha, eu passei os meus braços por ele e segui para a cozinha; sentindo um cheirinho gostoso de pão caseiro lá fora.

Papai também dormia, e só mamãe estava acordada trabalhando. Eu ajudei-a a fazer a mesa, e quando ela segurou a alça da cafeteira, pronta para colocá-la na tomada, eu disparei para fora da cozinha.

O simples pensamento sobre tomar novamente café era suficiente para embrulhar o meu estômago.

Quando Daniela chegou com João e a turminha (meus dois sobrinhos), eu saí do computador diretamente para a mesa no alpendre da copa. Sentindo o cheirinho das flores de mamãe em seu pequeno jardim ali perto, próximo e visível como a piscina que se encontrava naquele momento vazia.

Das doze cadeiras da mesa seis estavam ocupadas, e estava quase terminando o meu café da manhã quando Miguel apareceu. O cabelo ainda molhado do banho, e ele estava bem vestido como sempre.

— Bom dia. — sentou-se ao meu lado, e me inclinei para beijar sua boca, pouco me importando se o assunto sobre motos morria e a família parava para nos observar.

Às nove da manhã, quando finalmente o sol começava a se infiltrar timidamente por entre as nuvens, saímos para olhar o que o João tinha comprado ao seu tio.

Por que ele fez isso eu não sei, mas desconfiava que para ajudá-lo. Olhei para a broz vermelha com o capacete no acelerador, e, mordendo o lábio, eu pensei que fazia muito tempo que eu tinha me arriscado a subir em uma.

Ainda sabia conduzi-la, claro, era como andar de bicicleta. E olhando para ela eu senti a vontade de dar uma voltinha e impressionar Miguel aumentar.

— Posso dar uma volta?

— Claro. — João fez menção de me jogar as chaves, mas Miguel balançou a cabeça do seu lugar, lá na soleira da porta.

— Negativo.

Eu ri para a sua maneira de falar.

— Eu sei andar. Não é como se eu estivesse aprendendo.

— Mesmo assim. — ele ficou sério, e desisti. — Você tem as perninhas curtas demais para segurar uma moto desse tamanho.

De fato, tinha. Eu ficava nas pontinhas dos pés.

— Mamãe ligou. — ele apontou para o celular. — Perguntou se está disposta a ir à inauguração da JGX.

Miguel falava da casa noturna que ela estava abrindo.

Pensei um pouco e disse: Claro.

— Apenas se quiser ir.

— Eu quero. — franzi o cenho para ele. — Tá pensando que vai sozinho? — empurrei o seu peito até chegarmos ao quarto, então cai em cima dele no colchão. — De jeito nenhum.



A vida estava perfeita até que passei mal durante o vôo. Não disse nada a Miguel, apesar de ele ter se preocupado por eu passar quase dez minutos trancada no banheiro do avião esvaziando o meu estômago.

Sabia o que ele iria pensar, mas não poderia ser.

Não poderia.

Em Porto Alegre a família estava toda debruçada sobre a inauguração da Casa Noturna que Jordana estava abrindo, a JGX, avaliada em 20 milhões de reais, e foi um alívio não ter ninguém prestando atenção em mim nos três dias que se seguiram, quando eu quis chorar por vomitar todas as manhãs.

Tinha chegado o dia da inauguração, eu precisava pensar em algo para vestir e ainda encarar a comitiva que estava dentro da casa deixando todo mundo à altura do evento, embora no fundo só quisesse dormir e não pensar no que poderia está acontecendo comigo.

Passei a mão pela testa que estava suada, e sorri amarelo quando ele

entrou no quarto e se deteve por um momento na soleira da porta, ao me ver saindo do banheiro segurando uma toalha molhada contra a testa.

— O que aconteceu?

— Nada.

— Você está pálida.

— Devo ter comido alguma coisa que me fez mal...

— De novo? — arqueou a sobrancelha com desconfiança.

— É. — me angustiei que ele fosse começar a me fazer perguntas e ter dúvidas de novo. — Cadê Lise?

— Foi buscar Melody na casa dos pais dela.

Estava nervosa, sem saber para onde olhar, quando Cristina bateu na porta do quarto e entrou segurando dois vestidos de festa; um em cada mão.

— Trouxe para você experimentar. — ela disse, e só relaxei quando Miguel veio, beijou levemente os meus lábios e saiu fechando a porta atrás de si.

— Está doente? — ela se preocupou.

— Insisto em tomar café, sabendo que me faz mal. — disse, odiando mentir. — Obrigada Cristina, eu vou provar os dois e então digo com qual eu fico.

— Tudo bem. Se cuida... — ela respondeu, antes de também deixar o quarto.

Eu caminhei até o armário, e desejei desesperadamente poder conversar com alguém e tomar um ar.

Um filho complicaria toda a minha vida e tremendamente a nossa relação. Minha situação com Miguel era incerta e muito recente. Era muito cedo e não saberia dizer em que momento isso aconteceu, quando nos descuidamos... Nós não tínhamos. Eu não tinha. Mas não estava dando mais para ignorar o fato de que alguma estava errada comigo. E ter certeza disso no meio de todos os Giacomelli era angustiante e perturbador.

Peguei o celular, e sem um segundo pensamento sobre isso eu liguei para Daniela.

Não podia mais me enganar, dizendo que a comida me fez passar mal e por isso meu estômago estava rejeitando muita coisa.

— Meu Deus... — segurei na madeira do guarda-roupa para me apoiar. De um segundo para o outro estava me sentindo muito grávida, embora não soubesse dizer em que momento as pílulas falharam. Se é que elas tinham.

— Dani? — sussurrei quando ela atendeu.

— O que aconteceu, Vivi? — ela se preocupou com o meu tom.

Afastei o telefone da orelha e respirei fundo antes de continuar.

— Eu... Eu acho que preciso sair daqui. Quero que compre uma passagem para mim.

— O que aconteceu? — ela inquiriu um pouco mais séria. — O que eles fizeram com você?

— Nada. — tranquilizei-a. — Quando chegar aí, eu te explico tudo.

Minha irmã amaldiçoou alto e tristemente, antes de me dar algumas instruções.

Troquei de roupa e como estava um reboião na casa, com um entra e sai de gente, frenético, peguei um dos motoristas que descansavam em pé, próximo aos carros na garagem, e pedi que me levasse ao aeroporto.

Cheguei ao Viracopos sem problemas, claro, fora os que eu levava comigo. E encontrei Daniela no salão de desembarque, me esperando ansiosa.

— Cadê as crianças?

— Deixei na casa da vizinha.

Eu respirei.

— Desculpe... Eu... Eu realmente precisava sair de lá um pouco e respirar uma coisa que não seja isso que eu estou sentindo que é.

— Eu quero saber o que aconteceu. — ela disse, enquanto

caminhávamos para o carro. — Jesus, Vivian! Eu quase tive um ataque do coração quando você ligou...

— Eu acho que estou grávida. — sua mão parou na porta do carro, e ela se virou lentamente para mim.

— O quê?

Balancei a cabeça confirmando.

— Porra. — o palavrão deixou os seus lábios antes que ela pudesse contê-lo. — E você enlouqueceu. — meditou consigo mesma. — Miguel não sabe, sabe?

Balancei a cabeça, dessa vez negando.

— Não sabe nem que você está aqui... — ela arregalou os olhos. — Ele vai virar Porto Alegre do avesso e deixar todo mundo doido, Vivian!

A bile subiu em minha garganta.

— O homem vai enlouquecer. Ligue para ele! — ela ordenou quando estávamos em casa.

— Vou ligar. — prometi.

— Ligue agora.

— Primeiro eu preciso pensar em alguma coisa para dizer a ele. — cobri o rosto com as palmas. — Sai de lá em um momento de desespero e já estou arrependida.

E nem bem terminei de dizer isso, quando o telefone dela tocou. O meu estava desligado, e antes que Daniela atendesse, eu já sabia quem era.

— Por favor, não diga que estou aqui a ele ainda. — implorei num choramingo, levantando e caminhando rápido para o quarto para não ser capaz de ouvi-la falar.

Quando entrou no quarto, minha irmã carregava um teste de gravidez. Ela jogou-o em cima da cama, perto do meu rosto, e disse sem nenhuma preparação:

— Eu falei com Oscar. Sim, eu disse a ele onde você estava. Miguel

bateu o carro, e está no hospital agora.

Um gelo correu pelas minhas veias e tomou conta de todo o meu corpo. Levantei a cabeça para ver sua expressão e confirmar o que ela disse.

— Não... — cobri a boca com a mão, controlando a vontade de esvaziar o meu estômago completamente vazio.

— Sim. E você, depois que fizer o teste, vai embarcar para Porto Alegre. Eu também vou. O João está vindo para casa para ficar com as crianças.

Anestesiada eu caminhei para o banheiro para fazer o teste, e com a mesma fraqueza pesando em meus membros eu cheguei a Porto Alegre.

O amor da minha vida tinha um braço quebrado e um enorme corte na testa, e fora isso, graças a Deus, ele parecia perfeito como sempre.

— Ele vai ficar em observação pelas próximas 12h. — uma enfermeira me disse.

— Como ele está? — perguntei a ela.

— Bem.

Quando ela saiu, acariciei o cabelo de Miguel e depois de alguns minutos, sonolento, ele abriu os olhos.

Os pelinhos da minha nuca eriçaram quando ele me encarou desorientado e, segundos depois, pela primeira vez, friamente.

— Ei... — balbuciei.

— Não faça essa cara, não acredito que esteja preocupada comigo.

Eu abri a boca, mas muda, nada saiu.

— Miguel...

— Me deixe sozinho, Vivian.

— Miguel, por favor...

Ele fechou os olhos. Vendo lágrimas no meu rosto, Lise passou um braço ao redor dos meus ombros e me tirou do quarto.

— Vamos Vivi... Amanhã é outro dia, querida. Miguel está furioso, mas especialmente confuso, não entendeu sua fuga repentina. Oscar esteve aqui e para aplacá-lo provavelmente contou onde você estava. Quando ele estiver em casa, vocês conversam. Isso tem um motivo, não tem? Ele vai entender.



Assim que passei pelas portas da mansão, o primeiro rosto que vi foi o de Arthur. Ele estava sério e não sorriu quando me viu.

Lise me levou para o quarto e, pouco tempo depois, Oscar bateu em minha porta.

Eu fiquei terrivelmente tensa quando ele entrou no quarto e Daniela saiu, e mais ainda quando ele pegou minha mão e acariciou o nó em meus dedos.

— Sabe o que é estranho, Vivian?

— O quê? — consegui sussurrar.

— Estranho não é Miguel parecer tanto comigo. Estranho é você ser a Jordana que eu conheci há muitos anos atrás. — ele sorriu com certa tristeza. — Eu me lembro como se fosse ontem quando ela se descobriu grávida, e assim como você e Miguel, nós nos conhecíamos há muito pouco. Eu era um problema que minha esposa, com paciência, solucionou. Na nossa história tinha um agravante, mamãe. Quando Jordana descobriu que estava grávida, não sei se por não confiar realmente em mim, achar que fosse muito cedo e estivesse assustada, ou por causa de mamãe que desaprovava o nosso relacionamento abertamente, talvez pelos dois, ela acabou indo embora. — ele me fitou com olhos carinhosos, como se visse realmente Jordana em mim. — Reza a lenda que quando um Giacomelli se apaixona, querida, ele passa por cima de qualquer coisa pela mulher amada. Inclusive ela, se estiver em uma posição de obstáculo. Mas ele vive para ela. A gente só finge ser o macho alfa da relação, mas no fundo sabemos que quem manda em casa, na porra toda, é a dona do coração. Tenha paciência com Miguel, por favor. Ele enlouqueceu quando não encontrou você em casa, pensou o pior... Depois

que você foi apresentada como sua namorada e ainda com a reportagem do Deu O Chic sobre uma suposta gravidez, você virou um alvo muito fácil para nos atingir, querida. Como eu, Miguel daria até as cuecas para mantê-la em segurança.

— Eu sinto muito.

— Eu sei.

— Entendo que errei em sair e não avisar ninguém. Mas eu precisava respirar um pouco e absorver tudo o que estava acontecendo... Eu me senti sufocada.

Ele curvou os lábios em uma sombra de sorriso.

— Reconheço a minha participação nisso. Peço desculpas, eu simplesmente me empolguei em ser vovô.

— Ele me expulsou do quarto. — confessei baixinho.

— Eu sei. Mas foi da boca para fora. Ele ficou com medo de perder você, e ele não lida bem com o sentimento de perder alguém de novo. Se você o ama, não vá embora outra vez. Aquele lá quando encasqueta com uma coisa é pior que jumento quando empaca.

— Obrigada, Oscar. Conversar com você mandou um pouco do pânico embora. Agora só me resta esperar que ele volte do hospital, fale comigo e ainda queira ser o pai do meu bebê.

— É claro que ele quer. — esfregou minha palma na sua, passando calor. — Agora descanse, está bem? Daniela vai ficar com você, e se preferir Lise também. Infelizmente a festa de inauguração já está em cima da hora, está vindo um DJ de Saint Tropez para tocar hoje e não vai ser possível cancelar isso.

— Não se preocupe comigo. Eu odiaria que a festa fosse cancelada por minha causa.

Quando ele saiu, não deu cinco minutos direito e Miguel irrompeu pela porta do quarto.

Ainda tinha um curativo na testa e o braço imobilizado.

O choque no meu rosto foi visível.

— Eu vou ser pai? — ele olhou para o meu rosto com agressiva intensidade.

Quando mordi os lábios e balancei a cabeça lentamente, afirmando, ele caiu de joelhos no chão.



Rapidamente me coloquei em meus pés, e me ajoelhei em sua frente. Insegura, temendo ser afastada, mas ele se deixou beijar e agradeceu.

Uma vez seguida de outra ele me agradeceu.

Eu coloquei compressas de gelo no queixo de Miguel, que também estava machucado, sentindo que ele ainda estava fervendo comigo, inclusive depois que a surpresa da notícia pareceu tê-lo aplacado.

Mas foi momentâneo. Ele não queria ser cuidado, e eu não estava conseguindo lidar com ele, que não estava nenhum pouco disposto a me obedecer e a permanecer na cama pelas próximas 12h como a enfermeira mencionou e, para mostrar que se mandava e me irritar, decidiu que iria à inauguração da boate. Eu não tive alternativa se não concordar com ele, que parecia disposto a me contrariar.

Por isso não disse uma palavra enquanto o carro cortava pelas ruas, rapidamente, fazendo o mesmo trajeto que fiz mais cedo uma vez que a Casa Noturna estava localizada em frente ao aeroporto Porto Alegre.

Depois de se ajoelhar e me agradecer, inúmeras vezes, Miguel voltou parecer chateado comigo pelo o que eu tinha feito. Ainda sentia um nó enorme na garganta quando acidentalmente pensava na minha gravidez, mas isso tinha descido na escala de importância desde que eu soube que bateu o carro.

Ele me ajudou a descer do veículo como um homem apaixonado, e quando flashes espocaram em meu rosto e me senti mal, sua máscara fria

escorregou por alguns segundos. Ele me segurou mais apertado, e entramos de mãos dadas depois que o tranquilizei; sentindo com alívio a distância que tinha se instalado entre nós desaparecendo naquele instante e vendo a assinatura invisível dos Giacomelli impressa naquele lugar assim antes de entrar... Pois a Casa impressionava desde a entrada.

Eu não prestei atenção ao meu próprio desconforto dentro do ambiente suntuoso, e recebi meu spray de vodka distraidamente. Depois de encontrar os parentes de Miguel e engatar uma conversa superficial com todos eles, sentamos em cadeiras brancas enfileiradas e separadas por um longo tapete vermelho em um dos salões por onde Jordana e Oscar passaram de mãos dadas em direção ao palco.

Senti no ar o burburinho que o braço imobilizado e o corte na testa de Miguel provocaram, e sabia que seu acidente era de conhecimento de uma grande parcela daquela gente sofisticada que adorava comentar sobre a vida de pessoas mais ricas que elas. Mas tentei não me importar.

Encostei a cabeça no ombro dele, o que não tinha sido deslocado, me sentindo cansada com todos os acontecimentos do meu dia, e quase cochilei enquanto Jordana falava. Miguel esperou esse momento para tirar o spray de vodka da minha mão.

— Está feliz? — perguntei a ele de olhos fechados.

Senti seu olhar cavando um buraco no meu rosto, mas não abri os olhos.

— Ao contrário de você? Sim, você não pode imaginar o quanto.

— Isso, me magoe.

Ele não disse nada, e não olhei para ele até que o DJ Francês, vindo direto de Saint Tropez, começou o show. Estava morrendo para voltar para casa, e no meio de rostos desconhecidos, Miguel alisou a traseira do meu vestido antes de colar o corpo no meu e deixar a mão descansar possessivamente sobre a minha barriga.

Eu não me incomodei mais com aquilo, mas foi só até um loiro bonito se aproximar e, como quem não quer nada, começar a nos sondar

sobre uma suposta gravidez.

Eu tinha conhecimento de que a inauguração seria destaque nas principais revistas do país, mas não queria que minha gravidez estivesse impressa lá também. Eu ainda não tinha digerido a novidade direito, e não saberia lidar nem queria com nenhuma pessoa além de Miguel por enquanto. Assim, me virei em seus braços e com a maior voz de bebê que consegui produzir, sem nenhuma vergonha, pedi para ir para casa.

Miguel me olhou visivelmente desconcertado antes de dispensar quem quer que fosse o loiro e me conduzir por entre os mais de 1.400 convidados.

Eu tinha sorrido para muitas pessoas hoje, mais até que sorri a minha vida inteira, forçadamente, e sentia minha boca doendo. Mas foi impossível segurar o enorme sorriso que se espalhou em meus lábios quando senti o poder que eu tinha sobre ele se estreitar e ficar mais forte pela gravidez. Entramos no carro, e Miguel passou o cinto por mim. Foi apenas por isso que não fui sentada em seu colo até em casa, sentindo o seu cheiro de homem poderoso no corpo e indo ao delírio com as sensações que a quentura da pele dele provocava no meu.

— Você no fundo desconfiava que estivesse grávida e por isso a possibilidade sempre lhe perturbou tanto? — ele perguntou quando estávamos em nosso quarto, enquanto descia lentamente o zíper do vestido pelas minhas costas. Eu estremeci sentindo o seu hálito morno batendo próximo a minha orelha, e antes de responder que não, repetir que não conseguia entender como eu poderia estar grávida uma vez que tomava anticoncepcionais, todos os dias, eu tentei me lembrar de alguma coisa que explicasse a falha das pílulas.

Não era possível que nada tivesse acontecido.

— Eu ainda não vejo como eu poderia... — comecei a balbuciar uma resposta, quando uma imagem nítida dele no salão, me confrontando sobre estar ou não protegida no dia seguinte à nossa primeira vez, voltou para a minha mente.

Eu fiquei imóvel quando puxei todo o dia anterior na mente... À noite em que estivemos pela primeira vez em Bragança... O apartamento, o

segurança na sala com as sacolas do jantar, minha ida ao banheiro...

Eu segurei mais apertado a camisa de Miguel, abrindo e fechando a boca algumas vezes quando recordei que, nervosa como estava naquele dia, me senti enjoada e acabei vomitando em seu banheiro.

Eu fechei os olhos me sentindo de repente estúpida.

— O que foi?

— Lembra quando fomos para o seu apartamento em Bragança? — meu rosto esquentou involuntariamente quando ele arqueou a sobrancelha de forma significativa. Ele lembrava é claro. — Nós meio que entramos em uma pequena discussão quando você ficou cavalheiro demais para o meu gosto e me encheu de medo, pois não estava sabendo lidar com você sendo tudo o que eu sonhei... Mas aí me colocou sobre o ombro e caminhou comigo para dentro do quarto, como um verdadeiro ogro, diga-se de passagem, e tinha me deixado sem calcinha quando a campainha tocou. Eu me lembro do segurança carregando algo que mais tarde soube que era o jantar, comida japonesa outra vez... — sorri com a lembrança. — Eu estava suando frio de nervoso, a expectativa do que aconteceria estava desarranjando o meu estômago... Então perguntei onde era o banheiro e deixei vocês dois sozinhos para me recompor. Eu acabei esvaziando meu estômago lá. — fiz uma careta quando visualizei a cena que acabava de descrever. — Eu estava nervosa e senti ânsia, sempre coloco tudo para fora quando estou muito nervosa. — acrescentei quando vi que Miguel franzia ligeiramente a testa. — Naquele momento eu não me dei conta de que... talvez... eu pudesse ter vomitado a pílula.

Sem que eu esperasse, ele sorriu o sorriso assassino, capaz de fazer um coração parar de bater.

E caminhando comigo até me prender junto à parede mais próxima, deixou os lábios pairarem sobre os meus, sensual e provocativamente, e quando pensei que ele fosse me beijar, o homem esfregou o nariz no meu e deixou que um dos seus joelhos escorregasse lentamente para o chão.

— O que... — meu coração perdeu uma batida e seguiu trôpego, desordenado, cambaleante como se tivesse tomado todas, quando ele pegou a

minha mão que tinha voado para a boca e deixou um beijo sobre o anel Tiffany que tinha me dado no amigo secreto.

— Eu te amo, Vivian. — a emoção embargou minha garganta e ficou difícil respirar ou engolir. — Sei que é tudo muito recente para você, mas vivi tempo suficiente e estive com alguém que pensei amar por tempo suficiente para reconhecer que o que eu sinto por você está além de qualquer sentimento que esperei sentir por alguém um dia. Não posso perder tempo. Não há tempo. O amanhã é hoje, sempre é hoje, outro dia não existe.

Eu olhei para aquele rosto lindo que eu amava, sim, amava. No segundo em que soube do seu acidente, se já não soubesse, a certeza teria me acertado com o mesmo impacto de colidir com um trem: amava Miguel Giacomelli com tudo o que eu tinha dentro de mim. E me vendo dentro dos olhos verdes brilhantes, reconheci que ele estava coberto de razão.

Não tínhamos tempo a perder. A vida era curta e cada minuto, precioso.

— Eu posso ser bastante teimoso e ficar aqui por mais meia hora assim, se for preciso, mas isso vai acabar comigo. — ele olhou para mim, pela primeira vez, suplicante. — Case comigo. Por favor, sim ou não. Não me faça implorar por uma resposta.

Fechei os olhos. E caí em cima dele, direto para os seus braços e dentro do seu beijo... Entoando um coro de “sim, claro que sim” em sua boca.

Próximos lançamentos:

1.5: MEUS PARA PROTEGER.

Redes sociais da autora:

Instagram: @dijeandrade

Facebook: missandrade94